

REVISTA IΦ-SOPHIA

2021/1



Religião, Filosofia e a Tecnociência:
dilemas decorrentes da pandemia



ΙΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ORGANIZADA POR:



Grupo de Pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias

INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ – IFPR – Assis Chateaubriand

EDITADA E PUBLICADA POR:



JPJ Editor

PARCEIROS FORMAIS E INFORMAIS:



INSTITUTO FEDERAL
Paraná
Campus Assis Chateaubriand



INSTITUTO FEDERAL
Paraná
Campus Avançado Coronel Vivida



INSTITUTO FEDERAL
Paraná
Campus Umuarama



INSTITUTO FEDERAL
Paraná
Campus Curitiba





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR – Reitor –

Odacir Antônio Zanatta

Pró-reitor de Ensino – Amarildo Pinheiro Magalhães

Pró-reitor de Extensão, Pesquisa, Pós-graduação e Inovação – Marcelo Estevam

Diretor Geral do campus IFPR – Assis Chateaubriand – Vicente Estevam Sandeski

Diretora de Ensino, Pesquisa, Extensão e Inovação – Josiane Paula Maltauro Lopes

Coordenadora de Pesquisa, Extensão e Inovação – Elenice Josefa Kolancko Setti

Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR – Assis Chateaubriand

– Coordenação Geral - José Provetti Junior e **Vice Coordenador –** Daniel Salésio Vandresen

Coordenação de Publicações - Claudia Dell'Agnolo Petry

Editor-Chefe – Daniel Salésio Vandresen

Comissão Editorial - Claudia Dell'Agnolo Petry; Keyla Christina Almeida Portela; Daniel Salésio Vandresen

Diagramador - Daniel Salésio Vandresen; Lauri Wilbert Júnior (aluno voluntário).

Revisor do periódico - Jessica Paula Vescovi; Keyla Christina Almeida Portela; Lucan Fernandes Moreno.

Tradução para o Esperanto: Ivan Eidt Colling; Luiz Fernando Dias Pita; JPJ Editor.

CONSELHO EDITORIAL

Me. Alan Rodrigo Padilha (doutorando UNIOESTE) – IFPR – Umuarama – Brasil.

Dr. Aldo Muro Júnior – IFG – Goiânia - Brasil.

Ma. Cláudia Dell'Agnolo Petry – IFPR – Assis Chateaubriand – Brasil.

Dr. Daniel Salésio Vandresen – IFPR – Coronel Vivida – Brasil.

Dr. Frederico Fonseca da Silva – IFPR – Curitiba – Brasil.

Dr. Ivan Eidt Colling - UFPR - Curitiba - Brasil.

Dra. Jessica Paula Vescovi – IFPR – Coronel Vivida – Brasil.

Me. José Provetti Junior (doutorando UNIOESTE)– IFPR – Assis Chateaubriand – Brasil.

Esp. Katia Cristiane Kobus Novaes - IFPR - Assis Chateaubriand - Brasil.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Dra. Katyúscia Sosnowski – IFPR – Coronel Vivida – Brasil.

Dra. Keyla Christina Almeida Portela - IFPR - Assis Chateaubriand - Brasil.

Me. Lucan Fernandes Moreno – IFPR – Coronel Vivida – Brasil.

Dr. Luiz Fernando Dias Pita – UERJ – Rio de Janeiro/ AERJ – Rio de Janeiro – Brasil.

Me. Rafael Egidio Leal e Silva - IFPR - Umuarama - Brasil.

Dr. Vicente Estevam Sandeski – IFPR – Assis Chateaubriand – Brasil.

CONSELHO CONSULTIVO

Dra. Carla Cattelan - SEED/PR e 2014-atual/UNIOESTE - Francisco Beltrão - Brasil.

Me. Euliene da Silva Gonçalves - IFRO - Porto Velho - Brasil.

Dr. Genivaldo de Souza Santos - IFSP - Birigui - Brasil.

Me. João Paulo Danieli - 2019-atual/UNIOESTE - Francisco Beltrão - Brasil.

Dr. Joel Cesar Bonin - UNIARP - Caçador - Brasil.

Dr. Paulo Vieira Neto - UFPR - Curitiba - Brasil.

Dr. Rafael Fernando Hack - 2017-2018/IFPR - Assis Chateaubriand - Brasil.

Dr. Raphael Guazzelli Valerio - UFPE - Recife - Brasil.

Dr. Ricardo Pereira de Melo - UFMS - Campo Grande - Brasil.

Dr. Rodrigo Pelloso Gelamo – UNESP – Marília - Brasil.

CONSELHO INTERNACIONAL

Dra. Catarina Pombo Nabais - Universidade de Lisboa - Lisboa - Portugal.

Dr. Cristián Soto - Universidad de Chile - Santiago - Chile.

Dr. José Luis Rubio de Lucas - Universidad Autónoma de Madrid - Madrid - Espanha.

Dra. Maria Nancy Ortiz Naranjo - Facultad de Educación - Universidad de Antioquia - Medellín - Colômbia.

Dr. Pablo Rafael Kreimer - Universidad Nacional de Quilmes (UNQ) - Buenos Aires - Argentina.

Dr. Vicente Manzano-Arrondo - Universidad de Sevilla - Sevilla - Espanha.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

AVALIAÇÃO POR PARES CEGA

Pareceristas *ad hoc*

Dr. Ronaldo Augusto Campos Pessoa - Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Me. Flávio Gabriel Capinzaiki Ottonicar – Doutorando na Universidade Federal de São Carlos

Dr. Tiago Brentam Perencini - Unifunec - Santa Fé do Sul/SP

Dr. José Gerley Diaz Castro - Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Dr. Reinaldo Benetido Nishikawa - Instituto Federal do Paraná, *Campus Londrina*

Me. Lucas de Melo Andrade - Instituto Federal do Paraná, *Campus Paranavaí*

Ma. Elizabete Santos - Instituto Federal do Paraná, *Campus Curitiba*

Dr. Josimar Priori - Instituto Federal do Paraná, *Campus Paranavaí*

Dr. George Leonardo Seabra Coelho - Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Dra. Keyla Christina Almeida Portela - Instituto Federal do Paraná, *Campus Assis Chateaubriand*

Dr. Luiz Fernando Dias Pita – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Ma. Ludiani Retka Trentin – Secretaria de Educação do Estado do Paraná

Dr. Ivan Eidt Colling – Universidade Federal do Paraná, *Campus Curitiba*

Dra. Jessica Paula Vescovi - Instituto Federal do Paraná - *Campus Coronel Vivida*

Me. Lucan Fernandes Moreno - Instituto Federal do Paraná - *Campus Coronel Vivida*

Me. Rafael Egidio Leal e Silva - Instituto Federal do Paraná - *Campus Umuarama*

Capa – Daniel Salésio Vandresen

A imagem de capa é de autoria da estudante Vitória Raissa Heberle do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal do Paraná, *Campus Capanema*. A ilustração foi produzida pela técnica digital por meio de referências imagéticas e foi escolhida em um processo de seleção registrado no SEI/IFPR nº 23411.011581/2020-21.



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Editoração eletrônica – Daniel Salésio Vandresen

CATALOGAÇÃO NA FONTE

PROVETTI JR, José (Org.); VANDRESEN, Daniel Salésio (Ed.). **IF-Sophia: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológica**. Ano VII, Volume VII, nº XXI (1º. semestre 2021) – Assis Chateaubriand e Coronel Vivida: JPJ Editor; Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR, 2021.

Semestral
ISSN - 2358-7482

1. Filosofia – Periódicos. I. Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias - IFPR.

Endereço eletrônico

<https://www.grupodepesquisafilosofiacienciaetecnologiasifpr.com/revista>

Endereços para correspondência

A/C Daniel Salésio Vandresen

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – *campus* Avançado
Coronel Vivida

PR 562, Flor da Serra – Coronel Vivida/PR - Brasil

CEP - 85.550-000

Tel.: (46) 3232-2960

Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR

Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR

Av. Cívica, 475 – Centro Cívico – Assis Chateaubriand/PR - Brasil

CEP – 85.935-000

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

SUMÁRIO

EDITORIAL	9
Filosofia e pandemia: a atitude crítica como virtude - Daniel Salésio Vandresen	10-13
ARTIGOS	14
O Budismo na linha de frente: como profissionais de saúde usam a filosofia budista como ferramenta para enfrentar o dia a dia da pandemia por COVID-19 - Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França	15-30
A crise do coronavírus evidenciada através do desespero da relação com o outro: uma análise fenomenológica - Piero Disconzi e Cristóvan Vedovotto Lima	31-46
Kial mi estas sciencisto, kiu ne fieras pri scienco - Vicente Manzano-Arrondo ..	47-61
Religiosidade, mito e cinema: o mito nórdico em <i>Valhalla – a lenda de Thor (2019)</i> e sua potencialidade educativa - Rafael Egidio Leal e Silva	62-77
A desumanização do outro na literatura, cinema e artes performáticas: uma análise dialógica entre a obra de Kafka, Blomkamp e Abramović - Marcos Giacomassi	78-92
A biopolítica e a normalização da (d)eficiência: a diferenciação ética como forma de resistência nas práticas educacionais - Daniel Salésio Vandresen	93-108
Linguagem e subjetividade em Atenas no século V a. C. - José Provetti Junior	109-140
O cuidado de si na filosofia antiga - Bárbara Fabiani Lucini e Brenda Fabiani Lucini	141-157
Associação de princípios da ecopedagogia a conceitos da astrobiologia como fundamentos didáticos e contribuição para a educação do futuro - Vitória Cássia Gabriela de Oliveira e Delton Mendes Francelino	158-175
Interpretações brasileiras sobre a ação em Hannah Arendt - Danilo Arnaldo Briskievicz	176-192
Urbanização, mudança de paisagem e ecologia: reflexões a partir do caso de Barbacena/MG - Delton Mendes Francelino e Leandro Benedini Brusadin	193-212



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Currículo lattes e repositórios institucionais: um diálogo possível sobre a formação docente na educação profissional e tecnológica - Will Coutinho Hamon; Frederico Fonseca da Silva e Daniel Salésio Vandresen 213-223

TRADUÇÃO224

Extensão e limites da liberdade da vontade - Silvério Becker 225-231



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

EDITORIAL



Fonte: A imagem é de autoria do estudante Luiz Felipe Segobia Furlanetto do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio do IFPR, *campus* Coronel Vivida. A presente ilustração participou da seleção da imagem da capa da presente edição, a qual foi regido pelo processo registrado no SEI/IFPR nº 23411.011581/2020-21.



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

EDITORIAL

FILOSOFIA E PANDEMIA: a atitude crítica como virtude

Dr. Daniel Salésio Vandresen¹

A presente edição da Revista eletrônica IF-Sophia, nº XXI do 1º semestre de 2021, propõe discutir a temática “Religião, Filosofia e a Tecnociência: dilemas decorrentes da pandemia”. Dentre os diferentes artigos que compõe esta edição, procurou-se contribuir para refletirmos sobre o modo como pensamos e agimos neste momento singular que é a experiência da pandemia do COVID 19.

O modo como agimos e pensamos a sociedade se constitui de crenças, reflexões críticas e uma percepção mais científica ou não do mundo. Historicamente e atualmente as questões entre fé, razão e ciência estão intimamente relacionadas, seja por atitudes de cooperação/diálogo ou de oposição/negação. E o modo como pensamos o uso das ciências e das tecnologias pode estar influenciada por uma percepção mais crítica pelo pensamento racional ou, ideológica disseminada por crenças de senso comum ou religiosas e que pode ter como consequência o desdobramento em atitudes de intolerância.

Então perguntamos: como ocorre nossa experiência social desses elementos? E como podemos pensar esta questão neste momento de pandemia? Nosso modo de

¹ Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – Marília – SP; Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Toledo – PR; Especialista em História do Brasil pela Universidade Paranaense – UNIPAR e Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE – Brusque – SC. Docente do Instituto Federal do Paraná – IFPR, *campus* Coronel Vivida – PR. Vice-coordenador do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR e Editor-chefe da Revista “IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica”. Integrante dos Grupos de Pesquisas: ENFILO - Grupo de estudos e pesquisa sobre o ensino de filosofia (UNESP/Marília) e NEDIH - Núcleo de Educação em Direitos Humanos (IFPR/Coronel Vivida). Coordenador do Projeto de Pesquisa "O ensino de filosofia e a escrita de si como experiência existencial" (PIBIC-Jr IFPR/CNPq, aprovado em edital em 2019, 2020 e 2021). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino de Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de filosofia, subjetividade, técnica, Michel Foucault. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6662-4703>. E-mail: daniel.vandresen@ifpr.edu.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

compreender o mundo, os acontecimentos e a nós mesmos está apoiado por um olhar mais filosófico, científico, religioso ou de senso comum? Nesta perspectiva, queremos com esta temática provocar o senso crítico sobre o modo como nos relacionamos com esses elementos durante na pandemia.

Observamos neste mais de uma ano de pandemia, que diferentes pensamentos e comportamentos se produziram, como por exemplo: na relação entre ciência e pandemia evidenciamos o confronto entre a defesa da ciência com protocolos seguros de organização da sociedade com as atitudes negacionistas de parte da sociedade que ignoram os protocolos científicos; já na relação religião e pandemia, costatamos também o contraste entre religiões empenhadas no cuidado espiritual e na integridade física de seus fiéis com outras “seitas” (porque não convém chamá-las de religião) que estão totalmente desconectadas da realidade, negando os problemas, negando os protocolos científicos e, enfim, não colocando em prática o próprio sentido de religião como podemos observar no próprio termo latino *religare* (religar), ou seja, o prefixo “re” indiga que uma **nova ligação** do homem com Deus não pode **desligar-se** do que acontece com o homem no momento em que se vive e, que a espiritualidade também pode se constituir em um fortalecimento para enfrentar os desafios da atualidade.

Por isso, desenvolver um olhar crítico e cultivar um comportamento de não intolerância tornam-se imprescindíveis no presente. Nisto o pensar crítico que a reflexão filosófica suscita, constitui uma ferramenta importante para habiarmos este momento histórico.

A crítica ou atitude crítica, como desenvolve Foucault (2005) a partir da filosofia de Kant, consiste em um modo de olhar atento ao que nos constitui na atualidade. Foucault entende esta atitude como um modo de ser (*êthos*), em suas palavras: “[...] um *êthos* filosófico que seria possível caracterizar como crítica permanente de nosso ser histórico”. (FOUCAUT, 2005, p. 345). Neste sentido, a questão do presente deve ser também a questão de si mesmo, ou seja, um questionamento sobre o modo como nos produzimos em nossos pensamentos e comportamentos a partir de nossa relação com o presente.



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Já no texto “O que é a crítica? (Crítica e *Aufklärung*)” Foucault (2004) compreende que a **atitude** crítica é inseparável da filosofia como uma atividade, como prática, como **virtude**, como afirma: “Há alguma coisa na crítica que se aparenta à virtude. E de uma certa maneira, o que eu gostaria de dizer a vocês era da atitude crítica como virtude em geral”. (2004, p. 145). Deste modo, para Foucault a virtude se caracteriza por um modo de se conduzir que é a da problematização do modo como somos governados. Problematizar o modo como são produzidos meus pensamentos e comportamentos é fundamental na virtude filosófica da atitude crítica.

Nesta mesma perspectiva, Butler (2013) retoma a noção de crítica em Foucault relacionando com a questão da formação de si, como afirma:

[...] a formação de si é feita em desobediência aos princípios pelos quais o ‘eu’ se forma, então a virtude será a prática pela qual o sujeito se forma pelo seu desassujeitamento. [...] Eis um momento de deliberação ética que exige a ruptura de nossos hábitos de julgamento, em favor de uma prática mais arriscada, que faça a arte prevalecer sobre a coação. (BUTLER, 2013, p. 178).

Nesta edição da Revista IF-Sophia o leitor encontrará textos de professores e pesquisadores com esta atitude crítica em suas reflexões sobre o presente. Seja diretamente relacionados com a temática desta edição ou não, contituem-se em um olhar atento ao que nos constitui na atualidade. Os textos se originam a partir de diferentes abordagens, tais como: reflexões sobre a religião, as ciências, o modo como nos relacionamos conosco mesmo e com os outros, como também, escritos filosóficos e educacionais. O presente volume desta edição está estruturado em sua primeira parte com 11 artigos de pesquisadores nacionais e internacionais e, na segunda parte, disponibilizamos uma tradução.

Também nesta edição continuamos com a ação de interação da revista com a comunidade por meio da criação de uma imagem de capa para a presente edição. A ação ocorreu por meio de um projeto de extensão (Processo SEI nº 23411.011581/2020-21), coordenado por mim e pela professora Dr. Katyuscia Sosnowski, e contou com a participação de quatro propostas. A votação foi realizada na forma online via formulário, sendo que com 70,6% dos votos válidos a imagem digital da estudante



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Vitória Raissa Heberle do Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio do IFPR/Campus Capanema foi a mais votada. As outras ilustrações classificadas estão publicadas na abertura das seções da revista (editorial, artigos e tradução), as quais são dos seguintes estudantes: Luiz Felipe Segobia Furlanetto, Andrieli Madalena Lauxen e Micheli Naginski todos do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio do IFPR/ Campus Coronel Vivida.

Enfim, temos de resgatar um pensamento que se desenvolveu ainda no início da pandemia do COVID 19 em 2020 que é o questionamento sobre: esta experiência que afetou nosso modo de viver coletivamente será capaz de lançar as bases de uma nova maneira de agir em sociedade? Ou, será que já nos acomodamos no “novo normal”? Este que é um conceito que tem origem no meio econômico e que é usado neste momento para designar uma nova normalidade a ser construída. Contudo, devemos questionar: que tipo de normalidade queremos e estamos contruindo? Nesta pandemia o que evidenciamos é a manifestação ainda mais de espaços, principalmente nas redes sociais, de atitudes de intolerância, o que torna ainda mais indispensável a tarefa crítica do presente e, de não esquecer da construção da tarefa anunciada.

Desejo a todos uma boa leitura e cuidem-se.

Coronel Vivida, 22 de julho de 2021.

Referências

FOUCAULT, M. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.**

Trad. Elisa Monteiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, M. **Por uma vida não fascista** - Coletânea Michel Foucault Sabotagem. Coletivo Sabotagem. 2004.

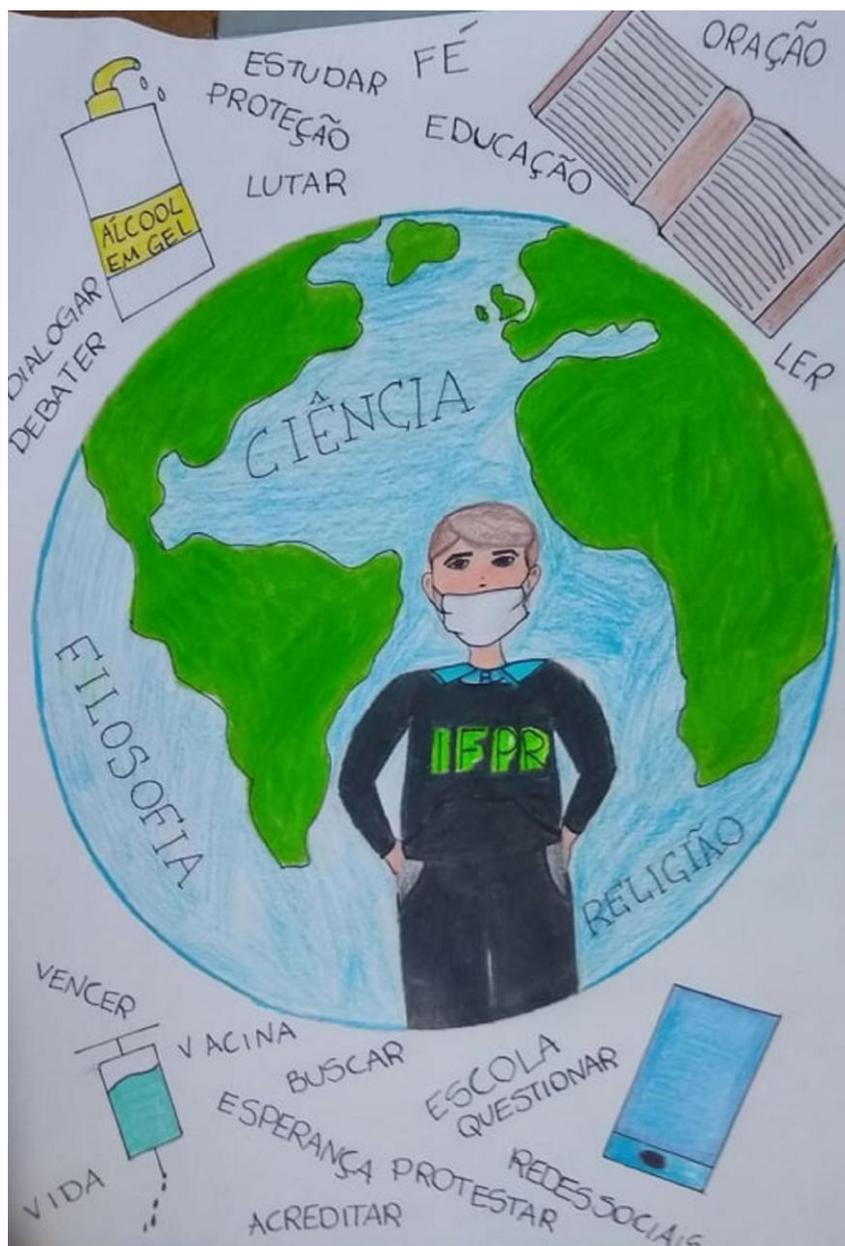
BUTLER, J. O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude de Foucault. Trad. Gustavo Hessmann Dalaqua. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, n. 22, p. 159-179, 2013.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ARTIGOS



Fonte: A imagem é de autoria da estudante Andrieli Madalena Lauxen do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio do IFPR, *campus* Coronel Vivida. A presente ilustração participou da seleção da imagem da capa da presente edição, a qual foi regido pelo processo registrado no SEI/IFPR nº 23411.011581/2020-21.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O BUDISMO NA LINHA DE FRENTE: como profissionais de saúde usam a filosofia budista como ferramenta para enfrentar o dia a dia da pandemia por COVID-19

BUDDHISM AT THE FOREFRONT: how health professionals use Buddhist philosophy as a tool to tackle the day-to-day pandemic of COVID-19

BUDHISMO EN LA FRONTLINIO: kiamaniere san-profesiuloj uzas budhisman filozofion kiel ilo por alfronti la tempopason dum la KOVIM-a pandemio

Nirvana de Oliveira Moraes Galvão de França²

Resumo

A pandemia de COVID-19 nos trouxe novos desafios. Precisamos pensar como iremos enfrentar esta nova realidade, qual seria o “novo normal”. Grande parte da população foi colocada em isolamento social, comércios fechados, escolas fechadas. Entretanto, existem atividades consideradas essenciais, dentre estas estão os profissionais de saúde: médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, cuidadores de idosos. Profissionais que colocam sua vida em risco para cuidar do/a outro/a. Em termos de suas religiosidades, o que os/as motiva a continuar nesta batalha? Por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas no mês de setembro de 2020, perguntamos a três profissionais da saúde que se autodeclararam budistas: Qual *Dharma* você tem aplicado para estar na linha de frente? Suas respostas foram compiladas para compor o presente ensaio, possibilitando conhecer um pouco dessas motivações. Os excertos das entrevistas são contextualizados para que o leitor e a leitora não nativos do budismo possam compreender a que ensinamento do Buda (*Dharma*) as pessoas se referiram no momento.

Palavra-chave: Budismo. COVID-19. *Dharma*. Compaixão. Paciência.

Abstract

The COVID-19 pandemic has brought us new challenges. We need to think about how we are going to face this new reality, what the “new normal” would be. The great part of the population was placed in social isolation, closed shops, closed schools ... However, there are activities considered essential, among these are health professionals: doctors,

² Doutoranda em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana. Monja budista há 13 anos na Associação Buddha Dharma de Valinhos-SP, Graduada em Teologia Budista pelo Instituto Pramana. Orcid: 0000-0002-3747-6091. E-mail: nirvanafranca@gmail.com



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

nurses, physiotherapists, caregivers for the elderly. Professionals who put their lives at risk to care for others. But in terms of their religiosity, what motivates them to continue in this battle? Through semi-structured interviews, held in September 2020, we asked three health professionals who call themselves Buddhists: Which *Dharma* have you applied to be on the front line? Their answers were compiled to compose the present essay, making it possible to know a little of these motivations. The excerpts from the interviews are contextualized so that the non-native reader of Buddhism can understand which Buddha's teaching (*Dharma*) people referred to in that moment.

Keyword: Buddhism. COVID-19. *Dharma*. Compassion. Patience.

Resumo

La KOVIM-a pandemio alportis al ni novajn defiojn. Nepras pensi kiel oni alfrontos tiun novan realaĵon, kia estos la “nova normaleco”. Granda parto de la popolamaso estis metita en socia izoliĝo, komerclokoj malfermiĝis, lernejoj malfermiĝis. Tamen, estas aktivecoj konsiderataj esencaj, inter ili la san-profesiuloj: kuracistoj, flegistoj, fizioterapiistoj, pliaĝulaj prizorgistoj. Profesiuloj kiuj riskas sian vivon zorgante pri alienaj vivoj. Rilate al ilia religieco, kio motivigas ilin daŭrigi tiun batalon? Pere de duonstrukturitaĵoj intervjuoj, okazintaj dum la monato Septembro 2020, oni demandis al tri sanprofesiuloj kiuj deklaras sin budhistoj: Kiu Darmo vi daŭre uzas dum via restado en la frontlinio? Iliaj demandoj estis kompilitaj por igi la nunan eseon, kiu ebligas al ni koni iom de ties motivoj. Mencioj al la intervjuoj estis kontekstigitaj, por ke nebudhisma legantaro povu kompreni pri kiu instruo de Budho (Darmo) homoj faris referencon.

Ŝlosilvortoj: Budhismo. KOVIM-o. Darmo. Kompato. Pacienco.

É início de 2020, os jornais do mundo começam a noticiar que um novo tipo de gripe, com alto potencial de contágio e potencialmente letal, foi identificada em uma província na China:

O primeiro caso oficial de covid-19 (coronavirusdisease 2019) foi de um paciente hospitalizado no dia 12 de dezembro de 2019 em Wuhan, China, mas estudos retrospectivos detectaram um caso clínico com sintomas da doença em 01/12/19 (GRUBER, 2020, s.p.).

Esse acontecimento colocava o mundo em alerta. Seria a China capaz de barrar esse vírus ou ele poderia se espalhar pelo mundo? Em 28 de janeiro de 2020, o portal de notícias R7 divulgava o alerta de que a Alemanha e o Japão haviam identificado as primeiras vítimas decorrentes de casos de transmissão local (CORONAVIRUS, 2020). Uma luz de alerta se acendia no planeta. Na data desta notícia, 28 de janeiro de 2020, o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mundo contabilizava 106 mortos, as autoridades chinesas informavam que o número de infectados naquela data passava de 4.500 pessoas.

Os casos foram crescendo, surgindo em outros países. Em 26 de fevereiro de 2020, noticia-se o primeiro caso no Brasil, um homem que se encontrava em São Paulo e que havia estado recentemente na Itália (SAÚDE, 2020). Até que, em 11 de março de 2020, Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que elevou para pandemia global a situação da disseminação da Covid-19 (UNASUS, 2020). Em 21 de março de 2020, o então governador do Estado de São Paulo, João Dória, em coletiva de imprensa comunicou que os 645 municípios do estado estavam em quarentena, determinando o fechamento das atividades não essenciais (SÃO PAULO, 2020).

Mas nem todos podem ficar em casa, isolados socialmente. Existem profissionais que atuam em atividades essenciais que não podem parar e, dentre esses, estão os profissionais de saúde, atuando na linha de frente no combate à epidemia. São médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, cuidadores de idosos, uma gama de profissionais colocando suas vidas em risco com o objetivo de salvar vidas.

Estar nesta linha de frente tem um custo. O Boletim Epidemiológico da Covid-19, divulgado pelo Ministério da Saúde em 8 de Julho de 2020, retratava que o mundo tinha 1.241.655 casos, sendo 1.577.00 no Brasil e 64.265 óbitos. O referido boletim notificava:

[...] 786.417 casos de Síndrome Gripal suspeitos de COVID-19 em profissionais de saúde no e-SUS Notifica. Destes, 173.440 (22,1%) foram confirmados por COVID-19. As profissões mais registradas dentre os casos confirmados de Síndrome Gripal por COVID-19 foram técnicos ou auxiliares de enfermagem (59.635), seguido dos enfermeiros (25.718), médicos (19.037), agentes comunitários de saúde (8.030) e recepcionistas de unidades de saúde (7.642) (BOLETIM, 2020, s.p.).

Esses profissionais da linha de frente, dedicando-se nessa batalha para conhecer o desconhecido e lutar para salvar vidas, estavam (e estão) fazendo isso às custas de suas próprias vidas. O mesmo Boletim Epidemiológico retratava a realidade dos casos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de óbitos: “Dos 1.219 casos notificados de SRAG hospitalizados em profissionais de saúde, 176 evoluíram para o óbito, a maioria (138) por COVID-19” (BOLETIM, 2020, s.p.).

Como acordar, preparar-se, e enfrentar essa realidade? Com que ferramentas os/as profissionais de saúde contam para continuarem motivados/as frente a essa situação? São questões que nos despertam curiosidade. Assim, para conhecer um pouco a respeito dessas motivações, temos como proposta este ensaio que visa conhecer, por meio de entrevista semiestruturada, argumentos que alguns profissionais de saúde utilizam para, dia após dia, manterem-se na linha de frente.

Metodologia

As entrevistas foram realizadas com participantes da Associação Buddha Dharma, de Valinhos, cidade do interior do estado de São Paulo, que se autodeclaram budistas, que estão estudando academicamente as Ciências Budistas há pelo menos dois anos e estão na linha de frente de enfrentamento da COVID-19. As entrevistas foram realizadas no mês de setembro de 2020 e, devido ao isolamento social recomendado na época de realização delas, foram feitas utilizando a plataforma de Videoconferência Zoom. As entrevistas foram gravadas com autorização dos/as participantes.

A metodologia empregada foi de entrevista semiestruturada, na qual uma série de perguntas visava conduzir a um questionamento principal: Qual *Dharma* você tem aplicado para estar na linha de frente?

Foram três pessoas entrevistadas, uma da área médica, uma da área de fisioterapia e um cuidador de idosos. Como forma de preservar as identidades, os nomes foram trocados. Demos nomes de incenso: Sândalo, Olíbano e Mirra. Escolhemos esses para serem os nomes fictícios porque em muitas culturas o incenso é considerado uma ligação com o transcendente. No caso da tradição budista, da qual estas pessoas fazem parte, o incenso é oferecido para almejar a estabilidade mental, tão necessária neste tempo pandêmico. As declinações de gênero empregadas correspondem ao masculino e feminino dos nomes dos incensos e não ao gênero com o qual o entrevistado/a se identifica.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Um norte

Dharma é uma palavra sânscrita polissêmica. Em uma pesquisa rápida num dos mais conceituados dicionários de sânscrito, Monier Willians (1872), encontramos como resposta, que não exaure: o que é para ser mantido, ordenança, estatuto, lei, uso, prática, costume, as observâncias habituais de casta, seita, religião, piedade; curso prescrito de conduta, dever; certo, justiça, equidade, qualquer coisa certa, adequada ou justa; virtude, moralidade, moral, mérito, boas obras; natureza, caráter, o estado ou condição peculiar de qualquer coisa; a qualidade essencial ou característica, marca, peculiaridade; maneira, semelhança. Todavia, quando questionamos nossos entrevistados a respeito da pergunta principal - Qual *Dharma* você aplica neste momento para executar seu trabalho? - estamos nos referindo a questionar qual ensinamento do Buda está sendo empregado.

Na tradição em que os/as três associados/as participam, os ensinamentos do budismo indiano são o foco das meditações e reflexões. Tais ensinamentos foram compilados pelo sábio tibetano Je Tsongkhapa Lobsang Dragpa (1.357-1.419) em sua obra principal, o Lamrim Chenmo (O grande tratado do caminho gradual da iluminação (2021). O Tratado apresenta uma reflexão que norteia a forma de agir dos três entrevistados, ela pode ser expressa como:

Quando vemos que esses seres, da mesma maneira que nós, caíram no *samsāra* e estão se afogando, incapazes de se dirigirem para um lugar seguro, porque o olho da sabedoria – que distingue o que deve ser adotado e o que deve ser descartado – está fechado neles, não é melhor cuidar dos outros e lutar pelo bem-estar deles, nós que estamos na linhagem do Conquistador? (TSONGKHAPA, 2021, p.57, grifo no original).

Aqui temos um resumo do pensamento que norteia as ações em geral dos praticantes dessa tradição. Nessa obra Tsongkhapa começa nos exortando a pensar nos infinitos seres que existem. No sistema apresentado por ele, os seres nascem e renascem em seis reinos que podem ser entendidos como locais mitológicos, tais como inferno, ou



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como estados mentais experienciados pelos seres humanos. Os seis reinos são: seres inferno, fantasmas famintos, animais, seres humanos, semi-deuses e deuses.

Os seres inferno são constantemente atormentados pela dor. A percebemos em algumas doenças como epidermólise bolhosa, por exemplo, em que bolhas se tornam feridas constantemente na pele, expondo a pessoa a infecções e desconfortos. Os fantasmas famintos não conseguem satisfazer seus desejos básicos, não encontram água potável, o pouco alimento que encontram não está próprio para consumo; encontramos no nosso país pessoas vivendo nesta situação nas periferias das grandes cidades, por exemplo. Os animais vivem um embotamento mental, sendo constantemente explorados, lutando diariamente para conseguir alimento e abrigo; observamos humanos vivendo esta situação quando lemos notícias de trabalho análogo ao de escravos, em que as pessoas trabalham de sol a sol sem colher os frutos do seu labor, sem descanso, sem condições. Estes três renascimentos são considerados renascimentos miseráveis, eles recebem este adjetivo por serem estados de sofrimento.

Os três renascimentos seguintes são considerados bons renascimentos: os humanos possuem liberdade e discriminação para escolher o que adotar e o que rejeitar, portanto é considerado o melhor renascimento possível por esta liberdade. Os semi-deuses e deuses se diferenciam pela intensidade e disponibilidade de prazeres e pela ausência de sofrimentos como frio, fome, sede, dentre outros. Um renascimento elevado como semi-deus ou deus não é desejado, porque imerso nos prazeres não se busca a libertação.

Que libertação está sendo buscada? A libertação dos ciclos de renascimentos descontrolados, o que é chamado de *samsāra*, porque considera-se que todos os estados, superiores e inferiores, estão sujeitos ao perecimento, e são seguidos por um novo renascimento, de tal forma que, mesmo tendo nascido em um estado elevado antes, pode-se nascer em um estado miserável em uma próxima vida. Diz-se que os seres estão se afogando porque existe uma analogia a respeito do *samsāra* ser um mar, onde as fortes ondas empurram os seres aos renascimentos. Estando no mar, sem um bote em que se apoiar, os seres transmigram. (GYATSO, 2001; SOPA, 2004)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Assim, Tsongkhapa nos exorta a auxiliar os seres a saírem do ciclo de sofrimentos, gerando um coração altruísta que se preocupa com o outro. Esta atitude com o outro classicamente está presente nos profissionais de saúde, pois estes trabalham diariamente para cessar ou minimizar o sofrimento dos seres, sejam sofrimentos da doença, do envelhecimento e do medo da morte.

O último ponto que cabe explicar refere-se ao termo “Conquistador”, este é um dos epítetos atribuídos ao Buda Śakyamuni. Usa-se este termo porque o Buda conquistou o conhecimento das bases do budismo que são as Quatro Nobres Verdades³. Ou seja, ele conheceu o sofrimento, sua origem, sua cessação e determinou o caminho da cessação do sofrimento.

Este objetivo altruísta permeia o pensamento dos profissionais de saúde no Juramento de Hipócrates (2001), na qual se compromete a tratar doentes empregando os melhores meios a fazê-lo. O coração da prática que busca o bem para o próximo. Mas, nem sempre é fácil seguir esta vocação. Em meio a uma pandemia temos que enfrentar o medo do risco à própria vida para trabalhar pelo bem-estar do próximo. Como acordar diariamente e enfrentar o vírus para poder seguir este juramento? Em que base moral se apoia a pessoa para conseguir vencer essa batalha na luta diária?

A coragem de enfrentar

Sândalo está na linha de frente do enfrentamento e é médico. Ele nos relata que, no primeiro momento, houve colegas de profissão que fecharam seus consultórios deixando seus pacientes sem assistência, mas que ele enfrentou o desconhecido, a pandemia, e como, para isso, foi importante o *Dharma* em sua vida:

Eu lembro que na segunda ou na terceira semana, nossa equipe de plantão é muito pequena, dois colegas de plantão foram afastados por suspeita de covid, foi um desfalque. Nós somos sete. Dois já caíram fora eu estava com a recuperação de ombro ainda. Eu estava meio fora de combate por conta disso, quando os dois saíram eu mandei uma

³ Para conhecer sobre este pilar da religião e da filosofia budista, sugere-se consultar o apêndice 1 da dissertação de mestrado de Nirvana França, **Gurudharmas: Processos de construção e corrupção do cânon referente às obrigações de monjas budistas iniciantes**, São Bernardo, Universidade Metodista de São Paulo, 2020.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mensagem. Gente eu ainda preciso de ajuda, mas pode me pôr na escala. Eu voltei durante a reabilitação porque não tinha gente. Depois daquelas semanas eu já não estava com o pânico que eu estava no início. Foi mais tranquilo, não foi um problema e não tem sido um problema. É um suporte que está sendo muito importante é essencial (SÂNDALO).

Esse suporte a que Sândalo se refere são as três joias do budismo, um pilar no qual se apoia a prática. A forma como se considera cada uma das três joias depende do estágio do desenvolvimento espiritual do/a praticante. As três joias existem em todas as tradições: o Buda, o *Dharma*, e a *Samgha*. O Buda é o despertado, que, no caso, é o Buda Histórico, Śakyamuni; o *Dharma* são o conjunto dos ensinamentos do Buda; a *Samgha* é a comunidade. Existem diversas definições de comunidade, mas para o nosso caso, *samgha* é o grupo composto pelos quatro tipos de praticantes - monges, monjas, leigos e leigas.

Continuando a entrevista, Sândalo nos fala a respeito de qual *Dharma* tem sido importante para ele neste momento e nos relata que:

Eu já pensei muito e eu acho que é a compaixão mesmo, eu comecei a observar e a testar, eu comecei a pensar na compaixão e vou observar para ver se é isso, e aí quando eu estou fazendo algum tipo de assistência eu observo se é isso que está rolando, sabe e é interessante que quando eu coloco e fico focado na questão da compaixão eu começo a ouvir coisas que eu não ouvia antes, eu começo a observar tudo na pessoa, gesto, olhar, tom de voz e as pessoas ficam mais abertas também para confiar em mim, melhora muito a relação de confiança que é central, na relação médico-paciente a confiança mútua é central. Não existe tratamento médico sem confiança no profissional, é absolutamente essencial e assim se não há essa confiança, seja de um lado ou do outro, eu convido a pessoa, sempre fiz isso e continuo fazendo, a buscar um profissional com o qual ela se sinta confiante porque é central, mas eu acho que esta questão da compaixão ajudou inclusive a fortalecer isso com alguns pacientes pelo menos, o resto vem por tabela, paciência vem como consequência (SÂNDALO).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Diversos pontos são apresentados aqui, em especial a compaixão, que é a raiz do caminho no Mahayana⁴, ela é fundamental nas diversas etapas do treinamento para alcançar o completo despertar, importante no começo, no meio e no final. Tsongkhapa (2021) dedica um capítulo a explicar esta questão. Normalmente, nos vemos como pessoas no início do treinamento, isso porque vemos nossos objetos de admiração, como é o caso do XIV Dalai Lama, Tenzin Gyatso, e pensamos que há muito ainda a caminhar. Neste sentido, então a compaixão é importante no começo porque:

Uma vez que a nossa mente seja movida pela grande compaixão (*mahākaruṇā*), definitivamente tomaremos o compromisso de libertar todos os seres vivos do saṃsāra. Se nossa compaixão for fraca, não o faremos. Portanto, compaixão é importante no começo, devido ao sentimento de responsabilidade para com a libertação de todos os seres, que requer grande compaixão, e porque, se não tomarmos esta responsabilidade não seremos incluídos entre os praticantes *Mahāyāna* (TSONGKHAPA, 2021b, p. 84, grifo no original).

Sândalo relata ainda que esta compaixão trouxe de volta a alegria em atender aos pacientes, e quão significativo estes ensinamentos, *Dharmas*, foram porque após diversos anos atendendo ele havia perdido essa motivação. Relata que ainda não havia se contaminado com o vírus, mas que, nas palavras dele, “não podia se esconder como um rato em casa”, motivando-se, dessa forma, a diariamente atender aos pacientes, da melhor maneira possível.

A força para estimular

Olíbano é fisioterapeuta, especializado em idosos. Quando a primeira onda, ou seja, o primeiro pico do número de internações e mortes, veio e todos foram colocados em isolamento social, ele passou a atender somente os casos inadiáveis, como pós-cirúrgicos. Visando o bem-estar de seus pacientes, engajou-se na produção de vídeos para que eles pudessem continuar a se exercitar em casa.

⁴ O budismo se organiza em tradições e escolas, uma das principais divisões é organizar em dois grandes blocos, o Budismo Pali, também conhecido como Theravada, praticado em países como Sri Lanka e Tailândia e, Budismo Sânscrito, também conhecido como Mahayana, praticado em países como a China e Índia.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quando da realização da entrevista, ele estava retomando as atividades, pois era muito prejudicial aos pacientes o tempo sem atendimento. Olíbano relata que diversos ganhos de mobilidade e autonomia dos idosos com quem trabalha se perderam, por isso a importância de retomar. Um retorno que veio envolto em medo e insegurança dos pacientes, uma vez que a grande maioria faz parte do grupo de risco e, no tempo da entrevista, não tínhamos a perspectiva de uma vacina. Durante a entrevista, algumas falas chamaram a atenção, sabendo que o acolhimento é um ponto importante para o tratamento, o idoso que precisa de auxílio para as questões de mobilidade, por muitas vezes, vem fragilizado em outros aspectos, sente-se sozinho, deseja o contato, tem medo da morte. A questão é como acolher frente a essa realidade.

Para as pessoas se sentirem mais seguras nós estamos usando luva de procedimento. A gente toca. A gente é fisio não tem jeito. A gente não pode mais abraçar, mas a gente pode dizer (com alegria) “seja bem-vindo nós estamos aqui para te ajudar, continuamos aqui”. Tem o tom de voz que você acolhe. O comando verbal não é só chamar atenção da pessoa. A gente tem que tocar o paciente, a gente pega na mão, pergunta se está bem, quais são as suas inseguranças, nós vamos limpar tudo na sua frente, vamos dar luva para ele pegar as coisas. Tem esse afago, de longe, mas tem esse afago, a palavra é um instrumento importante. (OLÍBANO)

Assim, paramentado, o trabalho continua. O vírus também. Mesmo tomando todas as medidas de segurança, nas palavras de Olíbano “o bicho tá aí”. De um lado existe o medo de se contaminar, e, se contaminando, contaminar os idosos com quem trabalha, porque assintomáticos também transmitem o vírus. Mas existe um custo humano em se recolher e não atender aos idosos. O que fazer neste momento? Que *Dharma* aplicar para poder continuar mesmo frente a esses riscos? Quando questionado a respeito de que *Dharma* aplica neste momento, Olíbano cita a alegria, que é um dos quatro imensuráveis, mas, na hora de explicar, fala do *Dharma* da morte:

Eu acho que é a alegria para ajudar as pessoas a sair do medo. As pessoas ficaram muito aflitas. Veja o *Dharma* da morte, o medo que as pessoas têm da morte, o covid trouxe esta verdade para a gente. Tem muito idoso que tem medo de morrer então dentro desta fala, a pessoa está com medo de segurar. A gente tem que explicar que isso é natural.



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Você não está com dor, isso não faz parte da nossa existência porque não está velho. A morte também faz parte, mas vamos tirar isso da mente e vamos trabalhar a vida vamos trabalhar a oportunidade de andar, se mexer, retomar a caminhada. Teve um que quebrou a clavícula, o outro o ombro em casa e a gente está tendo de receber os combatentes da guerra que ficaram em casa sem fazer nada. De uma forma leve, precisa encarar que está velho, que está doente, mas de uma forma leve. A florzinha não está linda, depois não está murchando? (OLÍBANO)

Porque começar falando da alegria para depois falar do *Dharma* da morte? Porque a alegria é o combustível que movimenta aqueles que buscam trabalhar, não só pelo seu próprio benefício, mas pelo benefício dos outros. Tsongkhapa, mostra a importância de desenvolvermos tal sentimento para conseguirmos realizar tais feitos:

Devemos usar a alegria de uma excelente pessoa, carisma, e força para tomarmos sobre nós mesmos a responsabilidade do bem-estar dos outros, pois focar somente no nosso próprio bem-estar é um comportamento que até mesmo os animais realizam. Consequentemente, a orientação fundamental das grandes pessoas é focar solidamente na realização da felicidade e no benefício dos outros. (TSONGKHAPA, 2021, p57-58).

O bem-estar é trazer para a realidade o perecer da vida, porque com uma observação simples a nossa volta vemos que o que nos cerca fenece, chega ao fim. Sobre o exemplo citado por Olíbano, do ciclo de vida de uma flor, admiramos sua exuberância, mas depois nos deparamos com seu decaimento. Mesmo as mais belas e fortes flores apresentam um decaimento, elas murcham e se desfazem. As flores mostram o ciclo de vida, porque depois de perecerem dão lugar a frutos com sementes, e as sementes, ao encontrarem o solo, sol e água, germinam, dando origem a uma nova planta, que seguindo seu fluxo florescerá novamente.

Tsongkhapa dedica um capítulo na sua obra Lamrim Chenmo (2020) para falar a respeito do *Dharma* da morte, mostrando seus pontos chave que iniciam com o “estar ciente da morte”. Esse pensamento que buscamos afastar constantemente em nossa cultura, pois acordamos diariamente e pensamos “eu não morrerei hoje”, adia nossa prática de virtudes. Se soubéssemos que a morte está em nosso encalço qual seria nossa prioridade neste dia? Podemos pensar que devemos ver amigos e parentes queridos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Mas parentes e amigos nos ajudam no momento da nossa morte? O que conseguimos carregar conosco senão nossas virtudes? Por isso o tempo de praticarmos as virtudes é agora.

Paciência, para prosseguir com serenidade.

Mirra é cuidadora de idosos, especializada em cuidados paliativos, e diariamente trabalha levando conforto àqueles/as de quem cuida. Na entrevista a respeito da pandemia, fala do seu dia a dia, que impôs novas rotinas, aumentando seu tempo no trabalho. Como depende do transporte público, chega mais cedo para poder tomar banho e não levar contaminação para aqueles/as que lhes foram confiados aos cuidados.

Quando questionada a respeito de qual *Dharma* aplica, fala da compaixão, mostrando como isso surge de maneira experiencial. Antes de apresentar o excerto da entrevista, recuamos um pouco, pois seus desafios começam antes do trabalho. Ela estava explicando os transtornos do transporte público e a presença de negacionistas neste ambiente. Nas imediações do metrô de São Paulo pessoas montam pequenas barracas onde vendem café da manhã; lá é possível adquirir café, café com leite, pão com manteiga, uma variedade de bolos, dentre outras coisas típicas do desjejum brasileiro. Em tempos pré-pandemia, era comum ver as pessoas adquirindo seu café da manhã e, seja pela correria do dia a dia, seja pela ausência de lugar para se sentar, tomarem seus lanches nos pontos de ônibus, caminhando, ou mesmo dentro do transporte público. Ocorre que a pandemia trouxe novos hábitos e necessidades, por exemplo a necessidade do uso de máscaras e higienização constante das mãos. A questão é como compatibilizar o “cafezinho” com essas questões.

Ocorre também que algumas pessoas não pensaram em como “compatibilizar”. Elas simplesmente negam a necessidade das medidas protetivas e mantêm seus velhos hábitos, fato que incomoda muito Mirra, pois vê aumentada sua chance de contaminação e, com isso, o risco de adoecer ou levar a doença à pessoa sobre seus cuidados. Na sua fala, transborda o desgosto ao ver as pessoas com máscara no queixo, adentrando o transporte público tomando seu dejejum.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Pensando especificamente nesta realidade nos diz a respeito de qual *Dharma* aplica:

O *Dharma* é a compaixão. Entender que todos os seres foram nossas mães. As vezes não necessariamente nossas mães, mas alguém que representa esse aspecto. Aí se procura imputar esta imagem holográfica aquele indivíduo, por exemplo, o infeliz comendo pão com manteiga e café com leite no vagão cheio de pessoas, onde todas deveriam estar de máscara. A pessoa não sabe lidar com o sofrimento que está sendo causado, da pessoa que não quer enxergar o que está acontecendo e ela prefere negar tomando café com leite e pão com manteiga (MIRRA).

Mirra, em sua reflexão, está apresentando um dos pontos do treino para desenvolvimento em compaixão ensinado por Tsongkhapa (2021). No caso, começamos pensando que esta presente vida, não é nossa primeira vida, nos lembramos que houve vidas anteriores, que, segundo o budismo, são ilimitadas, retornando a tempos muito antigos, que se chamam tempos sem início. Desde esses tempos, que recuam até mesmo a antes do nosso universo, nós tivemos uma mãe, alguém que nos nutriu e nos cuidou. As mães são vistas como seres de grande bondade porque renunciam ao seu conforto e bem-estar para cuidar, ensinar e nutrir sua prole. Se tivemos inumeráveis vidas, inumeráveis vezes estivemos sob o cuidado de alguém. Quando pensamos na nossa mãe, ou a pessoa que cuidou de nós, nesta presente vida, sentimos o desejo por retribuir essa bondade. Pensando nesta vida, não lembramos de quando mamávamos no seio de nossas mães, ou quantas vezes ela cuidou da nossa higiene trocando nossas fraldas, mas por estarmos aqui hoje, lendo estas palavras, sabemos que alguém foi bondoso/a conosco. Esse pensamento da bondade faz com que mesmo que a pessoa faça coisas ruins, nós não sintamos raiva. Agora, tendo infindáveis renascimentos, como saber se a pessoa do pão com manteiga, não foi uma bondosa mãe para nós em alguma vida e agora está mergulhada no obscurecimento pondo a si e aos outros em risco? Por isso geramos esta visualização, que Mirra chama de imagem holográfica, para apaziguar o sentimento de raiva que podemos gerar.

Tsongkhapa (2021) explica com detalhes essa questão de como ver todos os seres como nossas bondosas mães:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Uma vez que o *samsāra* é sem início, nossos renascimentos também são sem início. Portanto, morremos e renascemos de tempos em tempos novamente. Não há absolutamente, nenhum tipo de corpo que não tenhamos assumido no *samsāra*. Não há, absolutamente, também nenhum lugar que não tenhamos renascido, e nem pessoa com quem não tenhamos algum laço de parentesco, tal como nossa mãe (TSONGKHAPA, 2021, p.103, grifo no original).

Esse grau de parentesco é, pois, a base para fundamentar a compaixão, porque vendo os seres como nossos queridos parentes vamos rapidamente desejar tomar atitudes para retribuir sua bondade. Não retribuir a bondade seria um egoísmo muito grande. Como podemos sentir raiva quando vemos uma pessoa que foi muito bondosa conosco? Isso não significa que nós não tenhamos tido momentos em que nos irritamos com nossas mães. Se lembrarmos do nosso passado, veremos que isso aconteceu. Se observarmos esse mesmo passado com atenção, devido ao amor que surge da bondade, veremos que essa raiva não durou muito. Por isso esta meditação na bondade da mãe foi utilizada por Mirra, para dissipar o sentimento ruim que surgia de ver a pessoa sem máscara no transporte público.

Palavras finais

A proposta deste ensaio não era exaurir o tema, mesmo porque, o universo amostral de três pessoas é muito pequeno. Desta forma, era intuito trazer como alguns dos profissionais de saúde que se autodeclaram budistas lidam com os problemas decorrentes da pandemia.

Seja em seus consultórios, acolhendo doentes, reabilitando ou cuidando de pessoas debilitadas, essas atividades não podiam parar durante a pandemia e, por isso, foram consideradas serviços essenciais. Pensamos que ninguém, em sã consciência, escolhe precisar desses serviços, mas quando os sofrimentos do *samsāra* chegam, sejam eles o envelhecimento ou o adoecimento, precisamos desses suportes.

Ser um serviço essencial não torna simples enfrentar a pandemia. Muitos profissionais de saúde estão sofrendo de esgotamento ou de depressão. Como vimos no relato de Sândalo, alguns chegaram a fechar seus consultórios e parar de atender por

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

medo. Olíbano encontra formas de acolher, tocando com os olhos, protegidos, mas empenhando-se diariamente. Como ele diz “o bicho tá aí”. Mas não podemos deixar de dar a atenção aos pacientes neste momento. Por fim, Mirra, cujos desafios começam antes do trabalho enfrentando os problemas do transporte público. Por isso, este ensaio é importante para trazer ao conhecimento das leitoras e leitores qual parte do ensinamento do Buda essas pessoas estão usando para se sentirem motivadas a continuarem no caminho, tanto de suas atividades profissionais como no caminho budista, pois se este caminho não trouxesse significado, não haveria resposta à pergunta feita.

Referências

BOLETIM Informativo de Saúde nº 21. **Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde**. Disponível em <http://saude.gov.br/images/pdf/2020/July/08/Boletim-epidemiologico-COVID-21-corrigido-13h35.pdf> Acesso em 19 de setembro de 2020.

CORONAVIRUS confirmados primeiros casos contraídos fora da China. **Notícias R7**, data da publicação 28 de janeiro de 2020. Disponível em <https://noticias.r7.com/saude/coronavirus-confirmados-primeiros-casos-contraidos-fora-da-china-28012020> Acesso em 19 de setembro de 2020.

GRUBER, Arthur. Covid-19: o que se sabe sobre a origem da doença. **Jornal da USP**. 2020. Disponível em <https://jornal.usp.br/artigos/covid2-o-que-se-sabe-sobre-a-origem-da-doenca/> Acesso em 19 de setembro de 2020.

GYATSO, Pabongka Rinpoche Jampa Tenzin Trinley. **Liberation in our hands: Part two, the fundamentals**. New Jersey, Mahayana Sutra and Tantra Press, 2001.

JURAMENTO DE HIPOCRATES, 2001 disponível em <https://www.cremesp.org.br/?siteAcao=Historia&esc=3> Acesso em 20 de dezembro de 2020.

MONIER-WILLIAMS, **Sanskrit-English Dictionary**, 1872, disponível em: <https://www.sanskrit-lexicon.uni-koeln.de/scans/MW72Scan/2014/web/webtc1/index.php> Acesso em 10 de abril de 21.

SÃO PAULO, Governo de SP determina quarentena em todo o Estado, **São Paulo**. Data da matéria 21 de março de 2020. Disponível em <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/ao-vivo-governo-de-sp-anuncia-novas-medidas-para-combate-ao-coronavirus-no-estado/> Acesso em 19 de setembro de 2020.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

SAÚDE, Veja. Coronavírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. O que fazer agora. **Veja Saúde**. Data da matéria 26 de fevereiro de 2020. Disponível em <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/> Acesso em 19 de setembro de 2020.

SOPA, Geshe Lhundub, **Steps on the path to enlightenment**: a commentary on Tsongkhapa's Lamrim Chenmo. Boston, Wisdom Publications. 2004.

TSONGKHAPA, Lobsang Dragpa Je, **Lamrim Chenmo: grande tratado do caminho gradual da iluminação parte III**, Valinhos SP, BUDA 2021.

TSONGKHAPA, Lobsang Dragpa Je, **Lamrim Chenmo: grande tratado do caminho gradual da iluminação parte IV**, Valinhos SP, BUDA 2021b.

UNA-SUS, Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus, **UNA-SUS**, notícia de 11 de março de 2020. Disponível em <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus> Acesso em 19 de setembro de 2020.

Recebido em: 29/04/2021
Aprovado em: 01/06/2021
Publicado em: 22/07/2021



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**A CRISE DO CORONAVÍRUS EVIDENCIADA ATRAVÉS DO
DESESPERO DA RELAÇÃO COM O OUTRO: uma análise
fenomenológica**

**THE CORONAVIRUS CRISIS EVIDENCED THROUGH THE
DESPAIR OF THE RELATIONSHIP WITH THE OTHER: a
phenomenological analysis**

**LA KRONUSO DE KORONAVIRUS EVIDIS TRA LA DESPERO
DE LA RILATO KUN LA ALIA: fenomenologia analizo**

Piero Disconzi⁵Cristóvan Vedovotto Lima⁶

Resumo

A sociedade como um todo está isolada devido ao avanço da Covid-19 e, neste processo, não somente nos isolamos fisicamente do outro, mas também o sentir afetivo deste entra em crise. Com isso, diante de uma pandemia que ceifa inúmeras vidas diariamente, esse afeto do me afetar perante o outro entra em crise e, em sua maior doação, o desespero vem à tona. Desespero esse que apresenta-se a nós como a potência mais elevada de um sofrer inerente ao humano. Com isso, partimos da análise do célebre filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, que aborda o desespero como a doença de si, de perder-se no ato de se desesperar. Ainda, utilizamos análises contemporâneas de Michel Henry a partir da corporeidade, em que há um ego dotado de subjetividade absoluta, o que nos é relevante frente à problemática sanitária da Covid-19 em todo o mundo, ainda que nosso artigo tenha como enfoque o território brasileiro e suas mais de quinhentas mil vidas ceifadas. Portanto, visamos, de modo sucinto, analisar através desses dois pensadores a crise do Coronavírus evidenciada através do desespero, ou seja, via análise fenomenológica pretendemos examinar o desespero em relação à fatalidade que nos cerca: o constante aumento de vítimas e os inúmeros sofreres que nos são apresentados.

Palavras-chave: Afeto. Corpo. Fenomenologia. Isolamento.

Abstract

⁵ Graduando do curso de Filosofia (Bacharelado) na Universidade Federal de Santa Maria - Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7301-0304>. E-mail: pierodisconzi1@gmail.com

⁶ Graduando do curso de Filosofia (Licenciatura plena) na Universidade Federal de Santa Maria - Rio Grande do Sul. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2097-2870>. E-mail: cristovanfilo@gmail.com



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Society as a whole is isolated due to the advance of Covid-19 and, in this process, we not only isolate ourselves physically from the other, but also the affective feeling of the other enters into crisis. With this, in the face of a pandemic that claims countless lives every day, this affective self in the face of the other goes into crisis and, in its greatest gift, despair comes to the surface. This despair presents itself to us as the highest potency of a suffering that is inherent to the human being. With this, we start from the analysis of the famous Danish philosopher Søren Kierkegaard, who approaches despair as the disease of the self, of losing oneself in the act of despairing. In addition, we use contemporary analysis by Michel Henry based on corporeality, in which there is an ego endowed with absolute subjectivity, which is relevant to the health problem of Covid-19 worldwide, even though our article focuses on Brazil and its more than five hundred thousand lives taken. Therefore, we aim, in a succinct way, to analyze through these two thinkers the Coronavirus crisis evidenced through despair, that is, through phenomenological analysis we intend to examine despair in relation to the fatality that surrounds us: the constant increase of victims and the innumerable sufferings that are presented to us.

Keywords: Affection. Body. Isolation. Phenomenology.

Resumo

Nuntempe la socio entute estas izolita. En ĉi tiu procezo, ni ne simple izolas nin de la alia fizike, sed kiel ni povas senti nin afektive. Kun la pandemio, kiu postulas sennombrajn vivojn ĉiutage, ĉi tiu amo, pro tio, ke mi tuŝas min antaŭ la alia, eniras en krizon kaj en sia plej granda donaco, malespero. Ni komencas de la analizo de la fama dana filozofo Søren Kierkegaard, kiu alproksimiĝas al malespero kiel la malsano de si mem, perdiĝi en la ago de malespero. Ankaŭ ni komencas de nuntempaj analizoj de Michel Henry el la perspektivo de korpeco. Ni celas, per konciza maniero, analizi per ĉi tiuj du pensuloj la koronavirusan krizon evidentigitan per malespero, do per fenomenologia analizo, ni intencas ekzameni la malesperon rilate al la fatalo, kiu ĉirkaŭas nin, la konstantan kreskon de viktimoj.

Ŝlosilvortoj: Amo. Korpo. Fenomenologio. Izolo.

Considerações Iniciais

Desde os primeiros relatos sobre o avanço pandêmico da Covid-19 no mundo, um fator permaneceu quase inalterado. Através das vias midiáticas, nós, a população em geral, recebemos diariamente números, os quais intencionam a quantidade de infectados, de curados e das milhares vidas ceifadas. Todos esses dados nos são apresentados de maneira objetiva, apenas dados enquanto tal. Contudo, como podemos perceber, cada dado representa uma vida que estava ou que está sofrendo ou, no pior dos casos, uma vida que teve o fim do sofrer e, conseqüentemente, de sua existência. Diante



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dessa reflexão, como podemos compreender o real peso desses números? Como compreender essas vias do sofrer, sendo que recebemos apenas dados?

Tendo em vista tal problemática, este artigo tem por objetivo analisar o sofrer enquanto sofrer, o sofrer-se de si, ou seja, o sofrimento através da redução fenomenológica-transcendental⁷, bem como analisá-lo por meio da sua relação do eu com o outro, relação essa que é evidenciada pela intersubjetividade. Desde já, salientamos que as pesquisas de Michel Henry nos são pertinentes, intencionadas para o cenário pandêmico e suas consequências e, além disso, às problemáticas para a relação intersubjetiva.

Nesse sentido, em relação às consequências do nosso isolamento social, o sofrer ganha destaque, um sofrer de si, enquanto sofredor de sua impotência em relação a si mesmo e a outrem. Esse sofrer em sua doação mais intensa – o desespero, o perder-se em si – foi descrito de maneira inigualável por Kierkegaard, que o dividiu em três diferentes estruturas, as quais estão conectadas em nível crescente, sendo elas: o desesperar-se diante da impossibilidade de negar-se; dá impossibilidade do eu se alterar; e, por último, o desespero enquanto reconhecimento deste sofrer. Essas estruturas são pertinentes no cenário atual pandêmico e serão uma das bases deste artigo. Dessa forma, visamos abordar, através dessa perspectiva, como podemos, de alguma forma, ‘curar’, ou entender melhor o outro, indagando-nos sobre: como um sofrer e desespero alheio é possível de ser analisado pelo Eu? Como, eu que me isolo, deparo-me constantemente com informações midiáticas de inúmeros sofreres? Como não me abalar perante o sofrer do outro? Como podemos não nos desesperar perante essa e inúmeras outras questões? O sofrer é possível de ser analisado em sua doação mais originária?

Influenciado pela filosofia de Kierkegaard, Michel Henry – célebre filósofo francês – também abordou o sofrimento. De acordo com seus estudos, nosso sofrer, isto é, o sofrer de si para si, é compreensível se e somente se for analisado em conjunto com o corpo, ou no termo do filósofo, a carne. Segundo ele, ego e corpo não são duas regiões ontológicas distintas, mas sim duas vias diferentes, entretanto, de uma mesma e única

⁷ Entende-se tal conceito como a suspensão de todas as crenças no mundo natural, a fim de deixá-las em fenômeno de validade para refletir sobre elas.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

região ontológica: a da pura subjetividade. Ou seja, nosso corpo é ego e, por isso, os estudos e escritos de Henry são inovadores em comparação aos de Kierkegaard, pelo fato de não haver uma dualidade. Além disso, ao compreender o corpo, uma de suas doações mais fundamentais é justamente o sofrer, um sofrer de uma carne patética voltada a si e entendida por si.

Para tanto, relacionando essas duas implicações com a crise do Coronavírus evidenciada através do desespero da relação com o outro, a implicação fenomenológica-existencial do desespero em Kierkegaard e a implicação corpórea deste sofrer através de Michel Henry são centrais nesta análise. Assim, ambas implicações do desespero são relacionáveis ao analisar a relação do Eu com o outro através da intersubjetividade. Nessa perspectiva, Henry nos é de grande valia nesta análise pois, através de sua filosofia da carne, isto é, o corpo enquanto pura subjetividade, o sofrer apresenta-se diretamente a nós, de maneira originária. Sua filosofia conecta-se com nossa pesquisa em Kierkegaard, causando uma grande reflexão nesse cenário pandêmico e um marco inicial para o possível entendimento das problemáticas acima descritas.

Das problemáticas acerca dos efeitos da Covid-19: a crise dos egos

Em um primeiro momento, vale ressaltar que geralmente cada vida ceifada no decorrer dessa crise sanitária é quase sempre tratada de maneira objetiva, apenas como um número ao invés de ser tratada como um ego dotado de uma transcendentalidade. Ligando a Descartes (1983) todas as emoções, paixões e sentimentos que constituíam cada vida ceifada, tem-se uma representação de como se tais vidas não fossem dotadas de afecções, pois o corpo, enquanto pertencente a esfera transcendental, é tratado como algo puramente objetivo (*res extensa*). E, com isso, o espaço para essas emoções, paixões e sentimentos estariam na alma (*res cogitans*).

A vida, quando se está imersa na atitude natural, é analisada através de um pensar quase que analítico, em que temos metas e objetivos para cumprir antes que nossa existência deixe de ser. Contudo, através da redução fenomenológica, a vida prova-se a si mesma na impressão mais primitiva. Essa vida habita cada uma das modalidades da nossa existência, desde a mais simples dor até o mais elevado



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sofrimento, o desespero. A vida é uma autorrevelação, a vida é em si, ela se revela a si mesma, ou seja, a vida não é um processo cego ou inconsciente. Nesse viés, cada vida perdida era dotada de emoções, paixões e sentimentos.

Considerando uma dor, por exemplo, no corpo objetivo, como fez Descartes (1983) para espantar esse **falso juízo**, pratica-se a *epoché*, através do ato de neutralização, suspensão, em que retém-se a mais pura dor, o doloroso enquanto tal – o próprio sofrer que a constitui. O sofrimento na sua impressão mais primitiva se revela a si mesmo, ou seja, somente o sofrimento permite saber o que é o sofrimento. E o revelado nesta revelação é o próprio sofrer. Assim, a vida e o sofrimento possuem a mesma estrutura: a estrutura da autorrevelação, a qual conecta a vida e o sofrimento, segundo Michel Henry. Existem, desse modo, uma vida pura e um sofrer puro, e esse puro sofrer está presente em cada ego que é reconhecido através de outro ego, ou seja, uma intersubjetividade que se percebe através desse puro: o puro sentir, o sentir enquanto tal. Posto isso, através dos pontos mencionados acima, relacionando-os com o cenário atual brasileiro – um cenário pandêmico, de isolamento constante –, abre-se o seguinte questionamento: qual impacto é evidenciado através da vida/do sofrer em relação à Covid-19?

Com a perda de cada ego, o sofrimento imerso na atitude natural foi generalizado. O sofrimento de cada Si estava ausente do “fora-de-si”, ou seja, o mundo estava dado como mero agir de processos objetivos, descritos através do **agir natural**, em que não há uma distância que revele o sofrer na percepção de outros egos, deixando a esfera natural e o seu viés fatalista. Com isso, o sofrer permanece grudado a si e há somente uma ausência de distância interior ao sofrimento e, através das palavras de gênio de Henry, notamos que as vidas foram impossibilitadas de dirigir o olhar perante o sofrimento, visto que sua dor e sofrimento ficaram ocultos. Logo, o sofrimento é invisível como a vida, a qual apenas sentimos, e esse fruir que presenciamos a todo instante é, contudo, impossível de ser visto, um *pathos*.

Mas a existência não é apenas o sofrimento, há felicidade, emoções, paixões, prazeres e desejos que constituem cada ego. Desse modo, cada ego perdido constituinte deste puro sofrer tinha planos para o futuro, desejos e paixões pertencentes a uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tonalidade positiva, tonalidade positiva essa que, além do puro sofrer, constitui cada ego. E, de um modo imprevisível, essa mesma tonalidade torna-se negativa. Então, como é possível analisar esse devir? Quais são as implicações fenomenológicas que aparecem ao nos debruçarmos sobre este tema?

Do desesperar-se de si

Ao discutirmos sobre a vida, a vida que se revela em sua imanência autêntica, i.e., a vida que é autorrevelação, uma das problemáticas citadas, sobretudo no cenário pandêmico no qual estamos vivenciando, é o sofrimento. Sua relação com a vida é quase idêntica, pois ambos se revelam de maneira similar. Já no sofrimento enquanto tal, reduzido através da *epoché*, o sofrer enquanto sofrer-se de si é inaugurado e colocado como tema central na obra de Kierkegaard: “O Desespero Humano (Doença até a morte)” (1974).

A partir de seu discurso, analisando a posição cristã ante o sofrer do decorrer da vida, o filósofo dinamarquês relaciona a vida, aquela vida que citamos, com uma inquietação. Tal inquietação é marcadora de nossa realidade pessoal e imanente, ou seja, vida, a vida que se autorrevela é, enquanto tal, inquietação. Podemos, agora no ato de refletir, questionar-nos perante o que a vida, a vida fenomenológica, se inquieta? Qual o objeto que temos de desvendar no viver?

Ainda, outra observação que nos é relevante nessa obra é o significado inicial que o autor destaca como desespero, que para ele constitui-se no sofrer elevado em sua mais alta potência. Segundo ele, isso é uma doença e não o remédio. Desse modo, esse desesperar-se consigo não apresenta um remédio propriamente fácil de se aceitar e, segundo o autor, o remédio é precisamente morrer, morrer para o mundo.

Em um pensar na atitude natural, podemos intitular nossos sofreres mundanos, tais como: desgostos, misérias, aflições, torturas do corpo ou da alma. Assim, para o cogito que está a raciocinar seus pesares, a morte não é uma doença mortal, não é algo a ser temido e evitado a todo custo. A morte é o remédio para o verdadeiro problema que cerca a humanidade – o desespero – que, enquanto tal, apresenta a morte como seu



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

remédio, cura de um perder, de um perder-se de si. Ao relacionar essa séria problemática, descrita de forma brilhante por Kierkegaard, com a Covid-19 e as suas inúmeras vidas ceifadas no território brasileiro, o desespero torna-se relevante para nossos questionamentos. Pois, para aquele que sofre com este vírus e está a sofrer-se diante de si e de sua impotência para tal enfermidade, por exemplo, o remédio descrito acima torna-se aceitável? A morte, a saída do mundo, é realmente uma maneira de afastar o desespero de quem está diante de si e do sofrer-se de si?

Das faces do desespero

Partimos, então, da redução fenomenológica. Søren Kierkegaard, ao definir já no início da obra “Doença até a morte” (1974) que tal sentir é resultado de uma síntese de dois termos, evidencia que ambos estão em desequilíbrio. E, em específico, a síntese que interessa Kierkegaard (em que o autor logo estabelece uma redução) é a dos termos finito e infinito⁸. Se bem elaborada, resultará no espírito, em outras palavras, em um Eu – que se destaca das multidões, pois é um indivíduo singular, ciente dos termos (finito e infinito) e, em suma, ciente de sua existência. Contudo, escreve ele, que nem toda síntese resultará em equilíbrio, em um Eu-singular-indivíduo. Então, em que consiste o eu? Kierkegaard responde que o eu se define por sua relação, em que tal relação dar-se-á consigo próprio, o eu enquanto tal, consistindo no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. Ou seja, o eu não se constitui desta relação em si, mas no ato do voltar-se sobre si próprio desta relação, sobre o conhecimento que ele adquire de si mesmo depois que é estabelecido. Tal é o processo que constitui o eu: um voltar-se. E, das relações desarmoniosas é que surge o desespero.

Resumidamente, o desespero se dá a nós através de três modos distintos, mas interligados. No primeiro, o eu ignora a tarefa desta síntese, ou seja, a tarefa de desenvolver-se não apenas como outro, mas como um Eu, um indivíduo singular. Ainda, neste primeiro modo o desesperado não tem suspeita de estar infectado com esta doença mortal. O filósofo dinamarquês escreve que “só conhece as categorias dos sentidos, o

⁸ Podemos notar, desde já, que em Kierkegaard o humano tende ao desequilíbrio, pois é finito, mas deseja o infinito.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

agradável e o desagradável, e manda passear o espírito”. Semelhante vivência apresenta-se no estágio estético, o das sensações corpóreas e materiais, deixando a esfera do incorpóreo e imaterial de lado, por exemplo. Neste sofrer, questões existenciais não estão presentes e isso gera o sofrer, em que é necessário, ao menos, nos debruçarmos em algum momento sobre essas questões primeiras, mesmo que suas respostas não se apresentem a nós. Àquele que está em isolamento, podemos nos questionar aqui que o senso comum poder-se-á julgar como tendo o momento ideal de refletir de si para si e, ao fazer isso, perde-se no devaneio de si. Nesse caso, como vimos, é um momento oportuno para nos desesperarmos, pois estamos isolados e com nossos questionamentos voltados para si. Dentre eles, destacam-se questionamentos sobre nosso papel, nosso papel em isolar-se, do Eu enquanto responsável de si e da segurança dos demais. Logo, este Eu, voltado para si, em isolamento, tem uma grande facilidade de se desesperar através desta primeira definição.

Em conjunto, além desse ser puramente voltado ao que é presente através dos sentidos, imerso na materialidade do mundo, o segundo modo do desespero se apresenta a nós. Nele, o indivíduo já percebe alguma esfera de instabilidade em seu espírito⁹, mas não toma adiante o passo de investigar essa aflição, isto é, as questões que não lhe aparecem no decorrer de sua vida voltada ao materialismo. Recuando dessa tarefa, o indivíduo prefere diluir-se na mundanidade das multidões, não desejando ser um Eu, mas sim apenas um outro como os demais. Esse é o desespero de não buscar o Eu, de ignorá-lo. Há a possibilidade de se permitir adentrar em questões primeiras, mas o Ego não efetua o salto. Fato esse que, quando percebido, revela o desespero, um desesperar-se de si para si, da impossibilidade de adular-se. Ainda, com o isolamento estamos reavaliando constantemente nossos atos, e alguns desses podemos com alguma reflexão deixar de lado, mas excluir, como um piscar de olhos, nos é impossível. Este conhecimento é, desse modo, desesperador, ainda que essencial, visto que o temos como ‘descoberto’.

⁹ Vale destacar a definição de espírito em Kierkegaard, para ele “O homem é espírito. Mas o que é o espírito: É o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa alheia a si, mas consigo própria” (1974, p. 195). Ou seja, o eu (o espírito) se dá na relação de síntese de infinito com finito, temporal e atemporal, etc.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Ademais, no terceiro e último modo, o indivíduo tem pleno conhecimento da doença, tem ciência de sua individualidade, de sua possibilidade de ser um Eu distinto das multidões, ou seja, tem o anseio de definir-se, de ser um indivíduo singular, de se dedicar ao trabalho de entender questões primeiras, em que seu salto é falho. Mas, ainda assim, o indivíduo não obtém sucesso em sua empreitada. Ele tenta ao máximo buscar sua definição de indivíduo, eliminar essa doença mortal. E, ao falhar, acaba por desesperar-se ainda mais, pois a relação de síntese, só pode este estabelecer de modo desequilibrado, de modo a gerar ainda mais desespero. Desse modo, o indivíduo falha em ser singular, falha ao mudar seu Eu, ao defini-lo.

Assim, o indivíduo vive na mundanidade e sabe que pode ir além da possibilidade de pesquisar o desconhecido e, principalmente, a si mesmo, mas falha. Ou seja, através do ato de isolar-se, a grande maioria da população volta-se para si em algum momento, para questionar seus comportamentos, questionar a si mesmo, a sua fragilidade e impotência perante a Covid-19. Contudo, o desespero nos é de grande seriedade. É um sentimento de extremo pesar em relação ao outro, ainda que seja mais preocupante em nós, no ato de sofrer-se.

Através dessa descrição já reduzida do desespero e de suas distintas modalidades, é possível estabelecer uma possibilidade de positividade em estar desesperado? Para o indivíduo acamado e isolado de seus familiares e dos demais, imerso em si, desesperado de sua situação de enfermo, de desconhecer se sua enfermidade é ou não temporária; aquele também, que percebe sua fragilidade perante um inimigo invisível ao olhar, que ceifa inúmeros egos, e se desespera... há alguma forma deste desespero nos ser, de algum modo, positivo?

Da positividade do desespero

Podemos, ao analisar as três modalidades do desespero como fenômenos relevantes para a fenomenologia, efetuar a redução fenomenológica e analisar o desespero através de si, isto é, nos termos da própria fenomenologia: a sua doação enquanto tal, bem como a sua experiência, que se revela no ato de desesperar-se e uma possível positividade em estar desesperado.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Para nós, Kierkegaard escreve sua obra justamente nos revelando um lado positivo em nos desesperarmos, em que através do desespero podemos participar conjuntamente da construção do espírito ou, em outras palavras: enquanto nos perdemos em nosso sofrer, podemos também nos descobrir. Podemos nos definir como indivíduos singulares, um Eu.

Tal obra, desse modo, nos oferece o conhecimento de que estamos em um devir, em que o Eu não é estático e que nos períodos de crise há a possibilidade de nos definirmos e identificarmos, ou seja, de nos compreendermos; e, com isso, podemos entender o outro como um ser que também se desespera; podemos aplicar a empatia através da alteridade, tendo como experiência para isso o nosso próprio sofrer. Além disso, podemos até destacar que o desespero – esse sofrer que nos aflige – é uma das características essenciais ao ser humano, pois nos é inerente e nos define, visto que acompanha o desenvolvimento do Eu enquanto indivíduo singular, algo que, segundo Søren, devemos nos empenhar, conscientemente ou não¹⁰.

Da estrutura do corpo

Poderíamos pensar, através da fenomenologia e de sua redução transcendental, as problemáticas concernentes ao corpo. Dentre elas, a própria questão do objeto como tema de pesquisa é relevante, pois dentre esses objetos o corpo ganha destaque. Com isso, Michel Henry, ao abordar a corporeidade em sua obra “Filosofia e Fenomenologia do Corpo: Ensaio sobre a ontologia biraniana” (2012, p. 10), destaca:

Pois é de maneira puramente abstrata que poderíamos caracterizar o homem pela consciência, ou pela subjetividade, se houvesse, entre estas e o corpo, uma relação dialética tal que a determinação da subjetividade só fosse compreensível na e pela relação com o corpo [...] Esta, à medida que relaciona espírito e corpo, é a mais “dialética” de todas as questões, é precisamente um paradoxo que podemos

¹⁰ Tendo ciência ou não da revelação individual a cada ego, que o homem é espírito. De outro modo, o desespero remete-se à subjetividade do homem, sua interioridade, em sua existência subjetiva; o desespero é a medida divisória do humano com os outros animais, visto que, esses últimos não têm a capacidade de desesperar-se. Isto é, o privilégio descrito por Kierkegaard é o espírito inerente ao homem. O espírito guia a existência, sendo ela, capaz de desespero por esse fato, de descobrir-se.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

considerar, com Kierkegaard, fundamental, pois desempenha realmente o papel de fundamento.

Ainda, em conjunto com a pesquisa de Kierkegaard, Henry elabora seu questionamento sobre a estrutura dialética que nos define: o ser humano enquanto tal. A partir de opostos, nós nos definimos e nesta definição nos surge o *pathos*, aquilo que para Henry nos é a chave para entender o humano e a nós mesmos enquanto indivíduos encarnados¹¹. Essa característica se apresenta através de inúmeras maneiras – da compaixão, das dores –, mas em específico para o nosso tema, o sofrer ganha relevância, o sofrer enquanto tal, a partir da esfera da imanência subjetiva.

Ademais, Descartes, ao formular sua célebre frase “penso, logo existo”, estava a qualificar quais possibilidades temos para definir a existência de qualquer objeto mas, a partir de suas investigações (meditações), só obteve plena certeza em estabelecer a existência do ego enquanto coisa pensante, já a sua existência física enquanto corpo, encarnação, nas palavras de Henry, o que fica em aberto para futuras análises e é um dos temas incompletos das análises cartesianas. Em evidência disso, o humano não se apresenta como resultado da dialética de corpo e ego? Como podemos entender o corpo? Através das suas sensações ou sentimentos?

Para nos empenharmos ao analisar tais questões, a filosofia elaborada por Michel Henry nos é de grande ajuda, sendo o nosso pilar. Assim, através das problemáticas do corpo e do ego, enquanto distanciados (como na dogmática doutrina cartesiana), corpo e ego são duas coisas diferentes, conflitantes em um primeiro olhar, um dotado de plena subjetividade, capaz de realizar a redução transcendental e iniciar investigações de cunho filosófico e, o outro, dotado apenas de uma extrema objetividade, conotado por Descartes como uma máquina, incapaz de voltar-se a si mesmo em suas operações vitais para seu sustento. Ego, nessa perspectiva, apresenta-se como doador de existência e doador da estrutura desta existência, já o corpo é dotado de pulsões e sensações que são conflitantes com o ego. Logo, nesse viés o corpo é deixado

¹¹ Henry, ao escrever sobre a encarnação, não aborda seu significado através de uma temática religiosa, para ele a encarnação é o ser encarnado em uma carne, um corpo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de lado e é apenas uma ‘máquina’ em que o ego repousa. Assim, Michel Henry (2012, p. 12) ressalta que

Enquanto uma pesquisa se move exclusivamente no interior da esfera da subjetividade, ela não encontra nada que possa se chamar de corpo, muito menos nosso corpo. É só quando se sai dessa esfera originária, quando se efetua uma “passagem” para alguma coisa que se situa fora dela, é que tal encontro com um “corpo” se torna possível.

A partir de tais noções, nos distanciamos da compreensão de corpo de Descartes, pois para ele corpo é uma extensão objetiva. Para nós, o corpo, o nosso corpo, é um corpo vivo, dotado de sensações e desejos, o que distancia-se totalmente da teoria cartesiana. Nessa perspectiva, o corpo não nos é transcendente, nós somos nosso corpo, ele é, para o eu que vive nele enquanto corpo vivo, totalmente subjetivo, uma subjetividade absoluta. Ou seja, o corpo se dá a nós e, de maneira similar, nos damos ao nosso corpo – essa é a distância total que separa Henry de Descartes: a compreensão de corpo enquanto corpo vivo, isto é, subjetivo.

Outro afastamento, para avançarmos com a compreensão de corporeidade, é a definição de corpo através das ciências. Dentre elas, a Biologia ganha seu destaque como porta voz. Em suas definições iniciadas a partir do pressuposto de que não temos conhecimento do nosso corpo, o qual se evidencia através de nossa experiência, nunca nos foi necessário ler o mais atual artigo de biologia para entendermos as funções básicas de nosso corpo, não nos é necessário um conhecimento exterior sobre o andar, o andar revela-se já no seu ato. Essas funções nos são um saber primordial, ou seja, não necessitamos de nenhuma ciência para explicá-las, nosso corpo é um corpo vivo e não poderia ser compreendido como uma realidade biológica.

Por último, para darmos prosseguimento na argumentação do sofrer, falta-nos comentar sobre o corpo, o corpo em si. Sobre isso, Henry (2012, p. 18) comenta que

Na verdade, nosso corpo não é primitivamente nem um corpo biológico, nem um corpo vivo, *nem um corpo humano*, ele pertence a uma região ontológica radicalmente diferente, que é a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

da subjetividade absoluta [...] É tomar consciência das únicas condições que nos permitirão explicar a existência de um corpo situado seguramente no centro da realidade humana: *um corpo que é um Eu*.

Ou seja, só poderemos entender o corpo se e somente se este for compreendido em uma realidade ontológica diferente – a humana –, deixando de lado a doutrina cartesiana ou um analisar puramente analítico e, também, a realidade que as ciências objetivas nos impõem como guia para podermos compreender o real papel do corpo, ou seja, da corporeidade.

Interrogando-se à fenomenologia da vida, através de Michel Henry, partindo de seu texto “Sofrimento e Vida”, na obra “Fenomenologia da Vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia”, a vida advém a si, no processo originário e absoluto pelo qual ela se revela, se dá a si (como o sofrer e entre outros sentimentos), prova-se a si mesma no que constitui a sua própria essência. Nesse sentido, Antúñez (2014, p. 36) comenta que

Visto que não falamos aqui da Vida, mas da vida real, fenomenologicamente efetiva, então a Ipseidade na qual esta vida real vem a si provando-se não é já o conceito de Ipseidade, é um Si real, fenomenologicamente no qual a vida, ao provar-se efetivamente, se revela, se faz vida.

Outro aspecto dos comentários de Henry sobre a vida é a análise do corpo. Corpo é subjetivo, a vida gera a *Ipseidade* que é dada provando-se e fruindo de si. O corpo relacionado com o Ego pode ser compreendido, a partir da sua estrutura, da qual falamos acima, através de Descartes como pura substância, um “puro pensar”, um pensar que é indisponível de movimento, movimento este só disponível e preso a uma máquina: o corpo. Já, ao comentar as teses de Biran, Henry (2012, p. 23) analisa sua problemática ao contrapor a teoria cartesiana do ego. Segundo ele “a reflexão é identificada com a fonte originária de toda evidência que é o **cogito tal como Biran o compreende**, isto é, não como ato reflexivo e intelectual, mas como ação, esforço, movimento”.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Contudo, Biran e sua teoria do mover, do agir como base ontológica, não entra em contrassenso com o cartesianismo. Ambas teorias, destaca Henry ao analisá-las, do puro pensar e do movimento, são complementares, ambas possuem uma estrutura ontológica similar, a pura imanência da subjetividade. Assim, a partir dessa reflexão, em que temos ego (através de Biran) como movimento, ao comparar com nossa realidade atual de isolar-se, podemos questionar-nos: se meu corpo é condicionado ao movimento, quais consequências o isolamento causa? Seria este um sofrer perante o “não-movimento”?

Para tentar responder tal questionamento, teremos que novamente nos debruçar sobre a fenomenologia da vida de Michel Henry. Isso é necessário porque Henry ao falar sobre a vida e o sofrimento, o puro sofrer, o sofrer-se de si, se depara com uma dificuldade: “a pluralidade de tonalidades pelas quais passa a nossa existência e que constituem a sua trama”. Então, aquele que perpassa observa que todas as modalidades da vida ou da nossa existência se repartem em consoante clivagem de uma dicotomia de modalidades vividas positivas e de modalidades vividas negativas. Existência essa que, segundo ele, “parece presa num devir afetivo que de modo algum é indeterminado, oscilando sem cessar entre mal-estar e satisfação, sofrimento e alegria” (ANTÚNEZ, 2014, p. 34).

Portanto, com o isolamento, perante o não-movimento, a existência de cada ego parece não oscilar sem cessar entre sofrimento e alegria. Uma das consequências, ou a consequência do isolamento, seria ficar preso nesta modalidade negativa da vida como o mal-estar e o sofrimento. Partindo do cenário pandêmico da Covid-19, cada ego, com seu corpo, tem de suportar o sofrimento enquanto tal, numa passividade radical de impotência, sem a capacidade de mudar. Assim, o impacto que causa cada ego perdido ao outro pode vir a ser, do mesmo modo, um sofrer por aquele que sofreu, pois todo sofrimento particular advém do sofrer puro, do sofrimento originário, dos demais sofrimentos que acontecem na existência de cada ego, os quais são previsíveis, imprevisíveis ou até mesmo incompreensíveis. Logo, essas vivências ou modalidades de sofrimento são todas declinações do sofrer primitivo com um *a priori* no invisível da vida. Temos, a exemplo, inúmeras vivências que experimentam diariamente esta



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

condição descrita, inúmeros egos estão acamados, rodeados de outros egos com o mesmo sofrer, mas isolados de seus entes queridos, um isolar-se de pessoas queridas e um aproximar-se do sofrimento do outro: o outro acamado ao seu lado. Desse modo, ao ver os egos ceifados pela Covid-19, toda a dor e todo o sofrimento que estes passaram, percebe-se que é através do sofrer primitivo que o outro reconhece o sofrimento que outros egos passaram. Logo, essa é a passividade radical do *pathos*.

Considerações finais

Ao longo de nosso artigo evidenciamos os vários sentidos e modos que o sofrer apresenta-se a nós, enquanto sofrer-se de si. Ou seja, este é um sentir íntimo a nós e está presente em momentos essenciais, momentos esses que, ao realizar a redução fenomenológica, apresentam a nós alguma problemática real ou imaginária. Nessa perspectiva, analisamos o impacto deste saber, isto é, do sofrer como inerente ao humano ou, nas palavras de Henry, ao ego dotado de subjetividade absoluta, na problemática causada à humanidade como um todo: a crise sanitária da Covid-19 e as mais de quinhentas mil vidas ceifadas por esse vírus com uma nova variante em território brasileiro. Ainda, tendo em vista tal crise e também o entendimento do sofrer como presente ao ego, questionamos o papel do sofrer nesta decorrência inesperada; Com isso, questionamos se poderíamos, de alguma forma, aliviar a dor do enfermo que sofre em consequência da crise; se há um remédio, como Kierkegaard descreve sendo a morte em face ao desespero, seu uso é aceitável; e como tratar, de maneira respeitosa e com dignidade, o ser que está a sofrer.

Sabemos que essas questões são de abordagem extremamente complicada e delicada, não almejamos dar a resposta definitiva, nem chegaríamos perto deste empreendimento se fosse possível. Nosso foco, através de outra via, foi discutir as problemáticas dessas questões, suas consequências e a análise teórica do sofrer, a qual pode, de alguma forma, auxiliar futuros estudos que busquem respostas diante dessas questões.

Também foi-nos presente o papel que a filosofia pode desempenhar em assuntos atuais. Além disso, esperamos que tal artigo seja uma das inúmeras demonstrações

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

contemporâneas de que a filosofia é necessária e de relevância para discutir temas atuais. Como demonstramos anteriormente, sem a filosofia e a sua abordagem questionadora por natureza, assuntos e metodologias que visam analisar diferentes problemáticas podem ficar em uma abordagem de si para si, ou seja, em uma abordagem individualista e infértil para discussões. Assim, através da abordagem fenomenológica, temos um modo inaugurado primeiramente por Husserl (2019), que até os dias atuais nos é válido para compreender, de maneira única, através do caminho fenomenológico, o humano, aquele que é dotado de inúmeras sensações, dentre elas a que nos propusemos discutir: o sofrimento. Portanto, ressaltamos que a fenomenologia não está esgotada, mas sim desenvolvendo-se, visto que ainda existem poucos textos e problemáticas que usem de seu método. Logo, nosso artigo fez-se base de tal método e, a partir dele, almejamos evidenciar a defesa da fenomenologia enquanto via rigorosa de uma abordagem filosófica.

Referências Bibliográficas

ANTÚNEZ, A. E. A. et al. **Fenomenologia da Vida de Michel Henry**: interlocução entre filosofia e psicologia. São Paulo: Escuta, 2014.

DESCARTES, R. **Meditações cartesianas**. Tradução J. Guinsburg & B. P. Júnior. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HENRY, M. **Filosofia e fenomenologia do corpo**: ensaio sobre a ontologia Biraniana. São Paulo: É Realizações, 2012.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas**: uma introdução à fenomenologia. São Paulo: Edipro, 2019.

KIERKEGAARD, S. A. **O desespero Humano (Doença até a morte)**. In: Os pensadores. Tradução: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

Recebido em: 06/04/2021

Aprovado em: 30/06/2021

Publicado em: 22/07/2021



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

KIAL MI ESTAS SCIENCISTO, KIU NE FIERAS PRI SCIENCO

WHY I AM A SCIENTIST, WHO IS NOT PROUD OF SCIENCE

POR QUE SOU UM CIENTISTA, QUE NÃO SE ORGULHA DA CIÊNCIA

Vicente Manzano-Arrondo¹²**Resumo**

Scienco estas kutime prezentata kiel la plej altnivela kolekto de scio, regata nur de racio kaj je la manoj de specialaj homoj, la sciencistoj. Malgraŭ la ekzisto de vasta kolekto de kritikoj rilate al tiu naiva priskribo, la manlibroj kaj studobjektoj pri enkonduko al scienco en universitatoj daŭre prezentas sciencon tiamaniere. Ĉi tiu teksto ne celas pli teorumi pri tiu kutima priskribo, nek pri tiuj kutime faritaj kritikoj, sed kunhavigi la personajn spertojn de la aŭtoroj, amasitaj dum iom da jardekoj de scienca laboro.

Ŝlosilvortoj: Scienco. Homa Konduto. Universitato.

Abstract

Science is often presented as the most advanced body of knowledge, governed only by reason and in the hands of special people, scientists. Despite the existence of an extensive collection of criticisms related to this naive description, textbooks and introductory science courses in universities continue to present science in this way. This text does not pretend to theorize more about the usual description or the accumulated criticisms, but rather to share the personal experiences of the author, accumulated over some decades of scientific work.

Keywords: Science. Human behavior. University.

Resumo

A ciência é geralmente apresentada como a coleção de conhecimento mais avançada, governada apenas pela razão e pelas mãos de pessoas especiais, os cientistas. Apesar da existência de uma extensa coleção de críticas relacionadas a essa descrição ingênua, os manuais e objetos de estudo sobre introdução à ciência nas universidades continuam apresentando a ciência desta forma. Este texto não pretende aprofundar a teorização sobre esta descrição usual, nem sobre as críticas habitualmente feitas, mas sim partilhar as experiências pessoais dos autores, acumuladas ao longo de algumas décadas de trabalho científico.

¹² Vicente Manzano-Arrondo (Viko) estas profesoro pri Metodologio de la Esplorado en la Fakultato pri Psikologio de la Universidad de Sevilla, Hispanio. Li estas doktoro pri psikologio, pri edukado kaj pri ekonomio. Lia esplorado temas ĉefe pri analizado de la scienco, la universitato kaj la taksado de la sciencistoj kaj profesoroj. En 2019 kunfondis la entreprenon Civiencia SL, kies celo estas la demokratiigo de la scienco. E-mail: vmanzano@us.es



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Palavras-chave: Ciência. Comportamento humano. Universidade.

Enkonduko

Ŝajne scienco estas nehoma maŝino. Eĉ la maniero redakti sciencajn artikolojn kutime konsilas, ke oni ne uzu la pronomon "mi". La celo estas, ke oni sentu, ke la scio venas rekte el la realo kaj ne de tiu homo kiu skribas. Ĉi tiu kontribuo formiĝas el alia vidpunkto: temas pri sperto de sciencisto, kiu dekomence fidis tiujn manlibrojn, kiuj priskribas, kio estas scienco. Paŝo post paŝo, tiu sciencisto lernis, ke estas granda spaco inter realo kaj tio, kio estas priskribita en la tekstoj.

Kun tiu celo en la menso, nia enhavo trapasos kvar momentojn. En la unua, mi klopodos defendi, ke mi scias, kio estas priskribita ĉi tie; alivorte, ke mi delonge okupiĝas pri scienco. La dua sekcio sinteze kaj laŭtradicie priskribas sciencon. La tria estas la kerno de ĉi tiu kontribuo: temas pri kolekto de personaj spertoj, kiuj konsistigas mian impreson pri la reala scienco. Fine, kelkaj konkludetoj fermas la enhavon.

Pri mi, kiel sciencisto

Mia familio havis neniun universitatan sperton. Mi estis la unua, kiu tretis la spacon de la universitato kaj komencis rakonti pri ĝi al miaj familianoj. Mi studis psikologion. Poste, kiel instruisto, dum la unuaj jaroj mi demandis al miaj studentoj pri la kialoj laŭ kiuj ili elektis psikologion. La plejmulto ĉiam respondis ion similan al "mi volas helpi homojn". Mi konfesas, ke tiu ne estis mia kialo. Mi deziregis esplori la homan konduton. En mia kapo bolis demandoj kiel "Kial la homoj sentas sin ununuraj?", "Kiel ni parkerigas informojn en la cerbo?", "Ĉu la uloj kapablas dividi veraĵojn disde la imagitaĵoj?" Kiel studento, mi amasigis planojn de eksperimentoj kaj pasie studis librojn pri scienco kaj esplorado. Dum la tria kurso, mi publikigis mian unuan artikolon (MANZANO-ARRONDO, 1986). Mi ankaŭ realigis mian unuan veran eksperimenton, en kiu mi esploris ĉu la maniero laŭ kiu la eksperimentisto prezentas sin povas influi sur la konduton de la partoprenantoj. Tuj post kiam mi bakalaŭriĝis, mi publikigis mian unuan libron (MANZANO-ARRONDO, 1989) pri analizado de datumoj per komputilo.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Du jarojn poste, mi eniris en la fakon “Metodologio de Sciencoj pri Konduto”, instruante en la Fakultato pri Psikologio du studobjektojn: scienca metodologio kaj statistiko por psikologoj. Post iom da jaroj mi doktoriĝis en psikologio. La temo de mia disertacio estis “kalkulo de grandeco de la sampla en esploradoj per enketoj”. Ekde tia sperto kreiĝis teamo de fakuloj el malsamaj studkampoj, kiu eldonigis la revuon “Metodologio de Enketoj”, kies direktoro por la unuaj sep jaroj estis mi. Poste alvenis du pliaj doktoriĝoj, pri edukado kaj pri ekonomio.

Resume, mia fako kaj posteno ĉiam postulis de mi science esplori la homan konduton. Pri ĝi mi daŭre instruis, esploris kaj publikigis. Al tio mi aldonu ke, antaŭ tri jaroj, mi kunfondis entreprenon kies celo estas demokratiigo de scienco, tio estas: sukcesi, ke iu ajn povu celi scion, plani metodon, kolekti datumojn, analizi ilin, interpreti ties rezultojn kaj organizi raportojn, ĉio kun sciencaj garantioj. Alivorte: laŭ pluraj flankoj mi estas sciencisto. Tio donas al mi nenian specialan kvaliton. Kiel mi intencas per tiu ĉi teksto substreki, sciencisto estas normala homo, kies rezultojn oni ja povas kompreni, precize ĉar li (aŭ ŝi) estas ja normala homo.

Kio estas scienco

Oni prezentas sciencon kaj kiel rezulton aŭ produkton rilata al scio — scienca kono — kaj kiel manieron atingi tiun scion — scienca metodo. Per ambaŭ aliroj onia emo estas surpaŝi la vojon de la Epistemologio tiel, ke la rakontoj enfokusiĝu kaj en la scio mem kaj en la defio atingi altnivelan konon pri la mondo. Scienco estas do racia afero, kiu celas klarigi la observadojn de la fizika aŭ natura mondo (LEDBETTER, 2008). Kohere, sciencisto estas kvazaŭ rakontisto de la realo. Tiamaniere, se oni deziras ion scii pri la realo, oni bezonas nur fidi la rakontiston. Tiu fido alvenas el la maniero laŭ kiu oni esploras. Ekzemple, Arsioli (2014) priskribas la kutimon prezenti sciencon kiel rezulton de postulema konduto celanta klarigi la naturajn fenomenojn per universala metodo, kies rezulto estas la kreskigo de la homa scio, ĉefe danke al la realigo de neŭtralaj observadoj, eksperimentoj kaj ellaboro de kongruaj teorioj.

Tia konduto realiĝas per la kohera sinteno de konkretaj potenĉavaj homoj, la sciencistoj, kiuj serĉas la veron pere de intelektaj kialoj kaj scienca metodo, tiel ke nur

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

perracie oni komprenas tion, kio estas scienco (MEJÍA, 2005). Aldone, sciencisto estas homo scivolema, kreiva, kiu respektas la forton de la datumoj, kiu havas menson malfermata, emas kunlabori kaj toleras la necertecon (Roden kaj Ward, 2010). Kelkfoje oni ankaŭ mencias la premojn aŭ influojn, realigitaj sur la sciencan de la dimensioj politika, socia, ekonomia aŭ ideologia (ACEVEDO-DÍAZ kaj GARCÍA-CARMONA, 2016). Rezulte, la rakonto fortigas la bildon de alloga aventuro, kie la herooj, luktantaj kontraŭ malfavoraj ventoj, serĉas lumon en malhela medio. Pro tio, kiam oni petas al tipaj sciencistoj priskribon pri scienco, la respondantoj emas doni similan rezulton: temas pri homoj saĝaj, altruistaj kaj persistaj, kiuj tiom enmetiĝas en la serĉadon de la vero, ke ili preskaŭ ne plu havas kontakton kun la socio (PATRICIO, A.; BONAN, L., PORRO, S. KAJ ADÚRIZ-BRAVO, 2014). Temas pri raciaj bestoj, kies potencaj cerboj kreskigas la scion pri la mondo.

Tiu priskribo havas kelkajn kontraŭargumentojn, ekzemple: rimarkigante, ke scienco realiĝas per konkreta kultura aliro kaj rigardado de la mondo, kiu enhavas emociojn kaj malekvilibrojn pri povo (FALS-BORDA, 1988). Sed tia dua priskribo maloftas kaj ŝajnas esti nesukcesa en ties klopodo atingi menson de homoj.

Kial universitato instruis min alian version pri tio, kio scienco praktike estas

La rilato inter Universitato kaj Scienco ne klaras. Unuflanke, ne ĉiuj universitatoj esploras. Pluraj el ili okupiĝas ĉefe pri instruado. Aliflanke, aliaj institucioj, kaj multaj entreprenoj, elspezas rimedojn je esplorado. Ekzemple: en Hispanio, el la tuta mono elspezita por esplorado, 53% venas el entreprenoj kaj 27% el universitatoj¹³. Tamen, la rezultoj de la esploradoj fare de entreprenoj kutime restas ene, ĉar la motivo ne estas pligrandigi la komunan scion, sed atingi specifan informon, kiu estu utila por la celoj de la organizo. Tiel, la plejmulto el la esploradoj, kies rezultoj publikiĝas, naskiĝas en la universitatoj. Mia spertaro ĉefe rilatas al tiu medio.

¹³ https://www.ine.es/prensa/imasd_2019.pdf

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

La sekvanta sekcio enhavas konkretajn spertojn pri konkretaj punktoj rilate al priskribo de scienco. Nun la celo estas priskribi du gravajn spertojn, kies konsekvencoj en mia kompreno de scienco estas vastaj.

En la jaro 2002 okazis grava ŝanĝo en la hispana leĝo pri la universitatoj, kiu siavice alvenis el eŭropaj politikaj kaj ekonomiaj movoj. Tiuj movoj postulis klarajn adaptiĝojn de la universitatoj (MANZANO-ARRONDO, 2012). Amaso da institucioj protestis kaj pri la enhavo de la nova leĝo kaj pri la maniero realigi ĝin. Mia universitato estis unu el la multaj, kies ĉiutageco abrupte ŝanĝiĝis per pluraj agadoj, kiuj celis montri la maltaŭgecon de la nova leĝo. Plie, precize en mia universitato la studenta movado estis fortega. Miloj da studentoj kuniĝis en assembleoj kaj aktiviĝis per diskutrondoj, redaktado de gvidiloj kaj manlibretoj pri tio, kio estas la universitato. Post unu monato mi atingis rektan fluan kontakton kun la ses-ok studentoj pli aktivaj, kies vizaĝoj komencis aperi en la amaskomunikiloj. Ili atingis bonajn rezultojn en la ekzamenoj, estis admirataj de aliaj kiel studentoj helpemaj, saĝaj, memstaraj kaj kapablaj sinoferi. Tio lasta substrekendas. Plurfoje universitato ŝajnas koincido de homoj, kiuj paŝas unuope laŭ siaj personaj defioj, sen ia sento de komuna destino (MANZANO-ARRONDO, 2015; MACFARLANE, 2005). Tiuj studentoj male kondukis. La rektoro kaj la registraro dekomence apogis la movadon. Post iom da semajnoj ili jam decidis, ke estas momento reveni al la klasĉambroj kaj akcepti la leĝon. Paŝon post paŝo pluraj profesoroj same decidis. Sed tiu grupo de studentoj restis aktivaj. Estis konkreta dato: mezo de januaro de 2003. Tiam okazis grava kunveno de rektoroj el la lando. Studentoj petis daŭrigi la reziston por doni eksteran forton al tiu kunveno, montrante ke la universitato ankoraŭ memstaras. Sed kiam alvenis la Kristnasko de 2002, ili kaj malmulte da profesoroj restis izolataj. Studentoj planis videbligi la problemon al la socio starigante tendaron en la ĉefa placo de la urbo, antaŭ la urbodomo. Tiu sperto multe instruis min. Studentoj instruis piedirantojn pri siaj fakoj. Ili helpis unu la aliajn. Ili loĝis, kuiris kaj dormis tie. Eĉ kelkaj sendomuloj ekhavis spacon kaj komprenon en tia komunumo. Unu el tiuj lastaj estis drog-dependulo. Mi observis lian ŝanĝiĝon. Ju pli da tempo en la studenta komunumo des pli da rideto en liaj lipoj, des pli da energio en liaj paŝoj. Li iĝis la oficiala kuiristo de la tendaro. Unu el la fojoj li, plorante, diris al mi



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

"Ĉi tie unuafoje en mia vivo, mi sentas min homo. Tiuj knaboj estas miaj gepatroj". Samtempe, miaj kolegoj komencis senti iom da malkomforto. Se luktantoj ankoraŭ levas la flagon de la alternativoj, malfacile oni penas reveni al la normaleco. Fakte ĉiuj el miaj kolegoj, kun kiuj mi tiam intense paroladis, konsentis kun la diskursoj de la studentoj, sed ili opiniis, ke jam estas momento lasi rezisti. Ju pli proksima estis la dato de la rektora kunveno, des pli streĉiga estis la etoso. Fine la rektoro publikigis sian opinion en la amaskomunikiloj tiel, ke ekde tiam la malamikoj jam ne estis la kreantoj de la leĝo, sed tiuj studentoj apud la urbodomo. Unu semajnon poste, policanoj demetis la studentojn de la planko per hosoj, kies akvo kapablis malalglui la tendojn. Ili perdis komputilojn kaj plurajn materialojn. Sed ĉefe ili perdis la fidon esti akompanataj de liaj universitatoj. Ili skribis tekston por la ĵurnaloj. Sed neniu el tiuj akceptis publikigi ĝin. En tuja asambleo, la studentoj decidis partopreni renkontiĝon de la universitata registraro, peti klarigojn kaj legi manifeston. Ili oficiale petis permeson. Sed la respondo ne alvenis. La daton de la registrara kunveno, jam malgranda grupo de studentoj kuniĝis antaŭ la pordo de la universitato, malantaŭ kiu la registraro baldaŭ renkontiĝos. Ili tion decidis en publika asambleo. Do universitata registraro sciis pri la plano kaj avertis amaskomunikilojn, kies kameraoj atendis malantaŭ la pordo. Enaj policanoj (EP) de la universitato prenis kontrolon de la situacio ankaŭ atendante la studentojn. Kiam ili alvenis, la EP-anoj fermis ĉiujn pordojn. Kelkaj studentoj ekkriis kaj komencis plori sen scii, kiel interpreti la situacion esti malliberigitaj. Unu el la EP-anoj prenis fajrestingilon kaj ŝutis la enhavon sur la korpojn de la pli proksimaj studentoj. Kelkaj el tiuj reagis kiel en batalo, paŝis antaŭen, rompis la pordon kaj eniris en la kunvenon. Ene la nervozaj kunvenantoj aŭskultis la plendojn kaj la manifeston. La kameraoj registris ĉion. Post tio, la studentoj eliris kun la sento de la devigo farita.

Tio, kio okazis poste, estas hontema paĝo en la historio de mia universitato. Spektantoj de amaskomunikiloj komencis nomi teroristojn al tiuj studentoj. Rektoro publikigis artikolon anoncanta la tujan forpeladon de tiuj malbonuloj. La policanoj serĉis tiujn studentojn kaj alportis ilin al malliberejo, kie ili restis dum tri tagoj. Tiam mi serĉis apogon de kolegoj. Iliaj reagoj estis mia plejmalbona universitata sperto ĝis nun. Kolegoj kiuj fakas pri edukado, pri psikologio, pri sociologio... volonte forlasis siajn



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

fakojn kaj kondukis kvazaŭ ebruloj petante justecon, tio estas, ke la registraro punu tiom forte tiujn teroristojn, ke neniu poste denove pensu fari tiom malbonan agon. Estis centoj da sciencistoj kaj edukistoj, kiuj petis revenĝon al studentoj. Miaj klopodoj aranĝi kunvenon de kolegoj kaj analizi la situacion estis nesukcesaj. "Ni estas iliaj instruistoj! Ni reagu universitate! Ni estas sciencistoj! Ni esploru pri tio, kio okazis!" Sed mi ne atingis eĥon. Kelkaj studentoj petis ŝanĉon klarigi pri la afero. Sed miaj kolegoj malpermesis iun ajn renkontiĝon.

10 jarojn poste, la studentoj estis taksitaj senkulpaj en juĝejo. Kelkaj kolegoj private pardonpetis min, per asertoj kiel "Nun mi ne kapablas klarigi, kial tiam mi tiel reagis". Nur unu el tiuj brilaj studentoj finis la studojn.

Kion mi lernis?

Inter aliajn sciojn mi lernis, ke homoj estas homoj kaj ke la scienceto loĝas en aparta malfacile trovebla loko el la menso. Famaj kolegoj, kiuj havis la historian ŝancon uzi sian publikigitan scion por kompreni kaj helpi la situacion, tion ne faris. Verŝajne multo el tiu scio loĝas nur en la libroj. Tia konduto malhelpas kredi je scienco, ĉar ĝi devas esti tia, ke ĝi ege klopodu havi, fortigi kaj protekti la rilaton kun la realo, kialo de ĝia ekzisto. Se sciencisto estas honesta homo kun malfermata menso, kies celo estas kompreni la okazaĵojn, la sperto rakontita ne devintus okazi. Anstataŭ tio, sciencistoj devintus unue intervjui al la studentoj kaj uzi la sciencan scion por kompreni tion, kio okazis. Siavice, sciencistoj emus science lerni kaj plibonigi siajn modelojn. Nenio el tio okazis.

Dum tiaj monatoj, kelkaj profesoroj realigis universitatan movadon, kies nomo estas Universitato kaj Socia Engaĝiĝo (ANDRÉS kaj MANZANO-ARRONDO, 2004) (mallongige USE). Ĝia aktiveco daŭras nuntempe. La historio de nia agado en la universitato estas ankaŭ lerniga. Ni realigis kursojn, publikigis, starigis rilatojn kun la kvartaloj el la urbo kaj esploris laŭ la bezonoj de popolaj organizadoj, kiuj serĉis sciencan helpon. Tiu sperto instruis min pli ol mia studenta epoko. Mi rimarkis la grandan distancon inter la teorioj, kiujn ni instruas en la klasĉambroj, kaj la realo. Ekde 2001 mi estas en sinsekva rilato kun sociaj movadoj, kun kiuj mi realigas esploradojn. Ne nur mi helpas ilin. Ĉefe ili helpas mian sciencan konon, ĉar solvi surstratajn realajn

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

problemojn estas la plej postulema defio por la scienco. Kiam mi petas helpon al kolegoj el malsamaj disciplinoj, kiuj ne partoprenas la menciitan movadon, la reago kutime samas. Rapide priskribita, temas pri konduto de homoj, kiuj sentas komforton en sia kutima universitata ĉiutageco, sed timas la defiojn de la strato, loko kiu ne scias pri la sciencaj disciplinoj. La aro de spertoj helpis min verki libron (MANZANO-ARRONDO, 2012), kies publikigo malfermis kontakton kun pluraj movadoj en la mondo, kiuj okupiĝas pri kritika rigardado kaj al scienco kaj al universitato. Tiu rilato estas ankaŭ alia riĉa fonto de lernado, kiu humiligas la sciencon.

USE rilatigis min kun saĝuloj. Danke al USE, mi tiam ekkonis sciencistojn, kiuj akceptis tiun postuleman defion: helpi realajn homojn, kiuj suferas realajn problemojn, reale solvi ilin per scienca scio. Ekzemple, arkitektoj kunlaboris kun aktivuloj de konkreta kvartalo, kie la urbodomo decidis apliki ŝajne nekongruan planon. Tiuj kolegoj kolektis datumojn, analizis, atingis konkludojn, redaktis sciencon raporton kaj liveris ĝin al la urbodomo, tiel ke la kvartalo fine influegis la rezulton, ĉar la scienca esploro montris ilian pravon. Same okazadas rilate al la fakoj matematiko, sociologio, psikologio, terkulturo, edukado, informadiko, ekonomio, inĝenierado kaj aliaj. Dum la unuaj jaroj ni organizis kursojn, kies celo estis kompreno de la mondo ekde pluraj vidpunktoj. Tiam mi multe lernis aŭskultante profesorojn pri medicino, komunikado, rajtoj, biologio ktp, kiuj altnivele montris la biasojn de iliaj disciplinoj kaj la realajn defiojn, kiuj ankoraŭ atendas ilin.

Kion mi lernis?

Inter aliaj scioj mi lernis, ke kontakto kun realaj ĉiutagaj okazaĵoj estas granda defio je evoluigo de scienco. Tamen, scienco kutime estas realigita de homoj kiuj serĉas sekurecon ene de siaj skatoloj de specialiĝo, per la protektado de sia fako. Krom aliaj kutimaj manieroj atingi scion ene de la homaj sciencoj, mi eklernis alirojn kiel la Esplorado-Agado Partoprenata (BALCAZAR, 2003) aŭ la Lernado-Servo (SPECK, 2001), modeloj kiuj helpis min plani, provi kaj plibonigi aliajn (MANZANO-ARRONDO, 2014; MANZANO-ARRONDO kaj SUÁREZ, 2015; MANZANO-ARRONDO, PEDROSA kaj SOTO, 2017).

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Konkretaj spertoj pri konkretaj flankoj el la scienco

1. Kiel sciencistoj elektas celon aŭ problemon

Laŭ la tekstoj pri scienco la celoj de la esploradoj alvenas el la scienca scivolemo, danke al la rimarko de iu manko de scio, ia nekoherco en la teorio aŭ la bezono resume scii pri la stato de iu konkreta kampo. Ĉiuj celoj fone kuniĝas en la serĉado de nova kono. Alon (2009) proponas elekti celon, kiu havu bonajn poentojn en la dimensioj de la allogo kaj de la realigo; alivorte temas pri problemoj, kiuj povas esti facile exploreblaj kaj samtempe veku intereson en la scienca komunumo. Ĉiukaze oni priskribas ĉi tiun flankon el la scienco substrekante la problemon mem ene de la kono amasigita en la disciplino aŭ fako. Tamen, la realo ŝajnas esti alia.

Sciencisto ne naskiĝas sed iĝas. Kutime tio okazas kiam tiu homo deziras labori en la universitato kaj alproksimiĝas al konkreta grupo aŭ esploristo, per kiu oni atingos la meritojn bezonatajn por malfermi la pordon de la institucio. Tiu grupo jam estas laboranta pri iu konkreta fadeno ene de la disciplino. La nova esploristo aliĝas al tiu fadeno. Li aŭ ŝi ne elektas la problemon, sed la vojon havi sukceson en la celo atingi postenon ene de la universitata kariero. Vojaĝante ene de la fadeno, la unuaj problemoj ligiĝas al la sekvantaj ĉefe per la modlado, kiu devenas de la sukcesoj aŭ fiaskoj en la klopodo publikigi rezultojn aŭ atingi monan apogon en publikaj alvokoj. Ĉar la deziroj publikigi kaj atingi monan apogon grandas, la esploristoj ŝajnas havi precizan atenton rimarki tion, kiu estos sukcesa (CHENG, 2011; TEELKEN, 2012).

Dum miaj jaroj en la universitata vivo, mi havis ŝancon ne nur observi tiun funkciadon, sed ankaŭ rimarki la altnivelan kapablon de multaj kolegoj adaptiĝi al sukcesaj vojoj. Vere malofte mi aŭskultas ilin parolantaj pri la pasio, kiu alvenas de la problemoj mem, sed pri la oportuno okupiĝi pri la temo T1, kiu amasigas publikigaĵojn lastatempe; aŭ pri la temo T2, kiu ŝajnas ekesti modo. Pluraj esploristoj ŝanĝas terminojn aŭ redifinas problemojn laŭ la lastaj sukcesaj publikigaĵoj (MANZANO-ARRONDO, 2019).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

2. *Ĉu vere la kerno de la afero estas la esplorado?*

Laŭ kutima priskribo, la scienco bone paŝas ĉar la sciencistoj enfokusiĝas en la problemoj mem aŭ en la defio de la scio aŭ en la metodo, kiel dirite. Alivorte, la graveco loĝas en la esplorado. Tamen mia sperto estas alia. Certe la esplorado gravas, sed plurfoje pli gravas la esploro.

Antaŭ ol eniri en la universitato, mia cerbo boladis pri ideoj esplori. Meze de la unua kurso mi parolis kun profesoro, kies fako estas la esplorado de la homaj perceptoj. Mi alportis du planojn esplori precize priskribitaj. Li donis al mi permeson ekparoli. Mi komencis prezenti la planojn. Sed post la dua frazo, li subite demandis "Je kiu kurso vi studas?", "Mi estas studento de la unua jaro", "Bone, do kiam vi estos en la lasta, revenu". Tiam li petis min eliri el la laborĉambro. Jarojn poste, kiam mi jam estis profesoro pri metodologio de la scienco, hazarde trovis tiujn foliojn en forlasita skatolo. Per granda intereso legis ilin. Ankoraŭ hodiaŭ mi taksas ilin bone planitaj. Sed ili povintus esti alispecaj. Gravas la reago de la profesoro. Por li la kerno de la afero ne estis la konkreta esplorplano, sed la taksado de la esploro.

Post mia doktoriĝo en psikologio, kiel kutime mi sendis al sciencaj revuoj proponojn de artikoloj, kiuj konsistis el rezultoj de la disertacio pri samplaj enketoj. La reago de du el tiuj revuoj surprizigis min. Unu el ambaŭ demandis pri mia fako. "Mi estas psikologo" estis la respondo. La eldonisto rifuzis revizii mian proponon ĉar "psikologoj ne fakas pri enketoj". Poste mi publikigis tiun artikolon en alia revuo, sed tia reago prezentis min unufoje nesciencajn kialojn por akcepti aŭ rifuzi proponojn.

3. *Ĉu vere la sciencisto estas homo de malfermata menso?*

Jam dirite: sciencisto estas homo, kies konduto sekvas raciajn motivojn rilate al la sciencaj problemoj kaj defioj. La spertoj, tamen, montras ke la antaŭjuĝoj kaj nesciencaj konkludoj ankaŭ forte klarigas la konduton de sciencistoj.

Kiam mi studis en la tria jaro pri psikologio, alvenis sur miajn manojn libro pri parapsikologio. Tiam mi legis ĉion. Do ĝin mi ankaŭ tra legis. La enhavo allogis min. Temis pri eksperimentoj, per kiuj la esploro provis, ĉu kelkaj asertoj de la parapsikologio havas empirian bazon. Kelkaj el la eksperimentoj priskribitaj ŝajnis al mi



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

facile respertebaj. Do mi ekpaŝis sur tiu vojo. Tiam mi serĉis du el la profesoroj, kun kiuj mi jam spertis kelkajn komfortajn babiladojn pri la naturo de la scienco. La unua el ambaŭ reagis dirante "Mi ne povis imagi, ke vi estas tiom facile stultigita. La psikologio estas serioza scienco!" Mi klopodis respondi dirante, ke ĉar ni estas scienco, ni science akceptu aŭ rifuzu hipotezojn per realigo de eksperimentoj, ne per antaŭ-juĝoj. Sed li jam ne aŭskultis min. La alia profesoro eĉ ne lasis ke mi finu la rakonton pri mia scivolemo. Li haltigis dirante "Nek mi scias pri tio, nek mi sciu. Kia stultaĵo!" Vera sciencisto, laŭ la priskriboj, reagintus eĉ pasie ekzemple per "Bone ke vi havas tiom da scivolemo! Esploru! Eksperimentu! Se vi trovas ion, ne forgesu rakonti tion al mi. Tamen mi pensas, ke tiaj eksperimentoj ne donos al vi fruktojn, ĉar laŭ mia scio, tiu teorio ne kongruas kun aliaj, pri kiuj mi fakas". Sed tio ne okazis.

En mia doktoriĝo pri edukado, kiu okazis en alia universitato, la direktoro klopodis krei komisionon per fakuloj, tiel ke la diskuto estu intensa, fona kaj science fruktodona. Mi fieras pri tiu klopodo. La kvin membroj de la komisiono estis homoj kun vasta sperto en la temo, ne nur rilate al publikigaĵoj sed ankaŭ kun politikaj spertoj kaj praktikaj scioj. Tamen la universitato ne akceptis unu el ili, ĉar li ne havis "la bezonatan rangon". Li estis doktoro, kiu multe laboris pri la temo, kaj estis sufiĉe admirita kaj agnoskita de la specifa komunumo. Pro la rifuzo, la direktoro decidis elekti la plej altrangan profesoron el la universitato, kiu tamen sciis absolute nenion pri la temo. La universitato akceptis ĝin. La rifuzita estis private invitita de ni kaj partoprenis la diskuton. Poste ni ĉiuj subskribis tekston, kie la subskribantoj denoncas tian universitatan funkciadon. La vicrektoro respondis per io simila al "Mi komprenas tion, kion vi diras. Ni studos ŝanĝon de la normoj". Jam pasis 13 jaroj kaj ankoraŭ ne okazis tiu ŝanĝo.

Dum la du unuaj jardekoj de mia sperto kiel profesoro mi instruis pri scienco ekde la vidpunkto de la pozitivisma kvanta aliro. La bezono trovi respondojn solvi realajn problemojn kaj la kontakto kun la entreprena mondo, kie disciplinoj kaj modeloj ne gravas, sed rezultoj, helpis min atingi la konkludon, ke tia aliro ne sufiĉas. Pluraj legadoj kaj kontakto kun kolegoj de USE malkovrigis min al la mondo de la kvalita epistemologio, pri kiu lastajn ses jarojn mi ankaŭ instruas en la universitato. Temas

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ankaŭ pri scienco, sed pli humila, kiu scias pri la influo de la esploristo sur la esploro kaj pri la bezono esti pli konscia rilate al la homa rolo en la kompreno de tio, kion oni esploras (SANDÍN, 2000). Krom la vasta scio, la sukcesaj metodoj kaj la gravaj rezultoj atingitaj de la kvalita metodologio, ankoraŭ oftas la sinteno kaj aserto en la sociaj sciencoj, ke scienco nur estas tio, kion oni atingas per pozitivisma versio de la esploragado (KIDD, 2002).

Konkludoj

Oni ne rajtas realigi sciencan teorion per ununura eksperimento nek per persona spertaro. Sciencan teorion estas postulata atingi, kiu bezonas penon kaj daŭrajn klopodojn studi ĝian taŭgecon. Sed ankaŭ ni defendas en scienco, ke nur unu sperto sufiĉas por montri la malveron de iu teorio, kiam datumoj kaj teorio ne kongruas. Mia spertaro ne meritas teorion, sed rifuzas la aserton, ke scienco estas tio, kion oni kutime priskribas per manlibroj pri ĝenerala aŭ specifa scienco. Pli bone, ke oni fortigu la ideon, ke la reala scienco estas tio, kion faras normalaj homoj, nomitaj sciencistoj. Kompreni sciencan teorion implicas kompreni la homan konduton.

Tamen, la teoria priskribo pri scienco povas roli kiel gvidon. Kiel defendis Derrida (2002) kaj Barnhizer (1993) inter aliaj, la institucioj de la scio devas esti liberaj. Tiu libero ne estas privilegio sed devigo por la institucioj kaj garantio por la socio. Por ke tia libero realiĝu nepre necesas la digneco de la sciencistoj. Se daŭre sciencistoj kondutas kiel obeemaj homoj, kiuj ĉefe emas forkuri de la danĝero, sinprotekti kaj individue sukcesi, la institucio ankaŭ daŭre restos tiom facile kontrolebla —malliberigata— kiel ĝi nun estas. Nuntempe la plej sukcesa maniero sklavigi sciencistojn estas la sistemo de premioj kaj punoj, kiu modlas la tutan sciencan konduton per unu el ĝiaj pluraj eroj: la disvastigo de la scio. Mi okupiĝis pri tio en Manzano-Arrondo (2017a, b) priskribante la kritikojn amasitajn ĉirkaŭ la elstara ĉefrola sciencista konduto publikigi kaj la povon de la diskursoj.

Scienco estas unu el la plej elstaraj verkoj de la homaro. Tiom brila, ke facile oni konfuziĝas, akceptante ke racio pli gravas ol emocio; ke oni povas esti gvidata nur de la

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

unua, venkante la duan; ke sciencistoj estas herooj, specialaj homoj, kiuj kapablas je tia venko; aŭ ke neniu alia maniero atingi scion meritas ricevi tian validigon.

Mia celo ne estis teoriumi pri la temo, kolektante ion el la vasta kritikaro pri scienco. Mia celo estis nur kunhavigi miajn personajn spertojn, per la individua interpretado de tiu, kiu spertis. Estus bone se ĉi tiu honesta konfesaro atingas de la leganto la konkludon admiri sciencon pro tio, kion ĝi reale faras; ne pro tio kion oni kutime rakontas en la studobjektoj pri enkonduko al la scienco.

Referencoj

ACEVEDO-DIAZ, J.A. kaj GARCIA-CARMONA, A. Uso de la historia de la ciencia para comprender aspectos de la naturaleza de la ciencia. Fundamentación de una propuesta basada en la controversia Pasteur versus Liebig sobre la fermentación. **Revista CTS**, v. 11, n. 33, p. 203-226, 2016.

ALON, U. How to choose a good scientific problem. **Molecular Cell**, v. 35, n. 6, 2009.

ARSIOLI, B. O que é natureza da Ciência e qual sua relação com a História e Filosofia da Ciência? **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 7, n. 1, p. 32-46, 2014.

BALCAZAR, F. E. Investigación acción participativa (iap): Aspectos conceptuales y dificultades de implementación. **Fundamentos en Humanidades**, n. 4, p. 59-77, 2003.

BARNHIZER, D. Freedom to do what? Institutional neutrality, academic freedom, and academic responsibility, **Journal of Legal Education**, v. 43, n. 3, p. 346-357, 1993.

CHENG, M. The perceived impact of quality audit on the work of academics. **Higher Education Research & Development**, n. 30, p. 179-191, 2011.

DERRIDA, J. **Universidad sin condición**. Madrid: Trotta, 2002.

FALS-BORDA, O. La Ciencia y el pueblo. En: Fals Borda, O.; Hall, B.I.; Grossi, F.V.; Cohen, E.; Le Boterf, G.; Rubín, E.; Pierre, J.; Grandott, F.; de Shutter, A.; de Wit, T. kaj Glanotten, V. (Orgs.), **Investigación participativa y praxis rural**. Lima: Mosca Azul Editores, p. 19-47, 1988.

KIDD, S.A. The role of qualitative research in psychological journals. **Psychological Methods**, v. 7, n. 1, p. 126-138, 2002.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

LEDBETTER, E.G. Komence, kio estas scienco? **Internacia Gazeto**. Disponibla en <https://sites.google.com/site/sciencaredakcio/komence-kio-estas-scienco>, 2008.

MACFARLANE, B. The disengaged academic: the retreat from citizenship, **Higher Education Quartely**, n. 59, p. 296-312, 2005.

MEJÍA, E. **Metodología de la Investigación Científica**. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2005.

MANZANO-ARRONDO, V. Un estudio en el aula. **Ágora**, v. 1, n. 1, p. 11-19, 1986.

_____. **Domine el SPSS/PC+**. Madrid: Ra-Ma. 1989.

_____. **La Universidad Comprometida**. Vitoria: Hegoa. 2012.

_____. Il Barómetro Cittadino. La risposta dell'Università per unire didattica, ricerca, azione. **Rivista Internazionale di EDAFORUM**, v. 9, n. 23. p. 1-18. 2014.

_____. Academia, evaluación y poder. **RASE. Revista de la Asociación de Sociología de la Educación**, v. 8, n.2, p. 197-222, 2015.

_____. Hacia un cambio paradigmático para la evaluación de la actividad científica en la Educación Superior. **Revista de la Educación Superior**, n. 46, p. 1-35, 2017a.

_____. Lingva subpremata diskurso kaj nuntempa universitato. **Language Communication Information. Jesyk Komunikacja Informacja**, n. 12, p. 121-135, 2017b.

_____. Qué estamos haciendo mal en la Universidad. In DE LA HERRÁN, A., VALLE, J.M. kaj VILLENA, J.L. (Orgs.) **Qué estamos haciendo mal en la educación. Reflexiones pedagógicas para la investigación, la enseñanza y la formación**. Barcelona: Octaedro, pp. 157-182, 2019.

MANZANO-ARRONDO, V., PEDROSA, B. kaj SOTO, J.L. Sinhogarismo inmigrante. Un caso de investigación-acción universitaria en el contexto de la recogida de aceituna en Úbeda. **Hábitat y Sociedad**, n. 10, p. 223-244, 2017.

MANZANO-ARRONDO, V. kaj SUÁREZ, E. Unidad de Acción Comprometida: una propuesta de solución ante el problema universitario del servicio a la sociedad. **Hábitat y Sociedad**, n. 8, 147-166, 2015.

PATRICIO, A.; BONAN, L., PORRO, S. kaj ADÚRIZ-BRAVO, A. Las imágenes inadecuadas de ciencia y de científico como foco de la naturaleza de la ciencia: estado



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

del arte y cuestiones pendientes. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 20, n. 3, p. 535-548, 2014.

RODEN, J. kaj WARD, H. O que é ciência? *In* Ward, H.; Roden, J.; Hewlett, C. kaj Foreman, J. (Orgs.), **Ensino de Ciências**. Porto Alegre: Artemed, p. 13-33, 2010.

SANDIN, M.P. Criterios de validez en la investigación cualitativa: de la objetividad a la solidaridad. **Revista de Investigación Educativa**, v. 18, n. 1, p. 223-242, 2000.

SPECK, Br. W. Why Service-Learning? **New Directions for Higher Education**, n. 114, p. 3-13, 2001.

TEELKEN, Ch. Compliance or pragmatism: how do academics deal with managerialism in higher education? A comparative study in three countries. **Studies in Higher Education**, n. 37, p. 271-290, 2012.

Recebido em: 19/04/2021

Aprovado em: 21/05/2021

Publicado em: 22/07/2021



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

RELIGIOSIDADE, MITO E CINEMA: o mito nórdico em *Valhalla – a lenda de Thor* (2019) e sua potencialidade educativa**RELIGIOSITY, MYTH AND CINEMA: the Nordic myth in *Valhalla - the legend of Thor* (2019) and its educational potential****RELIGIOSITY, MYTH AND CINEMA: la nordia mito in *Valhalla - the legend of Thor* (2019) kaj ĝia eduka potencialo**Rafael Egidio Leal e Silva¹⁴**Resumo**

O objetivo deste texto é discutir os temas da religiosidade, o mito nórdico e a cinema, principalmente em relação à educação escolar. Ao observarmos nossa sociedade, o desafio de educar conferindo humanização implica em inserir o debate científico e democrático nas escolas, ainda que em temas polêmicos, como a religiosidade. Consideramos que o cinema (e a arte em geral) são poderosas ferramentas para inserir este debate, não apenas como educação de conteúdo, mas também de emoções e afetos. Para isto, o professor deve tomar o papel de mediador deste processo, através de preparação acerca da arte cinematográfica e dos temas abordados, mas sem pretender ser o dono da verdade neste processo. Ilustramos tal discussão com o filme *Valhalla – a lenda de Thor* (2019), produção dinamarquesa que apresenta uma visão diferente da estadunidense do deus nórdico Thor, inclusive muito mais vinculada ao seu mito originário, o que pode render um bom exercício interpretativo acerca do papel do mito em sala de aula.

Palavras-chave: Cinema. Religião. Mito. Educação. *Valhalla – a lenda de Thor*.

Abstract

The purpose of this text is to discuss the themes of religiosity, the Nordic myth and cinema, mainly in relation to school education. When observing our society, the challenge of educating by giving humanization implies inserting the scientific and democratic debate in schools, even if in controversial themes, such as religiosity. We consider that cinema (and art in general) are powerful tools to insert this debate, not only as an education of content, but also of emotions and affections. For this, the

¹⁴ Mestre em Psicologia (2012) pela Universidade Estadual de Maringá. Especialização em Teoria Histórico-Cultural (UEM/DPI 2006), História das Religiões (UEM/DHI 2009) e Sociologia no Ensino Médio (UEPG/2016). Bacharel em Direito (UEM/1999), Licenciatura em Ciências Sociais (UEM/2008) e em História (UEM/2020). Atualmente é Docente RSC-III do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico, atuando no eixo tecnológico "Ciências Humanas e suas tecnologias" na área de conhecimento de Sociologia no Instituto Federal do Paraná - Campus Umuarama. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2271-1308>. E-mail: rafael.silva@ifpr.edu.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

teacher must take the role of mediator of this process, through preparation about the cinematographic art and the topics covered, but without pretending to be the owner of the truth in this process. We illustrate this discussion with the film *Valhalla* (2019), a Danish production that presents a different view of the American Norse god Thor, which is much more linked to his original myth, which can yield a good interpretive exercise on the role of myth in the classroom.

Keywords: Cinema. Religion. Myth. Education. *Valhalla*.

Resumo

La celo de ĉi tiu teksto estas diskuti la temojn de religieco, la nordia mito kaj kino, ĉefe rilate al lerneja edukado. Kiam ni observas nian socion, la defio eduki edukadon humanigas implicas enmeti la sciencon kaj demokratan debaton en lernejojn, eĉ se pri diskutataj aferoj, kiel religieco. Ni kredas, ke kino (kaj arto ĝenerale) estas potencaj iloj por enmeti ĉi tiun debaton, ne nur kiel edukado de enhavo, sed ankaŭ de emocioj kaj korinklinoj. Por tio, la instruisto devas preni la rolon de peranto de ĉi tiu procezo, per preparo pri la kinematografia arto kaj la temoj traktitaj, sed sen ŝajni esti la posedanto de la vero en ĉi tiu procezo. Ni ilustras ĉi tiun diskuton per la filmo *Valhalla - the legend of Thor* (2019), dana produktado, kiu prezentas malsaman vidpunkton pri la usonano de la norena dio Thor, eĉ pli ligita al ĝia originala mito, kiu povas doni bonan interpretan ekzercon pri la rolo de mito en la klasĉambro.

Ŝlosilvortoj: Kino. Religio. Mito. Edukado. Valhalo - la legendo de Thor.

Conforme avançamos adentro ao século XXI parece que o peso fantasmagórico das gerações mortas sobre nossas cabeças é um fardo cada vez mais extenuante para os que, vivos em nossos dias, tomaram a carruagem do tempo diante de um tempo desconhecido. Com nossos espíritos imbuídos da racionalidade forjada aos auspícios da modernidade os desafios postos diante da humanidade são gigantes que desafiam a todo momento a lógica legada de tantas gerações passadas. O desencantamento, que já significou a supremacia da razão sobre a crença, em nossos dias parece ter tido seu revés: seria a razão um mito diante de seus momentos finais? Assim, as instituições que formaram os pilares de uma espécie de morada dos deuses modernos são cada vez mais desacreditadas e carecem da fé dos homens.

Diante de uma pandemia global facilmente observamos o esforço em convencer uma parcela da população que a ciência, o Estado, o trabalho ainda possuem validade diante de um panorama de melancolia e anúncio da morte. Neste singelo artigo propomos discutir e relacionar temas caros à educação de nossa atualidade (educação



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

esta que também é uma das instituições desacreditadas em nosso contexto), que a religiosidade (em sua forma mais originária, mítica) e a arte (cinematográfica). Para isto, utilizaremos o filme *Valhalla – a lenda de Thor* (2019) como exemplo de possibilidade de discussão entre os alunos acerca da potencialidade da narrativa mítica e artística e também da historicidade de ambos.

A sociedade contemporânea ocidentalizada, urbanizada e capitalista desenvolveu o cinema como uma de suas formas de arte mais massificadas, através da ideologia do progresso científico e tecnológico. Isto nos permite observar que a obra cinematográfica é um eficiente retrato de uma época, ou melhor, de nossa época, onde o homem é instigado a todo tempo a se colocar em movimento, a fim de alienar-se cada vez mais de si mesmo. Claro que a expressão cinematográfica é bastante ampla tanto em termos de gêneros, quanto em expressões em diferentes culturas. Nosso objeto aqui refere-se ao cinema em sua versão mais industrializada e voltada ao consumo, uma vez que é aquela que nossos alunos (e a juventude) em geral mais facilmente e massivamente consome.

Tal movimento expresso pelo cinema que reproduz a vida moderna, já foi medido através das engrenagens das máquinas da Revolução Industrial, hoje está na velocidade vertiginosa dos *mega*, *giga* e *terabytes* de informação que podemos absorver, seja no trabalho, seja na forma de entretenimento virtual – e visual – de nossos dias. De acordo com Oliveira:

Além de um dos símbolos e uma das inovações da modernidade, o cinema significou também um meio extraordinário de circulação do conhecimento, de difusão de novas experiências e valores culturais. [...] Seja através da reconstrução do passado ou do futuro do pretérito, os filmes nos possibilitam re-visitar os eventos ocorridos ou imaginados. As transposições e as vivências que a linguagem cinematográfica possibilitam são tão marcantes, que muitas vezes tornam-se referência de como a ciência e a técnica passam a percebidas por grande parte da sociedade. Mais do que aprendizagens derivadas das práticas educativas formais, as experiências vivenciadas nos filmes acabam compondo boa parte do arsenal simbólico através do qual a opinião pública passa a vislumbrar o alcance dos empreendimentos científicos e tecnológicos. (OLIVEIRA, 2006, p. 135).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Embora tal citação esteja em um contexto de obras de ficção científica, a mesma pode também ser lida quando o tema da obra fílmica seja a mitologia ou a religião. Considerando que cada vez mais a educação familiar é atravessada e mediada pelos aparelhos eletrônicos – TVs, *smartphones*, computadores e *notebooks* – e com mídias audiovisuais cada vez mais intensas e sedutoras, o próprio papel do mito (a narrativa) é em nossos dias transferida para corporações criadoras de conteúdo e a imaginação é hiper estimulada, incluindo aí a crença e a descrença, testadas nas histórias fantasiosas e nos efeitos especiais críveis – ou não – para olhares cada vez mais treinados em termos técnicos já em início na tenra infância.

Se no seu início o cinema era um dispositivo que ocupava um determinado lugar nas cidades, ao longo do século XX passou a ser disponibilizado na televisão e, com o avanço tecnológico do século XXI e da rede *web* é facilmente distribuído diretamente nos lares e aparelhos celulares através de serviços de *streaming* (Netflix, Amazon Prime, entre outros). Com a pandemia de COVID-19 desde o ano de 2020, obras cinematográficas passaram a ser distribuídas diretamente aos consumidores, evitando-se por motivos de precaução higiênica a utilização de salas de cinemas, tendência que provavelmente perdurará.

Toda arte tem muito a contribuir com o processo educativo, mas o aspecto audiovisual do cinema o torna tão atrativo e ao mesmo tempo interessante do ponto de vista educacional. Através dele, muitas narrativas e até mesmo teorias ganham cores e texturas, sons e atuações. Claro, há a necessidade constante da mediação do professor, afinal o cinema é arte (incluindo aí o gênero documentário), e seu compromisso é com a arte (e a indústria da arte ao qual está inserido).

Ao professor cabe direcionar o olhar dos estudantes, tanto para os exageros, quanto para os equívocos e para os acertos dos filmes. É também necessário que o professor saiba indicar filmes que possam ser aproveitados em sala de aula, e para isto deve ser um consumidor assíduo (e crítico!) de filmes, e não apenas dos blockbusters da indústria – especialmente estadunidense – mas procurar diversificar seu olhar com produções de outros países e continentes.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Importante também ressaltar que os filmes possuem o revés de dificilmente poder ser exibidos em sala de aula. Infelizmente seu formato costuma ser comercial, e não educacional. Queremos dizer com isso que até mesmo sua duração torna dificultosa a exibição em horário escolar. No entanto, a tecnologia de nossos dias permite uma difusão muito rápida de filmes em canais de *streaming* e pelo sítio Youtube (é o caso do filme escolhido), permitindo que os alunos assistam em casa, e não necessariamente de uma só vez, mas pausando e reiniciando (temos que considerar que as gerações de hoje têm muita dificuldade de prender a atenção por mais de 15 minutos em uma única obra audiovisual).

Quando tratamos da educação em sua perspectiva escolar sem dúvidas o cinema pode ser um valioso aliado. O olhar do professor pode, com o auxílio de algumas obras, penetrar profundamente tanto no conhecimento quanto nos sentimentos dos alunos. Claro, tal instrumento – a utilização da arte cinematográfica na sala de aula deve ser objetiva, com finalidades claras por parte do docente e do conteúdo a ser ministrado – deve ser sempre questionado, devendo fazer parte da educação o ensino do olhar e quais ideias estão sendo passadas nas telas.

Devemos nos atentar que a maior parte dos filmes consumido no Brasil são produzidos por Hollywood, a indústria cinematográfica estadunidense, dominante do mercado mundial de filmes voltados às massas, e eventual propagadora dos mandamentos do capitalismo e do modo de vida e da ideologia dos Estados Unidos, conforme Loureiro:

Os produtos da indústria cinematográfica hegemônica têm por objetivo não apenas divulgar hábitos e valores da cultura estadunidense, mas, em última instância, encobrir o processo de trabalho que envolve a produção de um filme. Os filmes dessa indústria manifestam características como: 1) apresentam-se como mais reais do que a própria realidade, mas, contraditoriamente, lançam mão de uma realidade ficcional na qual o *happy end* é fundamental; 2) aparecem como um mecanismo fiel de reprodução do mundo sensível; 3) fazem de tudo para igualar o fenômeno que aparece na tela ao mundo real propriamente dito e, desta forma, contribuem para a manutenção do conformismo do espectador. (LOUREIRO, 2008, p. 141).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Verificamos que embora o autor mencione claramente o conjunto de ideias estadunidenses (hollywoodianas) também fazem parte de uma série de produções que visam o circuito comercial, não necessariamente oriundas deste país. Claro, consideramos que o cinema necessita de uma produção que envolve múltiplos aspectos e profissionais, sendo também uma expressão de arte cuja produção é cara, e, em um contexto capitalista entre seus objetivos é a lucratividade. No entanto, também são produzidas obras que não visam tanto a massificação da audiência, mas nos levam a reflexões muitas vezes profundas.

No caso em tela, *Valhalla – a lenda de Thor*, não é um filme estadunidense (provém da Dinamarca), mas também está bem longe de ser uma obra que suscita profundas reflexões, sendo direcionada para um público infanto-juvenil. Acreditamos que toda obra pode ser explorada em sala de aula – guardadas, é claro, seus temas e classificação/indicação etária – desde que mediadas pelo professor. A obra fílmica é um labirinto de significações e “a forma que espectadores reais lêem os filmes não são nítidas ou puras – elas tampouco são lineares ou causais” (ELLSWORTH, 2001, p. 40). A miríade de possibilidades de leitura de uma obra é também a subjetividade do sujeito e de como ela foi construída social e concretamente.

Ao professor cabe tecer e estabelecer conexões com a realidade, suscitar o debate, estimular a imaginação e o contato com o mundo. Um papel ativo que enseja uma visão ativa por parte dos estudantes. Ainda conforme Elizabeth Ellsworth, o modo de endereçamento dos filmes (já desde sua produção) é uma potência indefinida, e aí reside seu real poder:

Assim, neste capítulo, quero ampliar ainda mais meu paradoxal argumento de que o modo de endereçamento é uma coisa poderosa que os educadores não devem ignorar, sendo preciso considerar, entretanto, que todos os modos de endereçamento “erram” seus públicos, de uma forma ou de outra. O poder de endereçamento não é, pois, o poder de obter, à vontade, respostas previsíveis e desejadas dos estudantes ou dos públicos. Não é o poder de posicionar os estudantes em algum desejado e preciso ponto do mapa de relações sociais. O poder de endereçamento não é algo que os professores possam dominar, controlar, predizer ou transformar em uma tecnologia. (ELLSWORTH, 2001, p. 44).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A possibilidade educativa do cinema pode assim ser sintetizada como um poder, tanto da produção da obra fílmica, como algo a ser explorado pelo professor. “O educador surge como um facilitador do diálogo entre os alunos, em que são expostos temas relativos ao ser humano e à vida, geralmente partindo das cenas apresentadas” (BLASCO, 2006, p. 45). E principalmente quando se trata de temas que levantam polêmicas ou são socialmente sensíveis como é o caso da religião. Não há dúvida que este tema causa comoção inclusive (ou principalmente) dentro da escola. Vejamos as considerações de Martelli acerca do contexto pós-moderno da religião:

O desencanto e a racionalização não são, portanto, um destino universal e irreversível; ao contrário, criam-se espaços e ocasiões para repensar, em termos de racionalidade substancial, nas questões-limite da experiência humana. [...]

Tendo sido deixada de lado a ênfase colocada pela modernidade sobre a secularização como racionalização unilinear e onabrangente, e tendo aparecido toda a fragilidade da secularização como subjetivação (a pós-modernidade não é apenas a época do “fim da história” mas também a “morte do sujeito”), a Religião constitui, hoje, uma reserva de símbolos e significados, reproduzidos institucionalmente, ou livremente buscados pelos indivíduos, dentro de uma multiplicidade de percursos e níveis. (MARTELLI, 1995, p. 453).

Se a sociologia da religião, em especial após Max Weber (2004), em suas teses clássicas sobre a secularização, racionalização e desencantamento do mundo, ao observar a dinâmica assumida pela religião cristã em relação ao caminho do capitalismo no ocidente, implicaria em uma dessacralização generalizada na sociedade, observamos de acordo com a citação acima que este não é um movimento simples ou linear, embora tal discussão também não apareça simplificada ou linearizada na obra weberiana (idem). Consideramos, inclusive, que no atual momento da sociedade brasileira, a religiosidade emerge como um verdadeiro barril de pólvora, ainda mais por alguns grupos (especialmente evangélicos) possuírem nítido projeto de poder político, tomando espaço da esfera pública, incluindo aí o espaço escolar e suas discussões.

O recurso do cinema é um excelente mote para iniciar – e até mesmo aprofundar – questões cadentes acerca da religião e sociedade. E quando o filme tem por tema o



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mito tal possibilidade é ainda mais interessante justamente por não debater tais questões de modo direto, mas como forma de sementes questionadoras nas mentes dos alunos. Assim, o que *Valhalla – a lenda de Thor* pode contribuir para nossos objetivos?

O mito de *Valhalla*

Ouçã!

O vento conta uma história. Yggdrasil, a árvore da vida, está enraizada no meio do mundo. Asgard é o Reino dos Deuses, aqui vive o caolho Odin, Rei dos Deuses, e o poderoso Deus do Trovão, Thor. De sua casa em Asgard, os Deuses se reúnem em Valhalla. Aqui eles recebem a adoração dos mortais, que dão força e vida aos Deuses. De Valhalla, Odin vigia todos os três reinos do mundo enviando seus corvos para obter notícias de terras distantes. Da horripilante Útgardar, lar das criaturas trolls conhecidas como gigantes, governantes da escuridão e do caos. E de Midgard, a terra dos mortais, onde vivem os orgulhosos Vikings e camponeses trabalhadores. Mas o poder e a glória dos Deuses estão diminuindo. Uma guerra de mil anos com os gigantes empurrou Valhalla para a escuridão. Uma escuridão que pode acabar em... Raganarök.

É com este prefácio que se inicia o filme ora escolhido: *Valhalla – a lenda de Thor*, produção cinematográfica dinamarquesa que tem como tema central a mitologia nórdica. Como podemos perceber trata-se de um resumo desta mitologia narrada em uma animação que pode situar o espectador neste mundo. O filme retrata uma pequena família camponesa nórdica que vive isolada e inesperadamente recebe a visita dos deuses Thor e Loki que chegam em uma carruagem guiada por dois bodes gigantes. Os deuses informam à família que irão passar a noite em sua cabana e em troca do pouso, Thor sacrifica um de seus bodes e dá a carne aos humanos sob a condição que não quebrem os ossos enquanto entretém a família com histórias da terra dos deuses (Asgard). Loki convence o jovem Tjalfe (filho mais velho do casal) a quebrar um dos ossos. Ao perceber a desobediência, Thor (influenciado por Loki) resolve tomar Tjalfe como servo e levá-lo consigo até o palácio dos deuses, o Valhalla. A irmã caçula do garoto, Røskva, acompanha o irmão escondida, deixando os pais na fazenda.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No Valhalla os irmãos conhecem o panteão divino, mas logo se decepcionam ao perceberem que se tornaram escravos de Thor e Loki e também por perceberem que os deuses já não se preocupam mais com os humanos. Em paralelo, a atenção dos deuses está voltada com a fuga do lobo Fenrir que poderá crescer tanto que iria comer o Sol e, se fosse capturado pelos gigantes, aconteceria o Ragnarök. No cativeiro, Røskva e Tjalfe conhecem Quark (um gigante escravizado por Loki) e se tornam amigos. Durante a fuga, Tjalfe se perde e é capturado pelo rei gigante Útgarða-Loki. Røskva passa a sentir uma ligação com o lobo Fenrir e Thor percebe que ela tem dons especiais. A deusa Frigg percebe que ela é a “Filha da Luz” uma mortal com poderes divinos. Para tentar libertar Tjalfe, Thor enfrenta três disputas propostas por Útgarða-Loki e é vencido. Røskva convence Odin a reunir os deuses e libertar Thor (envelhecido e quase morto), Loki e Tjalfe em cativeiro dos gigantes. Após uma batalha com Fenrir como aliado, os deuses vencem os gigantes e resgatam os cativos. A Røskva é oferecido a morada em Valhalla e um assento à mesa dos deuses, que ela recusa, preferindo retornar a Midgard, a terra dos humanos, junto a seus pais. O trio Røskva, Tjalfe e Quark retornam para a fazenda de seus pais para uma vida comum, mas com os deuses unidos e reconhecendo o valor dos mortais.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Figura 1: Cartaz de divulgação do filme

Fonte: <https://entretense.com.br/wp-content/uploads/2020/11/Valhalla-a-lenda-de-thor-poster.jpg>, data de acesso: 15/04/2021.

A Figura 01 mostra o cartaz de divulgação do filme, disponibilizado através da *web*. Muito embora propomos uma análise do filme e sabendo que a elaboração do cartaz não reflete a obra, acreditamos que esta imagem pode ser interessante para um exercício de debate em sala de aula. Em evidência está Thor, na parte superior da imagem; abaixo, está o panteão dos deuses nórdicos, com Frigg à frente, sendo evidenciado também Odin e Útgardá-Loki. Abaixo, está novamente Thor, invocando seus poderes, sendo que atrás dele está Røskva e Tjalfe. Ao observarmos a trama, vemos que Røskva é a verdadeira protagonista da película, e não Thor, sendo que ela nem possui traços claros na imagem do cartaz. Em relação ao acesso ao filme, o mesmo possui uma versão dublada no sítio YouTube, de compartilhamento de vídeos (podendo



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

facilmente ser acessado na sua busca), além de estar disponível no catálogo do canal de *Streaming* Amazon Prime, em versões legendadas e dublada.

O filme escolhido traz no seu subtítulo uma referência muito conhecida do público brasileiro, ao declarar ser “a lenda de Thor”. Isto porque o deus do trovão nórdico é um dos “heróis” mais conhecidos “deuses” do panteão nórdico entre a juventude brasileira isto com base no sucesso dos filmes baseados neste deus da franquia Marvel (Universo Cinematográfico Marvel, baseado nas histórias em quadrinhos desta empresa), com três filmes principais, de 2011, 2013 e 2017, além de participações em outras produções desta mesma sequência de filmes – “*Os Vingadores*”. No entanto, este Thor da Marvel é muito menos um deus e muito mais um extraterrestre com superpoderes próprios do mundo dos super-heróis. Asgard é muito menos a morada dos deuses e muito mais um sistema planetário entre tantos outros. A “magia” dos objetos míticos (como o martelo de Thor, por exemplo) é racionalmente explicada por arranjos biotecnológicos, e não pelo mistério vedado aos homens. O Thor conhecido pelo jovem brasileiro tem muito mais relação com a visão estadunidense de mundo do que com a religiosidade original nórdica.

Retornando para a obra dinamarquesa, entendemos que o subtítulo abrigado “a lenda de Thor” é muito mais uma forma de atrair o espectador brasileiro, pelo motivo acima. Vemos que o título original *Valhalla* faz referência apenas à morada dos Deuses. E isto porque a verdadeira protagonista é a personagem infantil Røskva, como já pudemos perceber. É ela que está em praticamente todas as cenas do filme e que a história nitidamente depende de seu arco para acontecer.

O Valhalla somente ganha sentido com o drama dela: sua chegada como mortal e escrava; sua fuga onde há o despertar de seu poder (já indicado como uma “skald”, ou vidente); o resgate de seu irmão, onde se confirma que é “Filha da Luz”; finalmente, o convite para que morasse definitivamente em Valhalla, mas que é negado por ela, preferindo sua vida mortal junto à família. Mais interessante aqui é que o enredo da estória é contado do ponto de vista de uma criança (o que não é bem realizado nesta proposta, enfim). Em muitas cenas há a aura de uma certa pureza, justamente porque é dela de que se trata o filme. No entanto não podemos ignorar que também se trata de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma personagem feminina. Embora a força de Thor seja fundamental para a trama, é a obstinação de Røskva que move inclusive o personagem do deus. A revelação que ela tem traços divinos em certo momento está em consonância com a mitologia dos antigos:

As diversas representações da deusa mostram-na como portadora de um caráter forte, como poderosa e dinâmica. A figura da deusa representada na história religiosa muitas vezes fica em nítido contraste com o conceito equivocado de que o feminino é tranquilo, passivo ou inferior. (ANDRADE *et al.*, 2013, p. 53).

Nesta produção há uma vinculação muito maior com a mitologia nórdica. Entendemos que este filme é muito mais idôneo para o debate mítico e cultural, ainda que sua produção fílmica (o enredo, os efeitos especiais) tenha nítidas falhas¹⁵. Situações e soluções parecem absurdas para o espectador treinado (especialmente através do cinema ocidental). Conforme mostraremos abaixo, justamente por este filme ter muita vinculação com a mitologia nórdica que tais situações acontecem. É um excelente motivo de debate em sala de aula: mostrar como as situações míticas, aos nossos olhos “adestrados” de hoje parecem “absurdas” mas que encontram profundos sentidos na humanidade.

Aqui é necessário discutirmos o mito e seus sentidos. Isto porque esta palavra tem cada vez mais sofrido uma série de deformações em seu sentido originário nos últimos tempos. Primeiramente até pela etimologia da palavra que significa “narração”, ou seja o mito é uma narrativa: “Ao tomar o mito como objeto histórico, o historiador das religiões deve considerar que nessas sociedades o mito é, ou foi até recentemente ‘vivo’, no sentido de que forneceria modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência” (ANDRADE *et al.*, 2013, p. 25). Talvez possamos ousar dizendo que não há um limite de vida para o mito. Se estamos ainda hoje debruçados sobre eles, é porque ainda estão vivos. E aqui vai uma crítica à nossa própria sociedade e mesmo ao conteúdo escolar, que tratou de banir o mito em troca da

¹⁵ Ver crítica mostrando os problemas da produção aqui: <http://noset.com.br/cinema/valhalla-a-lenda-de-thor-2019/>. No entanto, como nosso objetivo é educativo, e não cinematográfico, entendemos ser esta uma obra de relevância para a discussão proposta.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

lógica e cientificidade, como se o antônimo da ciência fosse a mitologia, ou como se o fazer do cientista fosse “caçar mitos”.

Em uma visão cultural, os mitos ainda vivem e povoam nossas mentes e assim como deslumbravam sociedades arcaicas que buscavam interpretar seus sentidos, ainda nos deslumbram. A própria leitura do mito deve ser diferenciada. Baseado em Levi-Strauss, vejamos o que nos diz Everardo Rocha: “Temos que ler o mito em dois níveis. Tanto no sentido normal de qualquer leitura quanto como um todo muitas vezes referenciado a outros mitos próximos daquele. Temos que perceber o mito como se percebe uma totalidade” (ROCHA, 1985, p. 82). O mito se torna um interessante tema para a sala de aula: até onde vai a totalidade proposta pelo mito?

Acerca da relação entre o mito e a narrativa fílmica, propomos aqui um exercício interpretativo, de modo a ilustrar como o mesmo pode ser direcionado em momento de aula. No filme selecionado, observamos uma interessante passagem (entre os 64 e 72 minutos), que se refere à tentativa de resgate de Tjalfe de *Útgardar*, onde fora aprisionado pelo rei gigante *Útgardá-Loki* (não se sabe o porquê mortais seriam tão importantes para os seres sobrenaturais na lógica do filme, lacuna esta que também poderia ser objeto de questionamentos). Instados por *Røskva*, *Loki*, *Thor* e o gigante *Quark* partem para a fortaleza inimiga a fim de resgatar o irmão dela. No salão real do castelo, *Thor* assume a fala e é desafiado por *Útgardá-Loki*: o garoto seria entregue se o deus passasse por uma prova. Sem o auxílio de *Mjöllnir* (o lendário martelo de *Thor*), o deus deveria beber de um gole o líquido do chifre de *Útgardá-Loki*. *Thor* quase se afogando diante do volume de líquido inserto fracassa, e exige um novo desafio. O rei gigante oferece um segundo desafio: uma queda de braço com a rainha ao qual *Thor* perde novamente. Inconformado, *Thor* exige uma luta. Sua oponente é uma velha, a mãe de *Útgardá-Loki*. Agarrado a ela, *Thor* começa a envelhecer até que, desfalecido, cai ao chão. *Loki* e *Quark* são aprisionados, e *Røskva* foge.

Aos olhos mais críticos habituados ao cinema parece uma cena tola. Como pôde *Thor* ser tão imprudente? Não seria mais fácil um resgate mais estratégico com invasão e luta com os oponentes (clichê no cinema aliás)? No entanto, esta passagem se refere ao Edda nórdico (ANDRADE *et al.*, 2013, p. 89), no que se refere à visita de *Thor* a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Jotunheim, o país dos Gigantes. Conforme Bulfinch (2006) “Certo dia, o deus Thor, com seu criado Tialfi e acompanhado por Loki, partiu para uma viagem ao país dos gigantes” (p. 319). No caminho encontram o gigante Skrymir que de forma amistosa aceita acompanhar o trio até Jotunheim. Diante do rei gigante Útgarda-Loki, este começa a provocar o trio. Primeiro em uma disputa de comida Loki perde por não comer tanto quanto seu adversário (Loki comia apenas a carne, enquanto o gigante devorava os ossos, remetendo à primeira cena do filme, dos ossos do bode). Numa segunda disputa colocou Tialfi para correr contra um gigante (Tialfi era o mais veloz de todos os homens de Asgard). Novamente mais uma vitória para os gigantes. Na vez de Thor a primeira prova foi a de esvaziar um chifre de um só gole, a que Thor fracassa. Thor furioso, exige mais um desafio. Útgarda-Loki propõe que Thor levante seu gato (uma brincadeira reservada para as crianças, segundo ele). O gato descomunal é apenas levantada uma pata pelo deus do trovão. Thor mais enfurecido ainda exige uma luta a que Útgarda-Loki escolhe como oponente Elli, uma velha ama. Após uma violenta luta Thor desiste, prostrado. No dia seguinte Útgarda-Loki revela ao trio que era o gigante Skrymir e que durante as provas fez que Loki disputasse contra o fogo (que consumia até os ossos); fez que Tialfi disputasse a corrida contra o Pensamento; contra Thor, deu o chifre cuja ponta dava no mar (na cena filme *Valhalla* a que nos referimos, em 68 minutos é mostrado o chifre com espuma de água salgada e sons de gaivotas); o gato era, na verdade a serpente Nidgard que rodeia Midgard e a velha Elli era a Velhice, a que vence a todos os homens. Útgarda-Loki fez tudo para evitar que Thor desejasse lutar contra ele, pois “se assim fizeres, defender-me-ei, outra vez, por meios de artimanhas, de modo que desperdiçarás teus esforços e não adquirirás fama lutando comigo” (BULFINCH, 2006, p. 324). Dito isso, desapareceu.

Percebemos então que apenas esta cena do filme, em comparação com a narrativa mítica é cheia de significados e interpretações interessantes para a utilização em sala de aula. O filme (enquanto obra) não tem compromisso com a educação e também não tem com o próprio mito. Mas o professor tem o mister de direcionar o olhar de seus alunos e este é um exemplo. O filme no fim das contas é o drama de Røskva e da relação dos mortais com os deuses e que, na mitologia nórdica não havia esta



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

necessidade de auxílio humano em seu mundo: “Os deuses estabeleciam ordem, lei, riqueza, arte e sabedoria nos reinos divino e humano” (ANDRADE *et al.*, 2013, p. 32). Assim, por que nos dias de hoje os deuses necessitariam tanto dos humanos? E os humanos dos deuses?

Entendemos que o filme apresentado pode ser uma relevante ferramenta em sala de aula para suscitar o debate acerca do papel da arte, do cinema, da colonização estadunidense (uma vez que as comparações com o *Thor* da Marvel serão inevitáveis). Mais do que isso, o debate acerca da religiosidade, de sua historicidade e na necessidade de tolerância aos credos, rituais e crenças, mostrando que cada conjunto de fé está em consonância com a história e a cultura que a produziu, prezando assim a diversidade e os direitos humanos. Mais que isso, *Valhalla – a lenda de Thor* também permite o vislumbre da discussão sobre o mito, e como estamos atravessados de narrativas que, mesmo inconscientemente compõem nosso ser social. Finalizamos este artigo com as palavras de Rocha:

O mito, como vimos, não possui sólidos alicerces de definições. Não possui verdade eterna e é como uma construção que não repousa no solo. O mito flutua. Seu registro é o do imaginário. Seu poder é a sensação, a emoção, a dádiva. Sua possibilidade intelectual é o prazer da interpretação. E interpretação é jogo e não certeza. (ROCHA, 1985, p. 94-95).

Referências

a) Filme:

VALHALLA – a lenda de Thor. Direção de Fenar Ahmad. Dinamarca: Nordisk Film, 2019. (100 min.)

b) Bibliográficas:

ANDRADE, S.; SERAFIM, V.; COSTA, D. & PALAMIN, F. **História das Religiões.** Maringá: EDUEM, 2013.

BLASCO, P. **Educação da afetividade através do cinema.** Curitiba: IEF – Instituto de Ensino e Fomento, 2006.

BULFINCH, T. **O livro de ouro da Mitologia: histórias de deuses e heróis.** 34.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ELLSWORTH, E. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. *In*: SILVA, T. (org.) **Nunca fomos humanos** – nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOUREIRO, R. **Educação, cinema e estética: elementos para uma reeducação do olhar**. Educação & realidade, 33(1): 135-154 jan/jun 2008.

MARTELLI, S. **A religião na sociedade pós-moderna**: entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

OLIVEIRA, B. **Cinema e imaginário científico**. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2006, vol.13, suppl., pp. 133-150. ISSN 0104-5970. doi: 10.1590/S0104-59702006000500009

ROCHA, E. **O que é mito?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em: 30/04/2021

Aprovado em: 01/06/2021

Publicado em: 22/07/2021



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**A DESUMANIZAÇÃO DO OUTRO
NA LITERATURA, CINEMA E ARTES PERFORMÁTICAS:
uma análise dialógica entre a obra de Kafka, Blomkamp e Abramović**

**THE DEHUMANIZATION OF THE OTHER
IN LITERATURE, CINEMA AND PERFORMING ARTS:
a dialogical analysis between the work of Kafka, Blomkamp and
Abramović**

**LA HUMANIGO DE LA ALIA
EN LITERATURO, KINEJO KAJ ARTEOJ:
dialoga analizo inter la verko de Kafka, Blomkamp kaj Abramović**

Marcos Giacomassi¹⁶**Resumo:**

O tema da desumanização do outro é recorrente nas diversas expressões artísticas ou midiáticas, especialmente em contextos segregacionistas ou pandêmicos, infelizmente ambos parte do contexto contemporâneo. O objetivo desse artigo é analisar a forma como esse tema é problematizado em três manifestações culturais diferentes: o livro “A metamorfose” (1915), de Franz Kafka; o filme “Distrito 9” (2009), do diretor Neill Blomkamp e a apresentação performática “Ritmo 0” (1974), de Marina Abramović. Apesar de serem expressões artísticas distintas, com espaços de décadas entre suas produções, enfocam o tema da alteridade utilizando-se de situações extremas - o que torna a crítica social ainda mais pungente. Dessa forma, as três obras denunciam o processo de desumanização por que passam seus respectivos personagens que são, eventualmente, privados daqueles aspectos que o filósofo Tzvetan Todorov elenca como marcas específicas de humanidade: roupas, comida, nome, capacidade de comunicação, vontade própria e contato social. Em maior ou menor grau, as obras que compõem esta análise exploram tais características, promovendo a reflexão sobre nossas condutas com relação ao outro quando somos colocados diante de situações extremas.

Palavras-chave: Alteridade. Desumanização. Franz Kafka. Neill Blomkamp. Marina Abramović.

Abstract:

The theme of the dehumanization of the other is recurrent in different artistic or media expressions, especially in segregationist or pandemic contexts, unfortunately both part

¹⁶ Acadêmico do curso de Letras Português e Inglês da Pontifícia Universidade Católica do Paraná; Técnico em Informática pelo Instituto Federal do Paraná. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5876-3460>. E-mail: marcosgiacomassi@yahoo.com.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

of the contemporary context. The purpose of this article is to analyze how this theme is problematized in three different cultural manifestations: “The metamorphosis” (1915), by Franz Kafka; the film “Distrito 9” (2009), by director Neill Blomkamp and the performance presentation “Ritmo 0” (1974), by Marina Abramović. Despite being distinct artistic expressions, with decades of space between their productions, they all focus on the theme of otherness using extreme situations - which makes social criticism even more poignant. In this way, the three works denounce the process of dehumanization that their respective characters go through who are eventually deprived of those aspects that the philosopher Tzvetan Todorov lists as specific marks of humanity: clothes, food, name, communication skills, self-will and social contact. To a greater or lesser extent, the works that make up this analysis explore these characteristics, promoting reflection on our behavior towards the other when we are faced with extreme situations.

Keywords: Alterity. Dehumanization. Franz Kafka. Neill Blomkamp. Marina Abramović.

Resumo

La temo de la malhomigo de la alia estas ripetiĝanta en diversaj artaj aŭ amaskomunikilaj esprimoj, precipe en apartigaj aŭ pandemiaj kunteksto, bedaŭrinde ambaŭ partoj de la nuntempa kunteksto. La celo de ĉi tiu artikolo estas analizi kiel ĉi tiu temo estas problemigita en tri malsamaj kulturaj manifestiĝoj: la libro "A metamorfose" (1915), de Franz Kafka; la filmo "Distrito 9" (2009), de reĝisoro Neill Blomkamp kaj la prezentado "Ritmo 0" (1974), de Marina Abramović. Malgraŭ esti apartaj artaj esprimoj, kun spacoj de jardekoj inter iliaj produktadoj, ili fokusiĝas al la temo de altereco uzante ekstremajn situaciojn - kio igas socian kritikon eĉ pli akra. Tiel la tri verkoj denuncas la malhomigan procezon, kiun travivas iliaj respektivaj roluloj, kiuj fine estas senigitaj de tiuj aspektoj, kiujn la filozofo Tzvetan Todorov listigas kiel specifajn signojn de la homaro: vestaĵoj, manĝaĵoj, nomo, kapablo komuniki, libera volo kaj socia kontakto. Malpli aŭ malpli, la verkoj, kiuj konsistigas ĉi tiun analizon, esploras ĉi tiujn trajtojn, antaŭenigante reflektadon pri nia konduto al aliaj, kiam ni estas antaŭ ekstremaj situacioj.

Ŝlosilvortoj: Aleco. Malhomigo. Franz Kafka. Neill Blomkamp. Marina Abramović.

Introdução

A análise do livro “A metamorfose” (1915), de Franz Kafka, do filme “Distrito 9” (2009), do diretor Neill Blomkamp e da apresentação performática “Ritmo 0” (1974), de Marina Abramović são diferentes formas de expressão artística que abordam um tema em comum: a desumanização do outro. Cada obra trata do assunto com as ferramentas específicas das mídias pelas quais são veiculadas. No livro de Kafka, por exemplo, é a insólita criatura que aparece metamorfoseada no início da história que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

choca o leitor ao apresentar, sem maiores explicações, alguém desoladoramente destituído de sua humanidade. Na obra cinematográfica de Blomkamp, o choque no telespectador ocorre por meio dos integrantes de uma nave alienígena, os quais são forçados a se instalar em uma zona insalubre da cidade de Joanesburgo. Já na performance de Abramović, a artista expressa o processo de desumanização através de seu próprio corpo, sofrendo literalmente em sua pele as consequências de tal feito. Várias são as maneiras pelas quais as pessoas podem ser privadas de sua humanidade. Em “Diante do extremo”, Tzvetan Todorov (2017) analisa esse aspecto no contexto dos campos de concentração em que os prisioneiros sofriam diversas formas de despersonalização, via de regra relacionadas à privação de algo: roupas, comida, nome, capacidade de comunicação, vontade própria e contato social. Em maior ou menor grau, as três obras que compõem esta análise exploram tais características.

“A metamorfose” narra a história da família Samsa que inesperadamente vê um dos seus membros transformado em um gigantesco inseto. Gregor Samsa é um caixeiro-viajante cuja rotina era muito fatigante. Ele não gostava de seu emprego e tinha um chefe intransigente. Não podia, porém, nem pensar em pedir demissão, uma vez que era fonte de sustento da família. Além disso, havia assumido o compromisso de quitar uma dívida de seus pais. “Distrito 9” é um filme de 2009 cujo enredo gira em torno de uma situação em que os habitantes da terra, mais especificamente os moradores de Joanesburgo, se vêem forçados a abrigar uma comunidade alienígena. Isso ocorre porque uma nave havia pairado sobre a cidade na África do Sul e os *aliens* que se encontravam no seu interior, em fuga de seu planeta em vias de destruição, estavam muito debilitados. Dessa forma, presos na terra e sem ter como voltar para casa, tiveram que ser realocados no chamado Distrito 9. Passam a morar em barracos, em um ambiente degradante, onde a briga por comida é algo corriqueiro. Além disso, vivem à mercê de gangues sendo chamados pejorativamente de crustáceos porque se alimentavam de restos. Finalmente, “Ritmo 0” foi uma performance artística de Marina Abramović que aconteceu em 1974 em um pequeno estúdio de Nápoles. Abramović entende o corpo como um espaço para exploração artística, mesmo que a prática comprometa a sua saúde. É o que de fato aconteceu nessa apresentação, em que a artista ficou imóvel por



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

cerca de seis horas, próxima a uma mesa com 72 objetos diversos, como: perfume, comida, tesouras, lâminas e até uma arma carregada. O público poderia fazer o que quisesse com ela dentro do período proposto. No começo, as pessoas ficaram sem reação, mas, com o tempo, a timidez foi se desfazendo e começaram a feri-la: cortaram sua camisa, espetaram o seu peito com espinhos de rosas e uma arma carregada foi apontada contra a sua cabeça.

Dessa forma, as três obras são emblemáticas no sentido de expressar o tema da desumanização do outro, aquele que é (ou se tornou) diferente de mim e que, portanto, passa a ser visto não mais como uma pessoa, mas como uma coisa ou animal. No extremo, esse outro será encarado como “algo” que precisa ser eliminado. De fato, duas das obras trazem como personagens animais que causam repulsa tanto nos outros personagens como no leitor e espectador, os quais sentem dificuldade de sentir empatia por eles. No caso da obra de Kafka, o leitor não presencia o processo da metamorfose do personagem principal, uma vez que a história já começa pelo clímax: “Uma manhã, quando Gregor Samsa acordava de sonhos ansiosos, descobriu que, em sua cama, havia se transformado em um monstruoso inseto verminoso” (KAFKA, 2017, p. 7). Essa escolha formal deixa a crítica de Kafka mais contundente, pois a ênfase da narrativa não será nos processos ou nos motivos da súbita transformação de Gregor, mas no impacto que esse fato terá sobre o tratamento que passará a receber dos “outros” a partir dessa nova condição. Da mesma forma, esse impacto confere à obra um viés onírico, pois parece que adentramos o universo do pesadelo do qual Gregor repentinamente torna-se refém.

Inicialmente Gregor ainda é tratado como um membro da família. Entretanto, vemos que aos poucos ele perde até mesmo os últimos resquícios de humanização que lhe restam. Com a falta de dinheiro, já que o provedor não poderia mais trabalhar, a família decide alugar um dos quartos. Em uma noite, tanto a família como os novos inquilinos estavam ouvindo a irmã de Gregor, Grete, tocar violino. Gregor, que aprendera a viver isolado em seu quarto, sente-se atraído pela música e vai para a sala de estar. Assustados ao avistarem a criatura, os inquilinos ameaçam processá-los, porque a presença de um “animal” como aquele, naquele lugar era inconcebível. A



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

família, então, decide que é necessário livrar-se desse fardo. Eventualmente Gregor morre de fome, em decorrência da inanição e do agravamento de uma ferida nas costas provocada pelo pai. Com isso, fica claro que toda a sua humanidade tinha ido embora, assim como observado pela sua própria irmã: “olhem como ele estava magro. Ficou tanto tempo sem comer nada. As refeições que entravam aqui, saíam exatamente do mesmo jeito. – Na verdade, o corpo de Gregor estava completamente achatado e ressecado” (KAKFA, 2017, p. 75).

Mesmo antes de sua morte, o processo de desumanização de Gregor já havia se instalado. Essa mudança ocorre tanto nele como na família, a qual, a certa altura decide tirar a mobília de seu quarto com o argumento de que assim ele poderia se locomover melhor. Isso de fato acontece, mas também causa uma sensação de alijamento em Gregor, que entende ser um peso morto para a família. Apesar de sua forma animalizada e de não conseguir se comunicar, ele ainda entende o que os outros falam e tem sentimentos humanos. É por isso que o impacto da retirada da mobília é ambivalente na alma de Gregor. Ao mesmo tempo que terá mais liberdade para se movimentar, ele sente que muito de sua humanidade está sendo retirada dele com esse ato:

[...] estava tão ansioso para que esvaziassem seu quarto. Estaria ele mesmo ávido para que seu quarto aconchegante, decorado com móveis que havia herdado, fosse transformado em uma caverna na qual ele poderia, é claro, rastejar em todas as direções sem ser perturbado, mas também, ao mesmo tempo, com um rápido e completo esquecimento de seu passado humano? (KAFKA, 2017, p. 47).

Com a retirada dos móveis, Gregor se sentiu abandonado e sem esperanças, pois percebeu que sua família não via mais a possibilidade da reversão de seu estado, assim como sua própria mãe conclui: “não é fato que, tirando a mobília, estamos mostrando que não temos mais qualquer esperança de melhora e o estamos deixando para se virar sozinho, sem qualquer consideração?” (KAFKA, 2017, p. 46). Realmente, as considerações da Sra. Samsa faziam sentido, a começar pela sensação que isso provocou em Gregor uma vez que “a visão das paredes vazias partiu seu coração” e ele teve a convicção que “se sentiria abandonado em um quarto vazio?” (KAFKA, 2017, p. 46).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Interessante que mesmo nessas condições, apesar de ficar mais confortável um quarto sem móveis ele fica desolado com essa ação: “[...] não conseguiria aguentar tudo aquilo por muito mais tempo. Elas estavam esvaziando seu quarto, tirando dele tudo o que lhe era caro” (KAFKA, 2017, p. 49). Essa é certamente a razão porque ele impede que Grete tire um quadro da parede. É um último resquício de humanidade a que ele tenta se apegar.

Em “Distrito 9”, a situação que a princípio parecia controlada, acaba ficando insustentável quando há um aumento expressivo da população alienígena na área reservada a eles. Os humanos começam a se incomodar com sua presença e isso leva as autoridades a implementar uma ação coletiva de despejo: uma evacuação em massa e compulsória. Esse processo todo é levado a cabo pela MNU, Multinações Unidas, que visava não ao seu bem-estar, mas tirá-los de vista e apoderar-se de suas potentes armas. Ao longo da ação, Wikus van Der Werme, o principal agente encarregado da operação, sofre uma espécie de contaminação e começa ele mesmo a ser metamorfoseado. Irá inexoravelmente assumir a mesma forma corpórea dos extraterrestres. O processo é irreversível com os recursos disponíveis para a ciência humana. O governo, então, transforma Wikus, antes um útil agente da MNU, em objeto de estudo, pois só os *aliens* podiam usar as próprias armas, por conta de sua compleição fisiológica. Ou seja, “[d]e opressor junto aos residentes extraterrestres, ele passa a oprimido, perseguido pelas forças da MNU que querem mantê-lo sob custódia para maiores estudos, preso em seus laboratórios” (RIBEIRO, 2012, p. 82). Não lhe resta alternativa a não ser fugir, ele também, para o Distrito 9, onde vai ao encontro do *alien* Christopher Johnson, o qual ajuda Wikus a recuperar um líquido que poderia reverter a sua metamorfose. Só que para isso, ambos têm que voltar aos laboratórios da MNU e é nesse momento que podem presenciar os terríveis atos que aconteciam ali:

O líquido é recuperado não sem antes o próprio Christopher presenciar as atrocidades cometidas aos seus semelhantes nos laboratórios da MNU. Corpos de extraterrestres desmembrados e submetidos a toda sorte de experimentos, de fazer inveja a Joseph Mengele, o médico nazista. (RIBEIRO, 2012, p. 84)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O diretor do filme, Neill Blomkamp, nasceu em 1979, na África do Sul. Presenciou o regime do *apartheid* e todas as barbáries decorrentes dele. Obviamente, o filme é uma crítica a essa terrível situação em seu país. Os *aliens* são os “outros” indesejáveis e que precisavam ser eliminados como eram os negros durante o regime de segregação racial implementado no país em 1948. De forma mais pontual, o filme faz uma clara alusão ao Distrito 6, um bairro que realmente existe na Cidade do Cabo, capital do país, que em 1966 foi decretada como Área Branca. Dois anos depois, a população negra foi arrancada de casa e realocada na periferia da cidade.

Mais uma referência histórica apropriada pelo longa é que, de acordo com relatos, foi preciso evacuar o Distrito 6 por ser muito violento. A alegação era de que as pessoas pobres que lá moravam praticavam atos imorais. Entretanto, de acordo com relatos de moradores locais, a proximidade com a *Table Mountain*, o Centro da Cidade e o Porto, era o que, de fato, incomodava aos brancos. No filme, a presença dos seres alienígenas em Joanesburgo incomodava muito as pessoas, que acabaram pleiteando a sua expulsão. Comentando sobre como essa situação é referenciada no filme, Ribeiro (2012, p. 91) conclui que:

[...] não há justificativa plausível para o ataque que foi sendo reiteradamente feito aos alienígenas. São criaturas vulneráveis, não haviam oferecido ameaça. É interessante notar como os alienígenas foram subjugados por aqueles que já haviam sofrido o julgo de outros e vivem como os extraterrestres, à margem da sociedade, representados pelos bandidos que viviam no Distrito Nove explorando os “camarões” em troca de ração. Não há condescendência para com os alienígenas. Não há solidariedade à vista.

Com relação à última obra analisada, “Ritmo 0”, esta foi concebida por Marina Abramović, uma artista performática, que nasceu em 1946, na Iugoslávia e iniciou sua carreira nos anos 70. Os seus pais eram comunistas e lutaram na Segunda Guerra Mundial. A influência de sua família enquanto era criança certamente levou ao desenvolvimento do tipo de arte que concebe:

Minha infância foi difícil, muito controlada. Um exemplo: minha mãe ia ao meu quarto, para ver se minha cama estava bagunçada, enquanto



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

eu estava dormindo. E me acordava para arrumar se estivesse. [...] Como eu digo: “Quanto pior sua infância, melhor sua arte”. (apud DOURADO, 2016, n.p.)

Suas performances são, via de regra, bem desafiadoras para o público. Mas isso justificaria a reação “cruel” com relação a “Ritmo 0”? O filósofo Renato Janine Ribeiro descreve a reação do público como emblemática do ser humano. Os participantes, inicialmente hesitantes, começaram a infligir sofrimento à artista. “A satisfação, o gozo maior deles não está naquilo que seria, digamos, uma aproximação afetiva, mas naquilo que é quase uma ameaça” (apud DOURADO, 2016, n.p.). A própria Marina Abramović tirou uma conclusão pessimista com relação à interação com as pessoas após essa experiência:

O que eu aprendi é que se você deixar nas mãos do público, eles podem te matar. Eu me senti realmente violada. Cortaram minhas roupas, enfiaram espinhos de rosa na minha barriga, uma pessoa apontou uma arma para minha cabeça e outra a retirou. Isso criou uma atmosfera agressiva. Depois de exatamente 6 horas, como eu tinha planejado, me levantei e comecei a caminhar em direção ao público. Todos fugiram para escapar de uma confrontação presente. (apud DOURADO, 2016, n.p.)

Curioso como as pessoas, antes tão hostis, fogem desse contato frontal da artista. Aliás, essa é outra característica mencionada por Todorov como imanente daquilo que é humano. Ou seja, sob uma ética totalitária, visando à despersonalização do outro, faz-se de tudo para evitar o contato visual. Segundo o filósofo, “[s]omente um ser individual pode olhar-nos [...]; fugindo de seu olhar podemos mais facilmente ignorar sua pessoa” (TODOROV, 2017, p. 264). É possível atestar situação semelhante na obra de Kafka, quando percebemos que Grete faz de tudo para que sua mãe não veja Gregor. Ela mesma, a única que entrava no quarto do irmão para trazer-lhe comida, ficou completamente descompensada quando, em uma ocasião, “seu olhar cruzou com o de Gregor, na parede. Manteve a compostura só por causa da presença de sua mãe. Virou o rosto em direção ao da mãe, para impedi-la de olhar em sua volta [...]” (KAFKA, 2017, p. 49-50). Olhar para ele seria como encará-lo novamente como seu irmão e não como um animal incômodo e nauseante.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O fato de o público ter também ousado cortar as roupas de Marina demonstra que já não a tratavam com o respeito devido a um ser humano. Nesse sentido, mais uma vez Todorov apontará circunstâncias em que é possível tratar uma pessoa como uma não-pessoa por privar-lhe de suas vestimentas. “As roupas”, pontua o autor, “são uma marca de humanidade”, portanto, ao rasgarem suas vestes, há uma tentativa de despersonalização agressiva contra a artista. Interessante notar que em “Distrito 9”, Christopher aparece usando algumas roupas, além de outros *aliens* que vestem peças esfarrapadas e lenços na cabeça. Nesse caso, o processo inverso estaria em curso: a sua antropomorfização - especialmente a de Chris, com quem o espectador inevitavelmente se identifica por suas virtudes e ações solidárias.

Nas três obras, a questão da incomunicabilidade também é exposta. Todorov (2017, p. 261) afirma que “privado da fala, o ser perde grande parte de sua humanidade.” De fato, grande parte daquilo que consideramos humano está atrelado à capacidade de nos comunicarmos com os outros. Esse aspecto é abordado nas três obras analisadas. Gregor, por exemplo, continua tendo pensamentos e sentimentos, mas não consegue mais expressá-los assim que sofre a metamorfose: “Esforçou-se para enunciar cuidadosamente e inserir longas pausas entre as palavras individuais, para remover qualquer coisa notável de sua voz.” (KAFKA, 2017, p. 11). Porém, seu esforço demonstrou ser inútil. Sua mãe, desoladamente, atesta a mudança: “Já o ouviu falar? [...] Era voz de um animal” (KAFKA, 2017, p. 20). Mais para frente no enredo Grete chega à terrível conclusão de que ele havia perdido completamente a capacidade de se comunicar e “estava convencida de que não compreendia suas palavras” (KAFKA, 2017, p. 46). Igualmente os *aliens* de “Distrito 9” não conseguem se comunicar com os humanos. O personagem principal também começa a falar como os outros *aliens* e não como os humanos à medida que passa por seu processo de transformação. Da mesma forma que Gregor, Wikus entende o que as pessoas falam, mas não consegue reproduzir nem se expressar inteligivelmente. Já em “Ritmo 0”, o silêncio voluntário de Marina Abramović em sua performance certamente está entre os motivos que permitiram a sua despersonalização pelo público.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O domínio sobre o outro parece, portanto, algo inerente às relações humanas, como fica evidente a partir da performance de Abramović, quando as pessoas que ali estavam poderiam muito bem perfumá-la, entre outras coisas que causariam uma sensação de bem-estar na artista. Entretanto, optaram pelos objetos que lhe causaram dor e sensação de incômodo. Já com relação a Gregor, este se sente como um inimigo da família, por conta do tratamento que ela despendia a ele. Começa, portanto, a pensar que cuidar dele era um fardo. Ele analisa que eles deveriam tratá-lo como “um membro da família, algo que não deveria ser tratado como um inimigo e que era, pelo contrário uma exigência do dever familiar suprimir sua aversão e aguentar – nada mais, só aguentar” (KAFKA, 2017, p. 57). Triste a situação de Gregor que se vê como antagonista de sua família. Transformar o outro em inimigo, aliás, é uma das características da despersonalização elencadas por Todorov: “É mais fácil de tratar de maneira desumana os ‘inimigos do povo’” (TODOROV, 2017, p. 264). E em se tratando de uma coletividade que é colocada como algo a se combater, a situação fica ainda mais complexa. O historiador alemão Peter Gay afirma que “[n]ada parece mais natural do que a facilidade com que os seres humanos afirmam sua superioridade sobre um Outro coletivo” (2001, p. 76). A situação representada em “Distrito 9” expressa bem a análise de que “[a]través dos séculos, os políticos vêm explorando esse traço humano. Sabendo que o ódio pode ser cultivado com um propósito, eles constroem inimigos para promover a concórdia interna” (GAY, 2001, p. 76). Assim pode ser entendido um regime como o *apartheid*, em que a população branca - esta, de fato, a alienígena que invadiu um lugar que não era seu - projetava nos negros a fonte de “todos” os seus problemas.

Quando as pessoas são tratadas pela sua utilidade e não pelo que realmente são, o processo de personalização começa a se instaurar. Gregor já era tratado dessa forma mesmo antes de sua mudança física - tanto que já se sentia aprisionado: “Quando houver juntando dinheiro para pagar as dívidas dos pais [...], [e]ntão serei livre” (KAFKA, 2017, p. 9). Ao final do livro, vemos que Gregor é simplesmente descartado pela família. Ironicamente, ele percebe a mudança de atitude de seus pais com relação à



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

irmã assim que ela começa a ter mais funções em casa. Ao que parece, Grete também “valia” pela sua utilidade:

Nas primeiras duas semanas, seus pais não tiveram coragem de visitá-lo, e ele frequentemente ouviu como eles apreciavam o trabalho que sua irmã estava fazendo, enquanto que, anteriormente, eles costumavam ficar irritados com ela, pois a consideram uma moça um tanto quanto inútil (KAFKA, 2017, p. 44).

No filme de Blomkamp, Wikus é igualmente descartado quando não tem mais utilidade para a MNU. De início, era muito importante para a organização. Entretanto, quando a sua mutação começa, o governo parou de olhá-lo como um humano e sim como um objeto de estudo, não se importando com seu estado físico e psicológico. É interessante que o próprio Wikus achava Christopher um inútil, um embuste. Entretanto, no decorrer da história, devido ao seu processo de transformação, ele também experiencia mudanças em seu modo de compreender os *aliens*, especialmente Chris. Ironicamente, à medida que Wikus vai se animalizando, ele vai desenvolvendo o seu lado mais humano. Essa empatia que Chris acaba granjeando tanto de Wikus como do espectador, não acontece no caso de Gregor uma vez que:

[s]omos impelidos pela atmosfera incomum da situação a não sentir empatia quase alguma pelo herói de “A metamorfose”, a não ser por uma parte que ainda permanece humana, seus sentimentos. Portanto, o personagem, por ter encerrado em si a base da dimensão crítica da obra, é a categoria formal desta novela kafkiana que merece ser priorizada (CRUZ, 2014, p. 46).

Gregor já é apresentado ao leitor sem suas características humanas e sabe que sua condição é repugnante aos olhos do outros. Ele demonstra a ciência disso quando afirma, referindo-se a Grete, que “percebeu que sua aparência ainda era constantemente intolerável para ela” e por essa razão “agora estava completamente escondido da sua irmã” (KAFKA, 2017, p. 43). Ele chega à triste conclusão de que ninguém conseguia olhar para ele sem sentir uma repulsa, e sabendo disso, se distancia de sua família, mesmo que isso não lhe faça bem, uma vez que “Gregor não obtinha nenhum prazer em



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se isolar tão completamente” (KAFKA, 2017, p. 43). Na mesma linha, os alienígenas de “Distrito 9” já aparecem para nós como insetos ou crustáceos gigantes, causando no espectador talvez o mesmo tipo de asco ou aversão. Ou seja, somos levados a não nos identificar com esses personagens. No caso do filme, em particular, há um objetivo ideológico por trás dessa escolha. A ideia de caracterizar os seres extraterrestres de forma que o espectador não sinta qualquer afeição por eles, mas sim repugnância e aversão, permite uma identificação com as pessoas do filme que querem esses seres longe. O filme leva à reflexão sobre empatia e solidariedade com aqueles que são diferentes.

Outro aspecto básico que resguarda as pessoas em sua humanidade é o seu nome. Retirando-se isso delas, obviamente, sua humanidade é esvaziada. O nome, menciona Todorov, “[...] é a primeira marca de um indivíduo” (TODOROV, 2017, p. 263), portanto privar alguém dele é uma marca de delimitação entre o humano e o animal, ou o humano e uma “coisa”, um objeto. A irmã de Gregor parece ciente disso quando comenta ao seus pais: “Talvez não compreendam, mas eu sim. Não pronunciarei o nome do meu irmão na frente deste monstro, então devo apenas dizer que devemos tentar nos livrar dele” (KAFKA, 2017, p. 70). Até mesmo a forma como ela passa a se referir a Gregor mostra a “evolução” em seu tratamento como “algo” e não mais “alguém”: “Devemos tentar nos livrar disso... Quando se tem que trabalhar tanto como nós, não se pode tolerar este tormento sem fim em casa... se ao menos ele nos compreendesse.” (KAFKA, 2017, p. 71). Gregor só era um membro da família enquanto era útil, mas quando começa a se tornar um peso, eles cogitam a ideia de se livrar dele. Com relação ao fato de privar alguém de seu nome, um movimento contrário acontece em “Distrito 9”, em que se dá nome e sobrenome a um dos personagens alienígenas que tem muita importância no enredo: Christopher Johnson. Além dessa marca de humanidade, ele possui um vínculo de paternidade que causa empatia no público, o qual fica muito apreensivo diante da possibilidade da separação dele e seu filho durante a trama.

Tanto no filme como no livro a arte é apresentada como algo que distingue homem dos animais, servindo como um resquício de humanidade. Em outras palavras a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

apreciação artística seria uma âncora de humanização. Na obra de Kafka, como vimos, Gregor aprecia a música que a irmã toca e isso lhe dá alguma esperança: “Seria ele um animal, se a música o afetava tanto? Para ele, era como se o caminho para a nutrição desconhecida pela qual tanto ansiava estivesse se revelando.” (KAFKA, 2017, p. 68). Além disso, Gregor praticava a arte do entalhe antes de sofrer a metamorfose. Sua mãe comenta sobre isso ao gerente que viera verificar o motivo da ausência de Gregor no trabalho: “É uma ótima diversão para ele se ocupar com entalhe de madeira. Por exemplo, ele entalhou uma pequena moldura em duas ou três noites. Você ficaria surpreso com a beleza dela. Está pendurada dentro do quarto” (KAFKA, 2017. p. 16). Também o personagem principal do Distrito 9 é caracterizado como possuindo uma alma sensível que aprecia as artes manuais. No filme vemos que Wikus antes de se transformar, fazia pequenas peças de artesanato para sua esposa e mesmo tendo se tornando um *alien*, ele não perdeu essa habilidade. Ao contrário de Gregor, Wikus sobrevive. Ele aparece na última cena do filme fazendo uma flor de metal com material retirado do lixo. Há, dessa forma, abertamente uma mensagem de esperança e restauração da humanidade.

Considerações Finais

Situações extremas podem levar as pessoas a mostrar o melhor ou o pior de si. A adversidade atua de forma diferente sobre as pessoas dependendo dos ideais e princípios morais de cada um. Nesse sentido, Todorov conclui que o sofrimento “é ambivalente: melhora alguns e degrada outros, e nem todos os padecimentos são iguais entre si” (2017, p. 65). As obras discutidas nesta análise trazem essas questões para reflexão justamente por expor a falta de empatia por aqueles que são “diferentes de mim”. Ao “outro” é possível impor a privação dos principais aspectos que lhe conferem humanidade. As pessoas que não se enquadram em um determinado padrão pré-estabelecido podem ser facilmente segregadas de um grupo social tornando-se alvo de indiferença ou mesmo de atos violentos.

Tanto em “A metamorfose” quanto em “Distrito 9”, os ex-humanos metamorfoseados, Gregor e Wikus, foram excluídos não só da sociedade em geral, mas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

também de sua família, que supostamente deveria assegurar-lhe proteção e respeito em tempos difíceis. Apesar de ambos ainda preservarem algumas características humanas, como a sensibilidade artística, eles são de fato despersonalizados. Até o fim, os dois têm consciência e sentimentos dentro dos corpos não mais humanos. Isso torna sua dor ainda mais pungente já que percebem que estão sendo alijados do convívio social até pelos mais próximos. Já no caso da performance “Ritmo 0”, ironicamente, é por intermédio da sua expressão performática que a humanidade da artista Ihe é roubada, uma vez que as pessoas se sentem no direito de tratá-la como uma coisa, um animal, somente pelo fato de não demonstrar nenhuma reação ao comportamento abusivo por parte da plateia. A arte, nesse caso, parece ter funcionado como catalizador para atos violentos em vez de servir como vínculo com o melhor que a humanidade pode produzir. O livro, o longa e a performance, portanto, trazem à baila, assuntos muito pertinentes em épocas sombrias em que a falta de empatia impera - o que leva, conseqüentemente, a um constante, mas nem sempre consciente, processo de desumanização do outro.

Referências

CRUZ, Cyntia Leandro da. **Três vezes Gregor Samsa: a câmera, o gesto e o monstro**. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: http://www.posciencialit.letas.ufrj.br/images/Posciencialit/td/2014/Disserta%C3%A7%C3%A3o/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Cyntia%20Leandro%20da%20Cruz.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

DISTRICT 9. Direção: Neill Blomkamp. Joanesburgo: Qed International, 2009. (110 min.), sonoro, legenda, color.

DOURADO, Flávia. **As múltiplas facetas da arte performativa de Marina Abramovic**. São Paulo: Iea Usp, 2016. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/marina-abramovic>. Acesso em: 12 mar. 2021.

GAY, Peter. **O Cultivo do Ódio: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. 3. ed. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 2001.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. São Paulo: Pé da Letra, 2017.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

TODOROV, Tzvetan. **Diante do extremo**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

RIBEIRO, Márcio Almeida. **A estética do documentário cinematográfico no cinema contemporâneo de ficção científica: um olhar sobre o filme “Distrito 9”, de Neill Blomkamp**. 2012. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Arte e História da Cultura, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/1861/1/Marcio%20Almeida%20Ribeiro.pdf> f. Acesso em: 30 abr. 2021.

Recebido em: 04/05/2021

Aprovado em: 30/06/2021

Publicado em: 22/07/2021



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A BIOPOLÍTICA E A NORMALIZAÇÃO DA (D)EFICIÊNCIA: a diferenciação ética como forma de resistência nas práticas educacionais

BIOPOLITICS AND NORMALIZATION OF (D)EFFICIENCY: ethical differentiation as a form of resistance in educational practices

BIOPOLITIKO KAJ LA NORMIGADO DE (D) EFIKO: etika diferencigo kiel formo de rezisto en edukaj praktikoj

Daniel Salésio Vandresen¹⁷

Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o conceito de d(eficiência) como um modo de pensar a normalização biopolítica no presente. Por meio de um metodologia de revisão bibliográfica, defendemos a ideia de que a deficiência não deve ser julgada pela normalização biopolítica da eficiência, mas que devemos experimentar aquilo que nos faz comum: a deficiência é que nos faz humanos e singulares. O percurso descritivo deste trabalho de investigação teórica parte inicialmente da problematização do conceito de eficiência na biopolítica, em seguida, desenvolvemos o conceito de diferenciação ética como forma de resistência à normalização da deficiência nas práticas educacionais. Enfim, superar o discurso normalizador biopolítico que vê na deficiência algo a ser superado e envolver-se por uma atitude que seja conduzida pela ética do acolhimento amoroso, um olhar que deixa-se afetar pelo outro.

Palavras-chave: Biopolítica. Eficiência. Educação. Ética.

Abstract

¹⁷ Doutor em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – Marília – SP; Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Toledo – PR; Especialista em História do Brasil pela Universidade Paranaense – UNIPAR e Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE – Brusque – SC. Docente do Instituto Federal do Paraná – IFPR, *campus* Coronel Vivida – PR. Vice-coordenador do Grupo de pesquisa Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR e Editor-chefe da Revista “IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica”. Integrante dos Grupos de Pesquisas: ENFILO - Grupo de estudos e pesquisa sobre o ensino de filosofia (UNESP/Marília) e NEDIH - Núcleo de Educação em Direitos Humanos (IFPR/Coronel Vivida). Coordenador do Projeto de Pesquisa "O ensino de filosofia e a escrita de si como experiência existencial" (PIBIC-Jr IFPR/CNPq, aprovado em edital em 2019, 2020 e 2021). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino de Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de filosofia, subjetividade, técnica, Michel Foucault. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6662-4703>. E-mail: daniel.vandresen@ifpr.edu.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

This article aims to analyze the concept of d (efficiency) as a way of thinking about biopolitical normalization in the present. Through a literature review methodology, we defend the idea that the deficiency should not be judged by the biopolitical normalization of efficiency, but that we must experience what makes us common: deficiency is what makes us human and unique. The descriptive path of this theoretical research work starts from the problematization of the concept of efficiency in biopolitics, then, we developed the concept of ethical differentiation as a way of resisting the normalization of disability in educational practices. Finally, we seek to overcome the biopolitical normalizing discourse that sees deficiency as something to be overcome and to be involved in an attitude that is guided by the ethics of loving acceptance, a look that lets itself be affected by the other.

Keywords: Biopolitics. Efficiency. Education. Ethic.

Resumo

Ĉi tiu artikolo celas analizi la koncepton de d (efikeco) kiel pensmanieron pri biopolitika normaligo nuntempe. Per literatura revizia metodaro, ni defendas la ideon, ke handikapo ne devas esti taksata per la biopolitika normigado de efikeco, sed ke ni spertu tion, kio igas nin komunaj: handikapo estas tio, kio faras nin homaj kaj unikaj. La priskriba vojo de ĉi tiu teoria esplorado komenciĝas de la problemigo de la koncepto de efikeco en biopolitiko, tiam ni disvolvas la koncepton de etika diferencigo kiel formo de rezisto al la normaligo de handikapo en edukaj praktikoj. Finfine, venki la biopolitikan normaligan diskurson, kiu vidas handikapon kiel ion superotan kaj partoprenas sintenon gvidatan de la etiko de ama brakumo, rigardo, kiu lasas sin esti influita de la alia.

Ŝlosilvortoj: Biopolitiko. Efikeco. Edukado. Etiko.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo analisar o conceito de d (eficiência) como um modo de pensar a normalização biopolítica no presente. A partir disso, refletimos sobre suas implicações para o campo educacional, pois presenciamos muitos discursos no espaço escolar de profissionais que diante do encontro com o deficiente, manifestam sua angústia e despreparo para lidar com o diferente. E que acabam por desenvolver práticas de ensino que invisibilizam o outro, não dando espaço para que o outro possa viver e expressar seu momento.

Deste modo, em um primeiro momento apresento, a partir da leitura biopolítica de Michel Foucault, o modo como agimos dominados por uma normatização da eficiência que nos impede de experienciar com o outro a sua e a nossas deficiências. Em seguida, desenvolvemos o conceito de “diferenciação ética” desenvolvido nos trabalhos do prof. Pedro A. Pagni, o que leva a refletir sobre a possibilidade de se pensar um



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

modo de vida deficiente, através de uma ética que visa a construção de relações que aconteçam em uma experiência comum.

A Normalização Biopolítica

Michel Foucault no curso “Nascimento da Biopolítica” (2008), especificamente na aula de 14 de março de 1979, analisa a teoria do Capital Humano como uma forma de comportamento econômico que normatiza a eficiência. Para o autor, o neoliberalismo norte-americano desenvolvido pela Escola de Chicago na década de 1960, produziu-se muito além das decisões econômica e administrativas pela máquina estatal, mas, sobretudo, como um modo de vida em que o comportamento humano responde de forma ativa e sistemática aos estímulos econômicos da produção de si. Por isso, descreve:

[...] um capital humano no curso da vida dos indivíduos, que se colocam todos os problemas e que novos tipos de análise são apresentados pelos neoliberais. Formar capital humano, formar portanto essas espécies de competência-máquina que vão produzir renda, ou melhor, que vão ser remuneradas por renda, quer dizer o quê? Quer dizer, é claro, fazer o que se chama de investimentos educacionais (FOUCAULT, 2008, p. 315).

Nesta perspectiva, a interpretação de Foucault é de que a formação de capital humano funciona na lógica econômica neoliberal como produção de uma subjetividade competente que seja capaz de múltiplas habilidades. E funciona como um poderoso elemento de sujeição, isto é, um instrumento biopolítico¹⁸ para direcionar as condutas individuais e coletivas sob o modelo das competências e da criatividade.

¹⁸ Com a noção de biopolítica, Foucault pretende realizar um diagnóstico das relações de saber-poder que a partir da modernidade se constrói em um tipo de governamentalidade da vida. O biopoder gere e ordena a vida, pois “[...] seu papel mais importante é o de garantir, sustentar, reforçar, multiplicar a vida e pô-la em ordem [...]”. (FOUCAULT, 1988, p. 130). As noções de biopolítica e biopoder expressam o deslocamento que Foucault realiza para pensar as transformações que ocorrem no final do século XVIII e início do século XIX, em que o poder não se destina a regular apenas o indivíduo por meio de um poder disciplinar, mas age como gestão da vida e da população, por meio de um poder bio-técnico-político que tem por objetivo administrar as forças da vida. A trajetória de sua investigação sobre a biopolítica pode ser situada tendo como primeira incursão a conferência de 1974 sobre “O Nascimento da Medicina Social” (2011, p. 402-424), em 1976 publica a obra “História da Sexualidade I: a vontade de saber”



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Foucault (2008) examina dois elementos presentes na ideia de capital humano: um que se refere ao método de análise, que é o modo como se utiliza do conceito para delimitar o problema; e o outro, um tipo de programação, onde a construção do capital humano pelo indivíduo funcionaria como uma forma de tornar o comportamento normatizado. E é esse segundo elemento que conduz nossa descrição dessa noção.

Deste modo, Foucault mostra que os autores neoliberais praticam uma análise econômica tem por objetivo:

[...] a análise da racionalidade interna, da programação estratégica da atividade dos indivíduos. [...] Ou seja, será necessário, para introduzir o trabalho no campo da análise econômica, situar-se do ponto de vista de quem trabalha; será preciso estudar o trabalho como conduta econômica, como conduta econômica praticada, aplicada, racionalizada, calculada por quem trabalha (FOUCAULT, 2008, p. 307).

Nesse sentido, se concebe o trabalhador como sujeito ativo, pois ele mesmo conduz seu comportamento em vista da construção de seu capital humano que lhe vai permitir produzir renda. Foucault (2008) desenvolve a noção de empresário de si mesmo¹⁹, onde cada trabalhador é uma unidade-empresa em que ele próprio é seu produtor, o trabalhador como capital-competência. E neste processo, o consumo assume uma configuração de produção de si, pois não é realizado com o objetivo de atender as necessidades e utilidades, mas torna-se um investimento em si, pois produz sua própria satisfação.

Analisando o capital humano, Foucault (2008) defende que ele é constituído de elementos inatos e adquiridos, sendo que os elementos inatos dizem respeito a utilização da genética para a melhoria do capital humano. Já os elementos adquiridos é a

(1988), na qual descreve o a vida como objeto da biopolítica, e se estende até o curso de 1978-1979 “Nascimento da Biopolítica” (2008).

¹⁹ Para Foucault (2008) na interpretação econômica neoliberal o trabalho aparece como um empresário de si mesmo. Em suas palavras: “[...] homo oeconomicus empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda” (FOUCAULT, 2008, p. 311). Se na economia clássica o indivíduo era explorado pela sua força de trabalho, agora, na concepção neoliberal, o indivíduo é ativo na construção de seu capital humano. É ele o responsável por assumir a tarefa de gerir sua vida por meio da produção de competências que o tornam útil aos interesses econômicos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

constituição voluntária de sua competência no curso de sua vida, sendo esse o alvo da racionalidade neoliberal. E embora descreva que são os elementos que o indivíduo adquire ao longo da vida a principal preocupação das análises neoliberais, já apontava o que se tornaria hoje uma forte ambição biopolítica: a engenharia genética.

Se por um lado, a seleção genética torna possível agir sobre o elementos inatos, evitando os riscos que um indivíduo possa sofrer e selecionando os “bons equipamentos genéticos” (FOUCAULT, 2008, p. 313). A engenharia genética atrelada a ambição biopolítica econômica torna possível a prática da eugenia, isto porque, a ambição pela seleção genética tem como desdobramento a eliminação das deficiências; por outro lado, os investimentos educacionais tornam-se uma ferramenta indispensável para agregar valor aos elementos adquiridos. Investimentos no tempo, no afeto, culturais e na saúde que são realizados pelo indivíduo, pelas empresas e pelo Estado, com vistas a superar suas limitações, evitar suas deficiências e melhorar suas competências. Portanto, a formação educacional aparece no governo neoliberal como elemento estratégico para seu funcionamento, pois induz os próprios indivíduos a assumirem essa tarefa.

Já no curso “Em defesa da sociedade”, Foucault também vai descrever sobre a biopolítica como poder sobre a vida, principalmente em seus desvios. Como afirma:

[...] o poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver, e na maneira de viver, e no "como" da vida, a partir do momento em que, portanto, o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências, daí por diante a morte, como termo da vida, e evidentemente o termo, o limite, a extremidade do poder (FOUCAULT, 2005b, p. 295).

Também analisando o controle sobre a vida, Peter Sloterdijk (2012) na obra “Has de cambiar tu vida: sobre antropotécnica”, mostra como a vida passa a ser concebida como exercício, isto é, como qualquer operação mediante a qual se obtém ou se melhora a execução de uma operação. O autor também faz sua leitura, evidenciando como a vida tornou-se mecanizada, onde nossa experiência é determinada por uma lógica da eficiência. Atitude que Sloterdijk irá denominar de antropotécnica, ou seja, a maneira como incorporamos a eficiência técnica como modo de vida. Em suas palavras:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“[...] uma nova atenção para a região comportamental da ascese, do exercício e do tratamento administrado a si mesmo em seu conjunto. Agora vamos tentar traduzir esta nova descrição em expressões correspondentes a uma teoria geral da antropotécnica” (SLOTERDIJK, 2012, p. 57, tradução nossa).

Também sobre a perspectiva de uma análise biopolítica, Francisco Ortega (2008), a partir do conceito de bioascese como prática que reproduz no subjetivo as regras de biossociabilidade, evidencia como nas últimas décadas desenvolveu-se uma nova figura antropológica: o sujeito cerebral. E através da neurociência e da psiquiatria surge a neuroascese como prática de si cerebral que visa maximizar a sua performance. A neuroascese se desenvolve por meio de mecanismos que visam oferecer “[...] desde programas de exercícios para aumentar a performance e o poder cerebral, prevenindo a decadência mental e combatendo demências [...]” (ORTEGA, 2008, p. 490). Assim, através do conceito de sujeito cerebral, Ortega descreve o aparecimento de uma nova ascese moderna que visa evitar a deficiência.

Neste mesmo sentido, Alexandre F. Carvalho (2014 apud PAGNI, 2016, p. 8-10) constrói uma leitura em que busca uma compreensão da ontologia política da deficiência, pois nossa condição é de um ser sujeito ao devir deficiente, seja por uma condição biológica ou acidental. O termo funciona como um guarda-chuva para pensar qualquer tipo de diferença em um indivíduo e é uma tentativa de fugir das designações negativas dos discursos humanistas, que afirmam que o indivíduo é especial por isso dever ser respeitado e cuidado.

Já Alexandre Simão Freitas (2016) tendo como referência os conceitos de “virada antropotécnica” de Sloterdijk²⁰ e de “ontologia do acidente” refletido no fenômeno da plasticidade de Malabou²¹, analisa que os processos formativos têm se

²⁰ Peter Sloterdijk na obra “Has de cambiar tu vida: sobre antropotécnica” (2012) introduz a noção de antropotécnica para pensar o humano como uma autoprodução por meio de exercícios. Freitas (2016) descreve o trabalho de Sloterdijk, o qual diferencia-se da concepção de Heidegger, descrevendo os mecanismos da antropotécnica que articulam a história do devir-humano e, mostrando que “as antropotécnicas são responsáveis por cultivar o humano, selecionando o que provém da multiplicidade ontológica da vida” (FREITAS, 2016, p. 235).

²¹ Freitas (2016), passando por várias obras de Catherine Malabou, descreve o uso que a autora faz da noção de plasticidade para pensar o “uso desviado” que o termo assume na lógica capitalista com o conceito de flexibilidade. E descreve três significados de plasticidade utilizados por Malabou: uma que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tornado processos antropotécnicos e que a preocupação da pedagogia é o de controlar as “estruturas plásticas inerentes à condição humana” (a vida humana se constitui como um acidente incontornável), tornando a deficiência apenas um limite nas tentativas biopolíticas de reconstituir um modelo ideal ou totalizante do humano. Freitas (2016) retoma o conceito de “plasticidade destrutiva” de Malabou para problematizar a atuação da pedagogia com o anúncio da fragilidade que todos os humanos compartilham. E afirma:

Essa sombria boa nova vem nos lembrar que o mero fato de estarmos vivos nos torna vulneráveis. O acidente torna-se uma propriedade da vida, e a capacidade de se transformar sob o efeito da destruição um horizonte possível, uma estrutura imanente ao próprio modo de ser do vivente. Todo corpo pode ser impactado por uma exterioridade, mas o resultado desse impacto pode ser a expropriação das forças ou o aumento da sua capacidade de resistir. Contudo, o que importa é que sem a percepção dessa condição vulnerável, o indivíduo não pode desfrutar das suas próprias *impotências*. Esse tipo de compreensão contém implicações éticas e políticas, pois como afirma Agamben (2014, p. 73), nada afeta tanto o destino humano como o estranhamento das suas *impotências* (FREITAS, 2016, p. 253)²².

Dessa forma, o acontecimento da deficiência é pensada como uma forma de plasticidade próprias ao modo de ser do homem. E isso para Freitas (2016, p. 253s), coloca em xeque os esforços da pedagogia para garantir a perfectividade do humano e problematizando as bases antropológicas que sustentam o debate sobre a formação humana. E conclui, como a pedagogia foi sempre o controle da plasticidade humana, torna-se necessário “assumir seu devir-deficiente, quem sabe, pode ser o caminho para escutar outras lições, acolhendo o fato de que toda presença, aparição ou manifestação

retoma a interpretação grega de individualidades plásticas; a segunda, que afirma que a plasticidade é o modo próprio de existência do cérebro e a terceira, a plasticidade como forma destruída. Malabou (2014) afirma por meio da plasticidade destrutiva que: “é necessário constatar e fazer reconhecer que todos nós podemos, um dia, nos tornar alguém outro, absolutamente outro, alguém que nunca se reconciliará consigo mesmo, que será essa forma de nós sem redenção nem resgate, sem últimas vontades, essa forma danada, fora do tempo” (MALABOU, 2014, p. 12).

²² Sobre essa referência a Agamben, cita: “Aquele que é separado do que pode fazer pode, porém, resistir ainda, pode ainda não fazer. Aquele que é separado da sua *impotência* perde, ao contrário, principalmente, a capacidade de resistir. E como é somente a ardente consciência de que não podemos ser que garante a verdade do que somos, assim é apenas a visão lúcida do que não podemos ou podemos não fazer que dá consistência ao nosso agir” (Agamben apud FREITAS, 2016, p. 253).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

humana emerge como um modo de habitar na imperfeição, no inacabado, no indeterminado” (FREITAS, 2016, p. 257).

A partir disso, ser faz necessário pensar a deficiência não como uma identidade, onde esta diferença se dá como diferenciação cultural, ou diferença de gênero ou étnico-racial, antes pensá-la como uma ontologia do acidente (MALABOU, 2014) na qual nossa condição é de um ser sujeito ao devir deficiente, seja por uma condição biológica ou acidental, ou seja, uma diferença radical na qual o indivíduo não tem poder de escolha sobre sua condição, não pode contornar o acontecimento que o envolve. Considerar a deficiência como condição ontológica significa que fomos, somos ou teremos algum tipo de deficiência em algum momento de nossas vidas. E reconhecer que não há como ser eficiente em tudo, já é uma forma de atitude de resistência ao jogo.

Analisando a extensão desta biopolítica, especificamente sobre o tema da inclusão da deficiência no espaço das instituições escolares, percebe-se a prática de uma mentalidade de escola-empresa que tem por objetivo superar a deficiência pela eficiência. E por ser moralizante em seu modo de ensinar, não há espaço para que experiências ética/estéticas que valorizem a vida possam se expressar e, quando acontecem, são linhas de fuga que se realizam em paralelo ao ensino-aprendizado institucional.

Quando a inclusão do deficiente na escola não propicia um espaço de experiência singular de cada indivíduo, está apenas integrando para a normalização da eficiência, ou seja, criando algum tipo de competência que torne o indivíduo capaz de ser eficiente em alguma coisa. Uma ação também presente nas políticas públicas que a partir da metade do século XX se desenvolvem através de políticas afirmativas que visam a inclusão e que estão alicerçadas em um discurso de controle biopolítico, pois nada mais fazem de colocar em prática estratégias tecnológicas de integração dos que estão considerados fora do jogo do capital humano. Assim, tais práticas têm por objetivo a integração ao próprio sistema econômico. E em sintonia com a leitura de Foucault, tornam-se um dispositivo de controle, porque esse tipo de inclusão nada mais faz do que marcar o indivíduo em um território: da normalização.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Desse modo, por todo o corpo social age uma moralidade que tem por objetivo evitar a deficiência, isto é, uma normalização do agir evitando nossas possíveis incapacidades. A prática da eficiência por ser percebida nas atitudes como: ser produtivo no trabalho, ser um pai/mãe exemplar, ter um bom desempenho sexual, ser um educador que atingiu seus objetivos, etc. Evita-se a deficiência e se age programado pela eficiência. Age sobre a vida o imperativo da eficiência: seja eficiência para viver bem. E incorporado ao comportamento, torna as relações humanas cada vez menos fundamentadas em valores afetivos.

Estou a todo o momento tendo que provar minha eficiência. A eficiência invade a vida. Em nossas conversas cotidianas temos sempre uma resposta como exemplo de eficiência em algo, como: comprei algo mais barato ou melhor (roupa, bebida, etc.), uma receita para emagrecer, entre outros. No lazer, nossas viagens são programadas (procuramos sempre conhecer todo o percurso que vamos fazer e não damos espaço para o desconhecido). Nas redes sociais, como o Facebook, que tornou-se um dos templos modernos da exposição da eficiência, é o ambiente onde evidenciamos que somos eficientes em algo: ir a lugares, comprar coisas, fazer festas; contudo, nem sempre reflete a vida real. Vivemos programados pela lógica da eficiência. E passamos a julgar nossas relações interpessoais pela aceitação social de minha eficiência.

Nesta mesma lógica, tudo que fazemos está determinado pelo que nós esperamos ser ou que a sociedade postula sermos no futuro. E viver o presente não é dado sentido, devido a busca incansável de construir já o que precisamos ser um dia: um sujeito produtivo. Neste processo, vivemos uma experiência do tempo marcada pela determinação técnica, em que a realização dos procedimentos de agora (métodos, regras, instrumentos), tem em vista chegarmos a determinado fim. Trata-se segundo Foucault (2008) de um modo de controle da vida, um biopoder que por meio da objetividade de seu saber técnico tem por finalidade gerir nosso tempo de vida pela lógica da formação do capital humano.

A diferenciação ética como resistência



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Com relação a ética ligado ao modo de vida, Foucault desenvolve no curso “A Hermenêutica do Sujeito” (2004) um estudo sobre a história do cuidado de si ou técnicas de si, no qual aponta seu início com o modelo platônico do princípio socrático do “conhece-te a ti mesmo” e tendo seu apogeu no período helenístico, aonde o cuidado de si visava a autonomia do indivíduo através de práticas que tinham como principal objetivo a transformação de si em busca de um estilo de existência. Ao tratar sobre a questão ética compreendendo como um modo de vida, Foucault encontra uma linha de fuga para os modos de vida normais/vazios da vida moderna. Isto porque, além de ser uma ação política imbuída de princípios éticos, o modo de vida ao promover a experiência singular (deficiente ou não) permite a construção de uma ética comum. Essa arte da existência não deve obedecer a uma vida regrada, pois esta não permite o aperfeiçoamento da vida; não regra, mas uma forma de vida, ou seja, buscar constituir um estilo de vida, uma forma de vida que se constitua em uma obra bela.

A partir desta perspectiva ética e buscando pensar a possibilidade de um modo de vida deficiente na escola, o prof. Pedro Pagni (2017a) analisa os discursos e as práticas da inclusão da deficiência escolar como um procedimento biopolítico que produz um “exercício de poder normativo da deficiência” que constroem padrões de normalidade por meio de saberes científicos, de técnicas terapêuticas e de tecnologias pedagógica (2017a, p. 261-262)²³. O tema da inclusão da deficiência no espaço das instituições escolares é percebido a partir de uma mentalidade de escola-empresa, que tem por objetivo superar a deficiência pela eficiência. Quando a inclusão do deficiente na escola não propicia um espaço de experiência singular de cada indivíduo, está apenas integrando para a normalização da eficiência, ou seja, criando algum tipo de competência que torne o indivíduo capaz de ser eficiente em alguma coisa. E por ser normalizador, não há espaço no modo de ensinar para que experiências ética/estéticas que valorizem a vida possam se expressar e, na maioria das vezes, acontecem em linhas de fuga que se realizam em paralelo ao ensino-aprendizado institucional.

²³ Pagni também publica em 2017 o artigo *Da exclusão a um modelo identitário de inclusão: a deficiência como paradigma biopolítico* (2017b), no qual análise as políticas de inclusão escolar que transformam a deficiência em um modelo jurídico e administrativo do paradigma biopolítico.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Como resistência a esse modo de proceder, Pagni desenvolve a noção de “diferenciação ética” (2017a, p. 262) como um modo de defesa dos modos de vida minoritários como a deficiência e como uma maneira de questionar os discursos marginalizadores de uma democracia comandada por uma “isonomia quantitativa” que privilegia a maioria. Ainda, sobre a diferenciação ética afirma:

Neste caso, ao contrastar as análises da biopolítica com a ontologia da diferença, para usar uma expressão de Judith Revel (2004), procura-se vislumbrar as resistências expressas em alguns modos de existência, de **vidas errantes**, deficientes e desviantes aos dispositivos atuais do biopoder, encontrando nessas deficiências uma das possíveis formas de **diferenciação ética** emergentes na escola e acontecimentos capazes de colocar em xeque os processos de subjetivação imperantes dominantes nessa instituição (PAGNI, 2017a, p. 258, grifo nosso).

Dessa forma, a “diferenciação ética” constitui um modo de ser e de “relações agônicas dos grupos minoritários” que resiste a essa “isonomia quantitativa” que norteia os modos de inclusão escolar, esta que é gerenciada por uma democracia alicerçada nas formas de governamentalidade do mercado e do capital (PAGNI, 2017a, p. 261-263)²⁴. Disso resulta, segundo Pagni (2015) que por meio dessa racionalidade econômica não se reconhece que o deficiente também age no mundo tendo vontades e fazendo escolhas. E para se construir um ética como modo de vida é preciso respeitar a sua liberdade. Como afirma: “[...] é um sujeito impassível, errante e imprevisível como a vida. Justamente por isso, esse sujeito capaz de criar modos de existência outros para habitar eticamente o mundo, teria como sua condição ontológica a liberdade. Enfim, para Pagni (2017a) a “diferenciação ética” constitui a possibilidade de construir um modo de vida por meio de uma experiência singular que potencializa e resiste a sua destituição nas relações de poder vigente.

²⁴ Pagni finaliza o artigo, com essa problematização da diferenciação ética como forma de resistência e como possibilidade de outro modo de vivenciar a deficiência: “Cabe perguntar se essa diferenciação que exprimem não seria a possibilidade de transformar as próprias formas de existência hegemônicas nas comunidades das quais participam e da própria esfera pública, exigindo uma democracia que não se pautasse exclusivamente em uma isonomia quantitativa, mas também na valorização da convivência agônica e qualitativa de diferentes modos de existência, elegendo-o como seu princípio vital e como uma maneira de resistir à atual configuração da biopolítica” (PAGNI, 2017a, p. 271).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Pensar a diferenciação ética por meio da compreensão da vida como uma existência errante é uma ideia que Foucault (2005a) desenvolve ao interpretar a relação que George Canguilhem²⁵ faz entre vida, ciência e erro. Sobre isso afirma: “[...] o ‘erro’ constitui não o esquecimento ou o atraso da realização prometida, mas a dimensão peculiar da vida dos homens e indispensável ao tempo da espécie” (FOUCAULT, 2005a, p. 365).

Conceber a deficiência como um modo de vida significa ir além da compreensão conceitual, científica, médica e jurídica onde a diferença se dá pela identidade, que visa ao controle e a previsão do comportamento. Se a educação não criar espaços de diferenciação ética que possibilita que os modos de vida sejam expressos e vividos, continuaremos reproduzindo uma linguagem normalizante (jurídica, médica, moralizante, etc.). Quando nos deparamos com o deficiente nos sentimos impotentes e nos damos conta de como estamos envolvidos por esta lógica produtiva: sentimos nossa própria deficiência. A deficiência denuncia nosso modo de ser eficiente e, também, como nós mesmos promovemos a anulação das nossas próprias deficiências (ignorância, limites, fracassos, infantilidade, loucura, etc.). Assim que o devir deficiente se mostra, nos interpela e tendemos a julgar pelos parâmetros da normalidade eficiente, contudo, devemos experimentar aquilo que nos faz comum: a deficiência que nos faz demasiadamente humanos e singulares.

Ainda, segundo Pagni (2015) por meio da racionalidade econômica não se reconhece que o deficiente também age no mundo tendo vontades e fazendo escolhas. E para se construir um ética como modo de vida é preciso respeitar a sua liberdade. Como afirma: “[...] é um sujeito impassível, errante e imprevisível como a vida. Justamente por isso, esse sujeito capaz de criar modos de existência outros para habitar eticamente o mundo, teria como sua condição ontológica a liberdade”. (PAGNI, 2015, p. 95).

Ainda, segundo Carlos Skliar (2015) precisamos pensar a diferença para além das interpretações do que chama diferencialismo, em que a diferença é pensada como

²⁵ George Canguilhem (1904-1995), filósofo e médico francês que influenciou na leitura de Foucault sobre a história das ciências, guiadas pelas ideias de descontinuidade, pela especificidade das ciências da vida e da história da formação dos conceitos (CASTRO, 2009).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

uma coisa, um fenômeno ou um conceito e impede de que se perceba o outro como qualquer um. Em suas palavras: “[...] porque, no fundo, evita que o outro seja visto como outro e, assim, separa, abandona, põe sob suspeita a ideia de que o outro é tão humano quanto aquele”. (SKLIAR, 2005, p. 32, tradução nossa). Isso significa que devemos perceber o outro como qualquer um, e ver o que é único em cada um, ou seja, a diferença deve ser pensada como o que é comum em nós. O comum em nós, não é o que nos torna iguais, mas o que nos faz diferentes, singulares.

Buscando dar espaço a experiência singular como forma de resistência a normatização, citamos o ensinamento transmitido pela história do vinhateiro, relatada por Walter Benjamin no texto de 1933 - *Experiência e Pobreza* (1987) -, no qual o autor cita a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos, o que faz com que os dois ao cavarem em busca do possível tesouro, tornam a vinheira muito produtiva. A transmissão do ensinamento do vinhateiro de Benjamin é de que o indivíduo deve produzir sua própria experiência. Com essa história, Benjamin denuncia o surgimento de uma nova forma de miséria: o empobrecimento da experiência, provocado pelo monstruoso desenvolvimento da técnica, o qual leva a fazer apenas experiências passageiras. A característica da modernidade é fazer experiências descartáveis, fazendo com que uma experiência substitua a outra sem se constituir em uma formação própria. Como também expressa em outro texto: “[...] tempo infernal, em que transcorre a existência daqueles a quem nunca é permitido concluir o que foi começado” (BENJAMIN, 1989, p. 129).

Considerações Finais

Precisamos ver o outro não pela sua diferença/deficiência baseados em parâmetros da igualdade/normalidade, mas através de modos de vida que se realizam na diferença. Olhar a deficiência como um modo de vida protagonista, que tem algo a ensinar. A deficiência como uma maneira de ser, que por meio de vínculos de amizade, se estende para além dos muros escolares. E não encontrando espaço na instituição escolar se realiza como linhas de fuga, como um modo de vida que em cada afeto,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

escolhas acertadas ou não, constrói uma experiência singular consigo mesmo ou com o mundo.

Para ser possível construir um modo de vida deficiente no espaço escolar, torna-se necessário primeiro uma atitude interna dos profissionais da educação, abandonando os discursos de que não estão preparados para lidar com a deficiência; isto porque, tomado a vida como um modo singular de se expressar, não há capacitação que forneça ferramentas suficientes e definitivas para lidar com cada modo de vida singular que precisa de espaço para expressá-la. Um segundo passo é deixar-se envolver por uma atitude que seja conduzida pela ética do acolhimento amoroso, um olhar que deixa-se afetar pelo outro. Uma amorosidade que não permita que eles permaneçam na má sorte.

Essa normalização age através de práticas incorporadas em uma moralidade que excluem a deficiência. A partir desse modo de ser eficiente agimos evitando a deficiência. A normalização faz com que nos relacionemos com a deficiência como uma diferença a ser superada em nós e na própria sociedade, seja pela construção de competências, seja por meios genéticos. Quando nos deparamos com o deficiente nos sentimos impotentes e nos damos conta de como estamos envolvidos por esta lógica produtiva: sentimos nossa própria deficiência. O deficiente denuncia nosso modo de ser eficiente e, também, como nós promovemos a anulação das nossas próprias deficiências (ignorância, limites, fracassos, infantilidade, loucura, etc.). Assim que o devir deficiente se mostra, nos interpela e tendemos a julgar pelos parâmetros da normalidade eficiente, contudo, devemos experimentar aquilo que nos faz comum: a deficiência é que nos faz humanos e singulares.

É preciso pensar a deficiência não como uma identidade, onde esta diferença se dá como diferenciação cultural, ou diferença de gênero ou étnico-racial, antes pensá-la como uma diferença radical, onde o indivíduo não tem poder de escolha sobre sua condição, não pode contornar o acontecimento que o envolve. Uma deficiência como condição ontológica: fomos, somos ou teremos algum tipo de deficiência em algum momento de nossas vidas. Reconhecer que não há como ser eficiente em tudo, já é uma forma de atitude de resistência ao jogo.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Referências

BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119. Disponível em: <<https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo** (Obras Escolhidas III). Editora Brasiliense, 1989, p. 103-149.

CARVALHO, A. F. Por uma ontologia política da (d)eficiência no governo da infância. In: PAGNI, Pedro Angelo. **Da exclusão à modelo de identidade: a deficiência como paradigma biopolítico**. Marília: UNESP, 2016 (Mímeo).

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Trad. Ingrid M. Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do Sujeito**. Trad. Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. A vida: a experiência e a ciência. In: **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Trad. Elisa Monteiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a, p. 352-366.

FOUCAULT, M. **Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina**. Trad. Vera L.A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Trad. Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 16 ed. Trad. Maria T. C. Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREITAS, A. S. O *devoir-deficiente* da pedagogia: notas para uma antropologia filosófico-educacional da plasticidade. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 24, p. 231-260, mai.-ago. 2016.

MALABOU, C. **Ontologia do Acidente: ensaio sobre a plasticidade destrutiva**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2014.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ORTEGA, F. O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade. In: **MANA**, 14(2): 477-509, 2008.

PAGNI, P. A. A emergência do discurso da inclusão na biopolítica: Uma problematização em busca de um olhar mais radical. **Revista Brasileira de Educação**. v. 22, n. 68, p. 255-272, jan.-mar. 2017a.

PAGNI, P. A. Da exclusão a um modelo identitário de inclusão: a deficiência como paradigma biopolítico. **Childhood & Philosophy**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, p. 167-188, jan.-abr. 2017b.

PAGNI, P. A. **Biopolítica, diferenciação ética e educação**: outro olhar sobre a inclusão - retratos da positividade da deficiência. Disciplina de doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação na UNESP de Marília. Mar./mai. 2016.

PAGNI, P. A. **Diferença, subjetivação e educação**: um olhar outro sobre a inclusão escolar. In: **Pro-Posições**, v. 26, n. 1 (76), p. 87-103, jan./abr. 2015.

SLOTERDIJK, P. **Has de cambiar tu vida**: sobre antropotécnica. Valencia: Pre-texto, 2012.

SKLIAR, C. La pronunciación de la diferencia entre lo filosófico, lo pedagógico y lo literário. In: **Pro-Posições**, v. 26, n. 1 (76), p. 29-47, jan./abr. 2015.

Recebido em: 15/05/2021

Aprovado em: 14/06/2021

Publicado em: 22/07/2021



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

LINGUAGEM E SUBJETIVIDADE EM ATENAS NO SÉCULO V A. C.

LANGUAGE AND SUBJECTIVITY IN ATHENS IN THE 5TH CENTURY B. C.

LINGVO KAJ SUBJEKTIVO EN ATENOJ EN LA 5-JARCENTO A.K.

José Provetti Junior²⁶

Resumo

Nesse texto se pretende problematizar a relação entre linguagem e subjetividade na Grécia, no século V a. C., na cidade de Atenas, em especial, procurando aprofundar aspectos dos efeitos de linguagem no idioma grego aplicado ao início do estudo de caso sobre Péricles de Atenas. Se tentará vislumbrar no conceito de *idiototes*, o que era compreendido como indivíduo, em relação à consciência de sua subjetividade no período, por meio das reflexões sofisticadas de Protágoras de Abdera na sua condição de assessor e amigo de Péricles durante a atuação do *estratego*.

Palavras-chave: Indivíduo. Cognição Helênica Antiga. Sofística.

Abstract

In this paper intends to problematize the relationship between language and subjectivity in Greece, in the 5th century B. C., in the city of Athens, in particular, seeking to deepen aspects of the effects of language in the Greek language applied to the beginning of the

²⁶ É doutorando em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – campus da cidade de Marechal Cândido Rondon/ PR, junto à Linha de Pesquisa em Cultura e Identidades, sob orientação do Professor Doutor em História Social Moisés Antiquiera e co-orientação da Professora Doutora em História Social Maria Regina Cândido. É mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela UNIOESTE – campus da cidade de Toledo/ PR, é mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Professor Darcy Rineiro – UENF, campus da cidade de Campos dos Goytacazes/ RJ, é especialista em Saúde para Professores e Estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio pela Universidade Federal do Paraná – UFPR – campus Ead da cidade de Cruzeiro do Oeste/ PR, é especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG – campus Ead da cidade de Umuarama/ PR, é Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – campus da cidade do Rio de Janeiro. É servidor público federal, Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico – EBTT, lotado junto ao Instituto Federal de Ensino, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR – campus da cidade de Assis Chateaubriand/ PR. Professor e pesquisador no Grupo de Pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR e no Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA – UERJ. É membro da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos – SBEC desde 2010, da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia – ANPOF, desde 2013 e da Associação Nacional de História – Seção Paraná - ANPUH-PR, desde 2019. Contato: jose.provetti@ifpr.edu.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

case study on Pericles of Athens. We will try to glimpse in the concept of *idiototes*, what was understood as an individual, in relation to the awareness of his subjectivity in the period, through the sophistical reflections of Protágoras de Abdera in his condition of adviser and friend of Péricles during the performance of the strategist.

Keywords: Individual. Ancient Hellenic cognition. Sophistry.

Resumo

Ĉi tiu teksto intencas problemigi rilaton inter lingvo kaj subjektivecon en Grekio, en la 5a jarcento a. K., precipe en la urbo Ateno, serĉante profundigi aspektojn de la efikoj de lingvo en la greka lingvo aplikita al la komenco de la kazesploro pri Periklo de Ateno. Ni provas ekvidi en la koncepto de *idiotoj*, kion oni komprenis kiel individuo, rilate al la konscio pri lia subjektiveco en la periodo, per la sofismaj pripensoj de Protágoras de Abdera en lia kondiĉo de konsilanto kaj amiko de Periklo dum la prezentado. de la strategiisto.

Ŝlosilvortoj: Individua. Antikva Helena Konado. Sofistiko.

INTRODUÇÃO:

Buscar compreender os elementos constitutivos da experiência cognitivo-linguística helênica no século V a. C., em torno do fenômeno social do *idiototes*, em Atenas, se constitui uma importante tarefa reflexiva. Parte constituinte e necessária ao desenvolvimento da pesquisa de doutoramento do autor desse artigo, uma vez que se pretende compreender os efeitos do fenômeno cultural sofístico sobre o principal legislador da *polis* ateniense no período, e suas políticas, Péricles, da família dos Alcmeônidas, no início da da Guerra do Peloponeso entre os anos de 431-429 a. C.

A metodologia empregada é estabelecida sobre os conceitos de “indivíduo” e “sociedade”, de Norbert Elias (1994), de “linguagem” à luz de Silva (2015, p. 60-75), Bona (2012, p. 151-192), de Koch (2000, p. 12) e de Strauss (1970, p. 22), de “objetividade” e de “subjetividade” helênicas, de Mondolfo (1969, p. 97-290), de Veyne (1984) e Luois Dumont (2000, p. 35-69), de revolução cultural da escrita na Grécia, de Havelock (1996), quanto à sofística de Protágoras de Abdera, se utilizará o conceito de “homem medida de todas as coisas” interpretada por Untersteiner (2012, p. 25-148) e quanto a Péricles de Atenas, a leitura feita por Azoulay (2010).

1. DOS CONCEITOS AOS PROBLEMAS QUANTO AO OBJETO:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tentar compreender os fenômenos da linguagem e da subjetividade na Atenas do século V a. C. exige a adoção de conceitos adequados ao contexto histórico daquela sociedade e cultura. Nessa perspectiva, enunciar-se-ão os referenciais conceituais sobre os quais esse artigo foi produzido, buscando parametrizar a abordagem para um melhor aproveitamento do espaço reflexivo sobre o tema e o problema propostos.

Como recorda Silva (2015, p. 60):

Um dos maiores obstáculos que enfrenta o analista da sociedade tem a ver com a linguagem, com seu caráter marcadamente social, tanto do ponto de vista de seus usuários como do ponto de vista de seus significados historicamente mutantes. Trata-se de uma dificuldade maior que é ao mesmo tempo uma oportunidade, pois a linguagem é a grande forma de acesso à análise social, já que o *dito* – como diria o Michel Foucault da época da *Arqueologia do saber* – é a porta de entrada aos sistemas de classificação, de hierarquização e de representação que caracterizam uma sociedade determinada.

Silva afirma que a linguagem é simultaneamente uma excelente via de acesso à compreensão do que está em jogo, em dada sociedade e cultura, num determinado tempo em análise; mas também é um certo entrave, na medida em que o objeto de investigação se distancie temporal, geográfica, histórica e culturalmente do momento em que o pesquisador se encontra.

Tal entrave advém do caráter social dos sistemas de classificação, de hierarquização e das representações passíveis de serem realizadas no código utilizado pela sociedade em estudo. O que só é dirimível, na medida em que o investigador atendo se detiver em historicizar o código da linguagem em estudo, abrindo-se, portanto, as portas cognitivas das semiotizações levadas a efeito nos registros dos fenômenos em questão.

Como assegura Ricoeur (*apud* Bona, 2012, p. 151):

(...) a hermenêutica²⁷ é, (...), o método de tratamento de todas as questões que conduzem a interpretação do sujeito, a narrativa²⁸ é a forma de expressão

²⁷ Aqui se entende “hermenêutica” com Japiassu e Marcondes (1993, p. 118) nas seguintes acepções: “**2.** O termo passou depois a designar todo esforço de interpretação científica de um texto difícil que exige uma explicação. (...) **3.** Contemporaneamente, a hermenêutica constitui uma reflexão filosófica interpretativa ou compreensiva sobre os símbolos e os mitos em geral. (...)”

²⁸ Se entende “narrativa”, do Latim *narro*, significando, conforme Torrinha (1982, p. 542): **1.** Dar a conhecer, tornar conhecido, (...), expor (...) **2.** Dizer, falar de (...) Provém de (*g*)*narus* (...), que conforme se observa em Torrinha (1982, p. 365): **1.** Que conhece, que sabe. **2.** Sabedor: douto (...).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do ‘produto’ dessa interpretação. O sujeito é o sujeito narrado e a história é uma narrativa das ações desse sujeito; uma narrativa que se refere às ações dos homens do passado. A compreensão da vida humana requer a mediação da linguagem e das demais construções culturais presentes em uma determinada sociedade. A narrativa é a forma privilegiada dessa mediação, de modo que não existe história sem narratividade.

Para Bona, a linguagem é o meio significativo-significante que é o objeto da hermenêutica, enquanto técnica interpretativa, se dando na e pela narrativa, enquanto artefato historicizável privilegiado, por ser carregado de sentidos que são, em si e por si, construções culturais de dada sociedade, instituindo linhas de narratividades descritivas das histórias dos homens do passado. Sendo, portanto, a linguagem, a encruzilhada semiótica que constitui a História, enquanto campo científico.

Para Koch (2000, p. 12): “(...) a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade.” Ora, nessa perspectiva, a linguagem, para Koch, não é apenas um meio que se constitui no social, composto por conceitos que emergem das necessidades sociais junto ao seu meio ambiente, desenvolvimento tecnológico-cultural, que pode ser contingentemente aproveitável ao desenvolvimento do saber histórico, como afiança Silva (2015, p. 60). Mesmo sob a égide da citação de Foucault (*apud* Silva, 2015, p. 60), isto é, que apresenta a linguagem como “uma porta de entrada aos sistemas de classificação, de hierarquização e de representação que caracterizam uma sociedade determinada”.

Ou ainda, para Ricoeur (*apud* Bona, 2012, p. 151), em que a linguagem é o meio pelo qual, por mediação hermenêutica se torna possível acessar as ações vividas pelos homens do passado como produtos veiculados pelas narrativas de seu fluxo existencial.

Para Koch (2000, p. 12), a linguagem só possui as propriedades assinaladas por Silva (2015, p. 60) e Bona (2012, p. 151), na medida em que é compreendida como uma ação física e existencial, prenhe de intencionalidade e ideologia, marcada, necessariamente, pela argumentatividade de qualquer natureza²⁹.

²⁹ Por “argumentatividade de qualquer natureza” o autor aqui se remete às discursividades mítica ou racional, cada qual especificamente radicada em sua categorização enunciativa própria, indiferentemente à cultura que o termo “mito” se aplique, mas nesse artigo, especificamente direcionada ao sentido



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Considerando a posição de Strauss (1970, p. 22) quanto a se compreender a linguagem como um fenômeno social, com o que concorda Silva (2015, p. 60), Strauss acrescenta que a linguagem tem duas características fundamentais, a saber:

- a) Quase todas as condutas linguísticas se situam no nível do pensamento inconsciente, pois falando não temos consciência das leis sintáticas e morfológicas da língua em utilização no momento da comunicação e
- b) A falta de apreensão intuitiva persiste mesmo quando formulamos as regras gramaticais e fonológicas de nossa língua.

Na acepção de linguagem de Strauss, portanto, aquele fenômeno social que por meio do qual se torna possível acessar “(...) os sistemas de classificação, de hierarquização e de representação (...)” (Foucault *apud* Silva, 2015, p. 60); o meio semiótico que permite acessar as narrativas dos sujeitos históricos, enquanto artefato cultural a ser interpretado hermenêuticamente (Ricoeur *apud* Bona, 2012, p. 151); que se caracteriza como uma ação social intencional e direcionada ideologicamente, participe de um embate argumentativo que se fundamenta nas peculiaridades históricas, culturais, tecnológicas, religiosas e econômicas de uma determinada sociedade (KOCH, 2000, p. 12), se dão sob a égide das duas características supracitadas, que em si são a inconsciência de qualquer programação discursiva no âmbito existencial da comunicação que se dá na e por meio da sociedade, narrativamente.

Ou seja, na medida em que os atos elocucionais linguísticos são inconscientes e esta se mantém mesmo quando se fala sobre as regras gramaticais e fonológicas do código em que se expressa, a linguagem, enquanto fenômeno social historicamente determinado está submetida, inconscientemente, aos potenciais e limites expressivos de cada código linguístico cultural, social e historicamente construído em sua relação ecológica com o meio ambiente em que se encontra.

Portanto, como afirma Silva (2015, p. 60-61):

Os historiadores voltaram finalmente à ideia de que a atenção para com as palavras era um dos mais importantes segredos do ofício, ao lado das preocupações documentais, seriais e quantitativas, e apoiando-se nos descobrimentos da linguística em princípios do século XX, a preocupação com *as palavras e as coisas*, que nunca havia se abandonado de todo, voltou

helênico, com seu estatuto referencial gnosiológico e critério de Verdade, em sua relação sinonímica *mythos-logos* (mito-razão), no sentido adotado por Veyne (1984), Havelock (1996), Mondolfo (1969), Vernant (1999 e 1990), Detienne, (1998 e 1988), Dodds (2002)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a ocupar o seu lugar, com uma consideração mais precisa das relações entre linguagem e sociedade, evitando a tentação de uma formulação puramente abstrata e proposicional da linguagem em benefício de uma perspectiva pragmática, que insistia, sobretudo, nos usos e nos usuários, nas funções.

É nessa perspectiva que nesse artigo se adota como referencial teórico e conceitual de indivíduo e sociedade o defendido por Norbert Elias (1994), a ser aplicado no objeto de estudos, isto é: Péricles de Atenas, no século V a. C. e os efeitos de linguagem em língua grega, sob a influência do movimento cultural sofístico, especificamente, o pensamento de Protágoras de Abdera sobre o *estratego* de Palas, entre os anos de 431-429 a. C. Pois se crê que por meio do uso desses referenciais conceituais e linguísticos será possível acessar, narrativamente, a vivência da subjetividade experienciada pelo sujeito da investigação e seus contemporâneos.

Para Elias (1994), os conceitos de “indivíduo” e de “sociedade” não são ontologicamente opostos, isto é, não são extremos, nem tampouco contrários, embora na Sociologia e no trato comum da maioria dos humanos Ocidentais, aqueles conceitos se excluem no senso comum. O que é facilmente verificado em consulta a qualquer dicionário de sinônimos e antônimos, onde se verifica que o antônimo de “indivíduo” é “divisível” (no sentido químico-físico) e que “indivíduo”, no sentido de “pessoa, ente, ser” não possui antônimo, conforme se vê em Schwab (1974, p. 586). Por sua vez, o antônimo de “sociedade”, no sentido de “agrupamento”, “agremiação”, não possui antônimo, também segundo Schwab (1974, p. 914)!

Segundo Elias (1994), isso se dá devido a uma tradição historiográfica e filosófica que remete a Escolástica medieval e aos inícios da Idade Moderna, em especial com a transposição da ideia física pré-socrática de *átomo*, em Grego, para uma noção substancial e alquímica, em Latim, expresso pelo conceito de *individuum*.

Seria a partir da Idade Moderna, em especial por René Descartes, em suas *Meditações Metafísicas* e no *Discurso do Método* (1996), consolidado o uso do conceito de *individuum* para se designar a denominada “substância pensante”, o *Eu*. Inaugurado toda uma série de teses que sendo interiorizadas social e culturalmente no Ocidente levaram à crença de uma espacialidade interior ao corpo humano que desde então é entendido como uma espécie de fronteira entre o interno e o externo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tal concepção nos permite hoje ter uma clara percepção de que somos algo distinto dos demais seres físicos da natureza, delimitados por nossos corpos e apenas comunicáveis, não se levando a sério aqui o conceito de “solipsismo”³⁰, por meio da linguagem. Tanto quanto tal concepção nos leva, erroneamente, à ideia de que o indivíduo é algo que se distingue absolutamente da ideia de sociedade. No entanto, segundo Elias (1994), isso é equívoco.

Para Elias, as ideias de “indivíduo” e “sociedade” são complementares, pois são constituídas, em suas propriedades lógicas e fenômeno existencial, apenas e somente na medida em que se relacionam, ou melhor, na medida em que indivíduos só se geram a partir de sociedades e estas, obviamente, se consolidam apenas pela aglutinação relacional de indivíduos, se eliminando, em suas teses, a opção de origem humana judaico-cristã-muçulmana.

A partir dessa compreensão e sem adentrar mais na discussão levada a efeito por Elias, se direcionando para o tema e problemas relativos a esse artigo, se adota, aqui, os conceitos de “indivíduo” e de “sociedade” à luz de Elias (1994, p. 130-131), que por sinal, também informa que o conceito de *individuum* não existia no mundo Antigo, em especial, na Grécia Antiga. Com o quê concordam Dumont (2000, p. 35-69), (1999, p. 13-25 e 45-73), Mondolfo (1969) e Detienne (1988).

Mas se não existe na Antiguidade Helênica a ideia de *individuum*, havia algo semelhante? Se não havia, como era a vivência do que se denomina hoje como “subjetividade”, e sua contrapartida, a “objetividade”? E como a linguagem se dava em idioma Grego, no caso de Atenas, o dialeto Ático, no que se refere a esse importante viés da relação sociedade-indivíduo, como verificado em Elias (1994)? Se havia, o que era e como se dava?

2. DO PROBLEMA:

³⁰ Conforme se verifica em Japiassu e Marcondes (1993, p. 228): “do Latim *solus* – só e *ipse* – ele mesmo - termo de sentido negativo, e até mesmo pejorativo, designando o isolamento da consciência individual em si mesma, tanto em relação ao mundo externo quanto em relação a outras consciências; considerado como consequência do idealismo radical. (...)”.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Essa seção precisa ser iniciada com um dimensionamento bem específico quanto ao tema e problema desse artigo, na medida em que as questões enunciadas no parágrafo anterior provocam um significativo abalo em nossa forma habitual e contemporânea de encarar como óbvia, a existência sempiterna das noções de subjetividade e de objetividade, bem como suas relações, investigadas e mapeadas pela Epistemologia, em Filosofia e Ciências como um todo, decorrentes do reconhecimento empírico da existência e autoconsciência do indivíduo; tanto quanto de suas consequências, isto é, sobretudo, do problema da liberdade, enquanto livre-arbítrio, manifestação específica da individualidade como fenômeno social dotado de intencionalidade e, portanto, eticamente qualificável, socialmente, como imputável ou não de responsabilidades civis e criminais.

Por outro lado, ao levantar o problema da inexistência do indivíduo, enquanto ignorante de sua subjetividade, como sujeito ativo do conhecimento, numa clara consciência das fronteiras entre o *Eu* em relação as demais subjetividades e os objetos constituintes da realidade, na Grécia Antiga, se abrem outros questionamentos que inferirão, necessariamente, sobre a aproximação técnica e necessária a ser feita junto à linguagem, como àquela ferramenta essencial para se acessar as narrativas sobre os homens do passado, no ofício do historiador e, conseqüentemente, o próprio sentido hermenêutico do processo de análise histórica de todo e qualquer texto e fenômenos sociais registrados na Antiguidade e Medievo.

Isso por que na medida em que esses textos implicam, portanto, na construção de um modelo teórico, nos moldes do “tipo ideal”, do método compreensivo weberiano, para se acessar, linguística e hermenêuticamente, as narrativas desse passado da maneira mais científica possível, se inferindo, então, a necessidade de parâmetros específicos a serem aplicados nas Ciências Humanas e Sociais.

Em termos metodológicos, a sequência de perguntas levantadas no fim da seção anterior nos remete ao que expõe Chartier (*apud* Bona, 2012, p. 154), quanto aos esforços dos pesquisadores do campo da História para se adequar ao paradigma cientificista positivista das Ciências Exatas: (...) um dos elementos da referida crise [da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

História]³¹ é a ‘tomada de consciência dos historiadores de que seu discurso, seja qual for a sua forma, é sempre uma narrativa. (...). E prossegue Bona (2012, p. 154):

(...) Entretanto, esse historiador vê, aí, no reconhecimento da narrativa, a reaproximação da história com o seu sentido originário, pois durante longo tempo, a narrativa histórica esteve muito próxima da fabulação, da ficção. Tanto é que ela era feita por cronistas e narradores. É nesse sentido que, como vimos, Chartier discorda dos que identificam um “retorno à narrativa”. Como, de fato, poderia haver um ‘retorno’ ou reencontro se não houve nem partida ou abandono?” Mesmo diante das pretensões objetivistas da história científica, ela jamais deixou de ser narrativa.

Ora, o problema levantado por Bona, a nosso ver é típico de algo que foi criado pela sociedade helênica na Antiguidade, pejado de suas características cognitivo-culturais e linguísticas, que ao ser adaptado ao longo do tempo pelas sociedades que se juntaram à Helênica, na construção da cultura historiográfica, historicizando-se, colaboraram, respectiva e/ ou simultaneamente com seus modos de semiotização da realidade que lhes caracterizam; incorporando ao campo propriedades que aderiram ao paradigma funcional elementar, a saber, a narratividade, enquanto modo expressivo, como atesta Ricoeur (*apud* Bona, 2012, p. 153).

A tentativa contemporânea de se enquadrar os métodos de construção da história nos moldes das Ciências Exatas passa por um certo desqualificador da histórica, enquanto campo científico, na medida em que se verifica que a despeito dos esforços dos historiadores, pouco se conseguiu em tentar se afastar o campo do modelo narrativo, como atesta Chartier (*apud* Bona, 2012, p. 153).

O que é bem explorado por Veyne (1984, p. 15-26), em que o título do primeiro capítulo da obra *Acreditavam os Gregos em seus mitos? Ensaio sobre a imaginação constituinte*, em que o autor quase com as mesmas palavras de Chartier e Ricoeur (*apud* Bona, 2012, p. 150-153) desconstrói a ideia de Verdade histórica científicista tradicional, encetando a necessidade de uma nova percepção do campo, nos moldes de seu momento constituidor, pelos primeiros historiadores, no âmbito do paradigma cognitivo-linguístico-cultural helênico Antigo.

³¹ Acréscimo feito pelo autor desse artigo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A partir desse ponto, dado como fundamental, a saber: não se pode negar ao campo da História, enquanto cientificidade, as bases essenciais de sua matriz cultural e operacional básica; se exigindo, portanto, uma abordagem compreensiva para a construção de um modelo de abordagem hermenêutica que permita acesso às narrativas da Antiguidade, no âmbito dos parâmetros cognitivos possíveis de serem reconstruídos em um tipo ideal.

Nesse sentido, voltamos às questões do fim da última seção, a saber: a) mas se não existe na Antiguidade Helênica a ideia de *individuum*, havia algo semelhante?

Resposta a' - Não no sentido que se organizou a partir da linguagem física e alquímica escolasta-medieval, a partir da Idade Moderna.

Para os Gregos Antigos, o mais próximo que conheciam era o conceito de *idiototes*, significando: “pessoa privada, cidadão simples, homem comum, ignorante”, conforme se vê em Urbina (1996, 304). ou seja, o *idiototes* nada tem a ver como o *individuum*, que gerará o nosso atual “indivíduo”, como algo que seria naturalmente oposto ao conceito de sociedade, no senso comum Ocidental, conforme assegura Elias (1994).

Idiototes é o termo que equivale, para os gregos, ao *individuum*, dos latinos, no entanto, a palavra tem uma conotação negativa, enquanto vai no sentido oposto ao de *polités* (“cidadão”).

Para os gregos antigos, o *idiototes* era alguém que dava mostras, publicamente, de não se interessar pelas funções públicas. E, conseqüentemente, em se considerando que a política e a cidadania são o culto cívico, isto é, a religião civil, cultuada durante toda a Antiguidade helênica, enquanto religiosidade política da comunidade em que o *idiototes* se encontra inserido, ser reconhecidamente qualificado como um *idiototes*, necessariamente, era estar em oposição a toda a comunidade cívico-religiosa, numa perspectiva delineada com brilhantismo por Fustel de Coulanges, em *A cidade Antiga* (1998, p. 7-122), e é reforçado por Leão, Rossett e Fialho em *Nomos: direito e sociedade na Antiguidade Clássica* (2004), Glotz, em *A cidade grega* (1980, p. 243-312) e, sobretudo, em Burkert, em seu *Religião grega na época Clássica e Arcaica* (1993, p. 123-633).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em se considerando que a exceção das *polies* democráticas, que como Atenas asseguravam acesso igualitário a todos os homens descendentes de pais atenienses, livres, maiores de dezoito anos, capazes de se armarem e participarem do exército, e plenos de seus direitos cívico-religiosos, quanto a participarem da vida pública-religiosa do Estado, no exercício de magistraturas; todas as demais cidades, até onde consta, apenas os Pais de família usufruíam de direitos políticos, não apenas sobre os membros e propriedades de seu *genos* (família), quanto a eventuais magistraturas, dependendo do regime político empregado na cidade em questão.

Ora, se Coulanges (1998, p. 123-253) estiver correto, a despeito da crítica desenvolvida por Glotz (1980, p. 1-83) quanto à estrutura funcional das *polies* seguir ou não as leis da família grega, em projeção desta para a *Frátria* e desta para a Tribo, e a partir de então, num grau maior de representatividade, o cidadão, participe da Assembleia, com maior ou menor acesso à participação direta das magistraturas de sua cidade. Buscar acima dos interesses coletivos, fosse em que instância da vida social fosse, seus interesses privados é, claramente, um ato de impiedade, que absoluta e necessariamente implicava em um atentado contra a “segurança nacional”, se assim podemos nos expressar; para passar o grau de anormalidade político-religiosa em questão, habitualmente punível com a pena de morte ou exílio, ou ainda, de morte e insepultamento.

Portanto, isso nos leva a crer que o *idiototes* era uma pessoa que se destacava na sociedade por ações que tinham um valor político-religioso distinto da coletividade e mesmo contrária aos interesses da sociedade.

Apenas pelos parâmetros aqui alinhavados, já se percebe o grau de incoerência entre as ideias de *idiototes* e de *individuum*, com as estruturas socio-político-religiosas de sua comunidade.

Por outro lado, a única maneira conhecida e validade pela cultura helênica Antiga, para despontar como o que hoje consideramos como um “indivíduo”, era, no exercício de funções públicas, a apoteose máxima do processo válido de individuação, pois na medida em que sua personalidade se doa na defesa irrestrita dos interesses de sua comunidade, ele, enquanto membro desse coletivo (sociedade), o homem, se



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

“individualiza”, no exercício daquilo que é sua função própria, isto é, a cidadania (*politéia*), alcançando o que os gregos chamavam de *areté* (excelência³²).

É nessa medida que havia, na Hélade Arcaica e Clássica, um “princípio de individuação”, que operava de forma muito diferenciada de nossa atual concepção, uma vez que em nada se enquadra com os conteúdos culturais e linguísticos atribuído ao conceito de *idiototes*, mais próprio às acepções negativas do individualismo social.

Segundo Dumont (2000, p. 35-69), apenas quando o homem exercia a sua cidadania, sobrepondo aos seus interesses pessoais os da coletividade, enquanto sua “grande família”, o homem helênico então, acessava um certo grau de individualidade social, ratificada pelo canto dos poetas que o imortalizariam versificando, cantando e dançando seus feitos, como que “semelhante a um deus”, se tornando assim, um herói, cujas ações jamais seriam esquecidas pela cidade.

b) Se não havia a ideia de indivíduo como se dá hoje, como era a vivência do que se denomina de “subjetividade” e sua contrapartida, isto é, a “objetividade”?

Resposta b’ - De antemão faz-se necessário definir esses conceitos.

Segundo Japiassu e Marcondes (1993, p. 230), subjetividade é:

Característica do sujeito; aquilo que é pessoal, individual, que pertence ao sujeito e apenas a ele, sendo portanto, em última análise, inacessível a outrem e incomunicável. Interioridade. Vida interior. A filosofia chama de “subjetivas” as qualidades segundas (o quente, o frio, as cores), pois não constituem propriedades dos objetos, mas “afetações” dos sujeitos que as percebem. Nenhum objeto é quente ou frio, mas cada um possui apenas uma certa temperatura. Toda impressão é subjetiva. Por isso, Kant chama de subjetivos o espaço e o tempo, porque não são propriedades dos objetos, não nos são dados pela experiência, mas pertencem ao sujeito cognoscente: são “formas *a priori* da sensibilidade”. (...).

Por objetividade, ainda segundo Japiassu e Marcondes (1993, p. 183):

³² Ser o melhor naquilo que faz, superando-se de tal modo em relação aos demais, que venha a adquirir reconhecimento público de ser “semelhante a um deus”, adquirindo assim, notoriedade pública reconhecida e cantada pelos poetas, assegurando assim, nas crenças helênicas, a imortalidade, com a decorrente quebra dos ciclos reencarnatórios após a morte do corpo. A *areté* variou conforme a época, desde Homero até as seitas religiosas-cosmológicas do período Clássico, conforme se verifica em Vernant e Naquet (1999, p. 306, 338, 340 e 359), Detienne (1991, p. 58), Sissa e Detienne (1990, p. 75-84), Brandão (1998, p. 133, 142, 143, 150, 165), Vernant (1998, p. 41-54), Burkert (1993, p. 369-418 e 525-633) e Jaeger (1995, p. 23-282)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

1. Característica daquilo que existe independentemente do pensamento. *Opõe-se a subjetividade.*
2. Na filosofia kantiana, característica do conhecimento objetivo, ou seja, aquilo que o entendimento, com base nos dados da sensibilidade, constitui como objeto da experiência.
3. Em um sentido epistemológico, tentativa de constituir uma ciência que se afaste da sensibilidade e da subjetividade, baseando suas conclusões em observações controladas, em verificações, medidas e experimentos, cuja validade seja garantida pela possibilidade de reproduzi-los e testá-los. Essa objetividade, entretanto, é sempre relativa às condições de realização desses experimentos e verificações, sem ter pretensão a um conhecimento absoluto ou definitivo. (...).

A conotação empreendida por Japiassu e Marcondes nas definições supracitadas são de extrema valia para o objeto de estudo nesse artigo! Como ressalta Elias (1994) é quase inimaginável para a maioria de nossos contemporâneos cogitar a possibilidade de que a subjetividade e suas propriedades não são sempiternas e generalizada na história das culturas humanas.

É com muita dificuldade que se assinala a distinção, na cultura Ocidental contemporânea, entre o que havia antes de Descartes (1996) e o que se iniciou com o chamado “princípio de individuação”, que posteriormente implementou toda a possibilidade do que denominamos de *Eu* e sua interioridade, enquanto vida psíquica ser inexistente em sociedades Antigas.

Tanto quanto é incompreensível, em termos antropológicos e etnológicos, em Sociologia, apresentar a nossos contemporâneos, culturas simples, isto é, não complexas e não industrializadas, que ainda existem em nosso tempo, que ignoram o individualismo e os processos psíquicos não coletivos, em todas ou na maior parte de suas manifestações culturais e existencialidade, seja no âmbito de um dos elementos ou de todo o agrupamento social.

Segundo os trabalhos de Mondolfo, na obra *O homem na cultura Antiga: a compreensão do sujeito humano na cultura Antiga* (1969, p. 97-290), em Veyne (1984, p. 15-26) e Dumond (2000, p. 35-69), os helênicos ignoravam a existência e atuação do que denominamos hoje de “subjetividade”, sendo, segundo Mondolfo, “*Eus* abertos” às



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

forças naturais, que para os gregos eram os deuses que se manifestavam na *phýsis* e no *kósmos*³³.

Ou seja, aquilo que fundamentaria o que hoje denominamos “indivíduo”, isto é, sua subjetividade, interioridade, conforme a definição de Japiassu e Marcondes (1993, p. 230), o que caracteriza o sujeito como aquilo que lhe é pessoal, individual, que pertence apenas a ele. Esse conteúdo interior, que tem propriedade de acesso privilegiado aos conteúdos mentais e propriedades secundárias das sensações, isto é, que apenas ele sente e perscruta, as tonalidades e intenções particulares, que são incomunicáveis por serem experiências psíquicas privadas, e que tem uma história de vida, plena de afetos e perceptos únicos, que quando tem a oportunidade de se mirar em um espelho se fita a imagem que surge, se reconhecendo como um *Eu*, com dado nome e história de vida. Isso, era absoluta e totalmente ignorado pelo helênicos.

Tal fato social é confirmado por meio da própria estrutura familiar e social básica helênica antiga. A partir da qual, segundo Coulanges (1998, p. 7-94) o Pai de família, seria o homem mais velho do casal fundador do *genos*, com amplos direitos sobre todos os bens produzidos pela família e sobre a vida, morte, liberdade ou não, casamento etc, de cada um dos elementos que compunham o grupo familiar. Sendo, nas cidades não democráticas, apenas o Pai de família o cidadão (*polités*).

Ora, como visto anteriormente, as *polies* democráticas iniciaram um alargamento da noção de cidadania, ao permitir que em cada *genos*, não mais apenas o Pai de família, mas todos os homens livres, filhos de pais nativos livres da cidade, acima de dezoito anos, capazes de se armar e plenos de seus direitos cívico-religiosos podiam participar dos órgãos administrativos da cidade, e ao menos duas vezes em sua existência, no caso de Atenas, exercer alguma função pública-religiosa-militar, conforme se verifica em Barker (1978).

Nesse sentido, segundo Mondolfo (1969, p. 97-290), os helênicos eram um *Eu aberto*, isto é, tinham uma autopercepção intimamente vinculada a sua comunidade

³³ Para aprofundamentos a respeito dos conceitos de *kósmos* e *phýsis* helênicos, se sugere a obra de PROVETTI JR. (2016a) *As origens gregas do racionalismo popperiano: visão cosmológica da conexão entre metafísica e ciência da Antiguidade para a prática epistemológica contemporânea*.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

familiar, de sua *frátria*, de sua tribo e de sua *polis*. Ignoravam a existência e as propriedades da subjetividade tal qual a conhecemos hoje e, portanto, apenas conheciam a si próprios por meio do olhar do outro, isto é, apenas na medida em que na vida em sociedade, se relacionando com os demais elementos do grupo, pela crítica laudatória e repreensiva quanto a sua *areté*, o homem antigo vinha a conhecer a sua história de vida e demais características subjetivas.

Não como um processo de autoanálise, auto investigação sobre o direcionamento íntimo de cada um de seus sentimentos e atos. Portanto, nessa perspectiva, a expressão do templo de Delfos: “Homem, conhece-te a ti mesmo” só era possível na vida comunitária e pelos Mestras da Verdade, na modalidade da poesia laudatória.

Não é que não existia a subjetividade, enquanto manifestação de sua interioridade. Esta, era compreendida como a ação natural dos deuses, a partir da perspectiva da qual os helênicos se punham em relação à natureza, isto é, animais que podem se organizar em sociedades de súditos escravizáveis, os bárbaros; e os helênicos, organizados em *polies*, como iguais perante seus pares (*homoioi*) e dirigidos pela lei redigida. Divinizáveis por meio da *philotimia* (amor a honra) para alcançar a imortalidade social de sua *areté*.

Nessa percepção de humanidade natural, não há espaço para o sobrenatural, pois os deuses gregos eram entidades humanoides e metamórficas supernaturais, pois constituíam-se enquanto *phýsis* (Natureza), no *kósmos* (harmonia de tudo o que existe) tanto quanto os homens e demais elementos da realidade.

Nesse sentido, o homem grego temia seus deuses não por serem algo que lhes é superior, por estarem acima da natureza, mas os temiam e respeitavam por serem a própria natureza, que se manifestava não apenas no em torno de cada pessoa, mas sobretudo em si mesmo, por meio de cada um dos membros do mundo, como atestam Sissa e Detienne (1992, p. 175-232).

Portanto, para Mondolfo (1969, p. 97-290), os helênicos se sentiam tomados por seus deuses, numa experiência religiosa muito distinta da atual, em relação a qualquer divindade em questão no Ocidente.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nesse sentido, o homem grego era objetivista, isto é: àquilo que se poderia atribuir ao que hoje denominamos de propriedades subjetivas, eles atribuíam às manifestações dos deuses, que os atravessavam, enquanto partícipes do *kósmos*. Toda a experiência existencial confirmava que a respeito da Verdade sobre a realidade, os homens podiam apenas emitir opiniões, uma vez que sendo mortais os seus corpos, toda nova existência precisava se reapossar de novas experiências, na medida em que sua memória não atravessava o fenômeno da morte corpórea.

Já os deuses, segunda as religiões gregas, sendo imortais, acompanhavam todas as modificações dos ciclos cósmicos tempo-espaciais, tão bem retratados no mito das Raças, em *Os trabalhos e os dias*, do poeta Hesíodo de Ascra (1995, 25-29).

Ora, em se considerando o exposto até esse momento quanto à experiência de individuação helênica, se verifica, claramente, que a concepção de indivíduo, enquanto *idiootes*, não corresponde à atual ideia de “indivíduo”, enquanto vinculada ao conceito de *individuum*.

Ao contrário, numa perspectiva cognitiva e existencial objetivista, o princípio de individuação presente na Grécia Antiga tem na perspectiva público-religiosa da religião civil helênica, sua matriz produtora de possibilidades do *polités* alcançar a sua *areté* e, por conseguinte, ao alcançá-la, desde que tenha o reconhecimento público, os poetas dariam a seus feitos o destaque e amplitude extensível a todo o falante de Grego da época, por meio do canto e dança versificados, o quê se constituiria algo que poderíamos chamar, aproximadamente, de “individualidade”.

c) E como a linguagem se dava em idioma Grego, no caso de Atenas, o dialeto Ático, no que se refere a esse importante viés da relação sociedade-indivíduo, como verificado em Elias (1994)?

Resposta c' - Como deve ter ficado notório ao leitor, na Grécia Antiga, a cidade-estado, a política e a cidadania se transformaram no que denominamos de “princípio de individuação” helênica, que se instituía por meio da total imersão do cidadão nas atividades de interesse familiar-público-religioso, de maneira a que viesse a conhecer a si mesmo por meio das narrativas que os poetas comporiam a respeito de sua *areté*, se



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tornando semelhante a um deus e, portanto, uma força natural que supera a sua humanidade e se individualiza por meio e no coletivo social.

É importante assinalar aqui, que tal processo cultural se instituiu, até onde é sabido, a partir do século XI a. C., com as obras ainda orais de Homero. No século VIII-VII a. C. tomou novo formato, baseado nas obras de Hesíodo de Ascra, com a criação da *polis*, e os efeitos de uma revolução cultural, que fora gestada na área de influência helênica, quanto à apropriação do silabário fenício, a criação do alfabeto grego a partir das adaptações das consoantes fenícias aos sons do Grego, e a inédia inovação das vogais e, por meio de uma nova perspectiva de *kósmos* e *phýsis*, fundamentada no ideal religioso trácio de *sophrosýne*, em contraposição a *hýbris*, conforme se verifica em “Efeitos de linguagem no idioma helênico: a origem da razão ocidental” (PROVETTI JR., 2015, p. 102-119), em “O fenômeno sofisticado na Grécia Clássica e a educação do cidadão” (PROVETTI JR., 2009, p. 39-53), “Dois mundos em litígio: poesia e razão na Grécia Arcaica” (PROVETTI JR., 2016b, p. 276-311) e “Da genealogia da História: Hélade Arcaica e Clássica – séculos VIII-IV a. C.” (PROVETTI JR., 2012, p. 323-358).

Uma vez que as pessoas se ignoravam, enquanto um *Eu*, isto é, uma subjetividade como sujeito do conhecimento, se constituindo como um *Eu* aberto, cujas as forças naturais (divinas), o atravessam e se manifestam, dado sua profunda identidade natural, ou seja, o homem é natural tanto quanto um deus ou qualquer outra coisa existente na *phýsis* e no *kósmos*; a experiência linguística helênica anterior à criação do alfabeto e a reinserção da escrita é, como atestam Havelock (1996, p. 11-44, 77-356), Glotz (1980, p. 190-214), Vernant (1999, 1998, p. 41-102, 1990), Krausz (2007, p. 48-92 e 173-180), Marshall (1998, p. 145-156), Theml (2002), Detienne (1988), Werner (2018, p. 15-118 e 155-266), Jaeger (1995, p. 148-249), Horta (1970) e Mondolfo (1969, p. 99-290) é objetivista.

Nessa perspectiva, a experiência existencial e linguística da realidade para o homem helênico Antigo está submetido aos conjuntos das forças divinas (naturais), em que, condicionado às habilidades psicológicas decorrentes de mais de trezentos anos de cultura oral, a palavra, o discurso é uma manifestação natural, impulsionado pela

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

necessidade e o tempo (ambos deuses, respectivamente, *Ananké* e *Chronos*), para uma comunicação qualquer.

Isso significa que o expressar-se do cotidiano se dava como hoje. No entanto, mesmo falas corriqueiras podiam significar possessões por parte dos deuses, que insuflariam ideias e posturas, não necessariamente provenientes da ação intencional comunicativa do emissor (o *Eu* aberto), mas de uma deidade qualquer. No que se refere às comunicações públicas, isto é bem registrado, isto é, a participação dos homens na condição de cidadãos que tomam a palavra, em uma assembleia qualquer, objetivando trazer palavras sábias aos iguis, como se vê em Homero, na *Ilíada* (2013, p. 57-58, v. 50-120) e Vernant (1998, p. 41-80).

Portanto, a cultura oral criou uma experiência linguística deificada, de uma palavra-eficiente, pois está carregada de sentido e eficiência mágico-religiosas e dado o caráter cívico-religioso das comunicações entre os homens, seja nas reuniões do *genos*, da *Frátria*, da tribo ou na assembleia do povo, a narrativa daquele que se dirige ao centro como um igual (*homoio*), para dizer palavras sábias aos homens está imbuída de características teofânicas, que para o helênico Antigo comum, eram suficientes para sacralizar essa comunicação como veraz, a partir do momento em que se identificavam o dito e a conceitabilidade do conteúdo da mensagem, como se verifica em Mondolfo (1969, p. 99-120), em Havelock (1996, p. 11-44, 87-162 e 273-326), Detienne (1988, p. 13-44).

Apenas com a introdução do alfabeto, da escrita, da criação da prosa e da razão, enquanto modo discursivo é que vai se instaurando, aos poucos, nas sociedades helênicas Antigas, um processo de laicização das narrativas e um conseqüente relativismo epistemológico, que possibilitou a instauração coexistente entre as palavras-eficientes e a palavra-representação. Com isso, se relativizando a comunicação e, na medida em que o falar em público, nos tribunais e assembleias, se tornou a marca



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

decisiva da participação político-religiosa na cidade-estado, um novo critério de verdade se instaura nas relações entre os cidadãos e o Estado, a saber: o da verossimilhança³⁴.

Isso representou o que em História da Filosofia se denomina de “catástrofe da linguagem”, iniciado por Protágoras de Abdera, na *polis* de Atenas, em pleno século V a. C, como assessor do *estratego* Péricles de Atenas. Essa nova tendência é mais conhecida como “movimento sofístico”. Mas por que seria uma “catástrofe da linguagem” o movimento sofístico?

No âmbito do exposto até o presente é notório que o homem grego Antigo tinha uma percepção e vivência da verdade sobre a realidade muito distinta da atual. Basta recordar o fato e as consequências de se ignorar a existência da subjetividade, e como se dava o modo de autopercepção por meio da *areté*, e da instituição da *philotimia* (“amor a honra”), enquanto mecanismos de individuação no e pelo social, com consequências escatológicas de libertação quanto aos ciclos das reencarnações sucessivas, como se verifica em *A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental*, de Proveti Jr. (2011).

A reintrodução da escrita possibilitou não só o surgimento do Direito, por meio da fixação das leis, quanto o surgimento da política e da cidadania a partir da margem de manobra que as leis davam ao cidadão, tanto quanto desonerou, em certa medida, o homem grego antigo de habilidades mnemônicas para se ater ao processo daquilo que era vital à existência, por meio da transmissão oral, cantada, dançada e poetizada de uma palavra religiosa; se direcionando, por meio da escrita, ao desenvolvimento de novas habilidades psicológicas e pela primeira vez, em prosa, se analisar o conteúdo das mensagens de qualquer natureza, se desenvolvendo, portanto, a crítica racional.

No entanto, a prosa racional não possuía regras estabelecidas para o seu funcionamento. A Lógica, enquanto “Ciência da Razão” não havia sido codificada por

³⁴ Na conceptibilidade algo era considerado verdadeiro quanto havia identidade entre a imagem do ideato com o que era expresso em palavras. Logo, sendo visualizável mentalmente a coisa era verdadeira. A verossimilhança além da identidade citada passa a exigir uma demonstração discursiva racional, demonstrando o sentido, a aplicação e momento em que o dito é verossímil e que não apenas possui uma proximidade da verdade. É o primeiro momento, na Grécia, em que formalmente se põe em dúvida a autoridade do narrador, que como visto anteriormente, era possuidor de uma qualificação social auto suficiente, capaz de lhe conceder fé pública enquanto Mestre da Verdade.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Aristóteles, como consequência da “catástrofe da linguagem”. É nesse ínterim, que Protágoras e muitos outros pensadores da época, se denominando “sofistas”, isto é, “sábios”, se dedicavam a ensinar como se utilizar das palavras, argumentativamente, de modo a vencer qualquer disputa, fosse judicial, política ou filosófica, por meio da persuasão, como se verifica em Protágoras (1996), em Untersteiner (2012, p. 24-148), em Detienne, (1998), Dodds (2002), Havelock (1996, p. 219-356), Romeyer-Dherbey (1999, p. 13-33), Casin (1990), Guthrie (2007, p. 9-56, 64-68, 167-187, 211-218 e 244-249) e Jaeger (1995, p. 148-172, 335-372 e 620-647).

Um dos principais ensinamentos de Protágoras é apontado pela historiografia do campo como o seu “homem medida”. Literalmente, como se vê em Sexto Empírico, em *Contra os Matemáticos* 7, 60 (B1): “*De todas las cosas medida es el hombre, de las que son cuando que son, y de las que no son en cuanto que no son.*”³⁵ apud Dueso (1996, p. 127).

Protágoras instaura com essa tese o perspectivismo, enunciando que o homem é a medida de todas as coisas, enquanto estas são e não são. Para nós hoje isso parece algo simplório. No entanto, para àquela sociedade, submetida aos critérios gnosiológicos que verificamos e com a utilização sagrada da palavra, sob os efeitos psicológicos da cultura oral e desconhecendo a si próprio como uma subjetividade, na posição de “sujeito do conhecimento”, e sob o critério de Verdade da conceitabilidade a frase protagórica põe o mundo helênico antigo de cabeça para baixo.

Primeiro: o homem é quem mensura as coisas que são, isto é, aquilo que tem corporeidade³⁶ visualizável e verificável mentalmente (conceitabilidade).

³⁵ “De todas as coisas mensuráveis é o homem, das que são, quando que são, e das que não são, enquanto que não são”. Versão livre do autor desse artigo.

³⁶ Remeto o leitor à questão ainda erroneamente interpretada de que existem coisas “imateriais” no mundo, e que para a Filosofia pós-platônica, sem o conhecimento das denominadas “doutrinas não-escritas de Platão, estudadas e desenvolvidas pelas Escolas de Tübingen-Milão, para a apresentação de uma nova interpretação de Platão, afirma que as Ideias do filósofo ateniense, conhecidas por sua teoria das Ideias, são imateriais e até nossos dias se atribui, a essas coisas, a condição de serem “imateriais”. Em *Lógica as Ideias de Platão* receberão o nome de “ideatos”, “conceitos”, “Ideias”, “formas”, “quid”, “quididade” e “essências”. Tudo que se relacione ao mundo não sensível, não sensorial tem a qualidade de ser abstrato. Ora, se os helênicos antigos tinham a vivência da realidade tal qual se expõe nesse artigo, é impossível que hajam coisas “imateriais” e abstratas para eles, tal qual a tradição filosófica sustenta em algumas partes da Academia até hoje. Isso porquê, para os helênicos antigos, o mundo, compreendido



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No entanto, tal identidade entre a fala mental interior, com os elementos constituintes do código em que se expressa o emissor, sua estruturação numa verbalização mental e sua expressão oral ou redigida, fisicamente expressa é um ato intencional para a Lógica contemporânea, como se observa em Maritain (1958, p. 11-12):

A proposição *pensada* (reunião de conceitos) distingue-se por sua vez da proposição *falada* que a exprime por palavras, e que é o seu sinal oral. Existe tanta diferença entre uma e a outra como entre a própria casa e um sinal qualquer que a represente.

Por proposição *falada*, entendemos tanto a proposição falada realmente, - reunião de palavras emitidas exteriormente – como a proposição falada mentalmente – reunião de palavras formadas na imaginação.

Quando *pensamos* por exemplo “o homem é mortal” afirmamos aquilo que nos é apresentado pela *ideia* de homem e aquilo que nos é apresentado pela *ideia* de mortal. Mas ao mesmo tempo que formamos em nosso espírito esta proposição pensada, *imaginamos* a proposição falada que a exprime (e às vezes chegamos mesmo a esboçar realmente os movimentos de fonação pelos quais pronunciaríamos essa proposição).

A proposição *pensada* (reunião de conceitos) evidentemente difere tanto da proposição *falada mentalmente* (reunião de imagens auditivas ou musculares de sons articulados) como da proposição *falada realmente*.

Protágoras percebeu como se operava a relação entre significado-significante e os efeitos patéticos provocados pela adaptação psicológica do homem de sua época à conceptibilidade. Como tal operação mental se dava enquanto a conceptibilidade era o critério de verdade proveniente da cultura oral, o sofista provoca o deslocamento do centro de gravidade da verdade das proposições, enquanto expressão natural (divina) da deusa *Alétheia* (Verdade), enquanto a emissora inalienável dos deuses junto aos mortais, para o homem enquanto vértice-vórtice categorizador e validador da verdade propositiva de qualquer natureza.

como *phýsis* (Natureza) e *kósmos* (Harmonia do todo existente), sempre foram entendidos como materiais. Na época, eram entendidos como um amálgama mais ou menos proporcional, dependendo do que fosse, de terra, ar, água, fogo e, no caso dos deuses, das almas humanas, estrelas e corpos celestes, de *aither* (éter). Em se considerando não existir a percepção de “sobrenatural” e os deuses e suas interações com os humanos serem entendidas e vivenciadas como “supernaturais”, a tese da “imaterialidade” dos objetos de pensamento só pode ser compreendida na categoria da “incorporalidade”. Para aprofundamentos a respeito, se sugere a leitura de Reale, *Para uma nova interpretação de Platão: releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “Doutrinas não-escritas”* (2004), Provetti Jr., *O dualismo em Platão* (2014), Mondolfo (1969, p. 427-534), Maritain (1958, p. 7-56) e Melisso (de Samos) (1994, p. 411-424).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Antes, ao homem cabia exclusiva e de maneira absolutamente necessária ter apenas opiniões (*doxai*) sobre as coisas, uma vez que eram seres mortais, desprovidos de condições de ter algo mais do que opiniões a respeito da Verdade sobre a realidade. Agora, com a tese protagórica, se instaura no homem a consciência desse potencial de verdade proposicional não mais fixado no divino imortal, mas homem, um ser submetido à transitoriedade existencial.

Ao fazer esse deslocamento do critério de verdade, Protágoras relativiza a Verdade (*Alétheia*) e, portanto, a laiciza, fixando-a na parte da *phýsis* mais instável e provisória possível, a saber, no desejo humano, pois como afirma Hesíodo de Ascra, em sua *Teogonia* (1995, p. 88) sobre como as deusas Musas, as transmissoras dos saberes úteis às tribos na Grécia Antiga veem os humanos, se verifica que:

Elas um dia ensinaram a Hesíodo belo canto
quando pastoreava ovelhas ao pé do Hélicon divino
Esta palavra primeiro disseram-me as Deusas
Musas olímpíades, virgens de Zeus Porta-égide:
“Pastores agrestes, vis infâmias e ventres só,
sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos
e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações”.
Assim falaram as virgens do grande Zeus verídicas,
por cetro me deram um ramo, a um loureiro viçoso
colhendo-o admirável, e inspiraram-me um canto
divino, para que eu glorie o futuro e o passado, (...)

Era de conhecimento geral, por meio das obras de Homero e, sobretudo, as de Hesíodo, para quem tinha acesso a esse nível educacional helênico no século V a. C., que o ser humano, semelhante aos deuses, por serem mortais, não dispunham de recurso mnemônicos capazes de superar os efeitos reencarnatórios da transmigração das almas, de uma vida a outra. Já que seu corpo, feito das matérias da *phýsis* (ar, fogo, terra e água), estava submetido às modificações tempo-espaciais dos ciclos do *kósmos*, no âmbito físico. Não mantendo, portanto, a memória das outras existências.

Nesse particular, segundo as tradições religiosas populares e, depois, a dos mistérios e seitas filosóficas, a alma humana, tal qual os deuses era composta de *aither* (éter), matéria submetida ao *kósmos* e, portanto, sempiterna. A alma, portanto, seria a única parte do homem que semelhante materialmente aos deuses seria capaz, desde que

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

treinada adequadamente por meio dos Mistérios/ Filosofia, de alcançar a nova *areté*, a saber: ser filosófica ou ainda, sofrônica³⁷.

Apenas assim, com essa “educação superior”, como atesta Jaeger em seu *Paidéia: a formação do Homem grego* (1995, p. 85-998) e em seu *Cristianismo primitivo e paidéia grega* (1991) é que se poderia fugir à qualificação dada ao humano pelas Musas a Hesíodo (1995, p. 88), isto é: “(...) “Pastores agrestes, **vis infâmias e ventres só**” e alcançar a semelhança aos deuses, e a conseguinte imortalidade, pois apenas por esse meio é possível: alçar-se ao nível de compreensão por alinhamento micro-macrocósmico ao divino, e, então, “(...) **sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações**”. (...)” ou seja: ter acesso à Verdade sobre a realidade.

Nessa medida, o deslocamento do critério da Verdade da conceptibilidade para o homem criou uma nova referência racional para as práticas jurídicas, políticas e filosóficas dos homens daquela época, a saber: a verossimilhança. Pois dependendo do que está em jogo, com quem se disputa, a narrativa toma o que Protágoras denominaria de *dissoi logoi*, isto é, discursos dúbios ou ainda, “relativistas”. Dando ênfase à capacidade persuasiva (*peithoo*) da argumentação se catastrofa os sentidos habituais e, aderidos às formas convencionais de se dizer e, portanto, submetida às variações daqueles que são em si “(...) vis infâmias e ventres só (...)” (HESÍODO, 1995, p. 88).

Com isso se direciona à assembleia ou audiência o orador e sondando-lhes os interesses sobre o assunto em pauta, pouco importa se o orador é ou não proficiente por experiência ou por ação dos deuses, ele é capaz de conduzir argumentativamente o público para onde bem quer, se alcançando os objetivos como um verdadeiro Mestre da Verdade, um *sophos*.

O orador hábil controla a vontade do povo e é capaz de vencer qualquer disputa, devido ao homem ser a medida de todas as coisas. De tudo o que é; enquanto é. De tudo

³⁷ Isto é, estar tão harmonizada, equilibrada, rítmica com o *kósmos* a ponto de unir o início ao fim do ciclo em si, microcósmo, enquanto espelhamento perfeito do macrocósmo e, portanto, alcançando a nova *areté* apregoada pelas seitas filosóficas como a de Pitágoras de Samos, a de Heráclito de Éfeso, a da Parmênides de Eleia, a de Sócrates de Atenas e contemporâneo de Protágoras, a de Aristocles de Atenas (Platão).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

o que não é, enquanto não é, como apregoava Protágoras, no círculo íntimo de amizade de Péricles, em Atenas no século V a. C.

É a essa nova habilidade que pensadores como Sócrates e Aristóteles de Atenas, em especial o último, mobilizaram todos os seus esforços teóricos, na Academia, para desenvolver a partir da técnica maiêutica de Sócrates, um instrumento racional para se evitar os efeitos de linguagem provenientes das técnicas sofísticas. Trabalho esse levado a termo apenas pelo aluno macedônio de Platão, Aristóteles de Estagira, quando então cria a “Ciência da razão”, a Lógica.

3. SOBRE PÉRICLES DE ATENAS:

Para esse artigo, por enquanto, as pesquisas do autor sobre Péricles se restringem às considerações de Azoulay (2010), em seu *Pericles of Athens*, por estar em fase inicial de investigações. Mas para os objetivos almejados aqui, o que temos é o suficiente, pois em desdobramento posterior a biografia de Péricles servirá como estudo de caso “individual”, para se compreender a relação indivíduo-sociedade na Atenas do fim do século V a. C., entre os anos de 431-429 a. C.

Partindo do exposto enquanto tipo ideal, já estabelecemos que o homem grego padrão, ignorava a existência de sua subjetividade, tinha na palavra uma manifestação natural divina, tão divina e material como ele próprio, e devido há mais de cem anos de exposição à linguagem racional, em prosa, a partir de cosmologias, se iniciam modos de representação narrativas diferenciadas das tradicionais teogonias e cosmogonias, por transposição conceitual, se iniciando, portanto, alguma reflexão sobre as estruturas do mito, que à época, a propósito era perfeitamente usual a permuta entre os usos de *mythos* e *logos*, por serem sinônimos em Grego.

Sabendo ler e escrever, o que não era ainda uma necessidade absoluta, a cidadania é alçada a um padrão humano existencial diferenciado dos que não vivem como os helênicos, se instituindo uma certa intuição de superioridade daqueles que são políades em detrimento dos denominados “bárbaros”.

A propósito de sua autopercepção em relação à Natureza (*phýsis*), o homem não é algo distinto dela, nem tampouco seus deuses; ambos, são tidos como seres naturais,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

compostos de matéria nas modalidades terra, ar, água e fogo. Tudo o que está no mundo da *phýsis* e, portanto, submetido às transformações cíclicas do tempo. Enquanto a alma humana, os deuses, os astros e estrelas, como elementos do *kósmos* são feitos de *aithér* (éter), sendo imortal por ser tal qual o *kosmos* sempiterno.

Os homens são almas que transmigram por meio da metempsicose (reencarnação), sendo, por isso, deuses *epictônios* (subterrâneos), cultuadas pela religião dos mortos e pelo culto do Lar (*Héstia*), e atuando explicitamente, por meio de sonhos e cerimônias do culto do Lar, junto a sua família vivente, como intermediários entre os vivos e os deuses olímpicos. Na percepção de tempo-espaço, que é a do eterno retorno do mesmo, a alma transmigra buscando a cada nova existência, alcançar sua *areté* (excelência).

Esse é o senso comum dos helênicos em geral, baseado nos ensinamentos da religião doméstica, liderada pelos Pais de família (*polités*, nas cidades não democráticas), no culto cívico das *polies*, tudo tendo como base os poemas de Homero, Hesíodo e ratificado pelas tradições das narrativas mito-poéticas tradicionais.

Como contraponto emergente a esse caudal cultural, o pensamento filosófico, interagindo com as tradições mito-poéticas, se consolida como uma espécie de releitura dos mitos, em prosa redigida, ensaiando, por meio da crítica, a transposição das representações míticas em novas categorias representacionais regidas pela prosa redigida. Se desenvolvendo em paralelo às inovações médica, matemática, arquitetura, astronômica, farmacológica, zoológica, botânica e gramatical; à época, todas denominadas “filosóficas”, criam uma cultura considerada superior em relação à educação até então vigente.

Não há como melhor sintetizar o contexto histórico do nascimento de Péricles e os principais acontecimentos e características da Hélade e de Atenas, na época, do que como apresenta Azoulay (2010, p. 4-5):

The city (polis), which appeared around the eighth century, constituted a new form of political and territorial organization that rapidly spread throughout the Mediterranean region from the Black Sea right across to the shores of Andalusia. In the early fifth century, the Greek world was composed of the mosaic of communities that were independent of one another but were linked



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

*by their language and their cults. Among them, was the city of Athens, which at the time appears to have been a community undergoing serious change. At the time of Pericles' birth in 494-3 B. C., the city has recently freed itself from the domination of tyrants who, for the past half-century, had held the reins of power. This was an important change. Once the tyranny has collapsed, in 510 B. C., all forms of personal domination remained for many years discredited – a fact that Pericles had to take into account throughout his career. In 508-7 B. C., this upheaval acquired an institutional form: a series of reforms, inspired by Cleisthenes, introduced profound changes into the political organization of the city, laying down the basis of the democracy that then developed into the course of the fifth century.*³⁸

Parente de Clístenes, Péricles, da família dos Alcmeônidas, filho de Xântipo, do *demo* Colargos, nasceu em 493 a. C., em Atenas. Sua família era aristocrática. Vivendo durante as guerras greco-persas, era criança quando se deu as batalhas de Maratona, em 490 a. C. e de Salamina e Plateia, entre os anos de 480-479 a. C., estando, respectivamente, com a idade de três anos, treze e quatorze anos. Portanto, Péricles vivenciou todo o esforço de guerra ateniense e helênico para evitar a escravidão e extermínio prometidos pelo Grande Rei.

Terminada a iminência do perigo Persa, em Atenas, o *estratego* Cimon comandava a cidade, tendo em seu apoio o Areópago³⁹.

Péricles foi *korego*⁴⁰ aos vinte anos de idade, em 472 a. C., com a peça *Os persas*, de Ésquilo, conseguindo uma importante projeção como cidadão, em

³⁸ “A cidade (*polis*), que surgiu por volta do século VIII, constituiu uma nova forma de organização política e territorial que se espalhou rapidamente por toda a região do Mediterrâneo, desde o Mar Negro até as margens da Andaluzia. No início do século V, o mundo grego era composto por um mosaico de comunidades independentes umas das outras, mas ligadas por sua língua e seus cultos. Entre eles estava a cidade de Atenas, que naquela época parece ter sido uma comunidade passando por sérias mudanças. Na época do nascimento de Péricles, em 494/3 a.C., a cidade havia se libertado recentemente do domínio de tiranos que, durante o último meio século, mantinham as rédeas do poder. Essa foi uma mudança importante. Depois que a tirania entrou em colapso, em 510 a.C., todas as formas de dominação pessoal permaneceram por muitos anos desacreditadas - um fator que Péricles teve que levar em consideração ao longo de sua carreira. Em 508/7 a. C., esse levante adquiriu uma forma institucional: uma série de reformas, inspiradas por Clístenes, introduziu profundas mudanças na organização política da cidade, estabelecendo as bases da democracia que se desenvolveu no decorrer do século V.” Tradução livre do autor desse artigo. Observe o leitor que todas as menções à vida de Péricles, a partir daqui, são oriundas de Azoulay (2010).

³⁹ Segundo Azoulay (2010, p. 6), se tratava de um Conselho composto por arcontes aposentados e membros da aristocracia ateniense.

⁴⁰ Cidadão responsável por financiar e organizar as Grandes Dionísias, festivo religioso em que se honrava o deus Dionísio e por meio do qual se encenavam tragédias, comédias e atividades religiosas de grande monta para a democracia ateniense e seus aliados, enquanto reforço de Atenas como comandante da Liga de Delos. Vide Moerbeck (2013).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

decorrência da excelente execução dessa função pública-religiosa que se dera durante o festival das Grandes Dionísias.

No entanto, sua inserção efetiva no cenário público-religioso ateniense se dá em 463 a. C., momento em que denuncia Cimon, fazendo acusações que levam seu rival ao ostracismo. Após esse episódio, Péricles assume, nos próximos trinta anos, todas as principais funções público-religiosas, se fortalecendo a democracia como regime político.

Foi um dos principais responsáveis pela construção do *Parthenon*, na Acrópole de Atenas, entre os anos de 447-432 a. C. Além disso, deu continuidade à construção dos muros longos, que uniam as muralhas da cidade até o Pireu, guarnecendo-o desde então, pela extensão de quase 12 Km.

Seu círculo mais íntimo de amizade contava com o físico Anaxágoras de Clazômena, o escultor Fídias de Atenas, sua companheira, Aspásia, com quem não pudera se casar por esta ser grega nativa de outra cidade, portanto, meteca; o historiador Heródoto de Halicarnasso, o historiador e *estratego* Tucídides de Atenas, o sofista Protágoras de Abdera, o poeta e tragediógrafo Eurípedes de Atenas e seu sobrinho tutelado Alcebíades de Atenas.

A cidade dessa época era uma cidade em que a democracia se cristalizara, se compreendendo que cidadão eram apenas aqueles que eram filhos de atenienses livres, portanto, apenas os homens acima de dezoito anos e capazes de se armarem, estando em posse plena de seus direitos cívico-religiosos.

Péricles pressionou para que as magistraturas de maior prestígio fossem abertas, também, aos mais pobres. Com isso, as divisões censitárias que estabeleciam o acesso ao poder na razão da propriedade de terras, iniciada no fim do século VI a. C. foi aos poucos perdendo validade, embora o posto de arconte, continuasse sendo negado aos *thetes*⁴¹.

⁴¹ Cidadãos pobres e não proprietários de terras que exerciam atividades profissionais diversificadas e que segundo as reformas de Sólon e Clístenes ficavam de fora das magistraturas democráticas. Com a atuação de Péricles apenas um desses serviços público-religiosos ficam fora do alcance desse grupo social, o arcontado. A partir das guerras greco-pérsicas e durante o período imperial ateniense *thetes* compunham o grosso dos remadores da marinha.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Péricles também foi o responsável por instituir o *misthoi*⁴², o que aumentou significativamente a sua popularidade, diante de seu rival Cimon.

A despeito dos benefícios da Liga de Delos, composta por várias cidades aliadas, Atenas, ardilosamente conseguiu a transferência do tesouro da Liga de Delos para Atenas e a partir daí iniciou um processo imperialista, em que tyrannizar seus aliados fazia parte do jogo político realizado, se levantando muitos desgostos e inimizades. Não sendo pequeno o interesse de Péricles em defender apaixonadamente a participação de Atenas na Liga, de preferência mantendo a liderança.

Em 431 a. C., a crescente tensão estabelecida pelos peloponésios, sobretudo da parte de Esparta, preocupados que estavam da crescente ascensão do poderio ateniense, dá-se o início do conflito que duraria vinte e sete anos e levaria Atenas à derrota e o caos ao mundo helênico.

Entre os anos de 431-429 a. C. Péricles esteve no comando da cidade para os preparativos de guerra. Em que media as interações entre o conjunto dos cidadãos e Péricles modelaram as decisões levadas a efeito pelo *estratego* à luz da relação indivíduo-sociedade?

4. CONCLUSÃO:

Tendo em vista os limites para esse artigo e a própria condição da pesquisa quanto a biografia de Péricles, bem como sobre o seu processo formativo, seu protagonismo cidadão anterior à Guerra do Peloponeso e após o início desta, em especial, entre os anos de 431-429 a. C., seu aprendizado junto a seus amigos mais íntimos, sobretudo com Anaxágoras de Clazômena e com Protágoras de Abdera, bem como o lidar com a situação da Peste de Atenas, são tópicos investigativos a serem analisados pelo autor desse artigo, em momento posterior da pesquisa. Essenciais para se compreender as interações entre linguagem e subjetividade, tanto quanto indivíduo-sociedade em Péricles, na Atenas do século V a. C.

⁴² Uma espécie de ajuda de custo, paga aos cidadãos por participarem das assembleias. Forma que Péricles encontrou de possibilitar aos mais pobres a participação na vida pública.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No entanto, com as reflexões aqui levadas a efeito, se constatou que os fenômenos sociais da linguagem e da subjetividade helênicas são razoavelmente distintas do modo compreendido na contemporaneidade. Se exigindo cuidados conceituais e metodológicos para que se evitem anacronias e, ao mesmo tempo, não se impossibilite a realização de metáforas comparativas entre o presente e o passado, para fins didáticos.

Se verificou que a narrativa história é o modo chave pelo qual a História sempre foi realizada. Que o método científico, nos moldes das Ciências Exatas não é suficiente e adequado para os objetos de investigação históricos. Se necessitando adequar os métodos investigativos aos fenômenos sociais em estudo.

Se observou que na Hélade Arcaica e Antiga inexistia a ideia de *individuum* e, portanto, a concepção de um sujeito intencional do conhecimento e todas as habilidades de uma cultura alfabetizada pela arte da escrita não é própria para a leitura histórica dos textos, fenômenos sociais ou biografias anteriores a Idade Moderna.

Se constatou que na abordagem de Elias (1994) se ganha conceitual e de maneira instrumental quanto à análise a se desenvolver, ao se aproximar de algum objeto de investigação, compreendendo a necessária e indissolúvel relação entre indivíduo-sociedade. No caso do objeto de investigação específica desse artigo, linguagem e subjetividade, se torna necessário se aditar a compreensão sobre a relação *polités-idiootes*.

Com isso se encerra esse artigo com maior interesse em prosseguir com a pesquisa e entender melhor a biografia de Péricles e suas tomadas de decisões, em interações com o povo ateniense, entre os anos de 431-429 a. C.

REFERÊNCIAS:

- AZOULAY, Vincent. *Pericles of Athens*. Princeton: *Princeton University Press*, 2010.
BAKER, Erns (Sir). *Teoria política grega*. Brasília: Universidade de Brasília, 1978.
BONA, Aldo. *Expressão do saber possível: História como narrativa*. Guarapuava: Unicentro, 2012.
BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1998, v. I.
BURKERT, Walter. *A religião grega na época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- CASIN, Bárbara . *Ensaaios sofisticos* . São Paulo: Siciliano, 1990.
- COULANGES, Fustel de . *A cidade Antiga* . São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- DESCARTES, René . *Discurso do método e Meditações metafísicas* . São Paulo: Abril Cultural, 1996.
- DETIENNE, Marcel . *A invenção da mitologia* . Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- _____ . *A escrita de Orfeu* . Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- _____ . *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica* . Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- DERBEY, Gilbert Romeyer- . *Os sofistas* . Lisboa: Edições 70, 1999.
- DODDS, Erick Robertson . *Os Gregos e o irracional* . São Paulo: Escuta, 2002.
- DUMONT, Louis . *Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- ELIAS, Norbert . *A sociedade dos indivíduos* . Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FOUCAULT, Michel . *História da sexualidade III O cuidado de si. Capítulo I - Sonhar com os prazeres* . São Paulo: Graal, 1999.
- GLOTZ, Gustave . *A cidade Grega* . São Paulo e Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.
- GUTHRIE, William Keith Chambers . *Os sofistas* . São Paulo: Paulus, 2007.
- HAVELOCK, Erick Alfred . *A revolução da escrita: e suas consequências culturais* . São Paulo e Rio de Janeiro: UNESP e Paz e Terra, 1996.
- HESÍODO (de Asca) . *Teogonia: a origem dos deuses* . São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HOMERO . *A iliada* . Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- HORTA, Guida Nedda Barata Perreiras . *Os gregos e seu idioma: manual prático de cultura helênica e de língua grega Clássica para uso de cursos universitários* . Rio de Janeiro: Guanabara, 1970, v. I.
- JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo . *Dicionário básico de Filosofia* . Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- JAEGER, Werner . *Paidéia: a formação do Homem Grego* . São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KIRK, G. S., RAVEN, J. E. e SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos* . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- KOCH, Ingedore Grünfeld Vilhaça . *Argumentação e linguagem* . São Paulo: Cortez, 2000.
- KRAUSZ, Luis S. *As Musas: poesia e divindade na Grécia Arcaica* . São Paulo EDUSP, 2007.
- LEÃO, Delfim F. e FIALHO, Maria do Céu G. Z. (Eds.) . *Nomos: direito e sociedade na Antiguidade Clássica* . Coimbra e Madrid: Imprensa da Universidade de Coimbra e Ediciones Clásicas Madrid, 2004.
- MARITAIN, Jacques . *A ordem dos conceitos: Lógica Menor* . Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- MARSHALL, Francisco . *A escrita na civilização Grega* . In: BAKOS, Margaret Marchiori e
- MOERBECK, Guilherme Gomes . *O pensamento de Eurípedes e a política durante a Guerra do Peloponeso* . Niteroi: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2013. Tese como quesito de conclusão do curso de Doutorado em História.



If-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- MONDOLFO, Rodolfo . *O homem na cultura Antiga: a compreensão do sujeito humano na cultura Antiga* . São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- POZZER, Katia Maria Paim (Orgs.) . *III Jornada de estudos do Oriente Antigo: línguas, escritos e imaginários* . Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- PROTÁGORAS (de Abdera) . *Dissoi logoi: textos relativistas* . Madrid: AKAL, 1996.
- PROVETTI JUNIOR, José . *As origens gregas do racionalismo popperiano: visão cosmológica da conexão entre metafísica e ciência da Antiguidade para a prática epistemológica contemporânea* . Saarbrücken: Omniscriptum gmbh & co. Kg, 2016a.
- _____. Dois mundos em litígio? Poesia e razão na Grécia Arcaica . In: PROVETTI JUNIOR, José (Ed.) . *If-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológicas* . Assis Chateaubriand: Grupo de Pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR e JPJ Editor, 2016b, outubro, Ano II, v. II, número IX, p. 276-311.
- _____. Efeitos da linguagem em idioma helênico: a origem da razão ocidental In: MACHADO, Paulo Francisco (Ed.) . *Revista Relicário* . Uberlândia: Museu de Arte Sacra de Uberlândia, 2015, v. 2, nº 3, jan/ jun., p.102-119.
- _____. Da genealogia da História: Hélade Arcaica e Clássica – séculos VIII-IV a. C. In: OMRAN, Muna e ARROYO, Karina (Eds.) . *Revista Litteris* . Niteroi: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2012, nº 9, Ano 4, p. 323-358.
- _____. *A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental* . Umuarama: JPJ Editor, 2011.
- _____. O fenômeno sofístico na Grécia Clássica e a educação do cidadão . In: CÂNDIDO, Mari Regina e GOMES, José Roberto de Paiva (Eds.) . *Nearco: revista eletrônica de História Antiga* . Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos da Antiguidade – UERJ, 2009, v. 2, nº 1, p. 39-53.
- REALE, Giovanni . *Para uma nova interpretação de Platão: releitura da metafísica dos grandes diálogos à luz das “Doutrinas não-escritas”* . São Paulo: Loyola, 2004.
- SCHWAB, Artur . *Dicionário de sinônimos e de antônimos da língua portuguesa* . Rio de Janeiro: FENAME, 1974.
- SILVA, Renan . *Lugar de dúvidas: sobre a prática da análise histórica – Breviário de inseguranças* . Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SISSA, Giulia e DETIENNE, Marcel . *Os deuses gregos* . São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- STRAUSS, Claude Lévi- . *Antropologia estrutural* . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
- THEML, Neyde (Org.) . *Linguagens e formas de poder na Antiguidade* . Rio de Janeiro: FAPERJ e Mauad, 2002.
- TORRINHA, Francisco . *Dicionário Latino-Português* . Porto: Gráficas Reunidas, 1982.
- UNTERSTEINER, Mario . *A obra dos sofistas: uma interpretação filosófica* . São Paulo: Paulus, 2012.
- VERNANT, Jean-Pièrre . *Mito e sociedade na Grécia Antiga* . Rio de Janeiro: José Olímpio, 1999.
- _____. *As origens do pensamento Grego* . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.



ΙΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

_____. *Mito e pensamento entre os Gregos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. e NAQUET, Pièrre Vidal-. *Mito e tragédia na Grécia Antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

VEYNE, Paul. *Acreditavam os Gregos em seus mitos? Ensaio sobre a imaginação constituinte*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

WERNER, Christian. *Memórias da Guerra de Troia: a performance do passado épico na Odisseia de Homero*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.

Recebido em: 12/03/2021

Aprovado em: 12/04/2021

Publicado em: 22/07/2021



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O CUIDADO DE SI NA FILOSOFIA ANTIGA

THE CARE OF THE SELF IN ANCIENT PHILOSOPHY

LA ZORGADO PRI ONI MEM EN LA ANTIKVA FILOZOFIO

Bárbara Fabiani Lucini⁴³Brenda Fabiani Lucini⁴⁴

Resumo

O presente trabalho buscou analisar a noção de cuidado de si, entendido como uma série de práticas existenciais que devem ser estabelecidas de si para consigo, devido ao fato de este se apresentar como um preceito recorrente e indispensável na história da filosofia. A metodologia desta pesquisa de iniciação científica compõe-se de um estudo teórico por meio de revisão bibliográfica que objetiva descrever a noção do cuidado de si na filosofia antiga. Para a análise, utilizamos como embasamento teórico as ideias pertinentes ao cuidado de si desenvolvidas por Michel Foucault ao longo de sua trajetória acadêmica. Decidimos analisar as concepções sobre o cuidado de si em dois momentos distintos da filosofia antiga, sendo o primeiro deles o momento socrático-platônico e o segundo o período helenístico. Nesse primeiro período, apontamos as delimitações do cuidado de si a partir de três textos: “O Primeiro Alcibíades”, “O Diálogo Laques” e a “Carta VII”; todos registrados por Platão. Primeiramente, traçamos o contexto histórico em que se situavam os acontecimentos narrados, para depois explorarmos a significação atribuída ao cuidado de si no diálogo em questão. No momento helenístico, elaboramos um panorama geral sobre o conceito a partir de escritos elaborados por Foucault, que abordam as concepções de filósofos estoicos como Marco Aurélio, Sêneca e Epicteto no que diz respeito ao cuidado de si. Para finalizar, buscamos estabelecer os contrastes existentes entre o cuidado de si entre os dois períodos.

Palavras-chave: Michel Foucault. Momento socrático-platônico. Momento helenístico.

Abstract

⁴³ Estudante do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal do Paraná – campus Coronel Vivida, bolsista no projeto de pesquisa “O ensino da filosofia e a escrita de si como experiência existencial” do programa de iniciação científica PIBIC-Jr/2020-2021 (IFPR/CNPq), coordenado pelo prof. Dr. Daniel Salésio Vandresen. Orcid <https://orcid.org/0000-0002-4580-6011>. E-mail: barbaraflucini@gmail.com

⁴⁴ Estudante do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio no Instituto Federal do Paraná – campus Coronel Vivida, voluntária no projeto de pesquisa “O ensino da filosofia e a escrita de si como experiência existencial” do programa de iniciação científica PIBIC-Jr/2020-2021 (IFPR/CNPq). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5342-8789>. E-mail: brenda_fabiani@outlook.com



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

The present work sought to analyze the notion of care of the self, understood as a series of existential practices that must be set from you toward yourself, due to the fact that it presents itself as a recurring and indispensable precept in philosophy's history. The methodology of this scientific initiation research is composed of a theoretical study through bibliographic revision that aims to describe the care of the self during ancient philosophy. For the analyses, we used as theoretical background Michel Foucault's ideas concerning the care of the self throughout his academic trajectory. We decided to analyze the conceptions of the care of the self in two different moments of ancient philosophy, the first one the Socratic-Platonic moment and the second the Hellenistic moment. In this first period, we pointed out the delimitations of the care of the self stem from three texts: "The First Alcibiades", the dialogue "Laches" and "Letter VII", all of them written by Platon. Firstly, we outlined the historical context in which the events took place, and then explored the meaning conferred to the care of the self in the dialogue at issue. In the Hellenistic period, we draw up an overview about the concept using writings elaborated by Foucault, which approach the view of stoic philosophers such as Marcus Aurelius, Seneca and Epictetus with regard to the care of the self. Finally, we seek to settle the existing contrasts in between the care of the self relating to both periods.

Keywords: Michel Foucault. Socratic-Platonic moment. Hellenistic moment.

Resumo

Ĉi tiu laboraĵo celis analizi la nocion de zorgado pri oni mem — kun la senco de serio de ekzistadaj praktikoj, estigendaj de oni por oni mem —, pro la fakto, ke ĉi tiu estas regulo ade revenanta kaj nemalhavebla en la historio de filozofio. La metodo uzata en ĉi tiu esploro, farita kadre de enkonduka scienc esplora klerigado, konsistas en teoria studo per bibliografia kontrolado, kies celo estas priskribi la nocion de zorgado pri oni mem en la antikva filozofio. Por la analizo, ni uzis kiel teoriantazon la ideojn koncernantajn la zorgadon pri oni mem disvolvitajn de Michel Foucault laŭlonge de lia akademia kariervo. Ni decidis analizi la konceptadojn pri memzorgado en du diversaj epokoj de la antikva filozofio: la unua, la Sokrata-Platona epoko, kaj la dua, la Helenistika epoko. En tiu unua, ni montras la limojn de la memzorgado surbaze de tri tekstoj: "La unua Alcibiado", "La dialogo Lakeso" kaj la "Sepa letero", ĉiuj registritaj de Platono. Unue ni prezentas la historian kuntekston de la rakontitaj okazaĵoj, por poste esplori la signifon atribuitan al la zorgado pri oni mem en la menciita dialogo. Koncerne la Helenistikan epokon, ni ellaboris ĝeneralan panoramon pri la koncepto surbaze de verkoj de Foucault, kiuj aliras la konceptadojn de stoikaj filozofoj kiel Mark-Aŭrelio, Seneko kaj Epikteto rilatajn al la zorgado pri oni mem. Fine, ni provas evidentigi la kontrastojn ekzistantajn inter tiuj nocioj laŭ la du epokoj.

Ŝlosilvortoj: Michel Foucault. Sokrata-Platona epoko. Helenistika epoko.

INTRODUÇÃO

A noção de cuidado de si, conforme aponta Foucault (2004), se faz amplamente presente ao longo da história da filosofia, tendo seu início e auge na filosofia antiga,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

respectivamente nos momentos socrático-platônico e no helenismo. A prática de cuidado de si, evidenciada por Foucault, se traduz em uma atitude geral que se adota em relação ao modo de visualizar o mundo e as relações sociais que estabelecemos com outros. Além disso, também é um modo de ocupar-se de si mesmo, a fim de prestar atenção ao que se passa conosco e ao nosso redor. Por fim, também se apresenta como uma série de exercícios e práticas que se deve ter consigo mesmo com a finalidade de transformar-se (FOUCAULT, 2004).

Tendo em vista a grande importância do cuidado de si ao longo da filosofia antiga, decidimos investigar esse conceito utilizando como alicerce teórico as análises desenvolvidas por Michel Foucault, a fim de compreender os papéis desempenhados pelas práticas do cuidado de si em dois diferentes momentos da filosofia antiga. O primeiro deles, o momento socrático-platônico, no qual a análise foi desenvolvida por intermédio dos textos “O Primeiro Alcibíades”, o diálogo “Laques” e a “Carta VII”; e o segundo, o momento helenístico, no qual utilizamos como referência análises de Foucault acerca dos filósofos Marco Aurélio, Sêneca e Epicteto. Por isso, a metodologia desta pesquisa compõe-se de um estudo teórico por meio de revisão bibliográfica que objetiva descrever a noção do cuidado de si na filosofia antiga.

O CUIDADO DE SI NO MOMENTO SOCRÁTICO-PLATÔNICO

A noção de cuidado de si por Sócrates através do personagem Alcibíades

No diálogo “O Primeiro Alcibíades” de Platão (2007), Alcibíades é apresentado como um jovem proveniente de uma família influente e afortunada, que detém status social e que apresenta intenções de ascender ao poder político ateniense. Alcibíades, no entanto, perdeu seus pais na juventude e sua educação fica a encargo de Péricles, o tutor que seu pai escolheu. Péricles, todavia, incapaz de ensinar seus próprios filhos e de cuidar de si mesmo, não ensina à Alcibíades muitas coisas. Falha, sobretudo, ao não ensinar práticas de cuidado de si.

Ademais, Alcibíades é descrito no texto como detentor de fortuna e beleza. Nesse contexto, enfatiza-se, ao longo do diálogo, que as pessoas que se aproximavam



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dele em sua juventude o faziam em razão de sua fortuna, status ou beleza. Por essa razão, Sócrates o alerta sobre a possibilidade de acabar sozinho ao envelhecer, pois, eventualmente, sua beleza se dissiparia, e aqueles que o rodeavam passariam a vê-lo como desinteressante.

Ao longo do diálogo, Sócrates também questiona se Alcibíades estaria preparado para assumir um cargo político, e conclui-se que, de fato, Alcibíades não está preparado para tal responsabilidade, pois se mostra coabitante com a pior espécie de ignorância (PLATÃO, 2007). Sócrates enfatiza, na sequência, que se o intento do jovem era ascender à política, era preciso instruir-se, pois antes de governar a cidade e os outros, primeiramente era preciso ocupar-se consigo. É nesse contexto que Sócrates surge como uma figura que incita Alcibíades, embora não a ele somente, como também a outros, a ter cuidados consigo.

Ele deixa claro para Alcibíades que cuidados consigo mesmo devem iniciar na juventude. Ou seja, é nesse momento inicial da vida de Alcibíades, na qual ele se prepara para engajar-se em atividades políticas, que ele deve cuidar-se, pois na velhice já não há tempo.

A partir do diálogo entre Alcibíades e Sócrates, percebe-se que o cuidado de si volta-se em torno das relações políticas, ou seja, seus fins estão voltados à cidade. Foucault, na obra “Hermenêutica do Sujeito” (2004), enfatiza a importância do cuidado de si para ascender ao poder político, de modo que era entendido como uma prática fundamental que deveria anteceder o “governar aos outros”. Portanto, estabelece-se o pressuposto de que para governar os outros, é preciso antes governar a si mesmo. Tal como descreve Foucault:

Como vemos, "ocupar-se consigo" está porém implicado na vontade do indivíduo de exercer o poder político sobre os outros e dela decorre. Não se pode governar os outros, não se pode bem governar os outros, não se pode transformar os próprios privilégios em ação política sobre os outros, em ação racional, se não se está ocupado consigo mesmo (FOUCAULT, 2004, p.48)

Ainda, conforme acrescenta Foucault (2004) o cuidado de si nesse período não se limita, tão somente, a vontade de engajar-se politicamente, mas também assume uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

função pedagógica. Sócrates percebe a educação de Alcibíades como insuficiente e deficitária, ao passo que Foucault assinala dois principais aspectos que o fazem assumir a educação do jovem como ineficaz, sendo o primeiro o erro de confiar a educação de Alcibíades a um tutor incapaz de lhe transmitir os conhecimentos necessários, e o segundo, o fato de que aqueles com os quais Alcibíades se relacionara estarem interessados em sua beleza, e portanto, não se ocuparam dele com a finalidade de que ele se ocupasse de si mesmo, isto é, não o incentivavam a cuidar de si mesmo.

Sendo assim, o cuidado de si é descrito como algo capaz de remediar os efeitos de uma educação defeituosa e contribuir para a formação de Alcibíades a fim de que este se torne apto à corresponder às exigências dos encargos políticos.

Noção do cuidado de si por meio do Diálogo Laques

O diálogo “Laques” (2015), redigido por Platão, se desenvolve a partir da preocupação sobre como seria uma educação adequada para a formação de jovens. Lisímaco e Melésias, aconselhados de que a prática da hoplomaquia⁴⁵ poderia contribuir para a educação dos filhos, levam Laques e Nícias para assistir à apresentação de um hoplômaco, para que ouçam a opinião destes a fim de chegarem a uma conclusão.

Eles apresentam inquietações sobre o que seus filhos deveriam aprender e exercitar para que se tornassem “homens de verdade”, de modo que fossem bem sucedidos frente à adversidades como guerras ou no que diz respeito à administração de cidades.

A partir da apresentação, Nícias opina que a luta poderia contribuir para a formação dos jovens, enquanto Laques discorda. Devido à discordância, Sócrates intervém. Ele não adota uma postura contra ou a favor, mas faz com que os presentes debatam sobre o tema. Sócrates ressalta que, para tomar a decisão, Melésias e Lisímaco devem atribuir mais importância à opinião de quem de fato possui conhecimento de tal disciplina, bem como, de quem teve bons professores dessa matéria. Ele questiona os conhecimentos de Laques e Nícias no assunto em questão, pois conforme assinala, uma

⁴⁵ Combates com a utilização de armamentos (OLIVEIRA, G., 2011).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

decisão sábia deve ter alicerce no conhecimento. Dessa maneira, tal como indica Afonso (2016) Sócrates desvia o foco do debate para fazer com que os presentes reflitam sobre seus próprios conhecimentos. Portanto, faz com que os indivíduos refletissem sobre si mesmos.

Segundo Platão (2015), ao longo do diálogo, Sócrates se mostra preocupado com a alma dos jovens. Ele ressalta que uma formação adequada deve voltar-se para o tratamento da alma, conforme assinala “o que importa investigar é se algum de nós entende do tratamento de almas, se sabe cuidar delas como convém e se teve bons professores dessa matéria” (PLATÃO, 2015, p.123). Ele se pergunta sobre como os jovens poderão exprimir virtude às suas almas, mas antes, questiona se os homens que deliberam sobre o assunto, sabem, de fato, o que é virtude, pois não há como aconselhar qual seria a melhor forma de desenvolvê-la se não a conhece verdadeiramente. Logo, conforme evidencia Afonso (2016 p. 25), o debate passa a ser não somente sobre uma “boa educação”, mas também sobre o modo de vida dos presentes, o cuidado de si e dos outros.

Na obra “Coragem da Verdade”, Foucault (2011) ressalta que durante o diálogo “Laques”, a filosofia apresenta-se como uma prova de toda a existência. Ele destaca que precisamente nesse diálogo o objeto do cuidado de si é a bíos, ou seja, as práticas de cuidado centram-se em torno de toda a existência do indivíduo. Nesse sentido, conforme evidencia Gilberto Oliveira (2011), Sócrates leva o objeto da educação para o si de cada sujeito. Essa preocupação sobre o “si mesmo de cada sujeito”, é também um atento ao modo de vida e à maneira como se vive, que faz com que os presentes sejam compelidos a prestar conta de si mesmos, de sua vida presente e passada. Tal prerrogativa torna-se clara quando Nícias expõe “[...] de tal modo ele o arrasta na conversa, que o obriga prestar-lhe contas de si próprio, de que modo vive e que vida levou no passado”. (PLATÃO, 2015, p.125-126).

O ato de prestar contas de si, discorre Foucault (2011), trata-se da necessidade de submeter a própria vida ao que chama de uma prova de toque, capaz de fazer com que o indivíduo identifique o que houve de bom e de mal ao longo de toda a sua existência. Colocar a própria vida em prova, por sua vez, nos ajuda a visualizar se nossa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

bíós está de acordo com nosso discurso. Sobre isso, Foucault (2011) aponta que é necessário identificar se há coerência entre o discurso e as ações do indivíduo ao longo de sua existência, ou seja, é preciso verificar se existe harmonia entre o seu falar e o seu proceder. Logo, percebe-se que Sócrates preocupa-se também como cada sujeito conduz sua vida.

Além disso, Gilberto Oliveira (2011) destaca que a discussão deixa de situar-se apenas em torno das questões políticas e éticas, pois uma educação adequada não deve preparar o indivíduo somente para assumir cargos políticos, mas deve preparar o indivíduo pra a vida. Nesse sentido, uma formação que preza pelo cuidado da alma e da vida seria capaz de formar cidadãos virtuosos, capazes de assumir cargos importantes e administrar cidades.

Noção do cuidado de si por meio da Carta VII

A “Carta VII” consiste em um relato redigido por Platão (2008) sobre suas viagens para a Silícia. Na carta, ele expõe seus pensamentos em relação à maneira como acredita que devem ser conduzidas as atividades políticas e discorre sobre a necessidade de formação da alma daqueles encarregados de governar. Além disso, descreve seu envolvimento frente aos conflitos entre Díon e Dionísio.

No decurso da carta, Platão discorre sobre seu interesse, desde a juventude, de participar da política. No entanto, se sentiu compelido a afastar-se em consequência de suas decepções para com os regimes políticos atenienses. O governo democrático que se instalou após o período aristocrático, fez Platão acreditar ingenuamente que a cidade seria governada caminhando por vias da justiça e da democracia. Contudo, mostra-se indignado quando o governo que se dizia ser democrático persegue e executa Sócrates, fato que o distancia dos encargos políticos.

Também descreve a relação entre Díon e Dionísio, que em geral, era conflituosa. Discorre sobre sua amizade com Díon e como Platão influenciou este profundamente através de seus ensinamentos filosóficos.

Em seguida, Platão narra sua segunda viagem a Silícia, que ocorre já após a morte de Dionísio, o Velho. Nessa oportunidade, Díon convida Platão a voltar à Silícia



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

para ensinar e aconselhar o novo governante, Dionísio II, o Jovem. Vários foram os motivos que incentivaram Platão a aceitar tal convite. Dentre eles, o interesse demonstrado pelo jovem governante em entender mais sobre a filosofia; a amizade que cultivava com Díon e seu interesse em participar das atividades políticas na Silícia, uma vez que na democracia e na aristocracia atenienses os governantes não abriam espaço para a filosofia. Desse modo, na “Carta VII” Platão pretende demonstrar o papel da filosofia no que diz respeito à atividade política. Conforme evidencia Candiotto (2011), Platão procura mostrar que a filosofia é um conhecimento palpável no âmbito das atividades políticas, pois se traduz em discurso e ato. Segundo Foucault (2010), neste texto de Platão a filosofia no campo da política não deve ser reduzida ao discurso, mas tem a obrigação de se traduzir em ações. Por isso, deve-se pôr a trabalho em função da filosofia.

Para tanto, Platão aponta que a filosofia somente se materializa no campo da política a partir da escuta do outro, ou seja, a partir da disposição do outro de praticar a escuta ativa. Sendo assim, se o novo governante quiser compreender mais sobre filosofia, deve escutar o que Platão tem a dizer. Nesse sentido, Foucault aponta: “Para que a filosofia não seja puro e simples discurso, mas sim realidade, ela tem de se dirigir, não a todo o mundo e a qualquer um, mas somente aos que querem escutar”. (FOUCAULT, 2010, p. 210)

Tão importante quanto a escuta ativa, de acordo com Candiotto (2011), é o comprometimento que se deve ter para aplicar de modo prático o que se aprende. Segundo Foucault (2010), Platão deseja demonstrar na “Carta VII” que além da disposição da escuta, era preciso escolher percorrer o caminho da filosofia, entendendo esta como um conjunto de práticas. O exercício da filosofia deveria ser aplicável em práticas cotidianas, configurando um longo caminho no qual é necessário trabalhar arduamente, sem nunca se relaxar, a fim de torná-la um modo de vida de tal maneira que não seria possível outro modo de viver.

Deste modo, Candiotto (2011) destaca que a filosofia não deve se limitar a adquirir novos conhecimentos, mas deve se configurar como um modo de vida no qual é preciso exercitar a si mesmo. Conforme aponta Foucault:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

[...] é na relação consigo, no trabalho de si sobre si, no trabalho sobre si mesmo, nesse modo de atividade de si sobre si que o real da filosofia será efetivamente manifestado e atestado. Aquilo em que a filosofia encontra seu real é a prática da filosofia, entendida como conjunto das práticas pelas quais o sujeito tem relação consigo mesmo, se elabora a si mesmo, trabalha sobre si. O trabalho de si sobre si é o real da filosofia (FOUCAULT, 2010, p. 221).

Por isso, Platão busca examinar se Dionísio é capaz de fazer em sua vida um exercício cotidiano dos ensinamentos filosóficos. Por isso, afirma: “[...] Quando cheguei, pensei primeiro haver que tirar prova disto: se estaria realmente Dionísio inflamado pela filosofia, como uma chama.” (PLATÃO, 2008, p. 85).

Na carta, Platão questiona se Dionísio havia, de fato, compreendido a filosofia, e chega à conclusão de que Dionísio falhou com esta tarefa, pois, apesar de pretender-se filósofo e se apresentar disposto a escutar Platão, não praticava a filosofia como atividade existencial. Ele expõe: “Nem eu expliquei tudo, nem Dionísio o pedia, pois ele pretendia saber e ter compreendido o muito e até o máximo das lições que mal tinha ouvido de outros.” (PLATÃO, 2008, p. 87). Segundo Vandresen (2021), essa postura adotada por Dionísio acarreta na ideia de que a partir do momento em que se acredita saber o bastante, já não era preciso continuar a formar-se. Sendo esta, mais uma das razões que levam Platão a concluir que Dionísio fracassou com a filosofia.

CUIDADO DE SI NO PERÍODO HELENÍSTICO: SÊNECA, EPICTETO E MARCO AURÉLIO

No período helenístico, o cuidado de si lentamente se modifica em relação ao cuidado de si socrático-platônico. Conforme aponta Foucault (2005), um dos motivos para essa mudança foi a desestruturação da clássica organização das cidades-Estado gregas, que agora passaram a se organizar a partir da consolidação de um grande Império. Em contraste com o momento socrático-platônico, no qual a ocupação política era encarada como uma obrigação, neste momento, os indivíduos entraram em contato com um poder sobre o qual não lhes era permitido efetiva participação. Tal fator abriu caminho, em parte, para um retraimento em si mesmo, de modo a valorizar as



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

experiências pessoais e a expandir as discussões sobre o indivíduo e as questões acerca dele.

Nesse sentido, de acordo com Foucault (2005) a mudança na estrutura política tem diversos desdobramentos na vida cívica do mundo helenístico, que implicam tanto nas condições de exercício de poder quanto na vida dos homens do mundo greco-romano. Nesse sentido, devido as incontáveis mudanças consequentes de um imperialismo centralizado, as atividades políticas e a vida cívica se tornavam, de certo modo, mais complexas. Observa-se, nesse momento, um espaço muito mais descontínuo, vasto, flexível e fechado. Com focos de poderes múltiplos, as tensões, conflitos e atividades eram agora numerosas.

Enquanto a ética antiga implicava uma articulação bem estreita entre o poder sobre si e o poder sobre os outros, e, portanto, devia referir-se a uma estética da vida em conformidade com o status, as novas regras do jogo político tornam mais difícil a definição das relações entre o que se é, o que se pode fazer, e o que se é obrigado a realizar; a constituição de si mesmo enquanto sujeito ético de suas próprias ações se torna mais problemática (FOUCAULT, 2005, p. 91).

Desse modo, a importância do cuidado de si nesse período é assumida como preposição para a atividade cívica e política. É nesse contexto que o cuidado de si causa um retraimento de si que procura, também, definir os encargos, poderes, direitos e obrigações do próprio sujeito (FOUCAULT, 2005, p. 93).

Sendo assim, conforme destaca Foucault (2005), durante o período helenístico, as práticas de cuidado se desenvolvem de tal maneira que acabam por tornarem-se um elemento cultural, assumindo assim a forma de uma cultura de si, um modo de vida. Foucault destaca que práticas de ocupar-se consigo mesmo se tornaram tão relevantes que acabaram por constituir a elaboração de um conhecimento:

[...] o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre as numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constitui assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e elaboração de um saber (FOUCAULT, 2005, p. 50).

Por isso, de acordo com Foucault (2005) esse período representa o ápice para as práticas de cuidado, sendo entendido como a idade do ouro do cuidado de si.

Luger (2011) aponta que enquanto cultura de si, outra característica importante é a proposição de que deve dedicar-se ao cuidado. Dedicar-se no sentido de disponibilizar um tempo do dia com a finalidade de recolher-se em si mesmo, acompanhar-se de si mesmo. Foucault (2005) demonstra a importância desses momentos, pois nos fazem perceber aspectos que permeiam nossa vida. Além disso, ele também destaca a possibilidade de que, através da leitura, possamos encontrar os elementos necessários para construirmos uma conduta racional.

Nesse sentido, Wanzeler (2011) destaca a utilização de técnicas de retiro empregadas pelos estoicos. Tais recursos se caracterizam como uma maneira de desligar-se do mundo e praticar um olhar atento sobre si. Dentre essas técnicas, a meditação seria uma das alternativas para que se percebesse o que se passa no pensamento, ou seja, é encarada como um exercício de si para consigo que efetivaria o cuidado de si.

Luger (2011) cita a prática de exames diários nos quais há reflexões sobre as atividades realizadas durante todo o dia. Os filósofos estoicos enfatizavam, de acordo com Wanzeler (2011) a importância dos exames de consciência diários como uma prática de si, pois eram importantes para a avaliação e o comedimento da própria conduta, de tal maneira que, avaliando os acontecimentos diários, seria possível corrigir os próprios fracassos. De acordo com Foucault (2005), Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio fazem referências a esses momentos em que se deve voltar-se para si.

Ademais, o cuidado de si também se relaciona com a espiritualidade. Conforme aponta Foucault (2005) o cuidado de si apresenta-se como uma terapêutica da alma, de modo que a filosofia apresenta-se como uma ferramenta através da qual seria possível aprimorar a própria alma.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Desse modo, o cuidado de si aproxima-se da medicina, e de acordo com Foucault (2005) a função dessa aproximação se dá a partir de um momento em que se passa a dirigir maior atenção ao corpo, pois se assume que os males da alma e do corpo físico relacionam-se entre si e, portanto, é preciso práticas de cuidado a fim de curar-se. Sendo assim, conforme destaca Wanzeler (2011) o motivo dessa aproximação volta-se à necessidade de correção e reparação de si.

A relação entre a filosofia e a medicina pode ser observada a partir de filósofos estoicos. A partir da concepção de Sêneca, por exemplo, o cuidado de si seria uma ferramenta capaz de curar e de combater os vícios. Ele distingue os “curados” entre os totalmente livres de seus vícios e aqueles que se livraram parcialmente de tal problema, sendo estes, aqueles que resgatam sua saúde, mas que ainda não se mostram totalmente libertos de seus distúrbios. Por isso, devem ocupar-se tanto da alma quanto do corpo a fim de curar-se (FOUCAULT, 2005 p. 60).

Conforme destaca Luizir Oliveira (2011), para Sêneca, quando passamos tempo com nós mesmos, ou seja, quando nos dedicamos a práticas de cuidado, começamos a compreender quais são nossos vícios e nossas virtudes. No entanto, quando nos afastamos de nós mesmos, ou seja, quando não dedicamos tempo para analisar o eu, estamos sujeitos a criar ainda mais vícios. Ele ressalta que se nos afastarmos de nós próprios, nossas ações se tornam deficitárias e passamos a alternar no campo do desejo, no qual caímos facilmente nas tentações dos prazeres sensoriais e no campo do arrependimento. Cabe, então, submeter-se a um processo gradativo de retorno proveitoso a si mesmo por meio de um “lazer estudioso”, da contemplação ativa, do estudo de si mesmo, até poderem-se alcançar estágios mais avançados que se revelam na atividade literária e filosófica (OLIVEIRA, L., 2011, p. 14).

Quanto ao cuidado de si enquanto prática para desenvolver a espiritualidade, Luizir Oliveira (2011) ressalta que Sêneca também aborda a necessidade de conviver consigo de modo a fazer uma análise de si, pois uma vida ativa seria capaz permitir que se chegue a um estado de equilíbrio da alma.

Além disso, haviam diversas comparações com o trabalho de um médico e o de um filósofo. Epicteto, conforme expõe Luger (2011) compara sua escola a um



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

consultório médico, no qual os seus alunos deveriam entender que não o procuram apenas para adquirir conhecimento, mas também o procuram porque estão doentes, e devem, então, cuidar de si mesmos. Nesse sentido, é necessário reconhecer-se como doente, entender quais são suas fraquezas. Epicteto sugere que o cuidado de si pode combater as fragilidades da alma por meio de correções e disciplinamento. Ter cuidado consigo mesmo era uma forma de atentar-se para autodiagnosticar fraquezas, principalmente as da alma, que não são tão fáceis de identificar como as físicas. Nesse sentido, a filosofia aparece novamente como um instrumento terapêutico para a alma.

DIFERENÇAS ENTRE O CUIDADO DE SI NO PERÍODO SOCRÁTICO-PLATÔNICO E NO PERÍODO HELENÍSTICO

A partir dessas perspectivas, percebem-se diferenças entre as concepções de cuidado no período socrático-platônico e no helenístico. Segundo Foucault, (2004) durante o momento socrático-platônico, o cuidado de si volta-se principalmente, em função da ação política. Em contraposição a esse momento, durante o período helenístico, segundo Luger (2011), o princípio do cuidado de si não é orientado para uma atividade específica, mas para diversos fins. Isso se deve, principalmente, devido ao fato de que neste período, precisamente, o preceito do cuidado de si torna-se um elemento cultural indispensável, configurando uma cultura de si (FOUCAULT, 2005, p. 50).

Também contrasta-se, entre os dois momentos, a idade ideal para cuidar de si. Foucault (2015) pontua que no diálogo de Alcibíades enfatiza-se a necessidade de ter cuidados consigo durante a juventude, pois é nesse período crítico da juventude em que se iniciam as responsabilidades com os afazeres políticos. No período helenístico, em contraste com o momento socrático-platônico, Luger (2011) evidencia que o cuidado de si é encarado como um preceito para toda a existência, de modo que deve ser praticado durante a vida toda. Não se configura, como no diálogo de Alcibíades, como uma preparação momentânea para governar. Luger ilustra tal preceito estoico a partir de Sêneca, que aconselha desde jovens até homens adultos a cuidarem de si mesmos, pois defende que nunca é tarde para atentar-se e cuidar de si mesmo. Ele afirma que sempre



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

há tempo para corrigir-se, embora seja preferível iniciar na juventude, bem como, afirma que não se deve dar por satisfeito, pois o cuidado de si é algo permanente e ininterrupto (LUGER, 2011, p. 31).

Além disso, no diálogo de Alcibíades, conforme assinala Foucault (2004) o cuidado de si também tem uma função pedagógica, de modo a suprir pendências deixadas por uma educação ineficaz. Ao passo que no período helenístico, segundo Luger (2011), o cuidado de si adquire uma função mais voltada para a medicina. A filosofia é pensada nesse segundo período como uma terapia para a alma, com propriedades curativas e reparativas. Assim, percebemos que diferentemente do período socrático-platônico, nesse momento, quando desenvolve-se uma cultura de si, o cuidado consigo mesmo passa a ser encarado como uma recomendação pertinente a todos, independentemente de fatores como ocupação, idade e maturidade. Logo, torna-se um modo de viver (LUGER, 2011, p. 32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho descrevemos que o preceito de cuidado de si compõe uma temática fundamental na filosofia antiga, que de modo geral, é descrito como um conjunto de práticas existenciais de si para consigo que possibilita um atento ao modo como se vive. Do mesmo modo, reiteramos que o preceito do cuidado de si se apresenta de maneira distinta nos momentos socrático-platônico e helenístico. No momento socrático-platônico analisamos tal preceito em três escritos diferentes nos quais o cuidado de si apresenta significados distintos, mas correlatos e complementares.

No texto “O Primeiro Alcibíades”, enfatizamos que o propósito do cuidado de si volta-se à atividade política. Também compreende uma prática capaz de suprir uma educação deficitária e de fornecer ao sujeito uma preparação para as atividades políticas, assumindo, portanto, um caráter pedagógico.

No diálogo “Laques”, o cuidado de si volta-se para o tratamento da alma, estabelecendo esta última como objeto da educação. Atribui-se maior importância a bíos, ou seja, o modo de viver se torna uma preocupação constante e permanente do cuidado de si.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No que diz respeito a “Carta VII”, apontamos que o cuidado de si relaciona-se com a atividade política no sentido de que a filosofia é um conhecimento presente e palpável no âmbito político. Para tanto, deve se estar disposto a praticar a escuta ativa, de modo a ouvir o que a filosofia tem para dizer. Do mesmo modo, é preciso estar disposto a pôr-se a trabalho em razão da filosofia, entendendo a filosofia como um conjunto de exercícios cotidianos que se configuram em um modo de vida.

No momento helenístico, comumente descrito como “idade do ouro do cuidado de si”, enfatiza-se que as mudanças na estrutura política do mundo grego acabam por atribuir maior importância à existência pessoal e à vida privada, fazendo com que o conceito do cuidado de si se torne um preceito essencial, desenvolvendo uma “cultura de si” e a elaboração de um conhecimento. Nesse momento, há a preposição de que deve se atribuir um tempo específico ao cuidado de si. Sendo este, também entendido como uma ferramenta de “correção”, frequentemente associado com procedimentos terapêuticos.

Por fim, ressaltamos os contrastes entre o cuidado de si nestes dois momentos. Enquanto no momento socrático-platônico existe o pressuposto de uma idade ideal para dedicar-se ao cuidado de si, que seria durante os anos em que se supõe preparar-se para as atividades políticas; no momento helenístico, passa a entender-se o cuidado de si uma prática indicada e recorrente para todas as idades. Ainda, percebe-se que no momento socrático-platônico, entende-se o cuidado de si como principal forma de preparar-se para ascender ao poder político, o qual exigia uma atenção especial com as necessidades pedagógicas, ao passo que no momento helenístico o cuidado de si se estende a toda a cultura, constituindo-se em uma terapêutica da alma (pelos exercícios espirituais) e do corpo (pela medicina e suas propriedades curativas).

REFERÊNCIAS

AFONSO, E. S. **O caráter formativo da noção socrática de “cuidado da alma” no *Alcíades Primeiro de Platão***. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22122016-102846/publico/EDSON_DA_SILVA_AFONSO.pdf. Acesso em: 03 nov. 2020.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

CANDIOTTO, C. Parrhesia filosófica e ação política: platão e a leitura de foucault. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 23, n. 32, p. 31-52, jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/1726/1633>. Acesso em: 11 nov. 2020.

FOUCAULT, M.A **Hermenêutica do Sujeito**. Trad. Márcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 3: cuidado de si**. 8ª edição. São Paulo: Graal, 2005.

FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**. Curso no Collège de France (1982-1983). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

LUGER, M. C. B. "**Cuidado de si**" e "**cultura de si**": discutindo a abordagem de Michel Foucault. 2011. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Filosofia, Departamento de Filosofia, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/1986/1/2011_MariaCandidaBackesLuger.pdf Acesso em: 03 nov. 2020.

OLIVEIRA, G. B. **Cuidado de si e hermenêutica do sujeito em Michel Foucault**. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16495/1/GilbertoBO_DISSERT.pdf Acesso em: 05 nov. 2020.

OLIVEIRA, L. Aprender a cuidar de si: Sêneca e o ócio criativo. **Cadernos do Pet Filosofia**, Teresina, v. 2, n. 3, p. 12-23, 2011.

PLATÃO. **Carta VII**. São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio, 2008. Tradução de: José Trindade Santos e Juvino Maia Jr.

PLATÃO. **Diálogos: Laquete**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Edições Melhoramentos. [1970], p. 115-142.

PLATÃO. **O primeiro Alcibíades**. In: PLATÃO. Diálogos: Fedro - Cartas - O primeiro Alcibíades. Belém: Ed.UFPA, 1975a, p. 197-249.

VANDRESEN, D. S. **O ensino de filosofia no ensino médio técnico**: o exercício de si como modo de vida filosófica. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

WANZELER, M. C. **O cuidado de si em Michel Foucault**. 2011. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

Recebido em: 23/03/2021

Aprovado em: 13/05/2021

Publicado em: 22/07/2021



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**ASSOCIAÇÃO DE PRINCÍPIOS DA ECOPEDAGOGIA A
CONCEITOS DA ASTROBIOLOGIA COMO FUNDAMENTOS
DIDÁTICOS E CONTRIBUIÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DO
FUTURO**

**ASSOCIATION OF PRINCIPLES OF ECOPEDAGOGY THE
CONCEPTS OF ASTROBIOLOGY AS A DIDACTIC
FUNDAMENTALS AND CONTRIBUTION TO THE EDUCATION
OF THE FUTURE**

**ASOCIO DE EKOPEDAGOGIAJ PRINCIPOJ KAJ
ASTROBIOLOGIAJ KONCEPTOJ KAJ FUNDAMENTOJ KAJ
KONTRIBUO AL LA EDUKADO DE LA ESTONTECO**

Vitória Cássia Gabriela de Oliveira⁴⁶

Delton Mendes Francelino⁴⁷

Resumo

A capacidade humana de explorar, dominar e manipular a natureza e os recursos naturais terrestres de acordo com suas necessidades, aliada aos princípios capitalistas que visam lucro e o acúmulo de bens, resultaram em uma crise ambiental sem precedentes. O cenário pandêmico atual evidencia de forma contundente como impactos à natureza estão relacionados à crise de saúde e, até mesmo, ao exaurir dos recursos planetários fundamentais à manutenção da vida. Considerando esse contexto, processos educativos, amparados por processos dos avanços científicos e tecnológicos, figuram como um caminho para construção novos valores ecológicos e ambientais, sustentáveis e sensíveis. Nesse sentido, este estudo busca relacionar a Ecopedagogia, que possui seus princípios fundamentados na unicidade e indissociabilidade entre a humanidade, a Terra e até mesmo o Cosmos (GADOTTI, 2000), à Astrobiologia, que direciona seus esforços à compreensão da vida como um todo, sua origem, evolução e perspectivas futuras não

⁴⁶ Licenciada em Ciências Biológicas. Especialista em Metodologia do Ensino de Biologia. Mestranda em Educação Científica e Ambiental (PPGECA - UFLA). Membro do Centro de Estudos em Ecologia Urbana e Educação Ambiental Crítica - IFSEMG/Campus Barbacena. E-mail: vitoriaoliveirabio@gmail.com e ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3372-0333>

⁴⁷ Coordenador do Centro de Estudos em Ecologia Urbana e Educação Ambiental Crítica - IFSEMG-Campus Barbacena. Diretor do Instituto Curupira. Doutorando na UFMG em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (PPG ACPS). E-mail: deltonmusica@gmail.com e ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2330-1984>



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

apenas no contexto planetário, mas também em nível galáctico e universal.⁴⁸ Acredita-se que a associação desses dois campos de saberes possa favorecer reflexões/recursos para um Ensino de Biologia direcionado para uma Educação de Futuro, capaz de lidar com as mazelas humanas e estabelecer uma antropoética planetária a partir de diferentes racionalidades ambientais. Para isso, a partir de leituras exploratórias sobre a Astrobiologia e a Ecopedagogia, buscou-se tecer reflexões sobre as possíveis associações entre os dois campos de estudo e, por fim, propor estímulos educativos para aulas de Biologia, a partir do que orienta a BNCC (2017).

Palavras-chave: Astrobiologia. Ecopedagogia. Educação de Futuro. Educação Científica. Antropoética.

Abstract

The human capacity to explore, master and manipulate nature and natural resources on earth according to their needs, combined with capitalist principles aimed at profit and the accumulation of goods, have resulted in an unprecedented environmental crisis. The current pandemic scenario strongly evidences how impacts on nature are related to the health crisis and even to the exhaustion of planetary resources fundamental to the maintenance of life. Considering this context, educational processes, underpoured by processes of scientific and technological advances, figure as a path for the construction of new ecological and environmental values, sustainable and sensitive. In this sense, this study seeks to relate Ecopedagogy, proposed by Gadotti (2000), which has its principles based on the uniqueness and indissociability between humanity, the Earth and even the Cosmos, to Astrobiology, which directs its efforts to the understanding of life as a whole, its origin, evolution and future perspectives not only in the planetary context, but also in the galactic and universal level. It is believed that the association of these two fields of knowledge can favor reflections/resources for a Biology Teaching that is directed to a Future Education that is capable of dealing with human ills and establishing a planetary anthropoethics from different environmental rationalities. For this, based on exploratory readings on Astrobiology and Ecopedagogy, we tried to reflect on the possible associations between the two fields of study and, finally, to propose educational stimuli for Biology classes, based on what guides the BNCC (2017).

Keywords: Astrobiology. Ecopedagogy. Future Education. Scientific Education. Anthropoethics.

Resumo

La homa kapablo esplori, regi kaj manipuli naturon kaj surterajn naturajn rimedojn laŭ iliaj bezonoj, kune kun kapitalismaj principoj celantaj profiton kaj amasiĝon de varoj, rezultigis senprecedencan median krizon. La nuna pandemia scenaro klare montras, kiel efikoj sur naturo rilatas al la sankrizo kaj eĉ al la malplenigo de planedaj rimedoj, kiuj estas fundamentaj por la vivtenado. Konsiderante ĉi tiun kuntekston, edukaj procezoj,

⁴⁸ Destaca-se que esta pesquisa tem como base também discussões realizadas via Centro de Estudos em Ecologia Urbana e Educação Ambiental Crítica, do IF Sudeste Campus Barbacena, MG, e alguns resultados de pesquisa desenvolvida para a conclusão de processos de Pós Graduação.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

subtenataj de procezoj de sciencaj kaj teknologiaj progresoj, aperas kiel maniero konstrui novajn ekologiajn kaj mediajn, daŭrigeblajn kaj sentemajn valorojn. Tiusence ĉi tiu studo celas rilatigi Ekopedagogion, kiu havas siajn principojn bazitajn sur la unikeco kaj neapartigebleco de la homaro, la Tero kaj eĉ la Kosmo (GADOTTI, 2000), kun Astrobiologio, kiu direktas siajn klopodojn kompreni la vivon kiel tuton. Ĝia origino, evoluo kaj estontaj perspektivoj ne nur en la planeda kunteksto, sed ankaŭ en la galaksia kaj universala nivelo. Oni kredas, ke la asocio de ĉi tiuj du kampoj de scio povas favori reflektajn / rimedojn por Instruado pri Biologio direktita al Eduko de la Estonteco, kapabla trakti homajn malsanojn kaj establi planedan antropetikon bazitan sur malsamaj mediaj raciaĵoj. Por tio, el esploraj legadoj pri Astrobiologio kaj Ekopedagogio, ni serĉis tekstojn pripensojn pri la eblaj asocioj inter la du studfakoj kaj, finfine, proponi edukajn stimulojn por Biologiaj klasoj, surbaze de tio, kion BNCC gvidas (2017).

Ŝlosilvortoj: Astrobiologio. Ekopedagogio. Estonta Edukado. Scienca Edukado. Antropetiko.

1. INTRODUÇÃO

O caráter antropocêntrico da relação humana com a natureza, sobretudo calcado no modelo pós Renascentista do século XVI, e fortalecido com a Revolução Industrial do século XIX até a atualidade, tem provocado, inequivocamente, severos impactos ambientais nos mais diversos ecossistemas e regiões da Terra. Além disso, também é intensa a desigualdade social, sobretudo em países subdesenvolvidos. A pandemia da Covid -19 é consequência de tal cenário/construção e, além de revelar uma crise biológica e sanitária, evidencia a interligação entre os três pilares que, em equilíbrio, alicerçam o que de fato seria uma sociedade sustentável: economia, ambiente e desenvolvimento humano. Torna-se possível afirmar, portanto, que os impactos à natureza, e à própria humanidade, provocados pelas ações antrópicas, foram/são a chave para desencadear também de crises de saúde, econômicas e humanitárias.

Nesse cenário, muitas são as discussões acerca dos possíveis caminhos capazes de alterar o destino da humanidade e da vida em geral na Terra. Acredita-se que são necessárias mudanças de paradigmas, que podem ser estimuladas por processos educativos. Entretanto, os inúmeros avanços tecnocientíficos tidos até os dias atuais alteraram de forma profunda a maneira de interpretar/construir conhecimento e as próprias relações humanas (individuais e sociais).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em efeito cascata, os fatos abordados até aqui refletem diretamente na construção de identidades, perfis socioculturais, visto que os sujeitos crescem em uma dada cultura, ou culturas, em uma sociedade amplamente conectada, uma sociedade em rede (CASTELLS, 1999). Logo, os avanços tecnológicos e científicos podem, e devem, estar concatenados às urgências de transformação do *modus operandi* humano no planeta, de forma a favorecer uma sociedade de futuro que tenha mais sujeitos ecológicos, conscientes de sua cidadania.

A escola moderna, com suas práticas calcadas principalmente no professor como detentor único do conhecimento, apoiado pelo quadro, giz e livros didáticos e alunos ouvintes, que memorizam o conteúdo fragmentado em disciplinas, já não atende às novas demandas mundiais. Tornam-se necessários processos de ensino e aprendizagem estimulantes, reflexivos e construtivos, que promovam a formação de sujeitos críticos, capazes de avaliar, resolver problemas cotidianos a partir do conhecimento e que sejam voltados para uma consciência sustentável em parâmetros planetários e até mesmo, universais. Trata-se, logo, de favorecer a Educação para a Ciência, ou baseada em Ciência.

Emerge então, a partir da Carta da Terra, a Ecopedagogia (GADOTTI, 2000), que é mais que um conceito: são vários princípios baseados na busca da formação de cidadãos que encarem o planeta Terra como paradigma, enxergando-o como um organismo vivo e em evolução. Mais que isso, para a Ecopedagogia é necessário que a humanidade se perceba como parte da Terra, da sua história, estabelecendo o senso de uma única comunidade: a comunidade planetária. Para amar, respeitar e compreender a Terra é necessário conhecê-la.

A humanidade vem, ao longo dos séculos, admirando os fenômenos naturais do planeta e buscando compreendê-los, tendo a Ciência e o desenvolvimento de tecnologias como recursos elementares e que lançaram o desenvolvimento geral humano, em muito pouco tempo, a patamares antes inimagináveis. Por outro lado, certos paradigmas, estruturas sociais e socioambientais, não sofreram alterações, como o ideário capitalista de apropriação dos recursos naturais e de espoliação humana.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Portanto, torna-se urgente a implementação de saberes, a partir da Educação, que sejam voltados para a Sustentabilidade e para o futuro (GADOTTI, 2000). Para além das observações dos fenômenos, a busca por respostas para questões metafísicas como “Quem somos?”, “De onde viemos?” e “Para onde vamos?”, ainda é incrivelmente contemporânea e, acredita-se ser um caminho capaz de gerar inquietações e motivação para processos educativos inovadores dentro das práticas didáticas em Ciências Biológicas.

Nesse contexto, destaca-se a Astrobiologia, ciência multidisciplinar que se dedica a entender a origem, evolução, distribuição e futuro da vida, na Terra e fora dela (BLUMBERG, 2003). Obviamente, o grande avanço científico e tecnológico das últimas décadas, como as viagens espaciais e a progressiva descoberta de exoplanetas na contemporaneidade, contribuiu fortemente com o desenvolvimento de pesquisas em Astrobiologia e pode auxiliar na construção de novos saberes e maneiras de conectar-se com o “todo” (GALANTE *et al.*, 2016).

Compreendendo Educação de futuro como o conjunto de processos educativos que buscam preparar os alunos para a vida cotidiana, instigar a criatividade, curiosidade e criticidade. Para tanto esses processos baseiam-se em práticas participativas e dialogadas e, nesse sentido, as múltiplas abordagens possibilitadas pela Astrobiologia constitui-se como um interessante escopo de pesquisa e uma área do conhecimento adequada ao que se propõe como educação para o futuro. A Astrobiologia nas escolas formais, pode viabilizar ainda, a utilização equipamentos produtos da tecnociência, favorecendo, inclusive, processos inter/transdisciplinares. Além disso, compreender a gênese do Universo, das estrelas, dos planetas e da vida pode favorecer reflexões sobre o caráter cósmico da matéria, da existência.

Aliando as demandas educativas, ambientais e sociais aqui apresentadas ao conhecimento necessário para a mudanças de pensamento e comportamento, este estudo direciona seus olhares à possibilidade de relacionar a Astrobiologia à Ecopedagogia, de forma a favorecer reflexões e possíveis recursos para o Ensino de Biologia direcionado a uma Educação de futuro e a sensibilização ambiental proporcionando a construção de uma cidadania planetária (GADOTTI, 2000).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Para alcançar esse objetivo, metodologicamente, este estudo foi dividido em quatro etapas basilares. A primeira fase consistiu na seleção de tópicos de Astrobiologia a serem utilizados para atingir o objetivo geral desta pesquisa. Foram considerados os vínculos com a disciplina de Biologia para o Ensino Médio e definiu-se que a discussão estaria baseada nos seguintes conceitos chave: Origem do Universo, estrelas e planetas; Origem e Evolução da vida na Terra; e Possibilidade de vida extraterrestre. Partiu-se para a segunda etapa, na qual foram feitas leituras exploratórias sobre os tópicos de Astrobiologia selecionados, sobretudo com o apoio da obra de Galante et al., (2016) e dos princípios da Ecopedagogia, presentes no livro “Pedagogia da Terra”, de Moacir Gadotti (2000).

Em seguida, na terceira etapa, ampliou-se a discussão articulando os preceitos base dos dois campos em estudo. Para tal articulação, além das obras já mencionadas, as contribuições de Capra (2012) e Freire (1994). Por fim, na quarta fase, a partir das diretrizes da BNCC (2017), para a área das Ciências da Natureza, e das reflexões construídas pelas etapas metodológicas anteriores, foram propostos estímulos iniciais voltados a processos educativos inovadores, em aulas de Biologia para o Ensino Médio, baseados em Astrobiologia e Ecopedagogia.

2. RESULTADO E DISCUSSÃO

Nos últimos anos, o processo de tecnologização como resultado do avanço científico tem gerado diversas expectativas em relação à Educação Formal. Busca-se mudanças profundas nos processos educativos, uma educação libertadora, amparada pelos preceitos da criatividade e criticidade. Nesse sentido a tecnociência como resultado da interseção entre tecnologia, ciência e sociedade, pode ser um importante aspecto basilar na construção dessa educação. Amparadas pelos avanços científicos e tecnológicos muitas metodologias não convencionais vêm sendo propostas por estudiosos/professores (inclusive, este estudo). Logo, as discussões trazidas a partir desse tópico estão apoiadas em autores que trazem perspectivas educacionais fortes, alinhadas ao que é necessário para uma Educação de futuro. Espera-se que a leitura



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

deste trabalho ofereça incentivos para a criação de novas práticas e metodologias por professores que atuam no Ensino de Biologia.

2.1. Ecopedagogia e Astrobiologia como fundamentos para Educação de Futuro

O planeta está em crise. Crise econômica, social e ambiental sem precedentes. A relação homem-natureza, seguindo a lógica antropocêntrica calcada nos princípios capitalistas que visam excessivamente o lucro e estimulam a exploração desenfreada dos recursos naturais, trouxe danos irreparáveis à biosfera. Será possível minimizar os impactos antrópicos ao ambiente, à vida e à própria espécie humana?

Tendo-se em vista os riscos iminentes aos quais a vida planetária está exposta, as preocupações com o meio ambiente tornaram-se de extrema importância. Evidencia-se, então, a necessidade de mudanças radicais de paradigmas e pensamentos (CAPRA, 2012), voltando-se os olhos para práticas e sistemas sustentáveis que sejam capazes de alterar as perspectivas para as futuras gerações. Sobre isso, Gadotti (2005) assevera que

diante da degradação das nossas vidas no planeta chegamos a uma verdadeira encruzilhada entre um caminho Tecnozóico, que coloca toda a fé na capacidade da tecnologia de nos tirar da crise sem mudarmos o estilo de vida poluidor e consumista; e um caminho Ecozóico, fundado numa nova relação saudável com o planeta, reconhecendo que somos parte do mundo natural, vivendo em harmonia como universo, caracterizado pelas atuais preocupações ecológicas. (GADOTTI, 2005, p. 19).

O fragmento elucidado que as vidas humanas não estão separadas das outras formas de vida do planeta, logo, o caminho Ecozóico pode representar exatamente a mudança de pensamento e comportamento necessária para uma relação sustentável entre a humanidade e a Terra. Muitos autores, inclusive os basilares deste estudo, como Gadotti (2000), Paulo Freire (1994) e Capra (2012), defendem que a educação é um importante caminho para alcançar a mudança de paradigmas e para o estabelecimento de práticas sustentáveis na sociedade. Principalmente pelo fato de Como o senso de desenvolvimento sustentável real precisar ser, acima de tudo, uma perspectiva educativa (FRANCELINO, 2017) educar para a sensibilidade é uma urgência. Importante discutir também que toda mudança de comportamento é, necessariamente, uma mudança cultural, o que conduz para uma compreensão integrativa da vida em sociedade, dos sistemas educativos e da própria maneira como a escola hoje é compreendida.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Essa percepção, aprofundada, permite refletir sobre como as influências econômicas do capitalismo, como o consumismo, refletem diretamente nas práticas educativas. A busca pelo acúmulo de bens exige mão de obra mecanizada, capaz de produzir mais em menos tempo, dispensando processos reflexivos e críticos. Nesse sentido, as escolas têm suas práticas centradas em uma lógica tecnicista e baseadas no que Freire (1994) caracteriza como educação bancária: um processo no qual o professor é o detentor único de todo o saber, atendendo à demanda de mão de obra capitalista. Nesse modelo de compreensão de mundo, a função do professor e da escola é apenas formar para o mercado de trabalho. Todavia, como muito se discute na atualidade, essa não é uma perspectiva transformadora; não gera conhecimento para a vida em sociedade (GADOTTI, 2000).

Processos educativos baseados nessas práticas, obviamente, não objetivam e não são capazes de produzir ou desencadear processos de reflexão sobre as relações/ligações humanas com o mundo e o universo. Tal modelo educativo, que ainda se persevera na sociedade do agora, excessivamente focado nas especializações e na obtenção de mão de obra para o mercado, é incapaz de questionar as desigualdades e as circunstâncias a que estão submetidos os agentes envolvidos nos processos e práticas educativas. Justamente nesse âmbito é que se discute a Educação de Futuro, que busca envolver constantemente os estudantes a partir de práticas que estimulem o pensamento crítico e a formação de cidadãos ativos, sujeitos ecológicos críticos e conscientes de suas realidades.

Desponta então como resposta para a Educação de Futuro uma pedagogia da Terra e para a Terra, baseada na lógica de que o desenvolvimento sustentável depende diretamente da formação de uma consciência ecológica/planetária e, esta consciência, de um processo educativo basilar (GADOTTI, 2005). Importante considerar que Gadotti (2005) defende que a formação das relações entre o ser humano e o meio ambiente se dá, sobretudo, no nível da sensibilidade. É necessária então uma ecoformação de cunho sensível: a Ecopedagogia.

Ao contrário de outras pedagogias clássicas, a Ecopedagogia parte do princípio de consciência planetária, em detrimento da perspectiva antropocêntrica. A Terra passa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

a ser o paradigma e é considerada como parte da vida que abriga, formando uma única comunidade: a comunidade planetária (GADOTTI, 2000). Logo, processos educativos que sejam baseados em princípios da Ecopedagogia, como a planetariedade, tendem a alavancar significativas compreensões nos discentes, e mesmo nos docentes, sobre aspectos fundamentais da vida na Terra e da indissociável teia de relações que marcam e caracterizam a existência e coexistência humana nos mais diversos ambientes. Ao invés de ter-se o consumo, o capital, como modelos unos de existência e experimentação das realidades, a própria vida, em si e em seus diversos aspectos, é um modelo que deve ser refletido, discutido e ampliado, dentro e fora do contexto escolar. O que é a natureza? O que é uma pessoa? O que é coletividade? O que é Meio Ambiente? O que é Comunidade e como me insiro dentro de minha rua, meu bairro, minha cidade? Todas essas perguntas são exemplos de como a Ecopedagogia pode oferecer os primeiros passos para o pensamento sistêmico, e não limitado.

Partindo das discussões tidas até este ponto, torna-se possível compreender a importância da Ecopedagogia para a Educação de Futuro, principalmente quando os valores ecopedagógicos são alicerçados por tópicos científicos que podem ser trazidos para dentro do contexto escolar e gerar percepções profundas nos discentes. Propõe-se então, a associação desses princípios à Astrobiologia, que além de sua essência multi/interdisciplinar, busca responder inquietações históricas humanas, o que a torna um ótimo recurso para a dinâmica dentro da sala de aula, em especial, no Ensino de Biologia para o Ensino Médio. Conciliada às perspectivas discutidas sobre a Ecopedagogia, a Astrobiologia pode favorecer associações e inquietações nos alunos que os possibilitem experimentar o duvidar, o questionar e o entender sobre si mesmos e sobre o Cosmos.

Ter a vida como objeto de estudo pode mostrar o quão forte e ao mesmo tempo o quão frágil ela pode ser (FERREIRA, 2017). Além disso, buscar responder questões como “de onde viemos?” e “para onde vamos?” relaciona-se diretamente com o que propõe uma prática educativa sustentável, no sentido de que compreender o processo de surgimento do Universo, dos planetas, da Terra e da vida gera um sentimento de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

unicidade e fragilidade, possibilitando uma percepção holística terrestre e cósmica (FERREIRA, 2017).

Para compreender as questões abordadas pela Astrobiologia, inicialmente é necessário alçar percepções sobre a instância individual, pessoal: como sujeito do/no mundo. Somente a partir da compreensão de si, como um ser único, mas integrante de um coletivo, torna-se possível abstrair-se de si e perceber o todo, colocando-se em uma perspectiva pessoal e planetária, como propõe a Ecopedagogia. Aprende-se na escola que a Terra é uma grande esfera azul, que gira em torno de uma estrela, o Sol, acompanhada de mais sete planetas. Ensina-se que a água compõe cerca de 90% da superfície terrestre, sua diversidade geológica, biológica e climática. Todavia, pouco se discute, segundo Gadotti (2000), sobre a responsabilidade de cada ser humano que passa sobre este solo, tampouco se vivencia o que o planeta tem a oferecer. Tais perspectivas de não empoderamento para a compreensão da vida em sua complexidade podem ser alteradas a partir dos conhecimentos em Astrobiologia, visto que, tendo origens químicas semelhantes e estando em progressiva evolução, os seres humanos, a Terra/biodiversidade e o Universo são integrantes da grande comunidade da vida. Todos fazem parte da história do Universo e também do planeta.

Percebe-se nas escolas uma busca por compreender a Terra em um sentido técnico, compartimentalizando-a, buscando informações que são materiais, palpáveis e visíveis em detrimento de discussões sobre outros aspectos que constituem o planeta, como o que o afeta, o que o constrói e o faz vivo. É justamente nesse âmbito que o uso da Astrobiologia em sala de aula, calcado nos valores da Ecopedagogia, pode conduzir a um processo educativo singular e baseado no principal preceito científico: a dúvida, que levanta hipóteses e que motiva a busca por respostas, produzindo uma nova ética novos valores e, como consequência, atitudes diferentes e um novo olhar sobre o planeta e o Cosmos. Maravilhar-se diante da beleza da Terra, das estrelas e de outros planetas e perceber o longo caminho de sua formação, independente da ação humana, ainda pode gerar sensibilização para a humildade. Concomitantemente, também são possíveis reflexões sobre a forma como o ser humano age no mundo e as consequências dessas ações.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No campo astrobiológico, um conceito chave são as Zonas de Habitabilidade de um sistema estelar. Uma das características primordiais para caracterizar uma região como habitável é a presença de água em estado líquido. Sabe-se que, para a vida terrestre surgir, evoluir e se manter, a água em estado líquido foi e é fundamental (GALANTE *et al.*, 2016). Além disso, é possível que a água sequer tenha surgido aqui: ela pode ter vindo de cometas há bilhões de anos (GALANTE, *et al.*, 2016). A partir destas considerações, é possível afirmar que a Terra se encontra, no Sistema Solar, em uma região favorável por não estar tão perto da estrela matriz (o sol) ao ponto de a água evaporar, nem tão distante, ao ponto de a água tornar-se gelo. Outros aspectos fundamentais para a vida no planeta são o campo magnético terrestre e a própria Lua que foram fundamentais para que a vida complexa pudesse se desenvolver (SANZ, 2015).

Despertar na discência essa compreensão de sistemicidade e complexidade pode conduzir percepções acerca da generosidade desse planeta azul e gerar humildade (FRANCELINO, 2017). Juntamente a esses sentimentos de prazer e gratidão, pode-se direcionar a observação crítica acerca da forma como a humanidade atua no planeta, a partir de discussões sobre poluição e degradação ambiental, de forma a contribuir na compreensão antropológica, que se constitui como foco da Astrobiologia e da Ecopedagogia (GADOTTI, 2000). Este tipo de reflexão dialoga com o que Gadotti (2007) afirma acerca da construção de uma cidadania planetária, que está relacionada a

a consciência, cada vez mais necessária, de que somos todos habitantes de uma única casa, de uma única morada, de uma única nação. Temos uma identidade terrena, somos terráqueos. Assim como nós, este planeta, como organismo vivo, tem uma história. Nossa história faz parte dele. Nós não estamos no mundo; nós somos parte dele. Não viemos ao mundo; viemos do mundo. Terra somos nós e tudo o que nela vive em harmonia dinâmica, compartilhando o mesmo espaço. Temos um destino comum. (GADOTTI, 2007, s/p.).

A partir desse excerto é possível refletir sobre processos de ensino nos quais os alunos são questionados sobre seu endereço, cidade, estado, país, até chegarem aos planetas e ao Sistema Solar. Parece algo simples, mas nos modelos atuais de educação formal é possível notar a ausência de estímulos de pertencimento e unicidade ao planeta Terra e ao Universo. Nesse sentido, Gadotti (2000) ao citar a música “Estrangeiro eu



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

não vou ser”, do cantor Milton Nascimento, destaca a necessidade de desconsiderar, inclusive, as fronteiras entre os países. Para a construção de uma cidadania verdadeiramente planetária, muito mais do que ter percepções de localização no ambiente, o educando precisa ser estimulado a perceber-se como parte de uma única comunidade, a terrestre, e se compreender como parte do próprio planeta; como parte viva e integrante dessa comunidade.

Destaca-se que não se aprende a amar a Terra apenas lendo livros, sendo necessários processos de experiências individuais (GADOTTI, 2000). Capra (2012) menciona que para alcançar o equilíbrio na relação homem-natureza é preciso quebrar paradigmas, principalmente a compartimentalização do conhecimento. Nesse sentido, a aplicação de processos transdisciplinares proposta por diversos autores, como D’ambrosio (2011) e até mesmo Gadotti (2000), figura-se como uma resposta na busca para a implementação da Ecopedagogia aliada à Astrobiologia, por promover a transdisciplinaridade, que leva

o indivíduo a tomar consciência da essencialidade do outro e da sua inserção na realidade social, natural e planetária, e cósmica. Uma consequência imediata da essencialidade é que a inserção só pode se dar através de um relacionamento de respeito, solidariedade e cooperação com o outro, consequentemente com a sociedade, com a natureza e com o planeta, todos e tudo integrados na realidade cósmica. (D’ambrosio, 2011, p. 10).

Logo, a percepção de integralidade possibilitada pela transdisciplinaridade resulta no despertar da consciência nos processos de aquisição de conhecimento. Tendo seu princípio essencial baseado no reconhecimento das dimensões sensorial, mística, emocional, intuitiva, racional do conhecimento e a integridade mente, corpo e Cosmos, a transdisciplinaridade figura como um alicerce da Ecopedagogia e da busca por conhecimentos astrobiológicos.

Muitos estudiosos afirmam, que processos transdisciplinares são de difícil implementação nas escolas. Entretanto, Capra (2012) mostra que existem soluções, e que elas podem ser encontradas em pequenas ações. Nesse sentido, por meio de hortas, o autor insere em sua prática a transdisciplinaridade, propondo a alfabetização ecológica. Os apontamentos de Capra (2012) levam a seguinte inquietação: o que é possível fazer com o que se tem e no contexto em que uma prática educativa se insere?



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Logo, a Astrobiologia em sua busca por entender o Universo, e principalmente a vida, pode gerar processos de autoconhecimento e de pertencimento, além de sensibilização ambiental e percepções Ecosóficas, valores esses que são indispensáveis para uma Educação de Futuro sustentável e viabilizadora novas práticas antropológicas. Evidencia-se, portanto, a profundidade das possíveis associações entre a Ecopedagogia e a Astrobiologia.

2.2. A utilização das associações entre Astrobiologia e Ecopedagogia como fundamento didático voltado para a construção de uma cidadania planetária em aulas de Biologia.

Considerando as discussões sobre as possíveis interconexões entre a Astrobiologia e a Ecopedagogia, partir-se-á para aplicações dessas associações em aulas de Biologia no Ensino Médio. Inicialmente é importante considerar que a educação atual se baseia ainda nos princípios da pedagogia clássica, racionalista e centralizadora (GADOTTI, 2000). A preocupação central desta *práxis* é a enunciação dos conteúdos pelos professores enquanto o papel do aluno resume-se a memorização dos saberes emitidos, além da fragmentação e desconexão das disciplinas. Obviamente, a Ecopedagogia não se insere nessa prática pedagógica engessada, tornando-se necessária, portanto, uma reorientação dos currículos escolares para incorporar os princípios ecopedagógicos básicos. Essa é, inclusive, uma das mais significativas propostas deste estudo. Gadotti (2000) destaca que os valores da Ecopedagogia deveriam guiar as abordagens dos conteúdos e a elaboração dos livros didáticos. Isso porque, muito além de estarem inseridos no contexto e na realidade dos alunos, os conteúdos curriculares precisam estar alinhados às contemporâneas discussões ambientais, principalmente no que se refere à ação antrópica no planeta.

A discussão do autor demonstra algumas das dificuldades para a utilização da proposta apresentada neste texto, que sugere a prática de preceitos da Ecopedagogia, aliados a conteúdos de Astrobiologia, dentro de ambientes de Educação formal, regular. Buscou-se, então, apoio no que preconiza o documento que orienta as diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Médio, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), no sentido de demonstrar que o estudo de conteúdos da Astrobiologia,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

colabora para a presença da Ecopedagogia nas escolas. A BNCC (2017) prevê que há necessidade de contextualizar os conteúdos dos componentes curriculares buscando conectá-los e apresentá-los. Além disso, destaca a necessidade de construir uma escola que acolha as diversidades e que estimule estudantes a serem protagonistas de seu próprio processo de escolarização. Uma das competências específicas para as Ciências da Natureza consiste em

analisar e utilizar interpretações sobre a dinâmica da Vida, da Terra e do Cosmos, para elaborar argumentos, realizar previsões sobre o funcionamento e a evolução dos seres vivos e do universo, fundamentar e defender decisões éticas e responsáveis. (BNCC, 2017, p. 553).

Essa competência, em especial, envolve de forma evidente o que vem sendo discutido até aqui sobre as bases da Ecopedagogia, voltadas para a construção de uma Educação de Futuro e de uma cidadania planetária (GADOTTI, 2000). Inclusive, muitos autores, como FREIRE (1994), Capra (2012) e até mesmo Gadotti (2000) discutem as perspectivas trazidas pela BNCC (2017), sobre a necessidade de processos de ensino que sejam investigativos, estimulantes e que, dessa forma, saem do convencional “quadro e giz”.

Nesse sentido, muitos podem ser os processos investigativos em aulas de Biologia construídos a partir das principais perguntas que a Astrobiologia busca responder como Ciência. Um exemplo claro deste fato é a proposição de investigações comparativas entre a Terra que segundo Sagan (1962) é um intermediário do que ocorreu com seus vizinhos e gêmeos, Marte e Vênus, de forma a buscar as razões que favoreceram o despontar da vida, basal e complexa. Ainda é possível direcionar as investigações para o que as condições desses planetas podem nos mostrar acerca do passado e do futuro terrestres e, a partir disso, dirigir os olhares e discussões para a forma como a humanidade encara e age sobre o planeta.

O contato com a possibilidade de vida extraterrestre, sobretudo a partir do cinema, da mídia e lendas, precede muitas vezes o primeiro ano na escola. Considerando o conhecimento prévio dos alunos sobre a vida fora do planeta Terra, outros estímulos podem ser produzidos a partir de projetos que relacionem a ideia de alienígena, por exemplo, confrontando-os com perspectivas científicas acerca do tema.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Nesse sentido, pequenas ações podem ser realizadas a fim de responder questões como: se existe vida fora da Terra, como ela se apresentaria? O que a possibilidade de haver vida fora da Terra ou de outros planetas/luas possíveis de colonizar significa para a humanidade? Será que tais descobertas diminuem a responsabilidade das ações humanas sobre esse planeta azul?

Investigações como essas podem, portanto, resultar no que propõe uma das habilidades a serem desenvolvidas pelas Ciências da Natureza: “discutir a importância da preservação e conservação da biodiversidade e avaliar os efeitos da ação humana e das políticas ambientais para a garantia da sustentabilidade do planeta” (BNCC, 2017, p. 557). Podem também estimular a sensibilização para a consciência planetária e desenvolver novas ações e percepções éticas acerca do Planeta Terra.

Gadotti (2000) ressalta a importância das experiências/vivências individuais e cotidianas na prática ecopedagógica e na possível construção de uma cidadania planetária. Nesse sentido, a percepção da Terra como um organismo vivo, complexo e em evolução, pode ser alavancada por pequenos gestos, como observar o céu, plantar uma árvore, e pela busca em conhecer a comunidade local como global. O modelo do Big Bang, mais aceito atualmente, demonstra que todo o Universo surgiu de um único “ponto”, todos os planetas e estrelas de poeira cósmica, bem como a vida surgiram, sobretudo, a partir de elementos químicos forjados no interior das estrelas (GALANTE et al., 2016). Logo, o Universo e a Terra não são entidades separadas e não estão longe da humanidade; estão nos jardins, no ar, no céu, fazem parte de um todo, misterioso, mas em constante evolução, expansão e interação.

Conclusivamente, é importante destacar que um dos mais significativos expoentes das discussões acerca da Ecopedagogia, ocorridas na década de 1990, foi a Carta da Terra, publicada pela ONU em 1999. Os princípios da Ecopedagogia são também os princípios deste documento global, que buscou estimular a mudança de comportamento humano. Um de seus princípios mais relevantes a qual este estudo se afilia é: “Respeitar a Terra e a vida” (GADOTTI, 2000, p. 204). Tal pressuposto conecta-se com a necessidade de conhecer e amar o Planeta e a vida em sua origem e interdependência de forma profunda. Conhecimentos esses que podem ser possibilitados



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

por discussões astrobiológicas e transformadas, por meio do afeto e da sensibilização, em preceitos éticos a partir da Ecopedagogia.

A adoção de padrões de consumo, produção e reprodução que respeitem e protejam as capacidades regenerativas da Terra, os direitos humanos e o bem-estar comunitário é outro princípio da Carta da Terra que pode ser trabalhado em consonância a várias competências e habilidades propostas, pela BNCC (2017), ao Ensino de Biologia. A sensibilização promovida por essa associação pode conduzir, a partir da criticidade, à formação de pessoas mais participativas e cooperativas, construindo assim uma nova forma de exercer a cidadania, uma cidadania de cunho planetário, e até cósmico.

Por fim, fica evidente que outras metodologias precisam ser buscadas para que, no contexto escolar, o ensino seja não apenas mais integrativo e interessante, instigante e baseado em ciência, mas, também, que favoreça a formação de cidadãos conscientes, críticos e ambientalmente sensíveis. Como se notou neste estudo, a Astrobiologia e a Ecopedagogia, quando associadas, constituem-se como modelo pedagógico interessante e inovador neste contexto. Fica clara a necessidade de os docentes de Biologia buscarem constantemente a familiarização com novidades científicas e, mais que isso, trazê-las para a sala de aula. A sustentabilidade, sendo um pressuposto cultural, constrói-se nas mais diversas instâncias da sociedade e, certamente, a escola ainda é um dos mais importantes ambientes para esse processo de construção de sujeitos ecológicos, cidadãos do mundo e para o mundo.

3. ASPECTOS CONCLUSIVOS

Em conclusão, percebe-se que novos comportamentos e relações precisam ser pensados/construídos pela sociedade em relação ao Planeta Terra, a seus ecossistemas, às relações humanas e ao Cosmos. O presente cenário mundial, de aulas remotas para a educação básica, em decorrência da pandemia da Covid-19, evidenciou inúmeros desafios para a implantação de metodologias amparadas pela tecnologia e conectividade. Nesse sentido, é pertinente afirmar que ainda há um longo caminho para a construção de uma educação adaptada à sociedade em rede. E é justamente nesse

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

contexto que o vínculo entre ciência e tecnologia pode contribuir para superar tais desafios.

Propostas inovadoras, com temas não convencionais, como o proposto neste estudo, fortalecem ainda mais a aliança entre ciência, tecnologia e sociedade, bem como a busca por novas visões e comportamentos em todo o Globo. A associação entre a Ecopedagogia e a Astrobiologia, por estarem amplamente conectadas a diversos valores e conhecimentos transdisciplinares, é uma resposta a essa questão e pode representar também um interessante alicerce para a construção de estímulos que levem a mudanças de paradigmas.

Sendo a educação um dos mais relevantes caminhos para a transformação da sociedade, o presente estudo pode representar um estímulo inicial de profundas reflexões para docentes sobre suas práticas, saberes e suas responsabilidades na construção de uma sociedade mais sustentável. Além disso, compreender as interconexões entre as origens do Universo e do planeta Terra, bem como os processos biológicos e evolutivos fundamentais à vida, pode representar alavancas de autoconhecimento, o conhecimento de mundo e empoderamento em face as situações sociais que reforçam a desigualdade e a discriminação.

4. Referências

BLUMBERG, B. S. The Nasa astrobiology institute: early history and organization. *Astrobiology*, v. 3, n. 3, p. 463-470, 2003.

BRASIL. **BNCC – Base Nacional Comum Curricular** (2017). Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso: 18 nov. 2020.

CAPRA, F. **A teia da vida**. 1ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

CASTELLS, M. **O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura**, volume 2. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

D'AMBRÓSIO, U. A transdisciplinaridade como resposta a sustentabilidade. *NUPEAT–IESA–UFG*, v.1, n.1, jan./jun, p.1–13, 2011.

FRANCELINO, D. M. **Infinitas Estações: um livro manifesto pela mudança do homem e pelo respirar da natureza**. Juiz de Fora: Editora Bartlebee, 2017.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

FERREIRA, P. R. **A Astrobiologia como ferramenta para a Alfabetização Científica e Tecnológica**. Dissertação (Mestre em Ciências). Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1994.

GADOTTI, M. **A ecopedagogia como pedagogia apropriada ao processo da carta da Terra**. In: **Histórias de aprender-e-ensinar para mudar o mundo: projeto jovem cidadão amigo da natureza - PJCAN**.. Paulínia, SP: Instituto Bioma. 2007.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. 4ª edição. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GADOTTI, M. Pedagogia da Terra e Cultura de Sustentabilidade. **Revista Lusófona de Educação**, v. 6, 15-29, 2005.

GALANTE, D.; SILVA, E. P.; RODRIGUES, F.; *et al.* Astrobiologia: uma ciência emergente. **Núcleo de Pesquisa em Astrobiologia**, São Paulo: Tikinet Edição: IAG/USP, 2016.

SAGAN, C. Structure of the lower atmosphere of Venus. **Icarus**. Volume 1, Issues 1–6, páginas 151-169, 1962.

SANZ, P. S. O que aconteceria se não houvesse Lua?. **El país** (dezembro de 2015). Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/15/ciencia/1450179769_533306.html#:~:text=O%20movimento%20orbital%20da%20Lua,do%20modo%20como%20as%20conhecem os . Acesso em: 19 nov. 2020.

Recebido em: 26/04/2021

Aprovado em: 17/06/2021

Publicado em: 22/07/2021



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

INTERPRETAÇÕES BRASILEIRAS SOBRE A AÇÃO EM HANNAH ARENDT

BRAZILIAN INTERPRETATIONS ABOUT ACTION IN HANNAH ARENDT

BRAZILAJ INTERPRETOJ PRI LA AGO EN HANNAH ARENDT

Danilo Arnaldo Briskievicz⁴⁹

Resumo

A partir do livro *A condição humana* de H. Arendt analisamos o conceito de ação e suas diversas interpretações em sua recepção e compreensão no Brasil, proporcionando uma análise panorâmica e por isso mesmo cronológica alicerçada em May, Souki, Duarte, Kristeva, Abreu, Schio, Jardim, Correia, Adverse, D'Entreves, Benhabib, Habermas e Kateb. O resultado esperado é um ensaio esquemático, porém não definitivo, do panorama do conceito de ação a partir dos anos 1980 até os dias atuais baseado em comentadores de Arendt na estimulante e grandiosa recepção de sua obra no Brasil.

Palavras-chave: Ação. A condição humana. Revisão bibliográfica.

Abstract

From the book *The Human Condition* of H. Arendt we analyze the concept of action and its different interpretations in its reception and understanding in Brazil, providing a panoramic and therefore chronological analysis based on May, Souki, Duarte, Kristeva, Abreu, Schio, Garden, Strap, Adverse, , D'Entreves, Benhabib, Habermas and Kateb. The expected result is a schematic, but not definitive, review of the concept of action from the 1980s to the present day based on Arendt's commentators on the stimulating and grand reception of his work in Brazil.

Keywords: Action. The human condition. Literature review.

Resumo

⁴⁹ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, mestre e especialista em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, licenciado em Filosofia e Pedagogia. Professor de Filosofia e Sociologia do Instituto Federal de Minas Geral, campus Santa Luzia. Autor dos livros *Hannah Arendt: educação e política* (Appris, 2020), *Comarca do Serro do Frio: história da educação entre os séculos XVIII e XX* (Appris, 2020). Membro da Academia de Letras de Teófilo Otoni - ALTO e do Instituto Histórico e Geográfico do Mucuri – IHGM. Canal do Youtube: Tava aqui pensando. <https://orcid.org/0000-0002-7652-1959>. E-mail: doserro@hotmail.com



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

El la libro *La homa kondiĉo* de H. Arendt, ni analizas la koncepton de ago kaj ĝiajn diversajn interpretojn en ĝia akcepto kaj kompreno en Brazilo, disponigante panoraman kaj tial kronologian analizon bazitan sur majo, Souki, Duarte, Kristeva, Abreu, Schio, Jardim, Belt, Adverse, Avritzer, D'Entreves, Benhabib, Habermas kaj Kateb. La atendata rezulto estas skema, sed ne definitiva, eseo pri la panoramo de la agokoncepto de la 1980-aj jaroj ĝis hodiaŭ, surbaze de la komentistoj de Arendt en la stimula kaj grandioza akcepto de lia verko en Brazilo.

Ŝlosilvortoj: Ago; *La homa kondiĉo*; Literatura recenzo.

A PLURALIDADE COMO CONSTITUIÇÃO ONTOLÓGICA DO CIDADÃO

A ação dos cidadãos de uma comunidade política é o que nomeamos por ontologia da pluralidade. A ontologia da pluralidade é uma condição dos adultos que assumem sua responsabilidade pelo mundo comum. Trata-se de entender que a maioria civil alcançada pelo cidadão se caracteriza pela possibilidade de ação e do exercício da liberdade no espaço público. A pluralidade diz respeito, pois, a este mundo comum de diversidade de opiniões, julgamentos e de responsabilidades pelo que se diz e pelo que se faz. É uma condição política definida pela ação. Assim,

Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos; mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens. A atividade do labor não requer a presença de outros, mas um ser que ‘laborasse’ em completa solidão não seria humano, e sim um *animal laborans* no sentido mais literal da expressão. Um homem que trabalhasse e fabricasse e construísse num mundo habitado somente por ele mesmo não deixaria de ser um fabricante, mas não seria um *homo faber*; teria perdido sua qualidade especificamente humana e seria, antes, um deus – certamente não o Criador, mas um demiurgo divino como Platão o descreveu em um de seus mitos. Só a ação é prerrogativa exclusiva do homem; nem animal nem um deus é capaz da ação, e só a ação depende inteiramente da constante presença de outros (ARENDR, 2005, p. 31).

A citação de Arendt é reveladora pois a ontologia da pluralidade se torna realidade entre os homens por conta da ação. A necessidade fisiológica prende o *animal laborans* ao ciclo interminável da sobrevivência. A necessidade reificadora aprisiona o *homo faber* ao ciclo das demandas da fabricação de objetos de uso e de arte. Mas a ação não guarda nenhuma necessidade. Ela não obriga ninguém a pensar. Não obriga



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ninguém a julgar. Não obriga ninguém a querer. A ação é única atividade que depende única e exclusivamente da decisão pessoal para o indivíduo tornar-se presente no espaço público, no espaço constituído e instituído pela espontaneidade e de onde espera-se que ninguém esteja obrigado a se fazer presente, é um espaço onde se tem a certeza de que nada será fabricado. Mas é a única atividade da *vita activa* que permite uma expansão da capacidade humana de se pluralizar, estando juntos uns com os outros, no exercício da liberdade no espaço público.

A ação é uma atividade que dispensa objetos e artefatos. Ela é realizada no espaço intermediador entre os homens que aparecem uns para os outros no espaço público. A condição humana para que a ação aconteça, se torne realidade, se torne um fenômeno é a epifania da pluralidade. É a mais pública das atividades humanas. Por isso, “todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição – não apenas a *conditio sine qua non*, mas a *conditio per quam* – de toda vida política” (ARENDT, 2005, p. 15). Arendt explica que os romanos empregavam como sinônimas as expressões latinas *viver e estar entre os homens* (It.: *inter homines esse*) ou *morrer e deixar de estar entre os homens* (It.: *inter homines esse desinere*). E retoma o primeiro livro da Torá judaica, o Gênesis, para se referir ao ato da criação divina no plural: “Macho e fêmea Ele *os* criou.” Contrariando a noção de que a ação se pode repetir, Arendt acredita que ela tem natureza imprevisível se relacionada e comparada com qualquer atividade humana da *vita activa*. Por isso, demanda a pluralidade dos homens, os homens no plural uma vez que “a pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir.” É assim que a ação é uma atividade que existe para fundar e manter duráveis os corpos políticos, instaurando condições “para a lembrança, ou seja, para a história” (ARENDT, 2005, p. 15-16).

A *vita activa* é radicada na natalidade. Pelo nascimento de novos seres humanos pela necessidade ligada atividade do labor, uma demanda fisiológica da espécie humana, os recém-chegados ao mundo o renovam com sua singularidade. A presença constante de novos seres humanos chegados pelo nascimento renova a humanidade e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

outros abandonam o mundo pela morte. O ciclo da natalidade-mortalidade se repete indefinidamente, mantendo a espécie humana na Terra, em que uns falecem e outros nascem. Pelo trabalho as novas gerações perpetuam a fabricação de bens duráveis e obras de arte. Pela presença participativa e livre no espaço público, os novos seres humanos se habilitam para a ação, através do discurso.

Uma distinção importante nesse contexto: trata-se de esclarecer entre os dois termos muito usados por Arendt que são o nascimento e a natalidade. Há uma nuance hermenêutica que por vezes passa despercebida e que não podemos declinar nesse momento de nossa análise. Nascimento é um fato biológico. Isso quer dizer que está ligado diretamente com a atividade do labor. Natalidade é um fato político. Isso quer dizer que está ligada diretamente com a atividade da ação. A natalidade (política) é uma metáfora do nascimento (biológico).

Por isso, Arendt (2005, p. 17, grifos nossos), explica que “das três atividades, a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade” uma vez que *reproduz, reatualiza, resgata, retoma e subsume* o que acontece uma vez com todos os seres humanos, o nascimento, o momento do aparecimento no mundo pelo parto, quando recebe as primeiras luzes do mundo comum, dando seu primeiro respiro no mesmo espaço de aparência de sua comunidade. Por isso, “o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se *sentir no mundo* somente porque o recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, agir.” É por isso que politicamente a natalidade representa um significado de “*iniciativa*” pois “todas as atividades humanas possuem um elemento de ação e, portanto, de natalidade.” Conclui-se, então, que “como a ação é a atividade política por excelência, a natalidade, e não a mortalidade pode constituir a categoria central do pensamento político, em contraposição ao pensamento metafísico”

O AMPLO ESPECTRO DA AÇÃO

Acreditamos ser importante nesse ponto de nossa investigação comparar alguns pontos de vista sobre a ação. Trata-se de oferecer detalhes de como a ação pode ser interpretada das mais diversas formas, em múltiplas abordagens.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Para May (1988, p. 75-76), o livro *A condição humana* tem seu ponto mais importante “no longo estudo da ‘ação, onde a descrição que dá de homens livre da pólis grega reunindo-se em debate e ação leva-a a questões sobre o exercício do poder.” Interessante perceber que, de fato, o livro está todo ele perpassado pela ação no estilo grego de presença na ágora, mas também na presença e discursos dos cidadãos na *civitas* romana. É de lá que Arendt retoma sua concepção de ação e de poder – “*potestas in populo*, sem um povo não há poder” (ARENDR, 1994, p. 36).

Souki (1998, p. 12) compreende que Adolf Eichmann incorpora aquilo que para Arendt seria uma inação, uma completa falta de capacidade de pensar, de julgar e de agir. De fato, quando resolve agir, seu pensamento está corrompido pela incapacidade de se colocar no lugar dos outros, em *imaginar* a pluralidade do espaço público. Por isso, o conceito de banalidade do mal “foi evocado pelo fato de perceber a extraordinária inabilidade de Eichmann em pensar” e, por isso, “é ao superficial Eichmann, em primeira instância que nós devemos o fato de Hannah Arendt ter resolvido ao final da vida, explorar o lado invisível da *vita activa*, isto é, o pensamento.”

Duarte (2000, p. 109-114) realiza um estudo sobre o que ele determina a analítica da ação política e a imprevisibilidade da história. O autor apresenta um binomização interessante: ação-discurso e público-político. Esses quatro elementos são indissociáveis para que aconteça a atividade da ação segundo Arendt. Além disso, o espaço público é onde aparecem os plurais tecendo sua realidade intersubjetiva. Duarte retoma a passagem de Arendt sobre a aparência – “aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade” (ARENDR, 2005, p. 59) e se torna “matéria de assunto público e comum.” Mas público também se refere “ao mundo de instituições políticas e legais que possuímos em comum com todos os outros, constituindo, ainda, aquele espaço virtual que se encontra ‘entre’ os homens sempre que eles se reúnem” com a finalidade de “discutir e tomar iniciativas em conjunto, distintamente do espaço privado e daquele domínio em que se desenrolam as atividades relativas à manutenção da vida da sociedade e de seus membros, designado por Arendt como a ‘esfera do social’” (ARENDR, 2005, p. 59). Segundo Duarte, a ação política tem como núcleo o discurso, da mesma forma que todo discurso é uma forma de ação,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

caracterizando uma “relação de reciprocidade” entre os cidadãos. Assim, a ação e o discurso “referem-se não apenas ao próprio exercício da vida política em comum, mas, de um modo ainda mais essencial, respondem pela própria humanização do homem e do mundo.” O autor indica que um trecho de Arendt que ilustra bem essa relação entre humanização e discurso, ou humanização e ação:

Pois o mundo não é humano simplesmente por ser feito por seres humanos, e nem se torna humano simplesmente porque a voz humana nele ressoa, mas apenas quando se tornou objeto de discurso. Por mais afetados que sejamos pelas coisas do mundo, por mais profundamente que possamos nos instigar e estimular, só se tornam humanas para nós quando podemos discuti-las com nossos companheiros. Tudo o que não possa se converter em objeto de discurso – o realmente sublime, o realmente horrível ou o misterioso – pode encontrar uma voz humana com a qual ressoe no mundo, mas não é exatamente humano. Humanizamos o que ocorre no mundo e em nós mesmos apenas ao falar disso, e no curso da fala aprendemos a ser humanos (ARENDR, 2003, p. 31).

A partir da citação do trecho acima, por sugestão de Duarte (2000, p. 110-114) caracteriza-se a ação como a tomada de iniciativa dos homens em que eles no plural “atualizam sua liberdade e trazem ao mundo a novidade imprevisível concretizada em inúmeros eventos históricos.” Por isso, a história é um conjunto de discursos e ações humanas, os feitos da humanidade. Mas ela não existe no singular, antes, no plural: os homens contam sua história e realizam os eventos que são contados por ela. Assim, “a história só existe a partir de sua narração e avaliação judiciosa, isto é, da transformação dos atos e palavras humanos em uma estória capaz de revelar” o sentido dos acontecimentos. Vinculando a ação ao nascimento, o que é muito comum nos comentadores de Arendt, o autor define a ação por seu verbo: “agir é trazer a novidade imprevisível à luz do dia, possibilidade inscrita no fato de que em cada nascimento vem ao mundo alguém como jamais existiu ou existirá.” Retomando o argumento arendtiano derivado da leitura de Agostinho de Hipona, esclarece que os homens são capacitados para novos começos no mundo comum porque são originados de um começo, de algo inédito, acontecido pelo parto. Por isso, “a ação e o discurso vinculam-se à política



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

porque constituem atividades para cuja execução a presença de outros, que também agem e discursam, é indispensável.” Nesse sentido, “as atividades por meio das quais melhor se revela que a pluralidade é uma das condições básicas da existência humana na Terra e a própria condição da vida política enquanto tal.” Reforçando a realidade de uma ontologia da pluralidade, Duarte acrescenta que a teia de relações que é a comunidade política em que estamos inseridos e na qual nos enovelamos uns aos outros nas mais diversas atividades da vida em comum, é marcada pelo que fazemos e pelo que falamos. Assim, a pluralidade dos discursos, das presenças, dos feitos tece uma teia em que a imprevisibilidade é a sua específica marca. A ação tem uma característica muito importante, para finalizar: é ilimitada. Não pode ser planejada, fabricada, contendo dentro de sua especificidade no mundo comum criar infinitas possibilidades de estar no próprio mundo.

Na visão de Kristeva (2002, p. 213-214) a ação acontece para Arendt *provocada pela natalidade*. Afirma que “uma *experiência total da natalidade* ‘compreende’, necessariamente: nascer, dar a vida, aquiescer com a singularidade de cada nascimento, renascer continuamente na vida do espírito – um espírito que é porque recomeça na pluralidade dos outros” e se torna, pois, um pensamento vivo que se expande para além de outras atividades. Assim a ação é sempre um milagre da natalidade que está ligado à promessa para a qual cria uma abertura e traz em si a possibilidade do perdão. Assim, viver é pensar e pensar é agir pois “quanto a uma ação política que equivaleria a um nascimento e ofereceria um abrigo à estranheza, Hannah Arendt, sem muitas ilusões, nos convida a pensa-la e a vivê-la” agora, “no presente, mas sempre no regime cruzado do perdão e da promessa.”

Segundo a concepção de Abreu (2004, p. 37-40) a ação distingue-se primeiramente do comportamento. Nessa explicação, a autora destaca que se trata de uma oposição cuja distinção é muito importante para o conceito de ação em Arendt, pois por esta diferenciação ela elabora uma crítica do modo atual de como se interpreta a política. Se os homens se comportam como um agrupamento de trabalhadores de uma fábrica, por exemplo, pode ser por motivos econômicos. Nesse exemplo do comportamento econômico, os trabalhadores estariam agindo, exercendo sua atividade



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

social. Isso para Arendt não é uma ação, mas uma atividade pública ligada ao mundo do trabalho, ligada à atividade da fabricação, de certa maneira. Diferentemente da fabricação em que os homens se comportam em grupo para obterem o resultado final da produção de um objeto, a ação política para Arendt nada produz senão a revelação da liberdade pela presença no espaço público. Se eles têm comportamentos *repetitivos* e *previsíveis* podem-se mensurá-los através de gráficos e planilhas estatísticos. Se o homem age pode iniciar sempre novos processos históricos, interrompendo os que estão em curso ou criando outros que não eram sequer pensados anteriormente. É o que Arendt denomina, segundo a autora, de evento: “genuinamente político é resultado da ação livre do homem, e não de meros comportamentos. É extraordinário, que se produz somente no instante em que todos os pressupostos e condições da ação estão presentes.” E como resulta da criatividade humana, e é por natureza original, “na sucessão dos acontecimentos humanos, não pode ser reduzido a qualquer análise estatística ou comportamental.” Ainda segundo Abreu, dessa concepção de evento histórico, Arendt não poderia deixar de delegar à ação a possibilidade de criar o fenômeno do poder. De fato, poder e ação, ação e poder estão profundamente relacionados fenomenologicamente pois aparecem juntos no cenário político. Por isso, “o poder é aquilo que emerge da ação livre de pessoas em conjunto”. Nesse sentido, “com esta relação entre poder, liberdade e espaço político percebe-se que o poder emerge raramente, e quem quando o faz, pode-se dizer também que não se trata de fenômeno permanente, que se instala no espaço político” pois trata-se de um exercício constante das comunidades políticas. Em conclusão, “o poder pode ser considerado um produto da ação dos homens em concerto, produto este que não pode ser calculado nem almejado. O poder é, sim, um acontecimento que ocorre no espaço político.”

Por fim, Abreu refere-se à ação retomando a dupla polarização dos comentadores de Arendt. De um lado M. Passerin D’Entrèves (1994, p. 79) e de outro Seyla Benhabib (1992, p. 90). Para o primeiro, a ação segue um modelo comunicativo e expressivo que significa na prática que os atores políticos surgem em público para se comunicarem através de suas ações, de sua presença e de seu discurso. Para a segunda, a ação segue um modelo associativo e agonístico os cidadãos revelam-se no espaço



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

público para revelarem-se e “desfrutar da glória decorrente desta revelação, entrando para o mundo e nele permanecendo, na medida em que seus feitos passam a fazer parte da história.” Finalizando, a autora indica que “seja a ação voltada para a comunicação ou para a comunicação dos agentes, acredito que a teoria política arendtiana tem características independentes da ênfase dada a qualquer um dos modelos”, mas prefere indicar sua opção por uma leitura do modelo comunicativo. Segundo Adverse (2011, p. 413), os comentadores de Arendt – Seyla Benhabib, Jürgen Habermas, Jorge Dotti e George Kateb realizam uma crítica ao conceito de ação arendtiano que “de modo muito simples, ela poderia ser assim formulada: por valorizar excessivamente o caráter agonístico da ação política, Arendt teria negligenciado o aspecto institucional da política moderna. Dizendo de outro modo, a ênfase no extraordinário a teria impedido de compreender a importância da política “ordinária”. O problema maior dessa crítica é deixar escapar um aspecto fundamental do pensamento de Arendt: a afirmação do caráter inovador da ação – assim como de sua imprevisibilidade – é conjugada com o reconhecimento da necessidade da estabilidade, a qual deve ser assegurada pelas instituições políticas. No caso desses autores, por vezes não se percebe o lado “conservador” do pensamento de Arendt, e não se dimensiona adequadamente a crítica que ela dirige à democracia representativa. Valeria a pena retomar alguns pontos dessa crítica. O texto, porém, em que Arendt a desenvolve de modo mais detalhado não é o artigo sobre a desobediência civil, mas sim o livro sobre a revolução.” O trecho sobre a *glória* encontra-se em ARENDT, 2005, p. 192-193. Segundo Ortega (2001, p. 225-226),

Desde os anos 80, assistimos às mais variadas tentativas de apropriação do pensamento arendtiano. Nenhuma descrição de seu pensamento é inocente. São sempre “armas numa batalha interpretativa”, como Dana Villa observa. A maioria delas pretende diminuir o caráter elitista e antidemocrático de seu pensamento, domesticar seu potencial. [...] Habermasianos, comunitaristas e defensores de uma democracia participativa, entre outros, tentam fazer de Arendt uma “boa democrata”, como testemunham o apelo habermasiano de Seyla Benhabib para seu conceito intersubjetivo de ação política; o apelo comunitarista para seu conceito de associação (*membership*) enraizado nos valores da comunidade; ou o apelo dos teóricos da democracia participativa para os ecos de republicanismo civil nos textos arendtianos [...]. As três escolas de pensamento



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

convergiriam na tentativa de alistar Arendt no projeto de recuperar uma esfera pública, unitária, compreensiva e robusta; uma esfera que se teria fragmentado e perdido. Mas será que é possível, nas condições sociais contemporâneas, definir uma esfera pública, unitária, integrada, compreensiva como Habermas postula? E, por outro lado, será que é desejável reconstruir tal esfera mesmo como ideal regulador? Como vários comentadores têm reconhecido, a visão habermasiana da esfera pública não leva em conta as dimensões performativas da ação humana e a possibilidade de revelação e constituição da identidade pessoal que o espaço público permite. Para ele, a esfera pública não possibilita a transformação da identidade nem fornece a chance de desenvolver uma existência mais autêntica do que em outras dimensões humanas. A identidade se constitui antes da entrada na esfera pública, o que representa a sua diferença fundamental com Arendt. Da mesma maneira, Habermas não considera a pluralidade, que se encontra na base da teoria da ação arendtiana. Sua teoria aponta antes para a superação das diferenças. Seu modelo postula uma igualdade discursiva que anula as diferenças entre os agentes, as quais são tratadas como pertencentes à esfera do interesse privado. As divergências são suprimidas para defender a ideia de que os argumentos devem ser avaliados segundo os seus méritos e não segundo a identidade dos argumentadores.

Segundo a conceituação de Schio (2006, p. 169-181) o agir em Arendt se caracteriza por sua completa fugacidade. Não deixa depois que acontece no espaço público nada de durável, nada de útil. Os negócios humanos são os seus resultados visíveis. Arendt define “a esfera dos negócios humanos” como “teia de relações humanas que existe onde quer que os homens vivam juntos” (ARENDR, 2005, p. 196). De fato, a fugacidade da ação é notável: o que ocorre depois que os homens em pluralidade se apresentam uns para os outros *mobilizam* a opinião pública e o julgamento. Modificam o senso comum, modificando o sentido de realidade do mundo comum. É assim que o *evento* parece ser fugaz se observado do ponto do cidadão, em particular. Mas podemos ver o que uma ação realiza de maneira efetiva em documentos legislativos, nas revoluções, nas manifestações públicas. Evidentemente, estes eventos são *passageiros* e vão precisar da futura ação dos atores políticos para cobrá-los e garanti-los. Assim, os negócios humanos são tão interessantes: a ruína e o progresso, termos que Arendt tanto admira, explica que o mundo comum é um acordo coletivo com data de validade desconhecida. Por isso, os negócios humanos que são também



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

negócios políticos, “são empreendimentos passíveis de serem engendrados apenas pelos seres humanos, motivo pelo qual a pluralidade humana é imprescindível” pois a “presença constante dos outros homens, que veem, ouvem e falam, confirma a existência de cada um, e mesmo do grupo, permitindo que cada um se defina.”

Prosseguindo na análise de Schio sobre a ação, temos que a presença no espaço político designado como “o estar entre os homens” não sofre imposição dos instintos nem da necessidade. Para ingressar na ação demanda-se apenas ser capaz de recriar-se pelo renascimento, desta vez não fisiológico, mas metafórico, ou seja, político. A análise da autora nos conduz para duas importantes características da ação: a instantaneidade e a evanescência. A primeira diz respeito à “rapidez que uma ação pode ser realizada” o que determina que não é o tempo da ação que lhe torna mais ou menos importante (uma manifestação pode parar uma cidade por semanas e não conseguir seus objetivos como outra manifestação iniciada com a rapidez de um raio pode potencializar o desejo de seus agentes: a política é imprevisível). A segunda diz respeito à sua irremediável dissipação, sua sujeição ao desaparecimento logo após a presença dos agentes acontece e se manifesta (esta característica pode ser contraposta ao pensamento narracional que vimos no capítulo anterior, uma vez que os feitos podem ser contados após sua realização, tornando o homem um *storyteller*). O testemunho é um importante recurso do contador de histórias. Por isso,

O gênero testemunhal refere em primeiro lugar uma experiência cognitiva feita de corpo presente: viu-se, ouviu-se algo que agora se transmite sob forma escrita ou oral. Constitui uma modalidade expressiva intersubjetiva que atua em inúmeras vivências concretas. Vale, em princípio, para algo que não é, no momento, alcançável pelos circundantes. A verdade quanto a determinado fato depende precisamente das testemunhas, ninguém mais esteve presente. Explicita-se e certifica-se em suma o ato pelo qual o real se torna verdade: vi fulano vendendo a sua terra, é verdade que o vi. O testemunho não se reduz, está claro, à tradução pura do empírico e sensorial; o ponto de partida, entretanto é este: o que vi, o que senti, onde doeu. Disso os comuns dos mortais não costumam duvidar, ao contrário, é dessas experiências que nutrem suas certezas. O ato de testemunhar tem sentido apenas porque julgamos que alguém é capaz de dizer a verdade. Confia-se em primeiro lugar na capacidade cognitiva de um outro, na sua capacidade pura e simples de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

presenciar, com olho, ouvido (olfato, tato e paladar) e cérebro bem conformados. O campo da confiança, aliás, amplia-se. Se a testemunha pretende enunciar a verdade, se está comprometida moralmente, também o interlocutor há de receber com confiança as palavras, há de fiar-se, abandonar-se a um tipo de boa-fé básica, acolhendo a verdade de outrem; um acontecimento intersubjetivo acabou de acontecer, indissolivelmente moral e social. Do fato passou-se para o valor, isto é, o fato está na dependência do compromisso e da confiança (KOLLERITZ, 2004, p. 74).

É no meio da pluralidade que a ação acontece e por isso resulta de que a pluralidade se constitui pela instantaneidade e pela evanescência.

Para Correia (2007, p. 42), a ação está ligada diretamente à pluralidade dos homens e também à sua unicidade. Por isso, “a ação, por fim, é a única atividade que dá diretamente entre os homens, sem mediação de qualquer objeto natural ou coisa fabricada, e corresponde à condição humana da pluralidade” sendo que “essa noção de que a pluralidade é condição mesma da vida política é muito cara a Hannah Arendt.” Para ele, a “ação corresponde ao fato de que os homens, no plural, habitam o mundo – ao próprio fato de que somos todos humanos, mas de tal modo que não somos idênticos a ninguém que jamais viveu, vive ou viverá.” Conclui-se que “a pluralidade é, portanto, ao mesmo tempo igualdade e distinção. A ação tanto depende da pluralidade quanto a afirma pois ao agir, o indivíduo confirma sua singularidade e aparece aos indivíduos únicos.” A vinculação entre ação e pluralidade indica que o autor deseja demonstrar que a Arendt fornece um conceito político que a todos inclui na responsabilidade da presença no espaço público.

Segundo Jardim (2011, p. 82-83) as atividades da *vita activa* anunciam o primado da ação em Arendt. Para ele, nas atividades ligadas à produção (da vida ou dos objetos) tudo deve ser pensado para a boa fabricação da obra (bens de uso ou de arte). Na ação “são as personalidades individuais que se manifestam” sendo que o que se revela não é o *que* (objetos) mas o *quem* (pessoas singulares). Assim, “o aparecimento de uma personalidade só ocorre no jogo em que os diversos agentes interagem” uma vez que “a vida dos agentes políticos depende da luz intensa da esfera pública” e, por isso, “só a ação, sublinha Hannah Arendt, garante que a identidade de uma pessoa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

transcenda, em grandeza e importância, tudo que ela possa fazer ou produzir. Nesse sentido, ela é um elemento indispensável da dignidade humana.” Para esse autor, a revelação do cidadão como pensada por Arendt tem origem no ideal da fenomenologia “de um retorno às próprias coisas, definido por seus mestres Husserl e Heidegger” pois “desde o início do século XX, os representantes da fenomenologia se empenharam em identificar as formas de experiência que possibilitam um acesso à realidade mais direto” do que possibilitava as ciências baseadas no racionalismo cartesiano.” É por isso que Husserl reconheceu no mundo-da-vida a “possibilidade do reencontro entre sujeito e objeto.” Por outro lado, Heidegger “recorreu à poesia e aos fragmentos dos pensadores pré-socráticos, ainda não impregnados de doutrinas acabadas, para trilhar o caminho de um ‘pensamento mais pensante’, não afastado das coisas”. Essa abordagem nos faz ampliar, e muito, a possibilidade interpretativa da ação em Arendt. A política é o fenômeno revelador da autenticidade do sujeito. Por ela, em sua manifestação pública, o sujeito torna um ser-no-mundo engajado em decisões sobre a sua própria vida e a vida dos outros. A presença do cidadão na esfera pública para a ação política é o grande fenômeno que Arendt sempre tematizou em sua obra: é nessa presença que a liberdade se desvela do pensamento, do juízo e da vontade para os discursos e feitos. Assim, “na ação e no discurso revela-se *quem* os indivíduos são.” Por isso, “a disposição de mostrar-se dos homens é possibilitada pelo exercício de uma atividade específica: a ação compartilhada por uma pluralidade de agentes.” Portanto, “sem essa pluralidade, não haveria possibilidade do reconhecimento da personalidade de cada indivíduo. O contexto em que dá esse reconhecimento é a esfera pública.”

Na visão de Torres (2013, p. 92-94) um dos riscos mais presentes na política é a tentativa de transformar a ação em fabricação. Não se trata mais de denunciar a intenção de Marx nos moldes realizados por Arendt, mas de direcionar a discussão para o momento inicial em que a ação política foi banalizada e distorcida por Platão na Antiguidade, tema que já investigamos nos capítulos anteriores, acreditando que o espaço público e a vida dos cidadãos poderiam ser governados pelo rei-filósofo. Assim, se podemos “renascer a todo momento, é porque encontramos olhos e ouvidos atentos aos nossos feitos e palavras, o que implica dizer que a natalidade, enquanto faculdade,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

precisa de um ambiente propício para a sua manifestação” ou seja, necessita “de um espaço para que a espontaneidade que carregamos conosco desde o nosso nascimento possa aparecer, uma arena onde o conflito, a divergência que nos constitui, possa se expressar.”

Contudo, Arendt percebe que não é bem assim que acontece. Alguns *pensadores profissionais* (FRANCISCO, 2012, p. 47) tentaram criar modelos de controle da ação no espaço público criando a distorção inicial de que *uma ação válida deve ser governada por alguém que detém a verdade, o conhecimento, a sabedoria*. Assim, “na tradição de nosso pensamento político muitos acreditaram que tal espaço pudesse ser realizado do mesmo modo como se faz uma mesa, que seria suficiente recorrer a um modelo anteriormente elaborado” e que pudesse “aplicá-lo às diversas situações fáticas; pensaram assim que bastava alguns governantes ditarem ordens e criarem leis como parâmetros a ser seguidos que o palco estaria montado” que estaria garantido o controle da ação, “que o *lócus* que nos aproxima e distancia estaria garantido.” Nesse sentido, o que percebemos é que Platão “buscou transpor a experiência da vida doméstica, onde o senhor sabe o que fazer, mas não age, cabendo aos escravos a execução de ordens, para o domínio da pólis.” Platão, então, “procurou assim tratar a comunidade política como uma grande família, sendo o único responsável pela condução dos negócios públicos.”

A fabricação, que é a atividade própria do *homo faber*, se confundiu em Platão e mais contemporaneamente com Karl Marx, com a ação: uma ação distorcida que poderia ser planejada anteriormente, que poderia ser calculada em seus objetivos, ou seja, uma confusão com a fabricação do objeto de uso e da obra de arte em que é preciso de meios para se alcançar um fim. Para Arendt, a ação não tem fim: é derivada da natalidade (MÜLLER, 2012, p. 57), das infinitas possibilidades de criar, recriar, descreir, inventar e reinventar pela liberdade o jeito humano de estar no mundo. A ação política não é uma fabricação, não pode ser reduzida a uma dimensão instrumental (JARDIM, 2011, p. 80).

Portanto, a ação pode ser interpretada de várias formas, nos mais diferentes contextos teóricos. Apresentamos acima dez autores em contextos temporais diferentes para criar um amplo espectro do que seja a ação para Arendt a partir de várias versões

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

investigativas.

CONCLUSÃO

O resultado de nossa investigação pode ser avaliado da seguinte maneira: o conceito de ação em Arendt é unívoco, pois os seus intérpretes são categóricos em afirmar que ele é gradualmente o mais refinado em sua teoria política. Nesse sentido, a ação é o ponto mais elevado da teoria arendtiana, mas que permite um olhar diferenciado de apropriações e negações das demais atividades do labor e do trabalho.

Parece, então, que Arendt criou primeiramente sua definição de ação *para depois avaliar as demais atividades*. Essa pressuposição parece ganhar força quando registramos em sua obra a crítica ao pensamento de Karl Marx *em que a parteira da história é a violência*, a ideia de revolução constante da sociedade, a separação entre o privado e público pela inserção da categoria do social; e ao pensamento de Platão na separação entre ação e pensamento, entre *vita activa* e *vita contemplativa*, entre política e filosofia, entre verdade e opinião. Por outro lado, o fecundo diálogo com Kant de onde extraiu a noção de juízo político e a noção de *sensus communis* – originário de Tomás de Aquino, como sexto sentido e sentido político –; e com Heidegger, de onde captou o sentido da história como evento. Por isso, a teoria política que tem como cerne a atividade da ação é anterior ao labor e ao trabalho e fazem pressão sobre estes, por pura intenção de iluminar o conceito de ação, deixando-o tomar conta da cena.

Mas esta pressuposição não acrescenta nenhuma visão nova sobre a ação, apenas é um registro baseado nas diversas leituras feitas. O que podemos concluir é que a ação tem um tratamento interpretativo muito similar entre os comentadores. Um ponto fora da curva é a oposição entre a ação agonística ou comunicativa, mas que não altera fundamentalmente o que buscamos na definição da ação que é esclarecer a sua centralidade na teoria política de Arendt e sua conjugação estreita com a ontologia da pluralidade.

Portanto, agimos porque vivemos em pluralidade nas diversas atividades da vida, mas especialmente quando nos encontramos enovelados pelo discurso e pela ação, pela presença e pela palavra nos espaço público-político.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

REFERÊNCIAS

- ABREU, M. A. **Hannah Arendt e os limites do novo**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.
- ADVERSE, H. Arendt, a democracia e a desobediência civil. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, Belo Horizonte/MG, n. 105, p. 409-434, jul./dez. 2011.
- ARENDT, H. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- ARENDT, H. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ARENDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BENHABIB, S. Models of Public Space: Hannah Arendt, the Liberal Tradition and the Jürgen Habermas. In: **Situating the Self**. Cambridge: Polity Press, 1992, p. 89-120.
- CORREIA, A. **Hannah Arendt**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- D'ENTRÈVES, M. P. **The Political Philosophy of Hannah Arendt**. London: Routledge, 1994.
- DUARTE, A. **O pensamento à sombra da ruptura: política e filosofia em Hannah Arendt**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FRANCISCO, M. de F. S. Hannah Arendt: notas acerca de sua biografia intelectual e reflexão sobre a educação. In: FÁVERO, Altair Alberto; CASAGRANDA, Edison Alencar (Orgs.). **Leituras sobre Hannah Arendt: educação, filosofia e política**. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 39-54.
- JARDIM, E. **Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- KATEB, G. **Hannah Arendt: Politics, Conscience, Evil**. Nova Jersey: Rowman & Allanheld, 1984.
- KOLLERITZ, F. Testemunho, juízo político e história. **Revista Brasileira de História**, São Paulo/SP, v. 24, n. 48, p. 73-100, 2004.
- KRISTEVA, J. **O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras**. Tomo I: Hannah Arendt. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

MAY, D. **Hannah Arendt**: a notável pensadora que lançou uma nova luz sobre as crises do século XX. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial, LTC, 1988.

MÜLLER, M. C. Respeito e responsabilidade para com os recém-chegados. In: FÁVERO, Altair Alberto; CASAGRANDA, Edison Alencar (Orgs.). **Leituras sobre Hannah Arendt**: educação, filosofia e política. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 55-70.

ORTEGA, F. Hannah Arendt, Foucault e a reinvenção do espaço público. Marília/SP, **Trans/Form/Ação**, São Paulo/SP, n. 24, p. 225-236, 2001.

SCHIO, S. M. **Hannah Arendt: história e liberdade (da ação à reflexão)**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006.

SOUKI, N. **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

TORRES, A. P. R. **Direito e política em Hannah Arendt**. São Paulo: Loyola, 2013.

Recebido em: 05/03/2021

Aprovado em: 24/06/2021

Publicado em: 22/07/2021



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**URBANIZAÇÃO, MUDANÇA DE PAISAGEM E ECOLOGIA:
reflexões a partir do caso de Barbacena/MG****URBANIZATION, LANDSCAPE CHANGE AND ECOLOGY:
reflections from the case of Barbacena/MG****URBANIZADO, PEJZAĞŜANĜO KAJ EKOLOGIO:
pripensado surbaze de la okazo de Barbaceno/MG**Delton Mendes Francelino⁵⁰Leandro Benedini Brusadin⁵¹**Resumo**

As transformações no mundo global nos últimos séculos foram diversas, sobretudo pelos processos decorrentes da Revolução Industrial, da Urbanização, da Ciência e Tecnologia. A mudança da paisagem é um campo de estudo multidisciplinar e que tem se debruçado sobre as complexidades que envolvem desde aspectos de compreensão estética humana, baseados em contextos socioculturais, até o âmbito do lugar, do bem comum, dos sentidos e afetos. Esta pesquisa se fundamentou em teóricos que debatem a complexidade, paisagem, natureza, Ecologia, Ecologia Urbana, sentidos e estética,

⁵⁰ Graduado em Ciências Biológicas e Graduado em Letras. Coordenador do Centro de Estudos em Ecologia Urbana e Educação Ambiental Crítica - IFSEMG - Campus Barbacena. Diretor Nacional do Instituto Curupira. Mestre em Teoria Crítica da Cultura (UFSJ, 2014). Mestre em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (UFSJ, 2018). Doutorando na UFMG no programa de Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável (PPG ACPS). Comunicador de Ciência e coordenador do Podcast Falando de Ciência e Cultura. Articulista Ambiental e Científico em jornais brasileiros. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2330-1984>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8107208166548147>. E-mail: deltonmusica@gmail.com

⁵¹ Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista de Franca (UNESP, 2011). Mestre em Hospitalidade pela Universidade Anhembi Morumbi (UAM, 2005) e Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas, 2001). Pós-doutorado pela Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH, USP, 2015). Pós-doutorado em Sociologia pela Université de Paris - Faculté des Sciences Humaines et Sociales - Sorbonne (PARIS V, 2019). Professor Associado do Departamento de Turismo da Escola de Direito, Turismo e Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto (DETUR – EDTM, UFOP) e Professor Permanente do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Patrimônio (PPG-TURPATRI). Professor Permanente do Mestrado e do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais (PPG-ACPS, UFMG). Atualmente é coordenador do Comitê de Turismo Cultural do ICOMOS - Brasil (International Council on Monuments and Sites) e Editor Associado da Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBTUR). Líder do grupo de pesquisa Societas: turismo, patrimônio, relações sociais e de trabalho. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2778-2095>/ Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6145842454776872>. E-mail: leandro@ufop.edu.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

lugar, território e cultura. A discussão é estabelecida sobre esses elementos, com foco especial no contexto de mudança da paisagem e ecologia de Barbacena, cidade do interior de Minas Gerais. A partir de pesquisa documental, realizada em fevereiro e março de 2021, em fontes fotográficas e pinturas antigas, reflexões são estabelecidas acerca de processos contemporâneos relativos a impactos antrópicos sobre patrimônios naturais, como a cobertura vegetal e recursos hídricos, identidade e cultura na cidade em questão. Conclui-se que as prerrogativas de busca pelo desenvolvimento sustentável, excessivamente calcadas em modelos ainda hegemônicos, precisam ser buscadas e trabalhadas também a partir de ações que busquem associar complexidade, lugar, Ecologia Urbana e saberes micrológicos no tempo e no espaço.

Palavras-chave: Transformação. História. Sociedade. Ecologia Urbana.

Abstract

The transformations in the global world in the last centuries were diverse, mainly due to the processes resulting from the Industrial Revolution, Urbanization, Science and Technology. Changing the landscape is a field of multidisciplinary study that has focused on the complexities that involve everything from aspects of human aesthetic understanding, based on socio-cultural contexts, to the realm of the place, the common good, the senses and affections. This research was based on theorists who debate complexity, landscape, nature, Ecology, Urban Ecology, meanings and aesthetics, place, territory and culture. The discussion is established on these elements, with a special focus on the changing landscape and ecology of Barbacena, a city in the interior of Minas Gerais. Based on documentary research, carried out in February and March 2021, using photographic sources and old paintings, reflections are established about contemporary processes related to anthropic impacts on natural heritage, such as vegetation cover and water resources, identity and culture in the city in question. It is concluded that the prerogatives of the search for sustainable development, excessively based on models that are still hegemonic, need to be sought and worked also from actions that seek to associate complexity, place, Urban Ecology and micrological knowledge in time and space.

Keywords: Transformation. History. Society. Urban Ecology.

Resumo

Transformado en la tutmondiĝanta mondo dum la lastaj jarcentoj estis diversaj, ĉefe pro la procezoj rezultantaj el Industria Revolucio, Urbanizado, Scienco kaj Teknologio. Pejzaĝŝanĝo estas multifaka studkampo, kiu tenadas en fokuso la kompleksecojn ampleksantajn de aspektoj pri homa estetika kompreno, baziĝantaj sur socikulturaj kunteksto, ĝis la sferoj de loko, de komuna bono, de sencoj kaj de emocia alligiteco. Ĉi tiu esploro staras sur fundamento estigita de teoriistoj, kiuj pristudas kompleksecon, pejzaĝon, naturon, Ekologion, Urban Ekologion, sencojn kaj estetikon, lokon, teritorion kaj kulturon. La diskutado fariĝas sur tiuj elementoj, kun speciala fokuso en la kunteksto de ŝanĝo de pejzaĝo kaj ekologio de Barbaceno, urbo en la landinterno de ŝtato Minas-Jerajso. Per esplorado super dokumentoj, realigita en Februaro kaj Marto 2021, uzante fotografiajn fontojn kaj antikvajn pentraĵojn, estas elformitaj pripensoj pri



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

nuntempaj procezoj rilataj al efikoj de la homa agado sur naturajn havaĵojn, kiel la vegetaĵaran kovraĵon kaj akvaj rimedojn, identecon kaj kulturon en la menciita urbo. Oni konkludas, ke la principoj de strebado al daŭripova disvolvo, ankoraŭ tro influataj de modeloj hegemoniaj, devas esti serĉataj kaj prilaborataj ankaŭ surbaze de agoj strebantaj plekti kompleksecon, lokon, Urban Ekologion kaj mikrosociojn, detalajn specifajn sciojn, ligitajn al tempo kaj spaco.

Ŝlosilvortoj: Transformado. Historio. Socio. Urba Ekologio.

1 - INTRODUÇÃO

O mundo moderno foi marcado por vários processos de reconfiguração da sociedade e das formas de compreensão das realidades, seja em âmbito global, seja em contextos locais. Muito disso se deu em decorrência das catástrofes humanísticas e ambientais provocadas pela sequência dos conflitos bélicos, que se intensificou a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), da Crise de 1929, Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e dos panoramas históricos que viriam a seguir. A sociedade global viu fortalecerem-se discursos de modernização, tecnologização e cientificismo, os quais acabaram por fundamentar percepções estéticas das realidades muito diferentes das notadas nos séculos anteriores. O Brasil experimentou, por exemplo, no período compreendido

[...] entre a segunda metade dos anos 1940 até a primeira metade dos 1960 [...] a consolidação de um mercado de bens de consumo e de um parque industrial que se mesclou à experiência democrática do período. Esse mercado consumidor vinha se constituindo desde o início do século XX. Contudo, no período em questão, este processo acelerou-se, com o adensamento de uma classe média urbana, com a modernização da imprensa e da publicidade no Brasil - dinâmicas sob a égide da ideia de desenvolvimento. Esses novos bens materiais e simbólicos traduziam, também, a aspiração à modernidade e ao progresso desses setores urbanos e da própria elite política. (KOBAYASHI; HOCHMAN, 2015, p. 67).

Esse movimento de transformação esteve fortemente associado à compreensão dos países ditos de primeiro mundo, sobretudo os vencedores da Segunda Grande Guerra, que passaram a perpetuar modelos padrão de construção da sociedade e das cidades (CASTELLS, 1999), alguns dos quais já principiadados décadas antes, que acabaram por reforçar o posicionamento hegemônico de algumas nações, como países



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

européus e os Estados Unidos da América. Países subdesenvolvidos do Hemisfério Sul, incluindo o Brasil, adotaram um perfil subserviente aos modelos de mercado, urbanização e modernidade incentivados por blocos políticos de vertente neocapitalista (MISOCZKY; BOHM, 2012) sobretudo os EUA. Não à toa, as nações sul-americanas figuraram como significativo mercado consumidor em larga escala de bens de consumo e cultura norte-americanos.

A partir da segunda metade do século XX a população humana na Terra cresceu exponencialmente, o que trouxe profundas preocupações não apenas de cunho social, mas também ecológicas (RICKLEFFS; RELYA, 2016). A chamada Revolução Verde, ocorrida no mesmo contexto, trouxe novas perspectivas para a agricultura, apesar de hoje saber-se dos impactos ambientais severos potencializados pelos agrotóxicos. A vida no campo passou a ser ressignificada, afinal, o ideal civilizatório do urbano tornou-se o cerne da vida em sociedade.

Atualmente, segundo dados da ONU, Organização das Nações Unidas, (2015), pela primeira vez na história há mais pessoas habitando as cidades, que o campo. Aos poucos, portanto, a população humana começou a crescer significativamente, demandando mais espaço, alimento e direcionamento para seus rejeitos, orgânicos e inorgânicos. Viu-se, como nunca antes, espaços naturais como florestas, áreas verdes, cursos de água serem cada vez mais suprimidos, reduzidos ou escondidos, a partir do discurso da modernidade. Asfalto, concreto e combustíveis fósseis tornaram-se símbolos de “desenvolvimento”. A dissociação entre homem e natureza, já principiada muito tempo antes, intensificou-se: modernidade e natureza despontaram, e ainda figuram, em muitos discursos, como aspectos antagônicos, dissociados.

A vida cotidiana contemporânea tem se revelado repleta de vulnerabilidades, de riscos e perigos. Eventos de diferentes naturezas, intensidades e consequências reforçam esta percepção e “grandes desastres naturais ampliam suas dimensões e alcance.” (MARANDOLA; HOGAN, 2006, p.3). O mundo contemporâneo precisa rumar para novo *modus operandi* de compreensão das complexidades que envolvem os dilemas humanos (KEITH, 2006) que, por sua vez, não podem ser compreendidos apenas como



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dilemas de nossa espécie, mas, também, de todo o contexto planetário. É uma questão mais ampla e multidisciplinar, como asseveram Castells (1999), Morin (2000) e Marandola; Hogan (2006), e também tecnocientífica.

Após o terremoto que destruiu Lisboa em 1755, por exemplo, os filósofos modernos separaram os desastres naturais dos males morais. Quantos infelizes perderam suas vidas na catástrofe porque quiseram recolher seus pertences. Dois séculos e meio depois, Auschwitz revelou que o arcabouço cognitivo moderno não se saiu melhor que os paradigmas anteriores. Os males produzidos por seres humanos parecem agora tão inesperados quanto seus predecessores e sucessores naturais (BAUMAN, 2008). De tal forma, este raciocínio pode ser aplicado no caso da pandemia da Covid-19 que nos questiona sobre o ideal de modernização e transformação humana em um ritmo acelerado e em direções catastróficas.

Sahlins (1997), ao discorrer sobre a cultura, permite refletir sobre diversos aspectos, inclusive aqueles que se relacionam às questões de identidade, memória e história de uma comunidade, povo. Permite-nos adentrar no rol do que este breve estudo propõe: refletir sobre a relação entre a mudança da paisagem, perspectivas ecológicas - ecosófica e também culturais envolvidas nesse processo. Mais que isso: entender a paisagem de uma maneira muita mais ampliada. O teórico defende que

[...] a “cultura” não pode ser abandonada, sob pena de deixarmos de compreender o fenômeno único que ela nomeia e distingue: a organização da experiência e da ação humanas por meios simbólicos. As pessoas, relações e coisas que povoam a existência humana manifestam se essencialmente como valores e significados — significados que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas. (SAHLINS,1997, p.1).

Em outra obra, Sahlins (1990, p. 190) defende que "as coisas devem preservar alguma identidade por meio das mudanças ou o mundo seria um hospício". A paisagem, como se verá, é bem mais que uma fotografia; uma lembrança de um local. Revela todo emaranhado de percepções e sentidos (CORBIN, 2001), que são capazes de revelar traços culturais, memoriais de uma cidade, por exemplo, e indicar caminhos para o futuro.

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Neste estudo, ponderações são elaboradas tendo como base teórica-reflexiva um importante grupo de estudiosos e fotografias e imagens coletadas de Barbacena/MG, uma cidade do interior de Minas Gerais que teve processos de transformação da paisagem (e ecologia) profundos nos últimos 70 anos. É intento compreender um pouco dessas transformações a partir da discussão do lugar, da paisagem e cultura como partes da construção identitária de um povo, nesse caso, o povo barbacenense. Dentro do âmbito das inquietações da Ecologia Urbana, é objetivo também entender a relação dialética entre o global e o local por meio das variáveis aqui elencadas.

A partir da pesquisa documental, realizada entre os meses de fevereiro e março de 2021, sobretudo em fontes fotográficas e pinturas antigas, reflexões são estabelecidas acerca de processos contemporâneos relativos a impactos antrópicos sobre recursos naturais, como a cobertura vegetal e recursos hídricos, identidade e cultura em Barbacena (MG).

2 – DESENVOLVIMENTO

2.1 – Mudança de paisagem e contemporaneidade

Os últimos 70 anos foram marcados (e ainda são) por discursos de modernização, que, com importantes contribuições dos avanços científicos e tecnológicos (tecno-científicos), acabaram por cada vez mais tornar a existência humana na Terra artificializada. Se, por um lado, o desenvolvimento da Ciência e de tecnologias foi fundamental para a justiça, equidade, aumento da expectativa de vida, por outro, também favoreceu uma noção de modernidade que dissociou, culturalmente, sobretudo, humanidade e natureza, como se fossem conceitos distintos. Tal desconexão manifestou-se em forma de conflitos ambientais e impactos diversos aos ecossistemas e biodiversidade, por exemplo. Nota-se, portanto, que tal discurso, manifesto em práticas sociais, é um importante escopo de debate, inclusive, na contemporaneidade das discussões acerca da conciliação entre a Ciência Ecologia e outros campos, como a Cultura, a Semiótica e a Política.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Na discussão acerca do lugar, do território e da mudança da paisagem, relacionando aos processos de urbanização (que para muitos autores também é civilizatório), é interessante notar que a mudança de paisagem está diretamente relacionada à mudança de compreensão do território e da própria vida em sociedade e da natureza. Sansot (2020), inclusive, discorre acerca dos diversos aspectos que marcam a paisagem e que a caracterizam como muito mais que meramente uma fotografia, ou uma lembrança baseada na natureza.

A paisagem é, então, um complexo de fatores, de sentidos e de afetos emaranhados também pelas experiências sociais, culturais, ambientais e ecológicas. Neste contexto, refletir sobre o que ocorreu em termos de transformação dentro das cidades é um escopo importante de estudo, principalmente no que se refere aos elementos naturais, como os cursos de água e a cobertura vegetal. Com os ideários da modernidade, o que era fétido, sujo, não poderia ser visualizado, cheirado e tampouco contatado (CORBIN, 2001). Ora, se cursos de água, e rios, dentro das cidades, passaram a ser verdadeiros depósitos de nossos excrementos (urina e fezes), lixo orgânico, eles não poderiam ser visíveis: a podridão não podia ser vista e nem cheirada; era contraditório ao discurso e ideia de desenvolvimento.

Por sua vez, o lixo inorgânico, sobretudo baseado no plástico e em produtos descartáveis, produzidos cada vez mais em larga escala, também deveria ser “jogado”, despejado em locais longe das cidades, ou pelo menos distantes da malha urbana: os lixões - obra da sociedade de consumo. Aos poucos, a compreensão de lugar, e dos costumes, passou por significativas mudanças. Costume é *práxis* e é socialmente elaborado e a cultura é “extensão das práticas sociais e também as próprias práticas sociais.” (CASTELLS, 1999, p.134). Hoje, o discurso da urbanização baseado no consumo, no capitalismo e nos princípios da financeirização da natureza (MISOCKZY; BOHM, 2012) tornaram-se os princípios da própria estética de existência humana na Terra (MORIN, 2000), algo que foi preponderante para os impactos ambientais notados na contemporaneidade, como a crise climática e mesmo a pandemia da COVID-19, haja visto que já se sabe que a desigualdade social e a redução de *habitats* de animais



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

silvestres são a “receita” para o despontar de novas doenças infecciosas, ou reemergência de outras, como o Sarampo.

Como se vê, a questão da mudança de paisagem é necessariamente interdisciplinar (ou multidisciplinar) e dialoga com pressupostos de compreensão do território, das variadas nuances que caracterizam a forma como as pessoas se identificam com os locais nos quais vivem. Entender, ainda que de maneira processual, casos em específico, de transformação da paisagem em recentes décadas, é uma maneira interessante de compreender complexidades e possibilidades de elaboração de alternativas de construção antropológica de realidades que sejam mais ecologicamente equilibradas e socialmente justas. Exatamente por isso optou-se por fazer um estudo exploratório tendo como base a mudança de paisagem de Barbacena (MG) nas recentes décadas.

2.2 – Mudança de Paisagem em Barbacena/MG: uma discussão acerca dos tempos históricos

Barbacena, MG, foi fundada em 1791 (ANDRADA, 2017). Assim como a maioria das cidades no Brasil, e do mundo, teve seu polo industrial significativamente aumentado a partir da segunda metade do século XX, algo que, aos poucos, junto a outros fatores, acabou reconfigurando a malha urbana do município, aumentando as regiões de periferia, sobretudo pelo aumento populacional (DIAS; FRANCELINO; ALMEIDA, 2020). Além disso, a cidade, historicamente, por ter sido cotada para ser a capital das Minas Gerais, passou a ser polo regional de Saúde, referência também em educação e diversos outros aspectos culturais da região Sul do Estado, algo também favorecido pela proximidade com Rio de Janeiro, São Paulo e mesmo Belo Horizonte. Situada na Mata Atlântica e município parte da Bacia do Rio das Mortes (DIAS; FRANCELINO; ALMEIDA, 2020), é um local com significativos recursos biológicos e hídricos, que têm sido severamente prejudicados por ações antrópicas decorrentes do não planejamento urbano e da ausência de políticas voltadas para o desenvolvimento sustentável.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Pesquisa realizada pelo Centro de Estudos em Ecologia Urbana e Educação Ambiental Crítica (DIAS; FRANCELINO; ALMEIDA, 2020), do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, *Campus* Barbacena, apontou que a redução de cobertura vegetal na cidade é alarmante, sobretudo em regiões periféricas e semiperiféricas, algumas das quais onde também são notados maior desigualdade social, problemas diversos de cunho ambiental e de saúde. Sendo um município com quase 140 mil habitantes (IBGE, 2019) é impossível não destacar a relação entre pobreza, ausência de saneamento básico em regiões marginais, e à qualidade de vida, em sua abordagem mais ampla. A mesma pesquisa também permitiu entender que o município teve relevantes processos de poluição de cursos de água, ou de tamponamento de rios e afluentes.

Outrora tida como a cidade das paisagens exuberantes (ANDRADA, 2017), atualmente Barbacena possui poucas regiões conservadas com árvores ou fragmentos de mata nativa. Cursos de água importantes, como o Córrego da Rua Bahia, e nascentes diversas, estão poluídos e diversas vezes são focos de debate, sobretudo relacionado ao mau cheiro, doenças infecciosas, dentre outros.

No âmbito das discussões acerca da sustentabilidade, e da mudança da paisagem, surgem questões importantes: afinal, a sustentabilidade como tem sido apregoada na modernidade, excessivamente “financeirizada” pelo “capitalismo verde”, como mostram Misoczky e Bohm (2012) atende de fato às urgências sociais, ambientais e econômicas que o mundo humano provoca e às quais está associado? Entender a mudança da paisagem, compreendendo seu processo histórico (CORBIN, 2001), as transformações urbanas e naturais, pode contribuir para pensar, significar e propor cidades mais “sadias”, com saúde e qualidade de vida, identidade e memória? Se sim, como isso pode ser feito?

Em pesquisa documental junto ao Arquivo Histórico Municipal de Barbacena, notou-se que nele não existem muitos recursos iconográficos e imagéticos que mostrem a cidade, sua evolução, transformação, já que ele possui, sobretudo,

[...] cerca de 12 mil documentos do Poder Judiciário, 276 livros do Hospital Psiquiátrico e Judiciário Jorge Vaz, coleções de jornais locais e o acervo da Sericicultura em Barbacena. Trata-se de documentos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

textuais, encadernados e avulsos, compostos por inventários, testamentos, sesmarias, ações cíveis e criminais, livros de registros diversos, referentes ao período de 1756 a 1960. [...] Os demais fundos e coleções de jornais de jornais estão em processo de tratamento arquivístico e indisponíveis para consulta, no momento. (CONARQ, 2016, s/p).

Como se vê, nesse setor, existem escassos recursos fotográficos, por exemplo. É possível que haja em jornais da cidade antigos, mas que estão indisponíveis para consulta no momento (em decorrência da pandemia). Além disso, também não há, no município, Plano Diretor. O Plano Municipal de Saneamento Básico existe, mas não passou pelo crivo da Câmara de Vereadores (segundo apurou-se). Todos esses fatores contribuem para a elaboração deste estudo, que busca associar perspectivas teóricas da paisagem, ambiente, urbanidades a percepções de cunho estético, antropológico e cultural, compreendendo o campo interdisciplinar como uma resposta à sustentabilidade (D'AMBROSIO, 2012) e não como um dado meramente desenvolvimentista, como tem sido apregoado desde a segunda metade do século XX. Se cidades como Barbacena ainda apresentam essas dificuldades, como é possível propor, como a Agenda 2030 (ONU, 2015) defende, que até 2030 o mundo atinja importantes patamares de desenvolvimento sustentável?

Como bem mostram Guatarri (1989), Morin (2000), Gadotti (2000) é necessário construir uma sociedade de futuro que parta de valores e ética, sentidos e saberes associativos e integrativos, transversais, que sejam potenciais estimuladores de processos educativos, por exemplo, livres, geradores de afetos (GUATARRI, 1989).

A educação/sociedade do futuro precisa estar para muito além das escolas, das universidades, da TV: está também em processos alternativos que sejam capazes de acolher as mais diversas expressões da sociedade, de maneira descentralizada e numa perspectiva micropolitizante (MORIN, 2000). Recorrer, então, à história de Barbacena a partir de fotografias que sejam capazes de mostrar como seu deu a transformação do modo como a sociedade interagia e entendia a água e os recursos vegetais, é fundamental, *a priori*, para propor, a partir de processos de entendimento da urbanização contemporânea do município, reflexão e percepção da realidade local.



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Trata-se de uma possibilidade de geração de saberes ecosófico (GUATARRI, 1989) a partir de outras formas de entendimento das realidades, da identidade, da memória, do ambiente e da paisagem.

Por este motivo, levantou-se, entre os meses de fevereiro e março de 2021, recursos imagéticos antigos, e também atuais, alguns símbolos dessa transformação da paisagem de Barbacena, seus contextos relacionados à água e à vegetação, como forma de buscar alternativas de estímulos para percepções estéticas contemporaneizadas. Em pesquisa inicial, foi possível notar que o córrego da Rua Bahia e a o córrego da Avenida Sanitária, ambos na região mais próxima ao centro da cidade, marcada também pela presença do Pontilhão, são cursos hídricos nos quais há intensa recepção de rejeitos orgânicos, esgoto, e que também recebem importantes fontes de água límpida, de nascentes, como da Rua Norma Stefani (**Figura 1**). De um lado, ao se observar esses rios urbanos, nota-se a vida brotando a partir desses “olhos d’água”; por outro, o esgoto e a poluição, remetem à ausência de vida; às mazelas humanas.



Figura 1: Córrego da Rua Norma Stefani, que apresenta vários canais de água provenientes de nascentes, límpidas. **Fonte:** arquivos do Centro de Estudos em Ecologia Urbana e Educação Ambiental Crítica, do IF Sudeste Campus Barbacena, MG.

Descobriu-se, nesta pesquisa, que o Córrego da Rua Bahia era importante ponto de captação de água potável até as primeiras décadas do século XX. Compreendendo a paisagem como a multiplicidade de sentidos, afetos (SANSOT, 2020), entender essa mudança, de uma perspectiva de dessedentação, nutrição, uso irrestrito da água como



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

bem comum, para uma perspectiva da podridão, do sujo, do mau cheiroso, é escopo interessante no sentido da discussão da sustentabilidade como muito além, também, da ideia da modernização.



Figura 2: região do Pontilhão, em fotografia de 1930, na qual também passa o curso de água do hoje conhecido como córrego da Rua Bahia. Nota-se a presença de cobertura vegetal, hoje praticamente inexistente na região. **Fonte:** Andrada (2017, p.149)



Figura 3: Corrégo da Rua Bahia atualmente, em foto de 2019. Nesse dia, um alagamento provocou muitos problemas na região. Acúmulo de lixo foi notado nos cursos de água que nutrem o córrego. A ausência de cobertura vegetal e o estabelecimento de canais de concreto são aspectos que aumentam as chances de desastres não naturais. **Fonte:** Barbacena Online (2019).

No que se refere às árvores, cobertura vegetal, mapeou-se e identificou-se importantes locais da cidade nos quais ainda há recursos vegetais e que são carregados



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de sentido (DIDI-HUBERMAN, 2011), como se vê em muitas fotografias antigas acessadas e também disponibilizadas por ex-secretários de cultura do município e pesquisadores. Dentre esses locais, destacam-se: Praça Central do Município (pouca cobertura vegetal atualmente, mas com muita história e memória) e região de Mata do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, *Campus Barbacena* (com importantes fragmentos de mata conservados). Ambos se situam mais ao centro da atual malha urbana do município e, embora tenham sofrido impactos recentemente, como o corte de árvores e mesmo poluição hídrica, são muito representativos para diversos setores da sociedade local.

Na **figura 4** nota-se a região na qual hoje se situa a Praça Central do Município, na época, com muito mais cobertura vegetal. Também é interessante refletir, a partir de pressupostos discutidos por Keith (1996), Sahlins (1997) e Geertz (1987), sobre como os habitantes de séculos, e mesmo algumas décadas atrás, dessa região a significam de maneira distinta como hoje, certamente, a grande maioria da população barbacenense a significa. Tais teóricos favorecem a discussão acerca do lugar, do bem comum e da cultura; essa tríade, por sua vez, é transformada, irremediavelmente, à medida que as estruturas sociais sofrem alterações, conforme já discutido anteriormente.



Figura 4: Vista de Barbacena, em 1824, por Rugendas. Nota-se, na fotografia, o começo da cidade na região onde atualmente é o Centro do Município. Nas proximidades também se localizava o território onde hoje é o IF Sudeste Campus Barbacena/MG.

Fonte: Andrada (2017, p. 19)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



Figura 5: Vista de Barbacena, em pintura de Henry Chamberlain de 1820, na qual nota-se a região central da cidade já com a igreja de Nossa Senhora da Piedade. Segundo contato com um ex secretário de Cultura, historiador, era comum as casas até o começo da urbanização mais intensa da cidade, cultivarem quintais com árvores. **Fonte:** Andrada (2017,p.7)

É possível resgatar o valor cultural (como bem comum) das áreas verdes restantes na atualidade a partir da discussão acerca da paisagem? E os processos de construção do território, do uso comum? A percepção de lugar, como tão bem alavancada por autores como Keith (1996) e Geertz (1987) também figura como interessante alicerce para pensar acerca do possível processo de resgate e discussão sobre a transformação da paisagem. Com amparo das compreensões de Didi-Huberman (2011), é importante discutir a atual Casa da Cultura de Barbacena, antiga cadeia Velha, e que tinha, até antes da década de 1950 (segundo averiguou-se em conversa com moradores antigos) uma “bica”, nascente de água na qual as pessoas lavavam roupas e interagiam. O “caminho” ao lado ficou conhecido como o “Beco das Crioulas”. Situada na região central da cidade, a fonte de água foi tomada por construções irregulares, alvo inclusive, de processos jurídicos que já delongam décadas, segundo se pesquisou.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



Figura 6: o “Beco das Crioulas”, local onde havia uma “bica”. O prédio em primeiro plano é a Antiga Cadeia Velha do Município, atual Casa da Cultura. **Fonte:** Disponibilizada pelo arquiteto Sérgio Ayres.



Figura 7: O prédio da atual Casa da Cultura, de Barbacena, antiga Cadeia Velha. Hoje, encontra-se bastante degradado, sobretudo em sua parte externa. Nele, importantes movimentos culturais da cidade se mantêm, como o Instituto Curupira, Salas de Música, Arquivo Histórico, Academia Barbacenense de Letras e a Biblioteca Pública Municipal.

Fonte: Site da Prefeitura de Barbacena, MG (PREFEITURAGOV, 2019)

Ali, na Casa da Cultura, e em seus arredores, muito significado existe, e resiste. É um local repleto de história e memória, mas cuja transformação abrupta da paisagem, e o desleixo por parte da administração pública, acarretaram no abandono parcial desse significativo patrimônio Cultural e Histórico da cidade. Didi-Huberman (2011), ao



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

revisitar a obra de Pasolini, permite refletir sobre as luzes dos “vagalumes” (uma analogia), tidos como uma resistência da arte por Pasolini, e também à própria compreensão humana de si mesma e da realidade industrial, antidemocrática, desenhadas no século XX.

Didi-Huberman (2011), ao traçar uma série de reflexões, favorece entender que dentre as mídias digitais e o mundo das informações constantes, a arte, e a própria estética, precisam ser reconhecidas em suas dimensões criativas e contextualizantes. Isso também dialoga bem com Guatarri (1989), quando esse teórico argumenta acerca da estética e de suas características na sociedade do culto, da técnica, em detrimento, muitas vezes, dos sentimentos e dos sentidos; das três ecologias elementares para o desenvolvimento humano e manutenção da natureza.

As diversas Ecologias, inclusive a Ecologia Urbana, precisam também buscar conexões e estímulos, e não apenas manter os padrões epistemológicos excessivamente dissociativos. A dimensão cultural da sustentabilidade necessita ser, portanto, discutida amplamente. Os “vagalumes”, para Didi-Huberman (2011), podem ser, em contrapartida à perspectiva obscura, desanimadora de Pasolini, na sociedade do agora, possibilidades de insurgência contra o modelo, ou modelos, de concepção de mundo e de realidades que tendem a obscurecer as percepções humanas mais complexas. Apesar de que, ele mesmo, defende não existir uma saída única, redentora, pelo contrário: é na multiplicidade dos olhares, das estéticas, da diversidade e da cultura, que se podem erigir profundos pontos de questionamento e de geração de saberes que sejam capazes de conduzir a uma ecosofia (GUATARRI, 1989) capaz de melhor entender e interpretar os problemas ambientais, sociais e econômicos. Trata-se de uma concepção interessante para a discussão acerca da sustentabilidade, de suas prerrogativas, ou de seu “esvaziamento” e incapacidades.

O retorno às fotografias e figuras do passado é um modo inicial de lançar-se, no bojo das críticas necessárias ao modelo de desenvolvimento impetrado e arraigado na cultura global, perspectivas de entendimento da sociedade do agora e, possivelmente,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

também do futuro. Para isso, é preciso entender as profundas transformações do aparelho perceptivo, como de certa forma aponta Escobar (2005, p.2):

[...] fato é que o lugar – como experiência de uma localidade específica com algum grau de enraizamento, com conexão com a vida diária, mesmo que sua identidade seja construída e nunca fixa– continua sendo importante na vida da maioria das pessoas, talvez para todas. Existe um sentimento de pertencimento que é mais importante do que queremos admitir, o que faz com que se considere se a idéia de “regressar ao lugar” – para usar a expressão de Casey– ou a defesa do lugar como projeto – no caso de Dirlik – não são, afinal de contas, questões tão irrelevantes.

Os “vagalumes” estão por ai; estão sendo criados; estão para serem criados. Para isso, é preciso reconsiderar e desconstruir; desterritorializar para territorializar. Gerar contraracionalidades e micropoderes (SANTOS, 1982) a partir dos sentidos e afetos, afinal, as cidades são, acima de tudo, espaços de existência.

É nessa direção que esta pesquisa se propôs: tecer possibilidades reflexivas que ampliem a noção do desenvolvimento urbano de Barbacena para além do olhar da modernidade de viés capitalista. É preciso discutir as questões ambientais para além da ideia superficial apregoada exaustivamente de sustentabilidade. É intento que a discussão acerca da mudança de paisagem, a partir de fotos e imagens, memória e história, com foco nos recursos hídricos e cobertura vegetal (Ecologia Urbana), com posterior discussão acerca de pressupostos estéticos e éticos, favoreça estratégias que possam atuar como processos de significação de locais, ambientes relevantes culturalmente para o município, mas que tiveram seus valores perdidos, ou mesmo esquecidos.

Por fim, também é preciso asseverar a importância da ampliação epistemológica evocada pela Ecologia Urbana. Sendo um campo de estudo multidisciplinar, pode contribuir muito para a superação de problemas nas cidades e seus arredores, não apenas por discutir e associar Ecologia, Conservação da Natureza e o Urbano, mas, também, por trazer à baila discussões sociais e culturais que são necessárias e urgentes para um desenvolvimento humano equitativo e justo e em consonância com as necessidades da

IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

natureza, dos biomas e ecossistemas, e rumo à uma antropoética que seja baseada na Terra como paradigma, e não em modelos capitalistas tão predatórios e que causaram (e ainda causam) tantos impactos ambientais e socioambientais. Pensar o mundo hoje exige o olhar da complexidade e sistemicidade, do retorno ao passado e à história para a construção do agora e do futuro.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mudança da paisagem, em sua condição necessariamente complexa, é relevante aporte para estudos que busquem compreender não apenas processos de urbanização e possíveis estratégias de valorização da história e memória de uma cidade, de um povo, ou comunidade. Tem sido relevante também na busca pela geração de significados e saberes ambientais que sejam capazes de resgatar valores e sentidos culturais e identitários fundamentais para o senso de pertencimento local e para boas práticas de sustentabilidade.

As prerrogativas de busca pelo desenvolvimento sustentável, excessivamente calcadas em modelos ainda hegemônicos, poderão ser alcançadas, de forma de fato profunda e factível, a partir de ações que busquem associar complexidade, lugar e saberes micrológicos no tempo e no espaço. Entender a paisagem como uma construção sócio-histórica e baseada na estética de compreensão das realidades, a partir também dos sentidos, é um recurso imprescindível para estudos que visem entender processos de construção de cidades para pessoas e para outros seres (como a Ecologia Urbana). Logo, âmbitos de renovação que sejam capazes de gerar pressupostos antropoéticos orientados para uma sociedade de futuro, sensível e consciente de seus diversos lugares, histórias, memórias e singularidades, são verdadeiras trincheiras de resistência para a superação das mazelas contemporâneas.

Agradecimento especial a Waldir Damasceno, Sergio Ayres e Edson Brandão pelas conversas e oferecimento de informações.

4. REFERÊNCIAS



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ANDRADA, R. **Barbacena, ontem e hoje**. Editora C/Arte, 2017.

BARBACENAONLINE (2019). **Enchentes no Pontilhão têm solução?** Disponível em: <https://bit.ly/3vahufZ>. Acesso: 10 de fevereiro de 2021.

BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Tradução: Carlos A. Medeiros. RJ, Zahar, 2008.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Acervos fotográficos**. Disponível em <https://www.bn.gov.br/explore/acervos>. Acesso: 22 de março de 2021.

CASTELLS, M. **O poder da Identidade**. Editora Paz e Terra, SP, 1999.

CONARQ. **Arquivo da Cidade de Barbacena Visconde de Lima Duarte** (2016). Disponível em: <https://bit.ly/3tCRvxs>. Acesso: 21 de março de 2021.

CORBIN, A. **Saberes e Odores**, São Paulo, Cia das Letras, 2001.

D'AMBROSIO, U. **A transdisciplinaridade como resposta à sustentabilidade**. NUPEAT–IESA–UFG, 2012.

DIAS, N; FRANCELINO, D.M; ALMEIDA, L. Análise da Cobertura Vegetal como indicador de qualidade de vida no município de Barbacena, MG. In: **Revista Biosfera**, edição 32, 2020. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2020B/analise%20da.pdf>. Acesso: 21 de março de 2021.

DIDI-HUBERMAN. **A sobrevivência dos vagalumes**. UFMG, 2012.

ESCOBAR, Arturo. O Lugar da Natureza e a Natureza do Lugar: globalização ou pós-desenvolvimento? In: **A Colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Edgardo Lander (org). CLACSO, Argentina, 2005.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. USP, 2000.

GEERTZ, C. **O Saber Local – novos ensaios em antropologia interpretativa**. Cultrix, 1987.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1989.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Cidades Brasileiras – Barbacena/MG** (2019). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/barbacena/panorama>. Acesso: 12 de fevereiro de 2021.

KEITH, T. O Dilema Humano. In: **O Homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Companhia de Letras, 1996.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

KOBAYASHI; HOCHMAN, G. **O "CC" e a patologização do natural: higiene, publicidade e modernização no Brasil do pós-Segunda Guerra Mundial.** An. mus. paul. [online]. 2015.

MISOCZKY, M. C; BOHM, S. Do desenvolvimento sustentável à economia verde: a constante e acelerada investida do capital sobre a natureza. In: **Cadernos EBAPE.BR/FGV**, v. 10, nº3, Rio de Janeiro, RJ, 2012.

MARANDOLA, Jr. E.; HOGAN, D. **As Dimensões da Vulnerabilidade.** São Paulo em Perspectiva, vol. 20 (1), 2006.

MORIN, E. **Sete saberes necessários à educação do Futuro**, Ed. Sextante, 2000.

ONU. **Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável** (2015). Disponível em <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs> . Acesso: 30 de março de 2021.

RICKLEFS, R. E.; RELYA. **A Economia da Natureza.** Editora Guanabara, SP, 2016.

SAHLINS, M.O. **Ilhas de história.** Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1990.

SAHLINS, M.O. **O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção.** (parte I disponível em *Mana - estudos antropológicos*, Abr; 1997.

SANSOT, P. **O princípio da visibilidade.** in: LOPES, M.B (org. e tradução) Paisagem. Belo Horizonte, NEHCIT, 2020 (em editoração final).

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem.** São Paulo: HUCITEC, 1982.

Recebido em: 28/04/2021

Aprovado em: 31/05/2021

Publicado em: 22/07/2021



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

CURRÍCULO LATTES E REPOSITÓRIOS INSTITUCIONAIS: um diálogo possível sobre a formação docente na educação profissional e tecnológica

LATTES CURRICULUM AND INSTITUTIONAL REPOSITORIES: a possible dialogue about teaching training in professional and technological education

“LATTES” VIVRESUMO KAJ INSTITUCIAJ DEPONEJOJ: ebla dialogo pri la instruista formado ene de profesia kaj teknologia edukado

Will Coutinho Hamon⁵²Frederico Fonseca da Silva⁵³Daniel Salésio Vandresen⁵⁴

Resumo

De demanda histórica das classes trabalhadoras à realidade implantada no Brasil desde 2008 a Educação Profissional e Tecnológica (EPT) ilustra algumas das possibilidades de reintegração entre o trabalho, a educação e o desenvolvimento científico-tecnológico. Considerando que a produção científica e o aprofundamento de uma área são indicativos da sua maturidade, constata-se que em pouco mais de 10 anos a EPT experimentou progressos quantitativos e qualitativos. Um dos temas a respeito do qual a EPT avançou foi no conhecimento da formação docente. No intuito de estabelecer um esboço do que vem sendo pesquisado no âmbito dessa temática foram analisados três estudos publicados entre 2017-18. O objetivo dessa análise foi a caracterização das estratégias de investigação empregadas, e, mais especificamente, o uso ou não dos dados procedentes da Plataforma Lattes e dos repositórios institucionais. Com relação a incorporação dos dados procedentes desses acervos acadêmicos, refletiu-se a respeito dos benefícios que sua incorporação pode trazer à compreensão do processo de formação destes que são sujeitos chaves dos processos educativos em EPT - os docentes.

⁵² Sociólogo. Professor QPM na Rede Estadual de Ensino da SEED desde 2009. Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo PROFEPT/IFPR. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0401-5261>. E-mail: will.hamon@hotmail.com

⁵³ Engenheiro Agrônomo. Professor e Pesquisador do IFPR - Instituto Federal do Paraná, Campus Curitiba. Doutor em Irrigação e Meio Ambiente. ORCID 0000-0003-2817-6983. E-mail: frederico.silva@ifpr.edu.br

⁵⁴ Filósofo. Professor e Pesquisador do IFPR - Instituto Federal do Paraná, Campus Avançado Coronel Vivida, Doutor em Educação. ORCID 0000-0001-6662-4703. E-mail: daniel.vandresen@ifpr.edu.br



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Palavras-chave: EPT. Plataforma Lattes. Repositórios. Bases de dados. Formação docente.

Abstract

From the historical demand of the working classes to the reality implanted in Brazil since 2008, Professional and Technological Education (EPT) illustrates some of the possibilities of reintegration between work, education and scientific-technological development. Considering that scientific production and the deepening of an area are indicative of its maturity, it appears that in just over 10 years EPT has experienced quantitative and qualitative progress. One of the themes that EPT advanced on was the knowledge of teacher training. In order to establish an outline of what has been researched under this theme, three studies published between 2017-18 were analyzed. The purpose of this analysis was to characterize the research strategies employed, and, more specifically, the use or not of data from the Lattes Platform and institutional repositories. Regarding the incorporation of data from these academic collections, it was reflected about the benefits that their incorporation can bring to the understanding of the training process of those who are key subjects of the educational processes in EPT - the teachers.

Keywords: EPT. Lattes Platform. Repositories. Databases. Teacher training.

Resumo

El historia postulo de la laboristaj klasoj al la realaĵo impozigita al Brazilo ekde 2008, la Profesia kaj Teknologia Edukado (EPT) elmontras kelkajn el la eblecoj por reintegrigo inter laboro, edukado kaj scienc-teknologia disvolviĝo. Se oni konsideras ke scienca produktado, kaj pliprofundigo en unu fako estas indikiloj pri ties matureco, oni konstatas, ke dum iom pli ol 10 jaroj EPT travivis kvantajn kaj kvalitajn antaŭenirojn. Unu el la temoj pri kiuj EPT antaŭeniris estis rilate al kono ene de instruista formado. Celante skizi tion kio estas esplorata ene de tia temaro, oni analizis tri studojn, publikigitaj inter 2017-18. Tiu analizo celis karakterizadon de la esploraj strategioj uzitaj, kaj, pli specife, uzado aŭ ne de datumoj venintaj el la “Datumbazo Lattes” kaj de la instituciaj deponejoj. Rilate al alprenado de datumoj venintaj el tiuj akademias kolektoj, oni pripensis pri la avantaĝoj kiuj ilia prenado povas alporti al nia kompreno pri la formiga procezo de tiuj kiuj estas ŝlosil-subjektoj de l’ edukaj procezoj en EPT: la instruistoj mem.

Ŝlosilvortoj: EPT. Datumbazo Lattes. Deponejoj. Datumbazoj. Instruista formado.

INTRODUÇÃO

Além dos condicionantes históricos que serviram de obstáculo à institucionalização da EPT no Brasil, no atual estágio ela se depara com outra ordem de desafios.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Um destes desafios é a formação docente. O destaque à formação docente deve-se tanto ao fato do conhecimento dela proveniente ser primordial para a construção de um diagnóstico da docência quanto da importância de aferir seu impacto no processo de preparação dos estudantes profissionalizados sob os princípios da educação, do trabalho, da ciência e da tecnologia.

Tendo em vista essa perspectiva e considerando que a EPT surge num contexto de amplo acervamento digital, torna-se pertinente refletir sobre a relação que se estabelece entre as bases que armazenam os dados referentes a esses sujeitos e os procedimentos utilizados nas pesquisas que buscam conhecê-los.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica do presente estudo está alicerçada no desenvolvimento de dois conceitos principais: - a criação da Rede Federal de Educação Profissional e os desafios colocados à EPT - item 2.1; e, - a autonomia do professor e a centralidade da formação docente para o desenvolvimento da área - item 2.2.

2.1 A criação da Rede Federal de Educação Profissional e o início da EPT como disciplina científica

Tendo em vista os interesses contrários a emancipação da classe trabalhadora no Brasil e a implantação da EPT⁵⁵, a institucionalização da Rede Federal de Educação Profissional por meio da Lei Federal n.º 11892/08 (BRASIL, 2008)⁵⁶ é tida como um dos pontos altos de uma trajetória de resistências e de lutas.

⁵⁵ Alguns autores que contribuíram para a compreensão dos condicionantes histórico-estruturais enfrentados pelos setores organizados das classes trabalhadoras brasileiras no processo de implantação da EPT são Acácia Zeneida Kuenzer, Dante Henrique Moura, Dermeval Saviani, Florestan Fernandes, Heloisa Maria Gomes e Hiloko Ogihara Marins, José dos Santos Rodrigues Maria das Graças Zamborlini, entre outros (Nota dos autores).

⁵⁶ A Lei Federal n.º 11.892/08 (BRASIL, 2008), instituiu a chamada Rede Federal de Educação Profissional, formada pelos Institutos Federais, a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, as Escolas Técnicas das Universidades Federais, o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e o Colégio Pedro II.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Esse reconhecimento, embora válido, não ignora obstáculos conjunturais que ainda precisam ser superados como a subvalorização da área, a indefinição normativo-legal e a incompatibilidade frente os censos educacionais instituídos⁵⁷.

Evocando Thomas Kuhn (2000) no intuito de enquadrar a EPT como “ciência normal” e de “paradigma”, posição essa defendida por V. Zatti (2016) no âmbito da educação brasileira, observa-se ainda que no atual estágio sugestões relacionadas à incorporação de métodos de pesquisa (como a que segue exposta) são inerentes ao seu desenvolvimento.

2.2 A autonomia do professor e a centralidade da formação docente na EPT

De acordo com Carvalho e Souza (2014), o problema da formação do docente para a educação profissional e tecnológica tem suscitado nos últimos tempos debates acadêmicos e políticos na área educacional, sem, no entanto, resultar em posições conclusivas no que se refere ao processo de formação desse professor.

Oliveira Jr. (2008), é um dos que discutem as implicações da formação pedagógica (ou da ausência dela) no trabalho do professor de educação profissional de nível médio, constatando que alguns desses professores de disciplinas técnicas buscam, espontaneamente, os cursos de licenciatura em Pedagogia.

Quase uma década antes, Schön (2000) defende que a formação do professor se dá pela vivência no trabalho docente cotidiano e pela reflexão do próprio docente sobre essa prática. Oliveira Jr. (2008), entretanto, enfatiza a necessidade da formação

⁵⁷ Enquanto os países membros da OCDE (*Organisation for Economic Co-operation and Development* - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) registram 43% dos estudantes entre 15 e 19 anos em cursos técnicos e 71% das pessoas com mais de 25 anos na educação profissional, o Brasil ocupa um dos últimos lugares do mundo nessa modalidade com 8% e 14%, respectivamente. Corroboram para essa situação: 1) a vigência de uma tradição bacharelesca que subvaloriza a EPT mesmo diante de estatísticas favoráveis como a superioridade de renda familiar e salarial para estudantes egressos dos cursos técnicos; 2) a existência de uma zona de imprecisão entre a formação superior para uma especialidade profissional e a formação de uma mão de obra qualificada para o trabalho, considerada como uma “educação superior menor”; 3) a criação pela Lei 9394/96 da educação profissional como nível de formação paralelo a educação básica e a educação superior, a ratificação dessa condição pelo Decreto 2208/97, a hierarquização e subnívelamento da EPT pelo Decreto 5154/04 e a indistinção entre educação profissional e EPT acarretada pela Lei 11.741/08; e, 4) a existência de uma diversidade organizacional curricular da EPT relativa a matrículas em cursos e não em turmas, e a vigência de uma periodicidade diferente da adotada na educação básica e na educação superior que a torna incompatível com a metodologia do censo escolar do INEP (MORAES; ALBUQUERQUE, 2019).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

pedagógica na formação inicial, argumentando que, sem a realização de estudos pedagógicos na graduação a capacidade de refletir sobre a própria prática fica prejudicada no docente do ensino técnico.

De acordo com o professor Dante Henrique Moura, se, no interior de uma sociedade movida por uma racionalidade econômica a EPT se afirma como contraponto, disseminando uma racionalidade ética, cabe observar que são os docentes aqueles que guardam controle “sobre importantes condições internas do processo ensino aprendizagem” (MOURA, 2008, p.28). Nesse sentido, importa saber quem de fato são esse sujeitos⁵⁸, uma vez que - “Para propor uma formação docente destinada a esses profissionais, é necessário, inicialmente, conhece-los” (MOURA, 2008, p.32).

Sem essa compreensão acerca da formação docente na EPT alerta Quartiero *et al* (2010), corre-se o risco de reduzir a EPT a simples processos de reiteração e de supervalorização de uma “era tecnológica” onde impera uma lógica pragmática e utilitarista, ou ainda, como observam Carvalho e Souza (2014), na qual prevalece a crença na “neutralidade da tecnologia”.

Como aponta Maurice Tardif, a relevância das pesquisas sobre a formação docente decorre justamente do fato de possibilitarem a identificação dos chamados “saberes docentes⁵⁹” (TARDIF, 2014, p.36-40), ou seja, dos conhecimentos por intermédio dos quais a educação vem a ser transformada em “tecnologia do ensino” (TARDIF; LESSARD; 2014, p.175).

3 METODOLOGIA

⁵⁸ Com relação ao docente da EPT o prof. Dante Henrique Moura observa, por exemplo, que: 1) em ONG'S e no Sistema “S” é comum encontrar professores com experiência profissional sem graduação; 2) que são identificados profissionais liberais na área da educação, com formação superior porém sem qualificação pedagógica (ex.: médicos, engenheiros); 3) que são encontrados docentes com formação superior mas sem formação técnica (ex.: professores da educação básica sem formação profissional); 4) e que, tanto para uns, quanto para outros, essa formação complementar é buscada posteriormente em cursos de pós-graduação nas modalidades *latu sensu* – especializações, e, *stricto sensu* - mestrados e doutorados. (MOURA, 2008).

⁵⁹ Para o pesquisador canadense Maurice Tardif existem quatro saberes docentes inerentes aos professores. São eles os saberes da formação profissional, os saberes disciplinares, os saberes curriculares e os saberes experienciais (TARDIF, 2014, p.36-40).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Os dados utilizados são provenientes de pesquisas bibliográficas sobre o tema da formação docente no Brasil e da revisão sistemática realizada a partir da sua leitura.

De acordo com Gil (2017, p.44) as pesquisas bibliográficas correspondem a levantamentos realizados “com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Para Sampaio e Mancini (2007, p.84) a revisão sistemática é “uma forma de estudo que utiliza como fonte de dados a literatura sobre determinado tema”.

Com base nos autores referidos, na análise dos conteúdos expostos e na sua exposição a crítica, foi elaborado o texto que segue descrito.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 O que é comum aos diferentes estudos sobre a formação docente em EPT

Três pesquisas publicadas entre 2017 e 2018 no âmbito da EPT de nível médio (COSTA, 2017 - URBANETZ; CSIGUEL, 2018a - URBANETZ; BARBOSA, 2018b) ilustram possibilidades de diagnósticos sobre a formação docente na EPT.

A primeira delas, realizada pela Dra. Maria Adélia Costa, junto aos cursos do eixo tecnológico de infraestrutura e do eixo da informação e comunicação, incluiu análise documental, bibliográfica, aplicação de questionários e grupos focais, e, por meio desse material, reuniu subsídios para responder se “os profissionais que não se formaram para a docência, mas que atuam como professores da EPTNM (nível médio) teriam uma prática didático-pedagógica favorável ao desenvolvimento integral dos estudantes?” (COSTA, 2017, p.262), concluindo que apesar de um sólido conhecimento adquirido na pós-graduação, a falta de formação pedagógica é percebida pelos alunos como uma “dificuldade de tornar esses conhecimentos ensináveis”.

Outra pesquisa, realizada por Urbanetz e Csiguel (2018a, p. 154) e desenvolvida em uma escola estadual da Região Metropolitana de Curitiba, nos cursos técnicos de administração e informática, utilizou levantamento documental, bibliográfico, aplicação de questionários e entrevistas, para responder a questão - “como se dá a oferta da formação pedagógica para esses professores, bem como se os mesmos receberam essa



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

formação em suas trajetórias acadêmicas”, constatando a existência de uma lacuna na formação docente - “a formação pedagógica para os professores dos cursos técnicos não é exigida, como também, na maioria das vezes, não é ofertada”.

Na terceira e última pesquisa analisada, envolvendo docentes das disciplinas técnicas do curso técnico de edificações da IFPR, Campus Curitiba, desenvolvida por Urbanetz e Barbosa (2018b, p.240), utilizou-se análise documental, bibliográfica e entrevistas, buscando responder as questões “como o profissional de engenharia e arquitetura que se tornou professor se constitui como docente [...]?”, e, “como tem ocorrido a formação profissional do docente enquanto atua como professor?”, evidenciando que apesar da qualificação técnica e da experiência, a falta de formação pedagógica é um déficit no exercício dessa profissão.

Em comum as pesquisas foram observadas três coisas: 1) no intuito de enriquecerem os estudos são aplicadas metodologias diversas cujos exemplos são a análise documental, a análise bibliográfica, os questionários e os grupos focais; 2) os dados da Plataforma Lattes e dos repositórios institucionais não são citados nesses levantamentos; e, 3) a carência de formação pedagógica é um problema comum a EPT, afetando discentes e docentes⁶⁰.

4.2 Contribuições dos dados armazenados na plataforma lattes e nos repositórios institucionais para os estudos acerca da formação docente na EPT

A Plataforma Lattes⁶¹ representa um dos primeiros esforços conjuntos da comunidade científica nacional para organizar uma base de dados em meios digitais, a

⁶⁰ Autores como Leite *et al* (2020), trabalhando com implicações docentes na formação pedagógica de uma escola técnica concluem que os resultados apontam para as nuances de uma institucionalização permanente da formação pedagógica. Outros, como Fortuna *et al* (2017), que essa demanda aparece permeada de disputas entre as formas instituídas e as forças instituintes.

⁶¹ A Plataforma Lattes recebe essa denominação em homenagem ao pesquisador brasileiro César Mansueto Giulio Lattes ou, simplesmente, César Lattes, que participou de importantes descobertas científicas da metade do século XX – como a descoberta do méson pi, a montagem do laboratório de Chaclataya na Bolívia, a reprodução artificial dos píons, a descoberta das nuvens de mésons. No âmbito acadêmico esse cientista trabalhou na USP e na Unicamp. E, por fim, na esfera científico-política, atuou em agências de fomento a pesquisa como o Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas – CBPF, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a Comissão de Raios Cósmicos da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

partir da qual se faz possível a avaliação curricular e o acesso à estatísticas referentes a produção científica no país.

Contabilizando 6,5 milhões de currículos cadastrados (LEONE, 2020) e não ignorando a existência de problemas relatados pelos usuários⁶², a Lattes afirma-se como uma das principais bases de dados sobre a vida acadêmica no Brasil. A última extração de dados por região do país, atesta um contingente de 82.818 mestres e de 132.631 doutores, oferecendo uma visão panorâmica desse universo⁶³.

Além desse número expressivo – entre os quais contabilizam-se discentes e docentes da EPT – a Plataforma Lattes se destaca por protocolos de busca acessíveis e, no que tange ao objeto do presente artigo, por hospedar informações detalhadas sobre a formação docente – a exemplo da formação acadêmica, da formação complementar, da atuação profissional, dos projetos de pesquisa e dos projetos de ensino em que esse público alvo atua.

Sob semelhante justificativa os chamados repositórios institucionais ou repositórios digitais conformam bases de dados amplas e diversificadas que merecem ser conhecidas tendo em vista, entre outros assuntos, a formação docente⁶⁴.

União Internacional de Física Pura e Aplicada. Portal CNPq, Portal Lattes, Geral, Sobre a Plataforma, Césare Giulio Lates (lattes.cnpq.br).

⁶² Entre as dificuldades relatadas pelos usuários nos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020 destacam-se, na opinião de Flávia Maria Bastos, Coordenadora Geral de Bibliotecas da UNESP - 1) a falta de padrão para o preenchimento e validação dos dados (considerando que além dos metadados se deveria incluir o texto completo na plataforma); e, 2) problemas técnicos relacionados ao identificador ORCID (Open Researcher and Contributor ID). Já para Mário Neto Borges, presidente do CNPq em 2018, essas dificuldades decorrem principalmente – 1) do fato de que por abrigar informações relativas a grupos de pesquisa, redes de pesquisadores e avaliações, o Lattes demanda o uso da tecnologia Big Data; e, 2) de que a plataforma está voltada principalmente ao mundo acadêmico brasileiro. LEONE, Cínthia. **Usuários voltam a relatar falhas para atualizar currículos Lattes. Direto da Ciência. Análise, opinião e jornalismo investigativo.** 04/02/2020. <diretodaciencia.com/2020/02/04/usuarios-voltam-a-relatar-falhas-para-atualizar-curriculo-lattes/>.

⁶³ A última extração de dados da base de currículos lattes, conforme informação da própria plataforma, foi realizada em 30/11/2016, apresentando a seguinte distribuição por região do país: (I) mestres (sul: 19.675, sudeste: 32.702, centro-oeste: 7.662, nordeste: 16.959 e norte: 5.820); e, (II) doutores (sul: 27.315, sudeste: 63.007, centro-oeste: 11.779, nordeste: 24.432 e norte: 6.098). (estático.cnpq.br/painelLattes/mapa/).

⁶⁴ “Os repositórios digitais (RDs) são bases de dados online que reúnem de maneira organizada a produção científica de uma instituição ou área temática”. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT - <https://ibict.br/informacao-para-a-pesquisa/repositorios-digitais#repositorios-brasileiros>).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em relação aos repositórios se destacam também como benefícios a eles relacionados: 1) a democratização do acesso às publicações financiadas com recursos públicos; e, 2) o aumento na leitura e citação de artigos científicos (LIMA LEITE e COSTA, 2006, p.212). Assim, no Brasil, atualmente, são encontrados 108 repositórios, os quais abrigam informações de caráter científico e temáticas⁶⁵.

5 CONCLUSÃO

Partindo da premissa de que a EPT superou condicionantes históricos e de que enfrenta obstáculos conjunturais, conclui-se que, na atualidade, ela se depara com desafios inerentes ao desenvolvimento científico. Em relação a esses desafios, observa-se que um tema investigativo que lhe é afim – a formação docente – ganha destaque como objeto de interesse das pesquisas.

Com base na análise de três estudos a respeito da formação docente em EPT pode-se apontar três características comuns: 1) a diversidade metodológica; 2) a ausência de dados provenientes da Plataforma Lattes e dos repositórios institucionais; e 3) a falta de formação pedagógica como um diagnóstico comum à EPT.

Tendo em vista que as informações oriundas destes ambientes virtuais correspondem a recursos acessíveis, abundantes e vinculados a importantes agências oficiais de pesquisa como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT, são apresentados dois argumentos em prol da sua incorporação. O primeiro é de ordem quantitativa e diz respeito ao contingente de dados disponíveis na Plataforma Lattes e nos repositórios institucionais. O segundo é de ordem qualitativa e considera a formulação de um perfil do docente atrelado ao seu processo de formação. Dessa forma, haveria condições para que se pudesse subsidiar instituições da área da educação no que tange à elaboração de políticas públicas voltadas à realidade e às demandas desse segmento.

⁶⁵ Pela última atualização de 08/set/2020, estima-se um total de 108 repositórios (IBICT - <https://ibict.br/informacao-para-a-pesquisa/repositorios-digitais#repositorios-brasileiros>).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

6 REFERÊNCIAS

BRASIL. **LEI Nº 11.892**, DE 29 DE DEZEMBRO DE 2008. Disponível no endereço eletrônico: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm>, acessado em 15.nov.2019.

CARVALHO, O.F.; SOUZA, F.H.M. Formação do docente da Educação Profissional e Tecnológica no Brasil: Um diálogo com as faculdades de educação e o curso de pedagogia. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, nº. 128, p. 629-996, jul.-set., 2014.

COSTA, A.M. A prática docente na educação profissional: percepções discentes. Argumentos Pró-Educação. **Revista de Educação da UNIVAS**, Pouso Alegre, v.2, n.º5, p.259-278, mai-ago, 2017.

FORTUNA, C.M.; SILVA, S.S.; MESQUITA, L.P.; MATUMOTO, S.; OLIVEIRA, P.S.; SANTANA, F.R. The institutional socio-clinic as a theoretical and methodological framework for nursing and health research. **Texto Contexto Enferm.** 2017;26(4):e2950017. doi: 10.1590/0104-07072017002950017

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. **Informação para a pesquisa / repositórios digitais**. Disponível no endereço eletrônico: <https://ibict.br/informacao-para-a-pesquisa/repositorios-digitais#repositorios-brasileiros>). Acessado em 12.Out.2020.

KUENZER, A. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In: SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L.; LOMBARDI, J.C. (Org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 77-96.

KUHN, T.S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. 5º edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

LEITE, I.C.M.; MOURÃO, L.C; ALMEIRA, A.C.V. Teaching implications in the pedagogical training of a technical school. **Rev Bras Enferm.** 2020;73(3):e20180679. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0678>

LEONE, Cínthia. Usuários voltam a relatar falhas para atualizar currículos Lattes. **Direto da Ciência. Análise, opinião e jornalismo investigativo**. 04/02/2020. <diretodaciencia.com/2020/02/04/usuarios-voltam-a-relatar-falhas-para-atualizar-curriculo-lattes/>.

LIMA LEITE, Fernando César; COSTA, Sely. Repositórios institucionais como ferramentas de gestão do conhecimento científico no ambiente acadêmico. **Perspect., ciênc., inf.** Belo Horizonte, v.11, n.2, p.206-219, mai/ago. 2006.

MORAES, G.H.; ALBUQUERQUE, A.E.M. As estatísticas da educação profissional e tecnológica. Silêncio entre os n.º da formação de trabalhadores. **Série documental. Textos para discussão 45**. Brasília-DF, INEP/MEC, 2019.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

MOURA, D.H. A formação de docentes para a EPT. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, v.1, n.1, 2008.

OLIVEIRA JR., W. **A formação do professor para a educação profissional de nível médio: tensões e (in)tenções**. 2008. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação *Strictu sensu* em Educação - Universidade Católica de Santos. 2008.

QUARTIERO, E.M.; LUNARDI, G.M.; BIANCHETTI, L. Técnico e tecnologia: aspectos conceituais e implicações educacionais. In: MOLL, J. (Org.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SAMPAIO, R.C.; MANCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v.11, n.1, p.83-89, jan./fev., 2007. Bimestral.

SCHÖN, D.A. **Educando o profissional reflexivo**. Porto Alegre: Artmed. 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 14ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 9ªec. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

URBANETZ, S.T.; CSIGUEL; M.E. Cap.7. Formação pedagógica dos professores que atuam em cursos técnicos: um estudo de caso ilustrativo. In: Wilson Lemos Junior; Sandra Terezinha Urbanetz; Leandro Rafael Pinto (orgs). **Educação Profissional e Tecnológica: história, práticas e currículo**. Curitiba: Editora IFPR, 2018a. 263 p.

URBANETZ, S. T.; BARBOSA, O. Cap.9. Análise do perfil docente dos professores das disciplinas técnicas do curso técnico de edificação do IFPR – campus Curitiba. In: Wilson Lemos Junior; Sandra Terezinha Urbanetz; Leandro Rafael Pinto (orgs). **Educação Profissional e Tecnológica: história, práticas e currículo**. Curitiba: Editora IFPR, 2018b. 263 p.

ZAMBORLINI, M.G. Desenvolvimento profissional de professores: um olhar sobre os professores da educação profissional de nível técnico do Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFETES). **Revista Capixaba de Ciência e Tecnologia**, Vitória, n 3, p. 20-25, 2. Sem./2007.

ZATTI, V. Institutos Federais de Educação: um novo paradigma em educação profissional e tecnológica. RIAEE. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v.11, n.3, p.1461-1480, 2016.

Recebido em: 24/04/2021

Aprovado em: 31/05/2021

Publicado em: 22/07/2021



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

TRADUÇÃO



Fonte: A imagem é de autoria da estudante Micheli Naginski do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio do IFPR, *campus* Coronel Vivida. A presente ilustração participou da seleção da imagem da capa da presente edição, a qual foi regido pelo processo registrado no SEI/IFPR nº 23411.011581/2020-21.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

EXTENSÃO E LIMITES DA LIBERDADE DA VONTADE

(*Extent and Limits of the Liberty of the Will*)⁶⁶

Asa Mahan

Apresentação e Tradução: Silvério Becker⁶⁷

Nascido em 1799, nos Estados Unidos da América, Asa Mahan (1799-1889) foi o autor de obras importantíssimas no campo da filosofia, como: *A System of Intellectual Philosophy* (1854), *The Science of Logic; or An Analysis of the Law of Thought* (1857), e *A Critical History of Philosophy* (1883), a última considerada por diversos filósofos como a mais importante obra de filosofia já escrita.

Crítico perspicaz do pensamento do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), Mahan também era um grande admirador deste, principalmente no campo da filosofia moral, onde ele defendia os mesmos fundamentos apresentados por Kant. Nas obras de Mahan sobre a moralidade, o princípio defendido por Kant, frequentemente é evocado; embora nem sempre de modo totalmente coerente com as ideias defendidas pelo próprio Mahan⁶⁸. Isso acontece também em *Doctrine of the Will* (1845), obra na qual o presente texto foi publicado.

Na obra supracitada, Asa Mahan defende que os seres humanos possuem uma faculdade dotada de liberdade, a saber, a Vontade. Nessa obra, ele procura esclarecer o conceito de liberdade, bem como a extensão e os limites da liberdade da Vontade. Para tanto, ele defende, de modo similar ao que fazia Kant, uma tríplice divisão das

⁶⁶ *Extent and Limits of the Liberty of the Will* é o quarto capítulo da obra *Doctrine of the Will*, publicada originalmente em 1845. Cf. MAHAN, Asa. *Doctrine of the Will*. Oberlin: R. E. Gillet, 1845. Disponível, em 25/01/2021, em [Doctrine of the Will \(gutenberg.org\)](https://www.gutenberg.org). Para a presente tradução, o texto utilizado foi: *Extent and Limits of the Liberty of the Will*. In: MAHAN, Asa. *Doctrine of the Will*. Oberlin: James M. Fitch, 1847; pp 84-89. Disponível em 25/01/2021, em: [Doctrine of the Will - Asa Mahan - Google Livros](https://www.google.com/books). O texto é de domínio público.

⁶⁷ Doutor em filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: silveriobecker@yahoo.com

⁶⁸ A principal obra de filosofia moral de Mahan é *Science of Moral Philosophy*. Cf. MAHAN, Asa. *Science of Moral Philosophy*. Oberlin: James M. Fitch, 1848. Disponível em [Science of Moral Philosophy - Asa Mahan - Google Livros](https://www.google.com/books), em 24/03/2021.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

faculdades mentais em Intelecto, Sensibilidade, e Vontade; a primeira sendo a capacidade de conhecer, a segunda a capacidade de sentir, e a terceira a capacidade de escolher. No texto, objeto da presente tradução, Mahan procura apresentar a extensão e os limites da liberdade da Vontade humana⁶⁹.

Até onde sei, *Extent and Limits of the Liberty of the Will* é o primeiro texto de Asa Mahan traduzido para a Língua Portuguesa e apresentado ao público.

⁶⁹ Para saber mais sobre o modo como Asa Mahan entendia essa faculdade, cf. MAHAN, Asa. *The System of Mental Philosophy*. 3ª ed. Chicago: S.C. Griggs e Company, 1882; pp 267-279.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

EXTENSÃO E LIMITES DA LIBERDADE DA VONTADE

Asa Mahan

Enquanto é mantido, que, no sentido definido no capítulo precedente, a Vontade é livre, também é afirmado que, em outros aspectos, ela não é livre de forma alguma. É preciso manter em mente, distintamente, que, nos aspectos em que a Vontade está sujeita à lei de Liberdade, sua liberdade é absoluta. Ela não está em nenhum sentido sujeita à lei de Necessidade. Da mesma maneira, também, enquanto sujeita à lei de Necessidade, ela não é livre, em nenhum sentido. Quais são, então, os limites e a extensão da liberdade da Vontade?

1. Na ausência de motivos a Vontade não pode agir de forma alguma. Supor o oposto envolveria uma contradição. Isso suporia a ação da Vontade na direção de algum objeto, na ausência de todos os objetos em direção aos quais tal ação pode ser direcionada.
2. A Vontade não é livre em relação a quais motivos serão apresentados, em vista dos quais suas determinações serão formadas. Os motivos existem totalmente independentes da Vontade. Nem depende, de modo algum, da Vontade, quais motivos serão apresentados para sua eleição. Ela é livre unicamente em relação às determinações próprias que ela deve realizar, em referência aos motivos apresentados no momento.
3. Sempre que um Motivo, ou objeto de escolha, é apresentado à mente, a Vontade é necessitada, pela apresentação do objeto, a agir em alguma direção. Ela precisa submeter-se ou deixar de submeter-se ao Motivo. Mas, mesmo a recusa é em si mesma um ato positivo. Até aqui, portanto, a Vontade é totalmente sujeita à lei de Necessidade. Ela é livre, não em relação a se precisa ou não precisa escolher alguma coisa quando um motivo é apresentado; mas em relação ao *que* ela precisa escolher. Eu, por exemplo, ofereço a um mercador uma certa quantia por uma mercadoria. Embora seja igualmente possível a ele aceitar ou rejeitar a oferta, ele precisa formar uma ou outra determinação. No primeiro aspecto, ele é totalmente livre. No último, ele não é livre em sentido algum. O mesmo é verdadeiro em relação a todos os objetos de escolha apresentados à mente.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Os motivos necessitam a Vontade a agir em alguma direção; enquanto, em todos os Atos Morais deliberados, deixam duas ou mais, diferentes e opostas, determinações igualmente possíveis à mente.

4. Certas volições peculiares podem se tornar necessárias por causa de outras e que podem ser denominadas *determinações gerais*. Por exemplo, uma determinação de seguir um determinado curso de conduta pode tornar necessárias todas as volições específicas requisitadas para levar a realização desse propósito geral. Isso as torna necessárias nesse sentido, que se a primeira existir, as últimas precisam existir. Um homem, por exemplo, determina ir de Boston até Nova York com a maior rapidez possível. Permanecendo essa determinação inalterada, todas as volições específicas, necessárias para sua realização, não podem deixar de existir. A determinação geral e controladora, no entanto, pode, em qualquer momento, ser suspensa. Perpetuá-la ou suspendê-la está sempre em poder da Vontade.

5. Eu quero fazer aqui uma conjectura, a saber: que existem nos desenvolvimentos primitivos da mente, como também em todos os atos primários de atenção, certas espontaneidades necessárias da Vontade, como também de outros poderes da mente. Não é em consequência de tais ações que a mente, primeiramente, se torna consciente do poder de volição, e não nos é agora necessário sob certas circunstâncias dar um certo grau de atenção aos fenômenos que aparecem em nós e ao nosso redor? Minhas próprias convicções são que tais circunstâncias ocorrem frequentemente. Esta proposição também não é inconsistente com o grande princípio defendido neste Tratado. Este princípio é que Liberdade e responsabilidade, em outras palavras, Agência Livre e Agência Moral são coextensivas.

6. Tampouco a Liberdade, como aqui definida, implica que a mente, previamente a todos os atos da Vontade, estará em estado de indiferença, não impelida por sentimentos, ou pelas afirmações da Inteligência, mais fortemente em uma direção do que em outra. A Vontade existe em uma tri-unidade com a Inteligência e a Sensibilidade. Suas determinações podem estar em harmonia com a Sensibilidade, em oposição à Inteligência ou em harmonia com a Inteligência em oposição à Sensibilidade. Mas, enquanto ela segue uma em distinção da outra, sob influências idênticas, determinações



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

diferentes e opostas são igualmente possíveis. Por mais que a Vontade possa ser influenciada, estejam suas determinações em direção ao impulso mais forte, ou opostas a ele, ela nunca, em uma determinação moral deliberada, realiza atos específicos, porque nessas circunstâncias, outros não são possíveis. Em relativamente poucos casos, podemos supor que a mente, previamente aos atos da Vontade, está em um estado de indiferença, não impelida em uma direção em distinção de outras, ou igualmente impelida em direção à diferentes e opostas determinações. A indiferença em tal sentido não é uma condição essencial ou material da Liberdade. No entanto, a Vontade mesmo podendo ser impelida fortemente em direção de determinações peculiares, ela ainda permanece em posse da liberdade mais altamente concebível, se ela não está como resultado *necessitada* a agir em uma direção em distinção de todas as outras.

7. Referir-me-ei agora a outra lei fixa sob a influência da qual a Vontade está sempre necessitada a agir. Essa é a lei do hábito. A ação em uma direção sempre gera, sob influências similares, a tendência da ação subsequente na mesma direção. Essa tendência pode ser aumentada até ela se tornar tão forte que torna a ação na mesma direção em todo o tempo futuro, embora contingente, realmente certa. A certeza assim admitida será sempre de natureza tal que seja sempre consistente com a relação de liberdade. Ela nunca pode, enquanto a agência moral continuar existindo, colocar-se sob a relação de Necessidade. Ainda assim, a certeza é real. Assim, a mente, por um curso continuado de fazer o bem, ou o mal, pode gerar tais hábitos fixos, como tornar a ação subsequente na mesma direção perfeitamente certa, durante toda a evolução de sua futura existência. Todo homem, enquanto consciente de liberdade, precisa estar totalmente ciente da existência dessa lei, e ela certamente leva-lo-á a caminhar refletidamente ao longo das fronteiras “do país desconhecido,” no qual sua localização é determinada por hábitos de pensamento, sentimento, e ação que ele está gerando atualmente.

O Motivo Mais Forte: raciocinando em círculo

Um caso notável de raciocínio em círculo por parte dos Necessitaristas, em relação ao que eles chamam de Motivo mais forte, demanda uma breve observação aqui. Um dos seus principais argumentos em defesa de sua doutrina está baseado sobre a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

assunção, que a ação da Vontade sempre é em direção ao Motivo mais forte. Porém, quando perguntamos a eles qual é o Motivo mais forte, sua resposta na realidade é, que ele é o Motivo em direção ao qual a Vontade age. “A força de um Motivo”, disse o Presidente Day⁷⁰, “não é a sua prevalência, mas o poder pelo qual ele prevalece. Ainda assim, podemos muito apropriadamente mensurar esse poder por seu resultado real”. Outra vez: “Podemos mensurar a força comparativa de Motivos de diferentes tipos, pelos resultados que eles alcançam; assim como aprendemos o poder de diferentes causas, pelos efeitos que elas produzem”⁷¹; isto é, não podemos determinar, *a priori*, nem por um apelo à consciência, qual dos dois ou mais Motivos apresentados é o mais forte. Devemos esperar até que a Vontade aja, e então assumir que o Motivo, em direção ao qual ela age, é o mais forte. Da ação da Vontade em direção àquele Motivo específico, devemos finalmente inferir a verdade da doutrina da Necessidade. O Motivo mais forte, de acordo com a definição acima, é o motivo ao qual a Vontade se submete. O argumento está baseado sobre o óbvio, de que a Vontade sempre age na direção desse Motivo, isto é, do Motivo em direção ao qual a Vontade age. O argumento, eu digo, colocado dentro de uma forma lógica, ficaria assim: se a ação da Vontade é sempre na direção do Motivo mais forte, isto é, se ela sempre segue o Motivo que ela segue, ela é governada pela lei da Necessidade. Sua ação é sempre na direção desse Motivo, isto é, ela sempre segue o Motivo que ela segue. A Vontade é, portanto, governada pela lei de Necessidade. Quantos filósofos e teólogos tornaram-se “arraigados e fundamentados”, na crença nesta doutrina, sob a influência desse sofisma, um sofisma que, no primeiro momento, assume a doutrina como verdade e, então, move-se ao seu redor em um círculo vicioso para demonstrar sua verdade.

Referências

DAY, Jeremiah. *An Examination of President Edwards's Inquiry on the Freedom of the Will*. New Haven: Durrie e Peck, 1841.

⁷⁰ Mahan se refere a Jeremiah Day (1773- 1867). (Nota do tradutor).

⁷¹ As duas citações nesse parágrafo são de: DAY, Jeremiah. *An Examination of President Edwards's Inquiry on the Freedom of the Will*. New Haven: Durrie e Peck, 1841; p 151. (Nota do tradutor).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

MAHAN, Asa. *Doctrine of the Will*. Oberlin: R. E. Gillet, 1845.

MAHAN, Asa. Extent and Limits of the Liberty of the Will. In: MAHAN, Asa. *Doctrine of the Will*. Oberlin: James M. Fitch, 1847.

MAHAN, Asa. *The System of Mental Philosophy*. 3^a ed. Chicago: S.C. Griggs e Company, 1882.

Recebido em: 07/04/2021

Aprovado em: 06/05/2021

Publicado em: 22/07/2021